Inverno em flor

Coelho Netto

COELHO NETTO

Inverno em flor

SEGUNDA EDIÇÃO

PORTO
LIVRARIA CHARDRON
de Lello & Irmão, editores
RUA DAS CARMELITAS, 144
1912

DO MESMO AUCTOR

Esphynge, 1 vol.	600
Sertão, 1 vol..	600
Agua de Juventa, 1 vol.	700
A bico de penna, 1 vol.	700
Romanceiro, 1 vol.	500
Jardim das Oliveiras, 1 vol..	500
Fabulario, 1 vol.	500
Miragem, romance, 1 vol..	600
Theatro, vol. 1.º, 1 vol.	800
Theatro, vol. 2.º	400
Quebranto (Theatro), vol. 4.º	500
Apologos, 1 vol.	500
Mysterio do Natal, 1 vol.	500
O morto	no prélo

No prélo, a seguir em novas edições:

Rei negro	1 vol.
O Rei Phantasma	1 vol.
Capital Federal	1 vol.
O Paraiso	1 vol.
O Rajah de Pendejab	2 vol.
A Conquista	1 vol.
A Tormenta	1 vol.
O Turbilhão	1 vol.

IMPRENSA MODERNA — PORTO

Ao Dr. Erico Coelho

Fazenda «Bôa Esperança» — 1894.

PRIMEIRA PARTE

I

Jorge Soares costumava dizer: «Sou dos poucos homens que podem narrar a historia da propria vida desde as primeiras manifestações intra-uterinas.»

A mãi e as tias, ao longo da sua infancia amimada, contaram-lhe, por miudo, todos os casos anteriores ao seu nascimento e os trabalhos que dera em criança, os sustos que pregara, os collos que molhara, as suas graças, as suas manhas: como uma tarde o foram achar engatinhando nú, rechonchudo e forte, quasi a rolar a escada da varanda; a primeira palavra que tartareara, tudo, emfim, até que o professor Sarmanho, sisudo e austero, arrancou-o ao afago amollentador das saias encerrando-se com elle numa sala vasta, onde passava somnolentas horas

soletrando a carta e sommando parcellas. Distrahia-se com as borboletas que entravam batendo as grandes azas succumbindo, quasi sempre, espatifadas a uma pancada da regoa que o inflexivel Sarmanho brandia como uma batuta, berrando, com furor, as vogaes.

Desde que D. Antonia, num triste domingo ennevoado, abandonou a mesa, ás pressas, engulhando, a queixar-se do estomago, desconfiada das negras «que deitavam feitiço na comida», as irmans de Jeronymo Soares, o *Mata boi,* como era conhecido no Pirahy por ter derrubado e morto, com um murro, um boi de canga, cochicharam sobre a gravidez da cunhada. Jeronymo, porém, descorçoado, sahiu-lhes em resposta com palavras de mofa:

— Tinha graça, aos quarenta annos. De certo que havia de enjoar: não comia senão guloseimas indigestas: coalhadas, passocas e frutas verdes. Até não sabia como ainda tinha estomago. As irmans, porém, insistiram: «que aquillo era gravidez». Jeronymo, incredulo, sorria, abanando com a cabeça:

— Se queriam que a tal gravidez desapparecesse, arranjassem um chá de folhas de laranjeira ou um pouco de macella. Uma manhan, porém, elle mesmo, ao sahir do quarto, esperou que

as irmans acordassem e disse-lhes confidencialmente:

— Olhem cá... Pelo sim, pelo não, o melhor é vocês irem arranjando alguma coisa para o que possa vir.

D. Antonia que, a principio, vivia cercada de crioulinhos, criando-os carinhosamente, maternalmente, foi, aos poucos, esquecendo-os. Os pequenos rolavam pela sala choramigando e, muitas vezes, foi necessario que os carregassem para a cozinha porque a senhora sentia-se nervosa com os gritos das crianças. Passava os dias afundada na rede, lendo brochuras, enfezada, de mau humor.

Se uma negra cantava, irrompia irada contra a falta de respeito; tirava presagios funebres se uma ovelha tresmalhada vinha balar perto da casa; isolava-se. A's vezes, procurando-a por toda a casa, iam as cunhadas encontral-a de joelhos na capella, agarrada ao altar, soluçando. Traziam-na carinhosamente, interrogavam-na sobre as suas lagrimas:

— Pois não fôra ella mesma quem pedira um filho á Nossa Senhora?

— Sim, pedira... Mas desconfiava daquillo. Beija-flôres pardos revoavam pela sala; tinha constantemente sonhos maus, com agua, com car-

ne. E falava, aterrada, dos partos na sua idade: eram quasi sempre fataes. Sentia alguma coisa que lhe saltava no ventre: umas vezes eram como pontapés sobre os rins, ou então um grande bolo que lhe subia ao peito como se a fosse suffocar. A' noite, acordava em sobresalto, sem ar, o coração aos baques. Aquillo não era natural. E meneava tristemente com a cabeça em desalentos presagos. Mas as cunhadas animavam-na:

— Era assim mesmo, quando a criança movia-se. E, para convencerem-na, mandavam vir as negras de casa, fechavam-se com ellas, interrogando-as sobre os phenomenos da gestação:

— Se não sentiam movimentos, dores, ancias... E as negras, passivamente, submissamente, iam affirmando: «E' assim mesmo, nhanhan. E' assim mesmo.» Outras adiantavam: «Que ás vezes até ouviam o choro da criança.» E D. Antonia, apprehensiva, passava os dias em beato recolhimento com os santos, fazia promessas, pedia ás cunhadas, ás mucamas que rezassem com ella á Senhora do Parto para que lhe désse uma boa hora.

A vida rural enfarava-a. Diziam-lhe que sahisse em passeios lentos pelas terras, recusava-se e, poucas vezes, apparecia á varanda para olhar o terreiro e o engenho. Os negros evitavam-na re-

ceiosos e, em uma noite santa, como os escravos cantassem no quadrado diante da capella, D. Antonia teve uma violenta crise de choro, clamando:

— Que fizessem calar aquelles diabos. Parecia que estavam encommendando um morto. E o feitor sahiu a dispersar a gente, mas a senhora, aterrada com o silencio que se fez, tremia á idéa de um castigo da Mãi de Deus que os escravos glorificavam. Arrependida, chamou de novo o feitor, ordenando-lhe que abrisse a capella para que os negros cantassem.

— Não sabia que era o *Terço* que elles estavam entoando, mentiu. E, recomeçando, pouco depois, o canto religioso, ajoelhou-se no seu quarto e, por entre lagrimas, poz-se a repetir as palavras do côro que iam pela grande noite como uma santificação.

O ventre crescia-lhe. Uma manhan atirou-se aos braços do marido soluçando: «Ia morrer. Não tinha forças para resistir áquelle parto» e, em segredo, annunciou-lhe: «que eram gemeos». Jeronymo estremeceu: desconfiava tambem. Já havia falado ás irmans; todavia, para animal-a, fanfarronou:

— Melhor, filha. Um casal, hein! Que dizes? Um rapaz e uma rapariga... isso é que é. E tens medo...? Medo de que? Pois a Balbina, que é

um espicho, não teve dois rapagões e não está p'r'ahi sacudida? Até parece que ficou mais forte. E quantas! E quantas! Isso é uma coisa á tôa. Não me tens a teu lado? Já não tens confiança no teu velho? Deus é grande, filha. Has de ser feliz e, se fôrem dois, melhor. E a rir, passando-lhe o braço forte pelas costas: Eu fico com o rapaz e faço-te presente da pequena. Ria e D. Antonia forçava um sorriso triste.

Foi em uma noite fria de Junho que ella, em lagrimas, pedindo que accendessem velas do Santo Sepulchro e queimassem palmas bentas, recolheu-se ao quarto alanceada pelas primeiras dores. Escancararam-se as portas da capella e as mucamas, ajoelhadas, pediram por ella á Senhora do Parto. Uma negra *benguela,* mãi Victorina, fechou-se no quarto com a parturiente e um pagem partiu a cavallo para chamar o medico.

Jeronymo, as mãos nos bolsos, nervoso, passeiava pela varanda. Se alguem apparecia na sala interrogava ancioso: — «Então? Ainda gemendo muito. Não estava melhor.» Vieram chamal-o: D. Antonia exigia a sua presença, queria-o junto a si. Negou-se: «Não tinha coragem. Deixassem-no.» E sentou-se no banco, olhando vagamente a paizagem que o luar empallidecia.

Idéas sinistras passavam-lhe pelo espirito: a

mulher morta; o filho, um mostrengo. Erguia-se, caminhava pela varanda, parando, de vez em vez, para lançar os olhos ao longe, a ver se o pagem apparecia. Julgava, a todo momento, ouvir bater á porteira. Eram elles, de certo. Esperava...

E ninguem para animal-o! Que teria acontecido?! O grande silencio da casa impressionava-o. Atreveu passos pelo corredor, em pontas de pés, mas, não longe do quarto, ouviu um grito estridente e longo. Recuou com os olhos transbordantes d'agua, os labios em tremitos, balbuciando baixinho: — Pobre creatura! Pobre creatura! E esfregava as mãos humidas. Vinha de volta para a varanda, quando novo grito atravessou-lhe a alma. Desatou a chorar como uma criança e fugiu.

Quando uma das irmans appareceu na varanda, procurando-o, avançou, os braços estendidos:

— Então, Julia? Então? anda! Então?! A irman atirou-se-lhe aos braços, sorrindo:

— Um menino!... E Jeronymo tremulo, apertando-a muito:

— E perfeitinho, Julia...?

— Ora! Lindo! um meninão! Vai vêl-o. Já podes entrar. E acompanhou-o. Jeronymo precipitou-se para o quarto morno e abafado. Ven-

do a mulher pallida, estirada nos lençoes brancos, os olhos amortecidos, os braços languidamente abandonados ao longo do corpo, ajoelhou-se, e tomando-lhe uma das mãos, cobriu-a de beijos e de lagrimas:

— Então, filha? Então? Então? E perfeitinho... Um rapagão, hein? E do fundo do quarto, na penumbra, um grito agudo partiu. Jeronymo ergueu os olhos molhados para os olhos meigos da mulher e, levantando-se, beijou-a na fronte fria.

— E' elle! suspirou D. Antonia. E Jeronymo acenou que sim: era *elle!* esse sonho de vinte annos solitarios, a florescencia do amor que ali tinham no fim da existencia, quando já se lhes esterilisara no coração a suave esperança. E ambos sorriam, ouvindo enternecidamente o choro da criança que a *benguela* vestia.

Cresceu rechonchudo e forte, de collo em collo. A mãi trazia-o sempre agasalhado em flanellas e, se uma nuvem escurecia o céu, eram mantas, toucas de lan e o encerramento nos quartos mais intimos onde não chegassem correntes de ar.

A ama, uma negra robusta e nova, era vigiada como uma criminosa para que não sahisse e

o filhinho tenro, de quem se separara, passava os dias deitado em pannos, a um canto da sala de jantar, ás moscas, lambido pelos cães que entravam. De vez em vez, quando o «senhor» adormecia, tomava-o carinhosamente ao seio, mas as senhoras intervinham rezingando: «Que o moleque era um bezerro! Era um mamar sem conta!» e apartavam-no do collo maternal, traziam chicaras e, ás colherinhas, empanturravam-no de leite morno, para que os peitos criadores não minguassem na boca sedenta do escravo. A mãi sorria resignada. Quando o negrinho chorava, para que ella não se amofinasse, crioulinhas tomavam-no ao collo e sahiam com elle para a varanda, ninando-o.

Jeronymo enfurecia-se se, ao voltar da roça, encontrava o filho enrolado em pannos, cheio de abafadouros. Vociferava contra os trapos; ás vezes tentava arrancal-os, as mulheres, porém, investiam defendendo a criancinha da «brutalidade.»

— Aquillo não era systema de criar filhos, bradava o homem: sahiam umas coisas entanguidas, sem prestimo. A criança é como a planta — quer ar e sol para ganhar sangue. Vissem o filho da Mariana, um brutinho! criado ali assim ao Deus dará. Vissem aquillo!

E obstinava-se em propor passeios com o filho pelos cafesaes, á hora fresca da manhan que robustece e dá vida.

— Deixassem-no a seu cuidado e haviam de vêr o bicho que d'ali sahia. D. Antonia resmungava, as tias acudiam enternecidas, com beicinhos, apertando muito o pequeno que desatava a chorar assustado. Jeronymo augurava um *maricas*.

— Homem, o melhor é guardarem-no em uma redoma. Isso tem lá geito! E insistia em mostrar os crioulinhos que patinhavam nagua, chafurdando na lama, nús, como os bacorinhos que fossavam na fermentação fecunda dos fumeiros, gabando-lhes a saude, a alegria, a rijeza dos corpos retintos.

— As crianças queriam justamente aquillo. Deixassem-se de luxos. D. Antonia intervinha:

— Se havia de mandar para onde os moleques seu filho, um innocentinho, que mal engatinhava. Aquillo até não parecia de um pai. Assim como assim o melhor era abandonal-o de uma vez na estrada. E Jeronymo, lentamente, explicava:

— Ella bem sabia o que elle queria dizer. De certo que o pequeno não estava em idade de ir para o campo nem de metter-se nos corregos.

Falava contra os abafamentos, contra a maldita mania de fecharem tudo, isso sim. Não era nenhum doido para aconselhar que deixassem o petiz com os crioulos, ao sol. Era um modo de falar; ella bem sabia.

Se o pequeno choramingava, D. Antonia precipitava-se aterrada, tomava-lhe o pulso, examinava-lhe o ventre, pedia medicos, folheava o Chernoviz, banhada em lagrimas, tremula. As tias lembravam tinturas homœopathicas e a capella illuminava-se como para uma festa.

A's vezes, durante o dia, uma das senhoras entrava no quarto, em pontas de pés, ia ao berço, debruçava-se: a criança dormia socegada e tranquilla e a ama, estirada a um canto, repousava. O pequenino rosto não tinha uma contracção, os bracinhos abertos jaziam immoveis como os de um morto. Era o bastante para que a desconfiança nascesse: «Meu Deus! Mariana... o menino teve alguma coisa?» A ama, despertada em sobresalto, attonita, como se tivesse sido surprehendida em crime, respondia:

— «Que nhonhô adormecera ao collo, depois de ter mamado.» E, aproximando-se do berço, confirmava: «Que estava dormindo.»

— Mas tão quieto!!

E a senhora não se convencia; deixava o

quarto em pontas de pés e sahia a communicar a sua suspeita. Acudiam as tres, afflictas, os olhos em lagrimas; invadiam o quarto, cercavam o berço, observavam. O pequeno continuava dormindo. D. Antonia rolava os olhos cheios de angustia, queria que fossem chamar o marido; ajoelhava-se inclinando o rosto sobre a pequenina boca e immovel, attenta, procurava sentir o halito da criança.

As outras interrogavam com acenos e ella, desalentada, levantava o olhar supplice, dolorido, meneando com a cabeça grisalha. E não se continha: «Meu filho! Meu filho! Jorge, meu filho!» E as outras: «Jorge! Jorge!» e sacudiam o berço. A criança tinha um estremecimento, abria os olhos espantados e chorava. Que allivio para as pobres senhoras. Com que ternura frenetica tomavam-na nos braços, como a beijavam! De uma feita, Jeronymo encontrou-as nessa lida. Teve um accesso de raiva tratando-as de «desmioladas!» E como uma das irmans alludisse á suspeita, explodiu:

— Qual morto, qual nada! Queriam vocês que elle dormisse dizendo mamãi, papai, ou virando cambalhotas? Só de doidas! A ama era logo chamada e apparecia com o tumido peito nú, tomava a criança e o homem, a olhar o pequeno

que sugava cavando as bochechas, ia dizendo enlevado:

— Ahi têm vocês o defunto. Dêm-lhe disso, dêm-lhe disso! As mulheres contemplavam sem uma palavra, com um piedoso amor nos olhos enternecidos.

E nesse meio de carinhos e de cuidados cresceu, como um arbusto em sombra, o pequeno Jorge, até que um dia a ama, surprehendida, ouviu o seu primeiro balbucio. Lagrimas jorraram e, como Jeronymo andasse pelos eitos acompanhando a colheita, foi despachado um moleque para chamal-o. O homem fustigou o cavallo e appareceu esbaforido, rubro, alagado em suor e logo na varanda D. Antonia, radiante, deu-lhe a grande noticia, e em torno da criança, que a ama sacudia nos braços fortes, reuniram-se todos instando com o pequeno para que repetisse a doce palavra, e elle, sorrindo, agitando os braços, gaguejou hiatos, subito emborcando no seio da ama como em mergulho.

II

Annos passaram e Jorge, confiado á bilis de Sarmanho, emigrado politico que deixara no reino um grande nome e dividas, andava pelos classicos, pelas doçuras da historia, pela aridez da algebra e da trigonometria, quando uma arteria vital estourou no peito de Jeronymo, prostrando-o morto nos braços da esposa e das irmans. A mãi vestiu o luto pesado e eterno da viuvez, e, com adeuses tristes, arrastou-se da fazenda para fugir á visão constante dos lugares amados, onde parecia terem ficado a sombra meiga do marido, o echo da sua voz, o cheiro do seu corpo, toda a expansão do sêr que a morte arrebatara.

Recolheram-se a uma casa nas Laranjeiras, cercada d'arvores, na sombra da montanha, com um murmurio dagua a entristecel-a como um pranto eterno.

Sarmanho, com a sua rabona e o seu odio implacavel ao miguelista, acompanhou as senhoras á cidade. E a fazenda, entregue ao administrador, ficou mergulhada no valle, floresendo, frutificando em lindas e suaves primaveras, em prosperos outonos, para garantia do futuro lauto e tranquillo do filho amado.

As senhoras, apezar de reconhecerem em Sarmanho um sabio, de vasta leitura e muita moral, começaram a hostilisal-o com importunações e pirraças por terem descoberto nos seus discursos palavras duras contra a religião.

O menino á mesa, d'olhos na calva erudita do mestre que, tranquillamente, cortava o seu bife, todo attenção para o prato, discutia dogmas, refutava crenças, combatia superstições e, de uma feita, para mostrar independencia em materia de fé, arrancou do pescoço uma penca de veneras de ouro e prata que as tias, sempre cuidadosas, haviam reunido para garantil-o contra desastres e pestes.

Sarmanho foi despedido a pretexto de «não ser decente para tres senhoras viverem com um homem de portas a dentro.»

O emigrado sahiu sem revolta. Reuniu os seus livros, encheu pachorrentamente o cachimbo e desceu as escadas com altivez. O pequeno so-

luçou, repelliu as tias que o procuravam consolar e, nesse dia tremendo, como D. Julia indiscretamente désse a perceber as razões da despedida do venerando e intransigente sabio, Jorge revoltou-se, não contra as amaveis senhoras, que, com tanto empenho e zelo, cuidavam da salvação da sua alma, revoltou-se contra Deus, contra a Virgem, contra os santos, berrando, com atrevimento, a mão fechada em murro: «Que não acreditava em babuseiras, que não queria saber de religiões nem de nada. Que ia assentar praça para ser independente.» E pediu uma farda.

D. Antonia procurava enternecel-o com a sua meiguice, mas o pequeno, irascivel, frenetico, bramia: «Que havia de ir para a marinha, custasse o que custasse! Quando mal pensassem estava a bordo.» Falava dos seus quinze annos como de uma longa vida experimentada, alludia aos estudos que fizera.

— Era um homem e não estava disposto a viver eternamente na estufa do afago, sem expansões, sem liberdade. Se o queriam beato e carola, para o cirio e o ripanço, tivessem-no deixado ignorante, não lhe houvessem dado os compendios onde as verdades brilhavam como as estrellas no céu.

D. Antonia, posto que as palavras do menino

maguassem fundamente a sua alma christan, desvanecia-se de ouvil-o, ficava ternamente humilhada diante da sabedoria precoce do filho que discutia as forças universaes, commentava as religiões dos povos como se por ellas tivesse passado commungando a hostia de todos os altares, até encontrar a que fosse mais agradavel ao seu paladar difficil de homem do seculo.

Desvaneceram-se, por fim, as saudades do mestre e Jorge tomou um feriado de mezes, emquanto não chegava a época da matricula no collegio de Pedro II. Permittiram-lhe pequenos passeios pelo bairro, á tarde; davam-lhe dinheiro e conselhos: «Que evitasse bandos, que não fumasse» e sempre: «Que voltasse cedo».

Sahia. Amigos vinham trazel-o á casa, demoravam-se ao portão, conversando. As senhoras, por entre as cortinas, espiavam e, quando elle entrava, pediam informações: «Quem eram? de que familia...?» E elle enchia-os de qualidades: «Eram genios! riquissimos e de grande consideração. Um tinha o pai no Senado».

Uma noite, porém, já a rua cahira em silencio, a ceia esfriava sobre a mesa e o menino ainda não havia entrado. D. Antonia, afflicta, pensava em desastres: «Elle era tão tolo ainda, tão criança! Podia ter sido pisado... E se tivesse sido

preso?! Alguma briga?! Era bem capaz, com aquelle genio.»

As cunhadas accommodavam-na:

— Que descançasse: estava, sem duvida, com amigos; talvez em casa de algum conversando ou brincando. Era rapaz, estava na idade. E despacharam criados. A casa conservou-se aberta e illuminada.

Era mais de meia noite quando elle entrou lento, devagarinho. A mãi, os olhos vermelhos de chorar, estava derreada numa cadeira, entre as cunhadas.

Quando elle appareceu tranquillo, D. Antonia fitou-o com os olhos humidos. Elle pousou o chapéu sobre a mesa, descançou a bengala e, dirigindo-se ao grupo taciturno, inclinou-se para beijar a fronte á mãi, mas a pobre senhora, escondendo o rosto nas mãos, desatou em soluços.

Jorge recuou olhando como desvairado:

— Mas que é isso, mamãi? Que tem?

— Que tem? interveiu D. Julia, pois *isso* são horas, Jorge?!

— Estive com amigos, distrahi-me...

— E nós aqui afflictas. Os criados sahiram á tua procura; estão todos na rua. Bem sabes que tua mãi anda doente, tem chorado toda a noite. E não é bonito, não é decente... um filho-

familias entrar para casa de madrugada. Não é bonito, Jorge; tem paciencia, meu filho. Não é bonito.

D. Antonia soluçava. As tias levantaram-se como para lhes dar inteira liberdade de expansão; elle, então, adiantou-se enternecido para a mãi e, inclinando-se, tomou-lhe carinhosamente a cabeça branca aconchegando-a ao peito:

— Que é isso, mamãi? E baixinho, beijando-a: — Não chores mais! Não chores mais, sim? E as lagrimas cessaram de correr, foram morrendo os soluços em doces recriminações e em queixas e, quando D. Julia reappareceu, Jorge descrevia á mãi, que o ouvia embevecida, o lúxo do palacete do commendador Faria, pai de um dos seus melhores amigos que, nessa noite, o apresentára á familia, retendo-o para o chá até áquelle hora.

Em março de 65 Jorge fez os seus primeiros exames merecendo louvores dos mestres que o acharam de um raro e lucido talento e notavelmente abastecido de boa sciencia e litteratura. Galgou tres annos e foi entre os quartanistas que formou no dia solemne da abertura das aulas. Não experimentou as sensações do calorato, posto que, mesmo immune ás assuadas, graças ás substanciosas dissertações do emigrado, sen-

tisse acanhamento e tremuras diante do olhar invejoso e máu dos collegas que o recebiam hostilmente, em silencio, considerando-o como um invasor.

Salientou-se, foi dos primeiros nas aulas e, ao fim dos trimestres, sahia sempre com o seu banco de honra e laureado pelas boas palavras dos professores que o apontavam como um exemplo de applicação e obediencia.

D. Antonia acompanhava os progressos do filho com enternecimento. A' noite velava com elle, á luz pensadora da lampada, cabeceando sobre romances dignos e, muita vez, interveiu commovida ouvindo as pancadas sonoras do relogio soando forte na casa adormecida, para que se recolhesse, receiando pela saude do seu corpo que as vigilias enfraqueciam.

D. Julia e a irman cuidavam do gabinete do bacharel, como lhe chamavam: espanavam os livros, a secretária, punham em ordem os papeis e, uma manhan, como indiscretamente abrissem um diccionario, descobriram uma larga folha de papel, marcada com um cupidinho adormecido entre rosas, cheia de estrophes de excellente lyrismo, falando de olhos azues lavados em melancolias e de labios humidos que o amor buscava como as abelhas buscam as corollas.

Correram com o papel em triumpho para mostral-o á D. Antonia e no jardim, á sombra de uma alta figueira brava, a poesia foi lida com devoção e mysterio como se fosse um cantico religioso. Lagrimas borbulharam nos olhos das senhoras e a mãi, sempre apprehensiva, lastimou que o filho tivesse nascido com a veia poetica suspirando: «Que todos os poetas acabavam na desgraça.» Mas logo entraram pelas estrophes procurando descobrir, atravéz das imagens, a dona de tão lindos olhos e de tão appetecida boca.

Annos correram. Brandas molestias de Jorge haviam cavado rugas no rosto de D. Antonia que falava tristemente do seu proximo fim, lastimando não poder assistir á formatura do filho, do seu amado e unico amor no mundo. Andava pela casa num passo somnolento, suspirando saudades do marido, que tanto desejara ver «o seu rapaz» formado, enaltecendo o nome dos avós, pobresinhos que se haviam sumido em silencio no fundo pedregoso e frio de uma aldeia minhota.

Jorge vivia como um homem, independente, a carteira farta. Ia a theatros e, quando entrava, a mãi fingia-se adormecida para não vexal-o. Expandia-se e, atrevido diante da fraqueza maternal, trazia para a sala de jantar, nos serões

tranquillos, os seus amores em quadras, os hemistichios ardentes da sua mocidade voluptuosa.

A mãi soffria calada sentindo os primeiros balanços do coração do filho como se já o visse fugindo docemente, docemente levado pelas ondas de cabellos louros para esse mar vasto de ternura e de gozo que elle tanto citava nos seus versos. Mas não lhe dizia palavra, ouvia e, ás vezes, depois de o ter applaudido, ia chorar para um quarto, em revolta contra a belleza das mulheres, que attrahiam seductoramente o seu amor santo, furtando-o ao egoismo avaro do seu purissimo e sensivel coração de mãi.

O luto entrou em casa pela segunda vez com a morte de D. Gertrudes, a mais velha das tias. Um frio e tristonho agosto levou-a. No caixão, coberta de rosas, com a sua immaculada capella de virgem, parecia sonhar com o céu, as mãos postas, um sorriso triste nos labios lividos. Morreu sem queixa, deixou a vida sem pena com o coração vasio, a alma intacta, levando para o Alem todo o seu longo e irrealisado sonho de mulher, ingratamente esquecida no ascetismo esteril da virgindade. Candidamente vestida para a grande nupcia levaram-na os amigos da familia. A casa resentiu-se.

As duas senhoras evitavam o quarto da morta

com terror e, supersticiosas, ligaram-se ainda mais, não se apartando nunca, como para resistirem á Morte perfida que passara entre ellas.

D. Julia, em pesados merinós, errava pelos corredores apavorada, vendo o vulto da irman sempre pallida, diaphana, os grandes olhos brilhantes, arquejando fatigada pela tosse.

Uma noite, como passasse diante do quarto deserto, rolou por terra, aos gritos, escabujando. Acudiram e ella, esgazeada, a tremer, os braços hirtos declarou: «Que ouvira distinctamente a tosse de Gertrudes e o seu doloroso e anciado suspirar: ai, Jesus!»

A casa, immensa e sombria, tinha a apparencia de um claustro taciturno onde houvessem ficado duas monjas arrastando estamenhas e melancolias.

Mezes depois, em dezembro, numa linda manhan cheirosa e fresca, toda azul, toda em sol, Jorge em companhia do conselheiro Tavora, um velho amigo da familia, subiu para um coupé. Ia receber o gráu de bacharel em lettras.

O jubilo foi grande; todavia as senhoras, respeitando a morta, não abriram os salões, intimos apenas sentaram-se á mesa e os brindes correram frios, sussurrados, por entre lagrimas.

D. Antonia, com os olhos no filho, lastimava a

ausencia de Jeronymo. «Como elle seria feliz em poder abraçal-o! Pobre homem! Elle que era doido pelo filho! E mana Gertrudes...!» A's dez da noite já as taças dormiam nos armarios e dois bicos de gaz apenas illuminavam a sala onde o bacharel, como um idolo, recebia as homenagens enternecidas das senhoras.

Foi Jorge quem propoz uma estação no campo. Passariam o resto do verão na fazenda folgando na viçosa paizagem, aspirando o pleno ar das mattas. Ellas ganhariam em saude, elle ganharia em vigor e em saber; e garantindo que só as sensações da jornada, as noites ás estrellas, galgando montanhas, somnos dormidos em casebres de palha, os encontros, a languorosa cantilena dos tropeiros, todos os incidentes imprevistos da viagem bastariam para desvanecer as tristes idéas que tanto nublavam as almas das senhoras, ficou resolvido que no dia seguinte começariam os preparativos da viagem.

Um negro foi despachado á fazenda e dias depois partiam no frescor de uma madrugada serena, com um rancho de escravos: as senhoras em liteiras, Jorge a cavallo e, fechando a marcha, a tropa dos cargueiros com um alegre tinir de campainhas.

Logo que entraram em terras da fazenda

D. Antonia sentiu o coração opprimido, cheio de presagios. Era como um renascimento o que experimentava nalma. Mergulhava na grande saudade e sahia gottejante de lagrimas, asphyxiada pela melancolia. O marido! Era elle que faltava á doce paizagem, tão triste áquella hora azul da tarde, já sem passaros, apenas entrecortada pelo dorido piar das juritys tristonhas. E ella olhava, alongava os olhos como em busca de uma visão querida, revendo troncos que deixara, sitios onde costumava repousar quando sahia com elle para correr a lavoura.

Jorge, extasiado, gabava a floresta que os annos haviam robustecido; e os cafezaes, eito acima, sahidos da primavera, nupcialmente cobertos de florinhas brancas. O administrador recebeu-os na porteira e moleques, nascidos na longa ausencia dos senhores, já taludos alguns, outros pequenitos, em camisola, estendiam a mão pedindo a benção. Como D. Julia não os reconhecesse, o administrador apressou-se em dizer-lhes os nomes e de quem eram filhos. E as senhoras espantaram-se sabendo que negrinhas que haviam ficado impuberes já tivessem crioulos quasi homens.

A casa resistira ao tempo: rija nos seus formidaveis esteios de cabiuna, toda aberta ao ar e

á luz, muito branca, destacava-se sobre o fundo escuro da matta que dominava sobranceira o alto da collina. As grandes salas caiadas, os espaçosos quartos, os corredores immensos, estavam impregnados de recordações. Havia ainda um vago aroma do passado — os manes dos que ali haviam expirado pareciam errar na luz e na brisa, festejando as almas que voltavam como para aninhar-se no aconchego do ninho, presentindo perto o duro inverno da velhice.

Negros e negras acudiram em alvoroço á varanda querendo ver os senhores: os velhos avançavam curvados, tremulos, rindo; queixavam-se da idade que lhes ia dobrando o corpo e passavam as mãos pela carapinha branca com uma resignação de martyres; os novos, crianças de hontem, apresentavam os filhos e as senhoras, meigas, indagavam não só dos escravos que não viam, queriam saber dos animaes, certos bois que haviam deixado, se ainda viviam, se ainda supportavam a canga.

D. Antonia, antes da ceia, quiz ir á capella beijar os pés do Senhor. Jorge, debruçado á balaustrada da varanda, sentia-se invadido pela grande calma da paizagem cheia de silencio e de sombras. Uma sineta tiniu e D. Antonia, ouvindo-a, suspirou:

— Que saudade! Vai para oito annos que a não ouço!

A' mesa recordaram as graças de Jeronymo, os seus ditos, e D. Julia saùdosa ajuntou:

— Se elle fosse vivo já a casa estava cheia de cães.

As negras serviam risonhas. Crianças espiavam e fugiam. De vez em vez uma avançava, pedia a benção, indo de um a outro, a mão estendida, um dedo na boca.

Recolheram-se cedo e, na manhan seguinte, ao tinir da sineta, D. Antonia sahiu á varanda para ver a partida da gente.

E a vida, passadas as primeiras impressões, recahiu na monotonia antiga: dias longos, vasios, passados num circulo de verdura exuberante; noites crivadas de vagalumes, cheias de murmulhos e de mugidos e, longe em longe, o luar magnifico, em pleno céu e na terra, branqueando mattas e serras, campos e aguas dormentes, o grande luar suavissimo dos campos, onde não ha luz de combustores para desbotar a doce claridade.

Jorge, que levara idéas de leituras meditadas, esqueceu os livros na mala e só cuidava em cavallos, em matilhas, em aventuras de amor. Um negro, conhecedor das trilhas, andava com elle pelos mattos ou descia á margem do açude, aos

bebedouros, á espera das pacas. E falava-lhe dos «toques» de certos cães, do valor das trelas que possuia; ensinava-lhe os pios de reclamo e contava inauditas façanhas de caça no tempo do milho.

Jorge interrogava-o sobre as tocas; ouvia trinos no mais intrincado arvoredo e parava escutando, a espingarda engatilhada. O negro dissuadia-o: que era um passaro á tôa, sanhásso, não valia a pena.

Luzia tomava-o á noite. Era uma velha negra, de Africa, magra, esqualida, sem dentes; guardava porcos e, á noitinha, socava o café no grande tronco dos pilões. Entendida em rezas benzia e curava. Os negros temiam-na pelos segredos de mandinga que só ella sabia. Contavam que estragara um parceiro de nome Ludgero, um dos mais fortes na roça. Certo dia esbofeteou-o por uma questão de mulher. A negra cahiu com a boca em sangue, mas jurou, e, desde então, não houve para Ludgero bebida que chegasse. Esteve no tronco, foi amarrado á escada, e nem assim, até que uma manhan campeiros encontraram-no de bruços á beira do corrego, a cara na lama, morto. Apartava casaes felizes, provocava abortos, e affirmavam que seus olhos eram fataes, tanto que, se fitavam uma ninhada, ia-se toda

em dias. Jorge, entretanto, ligou-se á Luzia. A' noite, quando a casa cahia em silencio, ella ia bater-lhe á janella do quarto e de fóra, na escuridão, chamava-o. Jorge galgava a janella ancioso, e, guiado pela feiticeira, atravessava o quadrado para colher primicias de amor ou para trahir escravos, cujas mulheres seduzidas deixavam sorrateiramente o giráu e, descalças, desciam a entregar-se nos immensos paioes escuros onde morcegos esvoaçavam.

Luzia, acocorada, vigiava. Jorge durante o dia ia encontral-a entre os porcos distribuindo a lavagem pelos cochos, arrastando na lama, fossada pelos cevados, os molambos sordidos e falava-lhe de mucamas, indicava-lhe raparigas que entravam pela puberdade, interrogava-a. A negra, sorrindo, resmungava, emprazando para a noite. Elle atirava-lhe moedas que ella escondia na cinta entre pannos.

Março, porém, chegava, e Jorge teve de partir deixando a vida sensual da fazenda. D. Antonia tremia ante a idéa de apartar-se do filho. S. Paulo parecia-lhe tão longe! E não foi facil demovel-a do proposito que fizera de acompanhal-o á cidade academica. Pensava nas noites de aspero frio que o filho ia atravessar sem o aconchego do seu collo, isolado, entre estranhos,

que passariam indifferentes, ainda que o vissem transido, á dura nevada. D. Julia animou-a:

— Com dinheiro não se morre de frio, mana, e em S. Paulo não ha neves que matem. Jorge, não sem saudades, ia aferrolhando as malas, e, ao alvorecer de um sabbado, as senhoras desceram com elle até onde os pagens esperavam com os cavallos encilhados. D. Antonia guardou-o muito tempo junto do coração, até que elle, num movimento brusco, desprendeu-se e saltou para o animal, disfarçando lagrimas, contendo soluços, e do alto, já na porteira, sacudiu o lenço despedindo-se das duas senhoras que haviam ficado immoveis, seguindo-o com o olhar até que desapparecesse.

As primeiras cartas do estudante, cheias de enternecimentos, uma dellas «escripta com lagrimas, ao som da marcha funebre da procissão do Enterro que desfilava pelas ruas», eram lidas pelas senhoras commovidamente. Choravam lastimando o isolamento do menino, a tristeza da terra, sempre nublada pela garôa, a indifferença dos que nem sequer acudiam com uma palavra de conforto a esse filho meigo que, mesmo de longe, procurava o seio materno para as suas queixas.

Emtanto Mathias & Castro escreviam animadoramente «que o doutor vivia satisfeito e feliz,

que era bemquisto, não só entre os collegas como na fina sociedade paulistana, que para elle abrira a grande excepção de receber um estudante.» E ajuntavam contas que D. Antonia mal percorria d'olhos distrahidos.

No fim do anno — já haviam começado os preparativos para a recepção de Jorge, que fizera o seu acto — uma carta arrefeceu o enthusiasmo amoroso das senhoras. O menino não pretendia passar as férias na fazenda, bem que as saudades o impellissem para o caminho de Santos por onde diariamente partiam os collegas em caravanas alegres, recolhendo ao lar. Ficava em S. Paulo com um Limoeiro e Souza estudando as materias do 2.º anno.

D. Antonia derramou muitas lagrimas, mas pensando no proximo triumpho e nos estudos que o filho ia fazendo nessa cidade de sabedoria e virtude, resignou-se, dilatando a correspondencia para que elle não passasse um dia sem cartas, sem benção e sem carinho e tão affectuosamente que, uma vez, escrevendo, esquecida de que o filho vivia longe, rematou a carta com estas palavras intimas: «Bem, meu filho, é tarde, vai descançar. Até amanhan.»

A vida ia-se tornando a mais e mais difficil, dizia Jorge nas cartas. A necessidade de uma

grande paz para o estudo das leis forçara-o a tomar casa e criados, fugindo á balburdia dos hoteis e pensões. Vivia na Moóca com o Limoeiro, consultando codigos e velhos in-folios de legislações antigas. Mas ao mesmo tempo que o estudioso rapaz enchia laudas com os nomes dos jurisconsultos, cujas palavras interpretava pacientemente, Mathias & Castro escreviam pedindo o auxilio dos conselhos de D. Antonia para a regeneração que intentavam, porque Jorge vivia em bambochata constante, em bandos de estroinas, com mulheres, arrastando uma vida devassa de serenatas, zangurrianas e jogo, em lucta com a policia, nos bairros remotos da cidade. D. Antonia poz as mãos na cabeça e, hesitante entre as duas cartas, relia as palavras honestas do filho, relia as accusações dos correspondentes, sem comprehender, atordoada, em pranto. Escreveu a Mathias & Castro, pedindo «como mãi» que lhe salvassem o filho, arrancando-o á devassidão das orgias e aos ranchos de tavolageiros; e escreveu a Jorge, fez com que D. Julia escrevesse, invocando o passado, lembrando-lhe o nome honrado de Jeronymo e a velhice que a acabrunhava e essas noticias que lhe feriam duramente a alma. Jorge respondeu seccamente, appellando para o seu caracter e para o testemunho insuspeito de

collegas. E terminou com uma accusação formidavel a Mathias & Castro, «homens de fraudes commerciaes, avaros até com a fortuna alheia.» E, para remate, queixou-se de ter uma noite caminhado uma legua a pé, á chuva, por não ter o caixa querido satisfazer um pedido insignificante que lhe fizera. Acompanhava a carta uma noticia cortada de um jornal, que dizia:

«O distincto academico Jorge Soares tem no prélo um volume de versos.»

E Jorge perguntava: se aquillo era bambochata? Se um homem de devassidões, desbragado e ebrio, podia merecer de um jornal tão alta distincção? D. Antonia, calada, arrependia-se do que escrevera. «Maguara o filho...», dizia, mas D. Julia animava-a:

— Que não, dera apenas conselhos, conselhos de mãi e em termos.

D. Antonia não acreditava nas palavras de Mathias & Castro.

O menino podia ter feito uma ou duas, mas sempre, todas as noites, como diziam, isso não. Demais, que tinham elles com o que gastava o menino? Que tinham?! para o deixarem sem vintem, obrigando-o a uma caminhada de legua, á chuva, como um mendigo? Isso não. O que era della era delle; não fazia questão de dinheiro,

comtanto que seu filho não passasse necessidades.

E á noite não conseguiu fechar os olhos pensando nessa caminhada atravéz da tormenta, nesses terriveis e tenebrosos caminhos por onde seguira o filho amado, sósinho, chapinhando na lama, molhado, tiritando, a pensar nella. E no meio da noite, em camisa, descalça, saltou da cama, abriu a secretária e escreveu a Mathias & Castro uma carta de ordem franca.

E explicava: «Que os medicos, que o haviam examinado em pequeno, foram todos da mesma opinião: que nunca o contrariassem, tinha um temperamento delicado.» E a Jorge escreveu pedindo perdão do que lhe havia dito e annunciando a sua resolução relativa á questão de dinheiro.

Veiu o fim do anno e Mathias & Castro annunciaram uma grave enfermidade do «doutor». ajuntando, porém, para que a senhora não se assustasse, a opinião dos medicos: «Que a verdadeira doença era medo de apresentar-se ao acto, porque não abrira um volume durante o anno.»

Na manhan seguinte á da chegada a S. Paulo — porque o crepusculo frio e brumoso baixava quando D. Antonia atravessou as ruas da cidade

deserta em companhia de Fernando de Castro, um dos seus correspondentes — encaminhou-se commovida para o bairro longinquo em que residia o filho. O coração apertava-se-lhe diante dos compridos muros de taipa e das alas verdes de bambús que faziam uma grande sombra triste sobre a estrada poenta que um rio minguado, correndo entre mattos, parecia adormecer com um doce murmurio.

A espaços uma casa, um rancho palhiço, campos viçosos e capoeiras exuberantes onde pastava livremente o gado. Fernando de Castro, como voltassem uma azinhaga, mostrou ao longe a «republica» de Jorge. Era um casarão, melancolico e sombrio como um mosteiro, fechado e silencioso á luz do sol que subia diluindo a nevoa da manhan.

Dois pinheiros esgalhados flanqueavam a larga entrada fechada por um pesado portão de ferro. Sobre os muros esborcinados inclinavam-se ramos e folhagens tenras. Fernando de Castro bateu as palmas e, emquanto não apparecia gente, D. Antonia passeiava os olhos pelo pateo da casa que o matto agreste invadia. Mesmo nos degráus da escada a herva crescia, e todo o terreiro que cercava o predio estava tomado pela vegetação exúbere, revigorando-se ao sol e á nevoa.

Um criado desceu, a cara amarfanhada, os olhos empapuçados de somno, e vendo-a em pesado luto, com a aureola veneravel dos cabellos brancos, aproximou-se espantado. A' sua pergunta por Jorge Soares, disse: «Que ainda dormia. Entrara tarde. Mas que dissesse quem era, que queria.»

D. Antonia, querendo guardar segredo para causar ao filho agradavel surpreza, disse apenas — «que chegara do Rio, trazia recados da familia do doutor.»

O criado, sem abrir o portão, subiu a annunciar a visita; mas Fernando de Castro, impaciente, berrou para dentro, chamando alguem. No alto da escada, um estudante, em robe de chambre, appareceu escovando os dentes. O correspondente, mal o descobriu, perguntou amuado, num vozeirão:

— Jorge Soares?

O estudante entrou ajustando o robe de chambre que o vento abria e, pouco depois, o copeiro reapparecia precipitando-se pelas escadas. Abriu o portão dizendo: «Que o doutor não tardava. Podiam subir.»

D. Antonia, porém, negou-se: ficavam ali mesmo á sombra. Fernando de Castro, descobrindo, a um canto, um velho banco, a meio de-

molido e quasi coberto pela parietaria, insistiu com a senhora para que descançasse. «Estavam ali mais á vontade; nem era conveniente que ella entrasse em tal casa», ajuntou, enjoado, lançando ás vetustas paredes um olhar de desprezo e odio. Sentaram-se, e D. Antonia, sem tirar os olhos da escada por onde devia descer o filho, ouvia o correspondente que lhe falava das orgias daquella casa, fóco de escandalos, valhacouto d'uma estudantada vadia que, de vez em quando, abalava em serenatas pelas ruas com alaridos e berros, provocando a patrulha, despregando taboletas de casas commerciaes, com excessos criminosos, indignos de rapazes de boa educação, como o ultimo assalto a um chiqueiro da Ponte Grande, de onde haviam tirado um porco, deixando em sangue, moído a pauladas, um pobre homem que sahira com altos clamores chamando a policia.

Ainda se procedessem por miseria teriam uma desculpa, mas não, só por pandega, por troça, para fazerem uma *opa* que se tornasse celebre na tradição academica. D. Antonia queria saber se o seu Jorge tambem fazia dessas coisas, e Fernando de Castro, carregando o cenho, garantiu que era um dos peiores. Valente e temerario, apontavam-no como cabeça de motim, provocador dos tumultos que a deshoras alvoroçavam estrondosamente a cidade.

E os lentes conheciam-no, sabiam de tudo quanto praticava tanto que, em palestra intima com o conselheiro Silva, delle ouvira palavras amargas contra esse terrivel rapaz que nem diante dos refles recuava. E pediu que lhe falasse, que fosse energica, procurando principalmente arredal-o daquella casa que era o refugio do rebutalho da academia: repetentes incorrigiveis e gente sem profissão, que se ligava aos estudantes parasitariamente, incitando-os a coisas indignas.

D. Antonia meneava com a cabeça tristemente e já tinha os olhos rasos d'agua quando ouviu a voz do filho que apparecera no patamar da escada, em mangas de camisa, ainda abotoando a gola. Levantou-se de golpe. Jorge descia a escada olhando, como a procural-a.

Logo que a viu estacou, levando a mão em pala ante os olhos apertados e, reconhecendo-a, lançou-se pelos degráus com exclamações enternecidas:

— Mamãi! A senhora!

D. Antonia avançou por entre o matto, quasi a correr, os braços abertos, já esquecida de tudo quanto lhe havia dito Fernando de Castro com relação á vida irregular do filho amado, do saudoso filho, que ella, emfim, revia depois de tão longa e angustiada ausencia:

— Meu filho! E recebendo-o nos braços, apertou-o muito ao peito, molhando-lhe o rosto de lagrimas felizes.

O correspondente, de pé, mal disfarçava a decepção. Contava com uma acção energica da senhora e ali estava como comparsa de uma scena piégas. Deu volta e, afastando-se discretamente do grupo, metteu-se por um caminho estreito, entre a herva, resmungando, indignado, a ouvir os soluços e as palavras ternas da pobre mãi amorosa, que só via o filho, que o sentia, que o beijava alucinada, apaixonadamente.

Jorge, nos braços maternaes, prometteu corrigir-se, aceitando a proposta de D. Antonia para que deixasse aquella casa tão mal reputada que, segundo diziam, de quando em quando, alta noite, piquetes de policia cercavam, varejando os quartos com espadas núas, em busca de criminosos acoutados pelos moradores.

Dias depois o estudante installava-se, com luxo e conforto, em uma pequenina casa do Arouche, com um gallego de soiças que lhe espanava os livros cantarolando trovas. D. Antonia, depois de minuciosa revista á casa, aos moveis, despediu-se com lagrimas e beijos. E Jorge encerrou-se.

O gallego, á noite, sentado á porta, zangar-

reava á guitarra; de vez em vez, uma rapariga atravessava o corredor, embuçada em mantilha, e de manhan, ao nascer da luz, sahia discretamente.

Annos passaram e já havia começado a correr a chave annunciando para Jorge o termo do curso quando uma carta da tia chegou-lhe ás mãos. Poucas linhas: a boa senhora pedia-lhe que não demorasse a viagem, seguindo logo que recebesse o gráu. Nada mais. Presagios importunaram-no. Foi á casa de Mathias & Castro. Os correspondentes apenas disseram que não tinham letras de D. Antonia, desde Agosto desse anno. Mostraram-lhe cartas da tia, cheias de interesse por elle, franqueando-lhe dinheiro, recommendando-o.

Formou-se e Fernando de Castro, que o acompanhou á Academia, festejou em casa, com um baile, a sua formatura, alludindo, num brinde, aos tempos da estroinice, com uma parabola culturana em que Jorge entrava como o filho prodigo, voltando, não aos braços dos velhos pais, mas á honestidade, ao estudo, rehavendo a estima e o conceito de todos. Com augurios de prosperidade levantou hurrahs tremendos.

Na vespera da partida, á noite, andava o gallego arranjando malas, quando Fernando appa-

receu para falar ao doutor. Jorge, estirado na rede, entre amigos, recordava episodios estroinas: assaltos, amores, rixas, cavalgadas para a Ponte Grande com mulheres e cabazes empilhados de garrafas, quando o negociante encapotado, um cache-nez em volta do pescoço, pediu licença, á porta:

— Que o desculpassem de ir importunar os amigos, mas queria dizer adeus ao doutor e uma palavra em particular... Mas não tinha pressa. Sentou-se e, como entrasse na palestra, lembrou a casa terrivel da Moóca, os grandes disturbios, e, arregalando os olhos, referiu uma aventura de que ia sendo victima, certa noite, quando se recolhia ao fim do voltarete com o conselheiro Silva. Os taes da casa, embuçados, deram-lhe cerco e um Taborda, flautista e capoeira, que trazia sempre uma faca na cava do collete, forçara-o a dançar e a cantar sob ameaça de ser atirado ao Tamanduatehy.

Os rapazes despediram-se e Jorge arrastou uma cadeira para junto do correspondente.

Fernando de Castro empallideceu, tirou do bolso um grande lenço e, estendendo-o sobre a perna, como um guardanapo, espalmou as mãos, inclinando-se para o bacharel:

— Doutor, creia que bem me custa dizer-lhe o

motivo da minha visita, a esta hora da noite, em vespera de viagem, quando o senhor carece de repouso. Chupou os beiços, afagou a barba, arregalou os olhos e, inopinadamente, todo cahido para a frente, d'olhos desmedidamente abertos:
— Sua tia escreveu-me... Escreveu-me, não agora. Tenho a carta ha mais de 15 dias. O doutor ha de perdoar o meu silencio tão longo, mas não quiz entristecer a sua festa com uma noticia...

— Mamãi morreu! exclamou Jorge, pondo-se de pé, as mãos estendidas, os olhos rutilos, fitos no rosto do negociante. Elle ergueu-se tambem e, calmo, serenou-o:

— Não, doutor; não morreu. Mas, o senhor sabe: é uma senhora fraca, doente... tem um grande coração, um coração de santa. Desde que se foi o senhor seu pai, de quem fui grande amigo, nunca mais vi o sorriso nos labios de D. Antonia — transformou-se... e eram visões, ás vezes ficava horas e horas a chorar falando nelle... O senhor sabe. Ultimamente, porém, isolada na fazenda, as saudades apertaram. O senhor longe, a velhice, a tristeza daquelle lugar... Deu para sahir: ir aos eitos, aos engenhos, aos pastos; uma actividade pasmosa, pasmosa! como escreveu sua tia. De repente, nova mudança: começou a usar a roupa do finado, que conservou

religiosamente. Punha o chapéu, vestia o casaco e ficava diante do espelho a olhar o marido. E' como diz sua tia: «A olhar o marido.»

A principio não passava disso; distrahiam-na e ella deixava-se levar, ia á mesa, mas, de uns tempos a esta parte, entrou a rejeitar o alimento e definha, encerrada no quarto, a conversar com o esposo, a rir, a chorar, não attendendo a pessoa alguma, zangando-se quando a procuram, porque, diz ella, nem consentem que fique um instante a sós com o seu Jeronymo. E' como diz a carta.

Jorge ouvia em angustia; as lagrimas desciam-lhe pelo rosto pallido em dois fios constantes e Fernando, commovido, a voz surda, continuou:

— Mas não ha motivo para desespero, doutor. Não é uma louca, é uma maniaca, cura-se. Tenho visto casos muito mais sérios, e as pessoas andam por ahi sans. Não é para desesperar. Coitada! alma sensivel... Isto de ter coração é um horror! Um horror! e sacudiu a mão diante dos olhos humidos.

O gallego arrastava malas pelo corredor, cantarolando. Jorge afastou-se, as mãos para as costas passeiando ao longo da sala. Fernando seguia-o:

— Se vim hoje, creia que foi para obedecer á sua tia. Deve imaginar quanto me custou tomar esta resolução, mas assim é melhor, é melhor: o senhor não recebe o choque violento. Assim é melhor... já sabe, é até possivel que, com a sua presença, tudo desappareça e a sua boa mãi volte ao estado normal. E' quasi certo. Não desespere, não desespere.

Jorge arrancava do peito suspiros profundos. Foi á janella, olhou a noite negra e voltou:

— E os medicos? Que dizem elles?

— Não sei, doutor. E Fernando, desabotoando o capote, tirou do bolso uma carta que entregou a Jorge:

— Aqui está.

O moço abriu nervosamente a carta e aproximou-se da luz. Subito carregaram-se-lhe os olhos, tremeu e, agitando a folha de papel, a chorar, bradou alucinado:

— Mas ella está louca! positivamente louca! Minha mãi! E batendo na carta: Está aqui! Curvando-se, então, leu alto, por entre soluços: «A's vezes é difficil contel-a: debate-se, avança para o espelho, chamando o marido, aos gritos: que a querem matar! que a querem matar!» Passou a mão pela cabeça, cravou os olhos na carta e, baixinho, os labios tremulos: «Mamãi! Coitada de

mamãi!» e atirou-se na rede soluçando. O correspondente limpava os olhos e, como o gallego cantasse, bramiu, investindo para o corredor:

— Homem, com todos os diabos! acaba com essa cantiga... Que historia! E dirigiu-se para o moço que os soluços faziam estrebuchar na rede.

III

Magra, esguia, os cabellos encanecidos, os olhos dentro de profundas olheiras, ora extasiados, ora rutilos, febris, rolando em desvairamentos, D. Antonia caminhava pelos corredores, entre negras, seguida de D. Julia, como uma somnambula, num andar timido de cega, levantando os pés de vagar, pousando-os de leve, como a sondar o terreno. Nos dias de grande sol faziam-na sahir á varanda ou levavam-na docemente pelo caminho da porteira, entre barrancas e ella ia, vagarosa e fraca, com o olhar ao longe, no rosto um sorriso mystico de martyr.

Passavam-se semanas tranquillas, de mansidão e extase, mas, de tempos a tempos, a furia reapparecia — eram gritos atrozes, escabujamentos, lagrimas. Levavam-na para o quarto de en-

cerro, grande aposento sem moveis, apenas um leito amplo e negro, de altas columnas, onde a louca rolava abraçada com os travesseiros, soluçando, a bradar: — «Que a deixassem com o marido, que a deixassem! que a deixassem!» Quando recrudescia o accesso arrancava as farripas, cravava as unhas no rosto, rasgava as roupas, com ululos roucos. Escravas estiravam-se pelo chão em torno do leito, em vigilia.

Quando Jorge appareceu D. Julia pasmou de vel-o já homem, com grandes bigodes, o retrato do pai, sem a graça infantil, mas com uma soberba virilidade, forte e gracioso como um athleta. Longe de recebel-o effusivamente, como no antigo tempo, aos beijos, esperou que o sobrinho lhe tomasse a fronte e a beijasse; retribuiu então pudicamente, mal encostando os labios na testa do moço onde bailavam cachos. D. Antonia, nesse dia, amanhecera calma, gemendo com frio, atabafada, encolhida no leito. Jorge que, em caminho, interrogara o pagem, reservou-se com a tia.

Sentado, passeiava os olhos pela sala que o grande sol illuminava, prestando-se ao exame commovido de D. Julia que o admirava, dissimulando sorrisos. Mas um grito vibrou; o moço, com um estremeção, voltou a cabeça e boquiaberto, num hiato de horror, fitou a tia:

— Não é ella, meu filho, descança. E' algum dos pequenos. Ella tem passado melhor ultimamente. Falaram, então, do começo dessa desgraça e Jorge relatou a scena que tivera com o correspondente na vespera de partir. E como viajara, cheio de cuidados, imaginando o tristissimo espectaculo que teriam seus olhos quanto avistassem a mãi desgrenhada, a agadanhar-se em accessos de loucura. D. Julia ouvia meneando com a cabeça e, como o moço suspirasse, calando-se, convidou:

— Vamos vel-a, meu filho. Elle, porém, apezar da saudade e do desejo intenso de ver e de beijar a mãi, resistia procurando delongar o momento cruel, e já entristecido pelo silencio funebre da casa, onde mal soavam os passos das escravas que iam e vinham em pontas de pés, continha o pranto que lhe subia aos olhos. Mas, como a tia insistisse, levantou-se e seguiu-a pelo corredor monastico, sombrio, onde crioulinhos nús dormiam deitados em esteiras.

As paredes humidas tresandavam e eram frias como lapides e como Jorge passasse diante de um cubiculo, um bacorinho assustado fugiu aos galões, grunhindo, atravessando a sala de jantar onde mucamas trabalhavam.

D. Antonia, sentada no leito, os cabellos amar-

rados no sinciput, lidava com pannos quando escravos appareceram á porta.

Ouvindo falas levantou a cabeça, e como o filho assomasse á entrada, a louca foi entreabrindo os labios, abandonando os trapos lentamente; as mãos crisparam-se-lhe, os olhos baços e frios foram, aos poucos, ganhando claridade como se lhes voltasse a primitiva luz. O moço avançava, mal contendo a emoção; D. Julia seguia-o. As escravas ficaram de pé, junto á parede núa, olhando, ora a mãi, ora o filho com curiosidade commovida, á espera de que a pobre louca reconhecesse quem tantas vezes chamára aos gritos. Jorge, entretanto, caminhava sem que ella demonstrasse reconhecel-o. Parecia assustada diante daquelle homem que avançava encarado nella. Repuxava machinalmente as roupas para o collo, sem tirar os olhos do filho, temendo-o e a physionomia foi-se-lhe transfigurando: rugas cavaram-se, os labios agitavam-se em tremuras, e encolheu-se quando o moço ajoelhou-se junto ao leito procurando-lhe a mão para beijar.

— Então, mamãi? Não me conhece mais? Jorge, seu filho...? E mirava-a bem nos olhos como se procurasse descobrir-lhe nas pupillas um resto da luz meiga de outr'ora, luz que as lagrimas copiosas pareciam ter apagado para sem-

pre. Mas D. Antonia, como se despertasse de um sonho, achando-o na vida real, perfeito e exacto, inclinava-se fitando a vista, por sua vez, no filho, bem perto, como para convencer-se e os olhos extremosos encontravam-se: dois abrasados, dois outros humidos e ternos.

Elle sorria, ella mirava-o duramente como cravando a vista no intimo para achar o sonho, o bom sonho perdido que parecia revelar-se aos poucos. Por fim acenou á D. Julia, ás escravas. Cercaram-na em silencio e ella, baixinho, balbuciando, a apontar o filho, indagava:

— E' Jorge? E as mulheres affirmavam. Ella insistia: E' Jorge? meu filho? meu filho de muito longe, de lá? e estendeu a mão, num gesto lento, marcando a distancia intermina que ella sonhava, e de novo as mulheres affirmaram. Curvou-se mais, tomou nas suas as mãos ambas do filho, beijou-as, mirou-as como se as quizesse reconhecer, depois voltou-lhe a cabeça; examinou-o numa face, depois em outra, alisou-lhe os cabellos e, docemente, beijou-o sorrindo. Voltou-se para D. Julia, mostrou-o orgulhosa, derreando-lhe a cabeça para que todas vissem-lhe o rosto varonil; mostrou-o ás negras: Meu filho! Jorge; e sempre sorria: Meu filho!... Era pequenino assim; e espalmou a mão no ar. Subito, quasi com

a boca sobre os labios delle, perguntou: E teu pai? teu pai? Hontem, quando partiste, elle estava aqui; e bateu no leito. Jorge olhava-a compadecido. Teu pai não tarda. Olha o chapéu delle... e apontou para o cabide. Não tarda. Vais vêl-o. Queres vêl-o? Espera... Mettendo, então, a mão no seio saccou um punhado de papeis, desenrolou-os e, mostrando ao filho uma gravura amarfanhada e rota... Estás vendo? teu pai, não é?...

Lésta, desceu da cama, os cabellos desenrolaram-se-lhe cahindo-lhe pelas espaduas em ondas veneraveis e ella ia para sahir quando as escravas tomaram-lhe a frente. Afflicta, frenetica repellia-as:

— Ah! ah! Que coisas! Deixem-me! Vem, meu filho... Parou e como se ainda tivesse duvidas, perguntou: Não é meu filho? E', sim. Então! Vem, vem, vem! E, como Jorge avançasse, estacou com os olhos immensos, desvairados, a medil-o dos pés á cabeça. Um sorriso ironico nasceu-lhe nos labios que empallideciam, torcia as mãos, agitava a cabeça escancarando a boca agoniadamente. Subito, num rapido movimento, arrancou um pedaço da renda do casaco e ria nervosamente, mostrando as gengivas vermelhas. As escravas encaminharam-se para junto

della, contiveram-na com meiguice; ella, porém, trincando os labios, arremettia arquejando, debatendo-se; e entrou a balbuciar. De repente, apertando a cabeça a mãos ambas, pôz-se a chamar o esposo, aos gritos: — Velho! Meu velho! Meu Jeronymo...!

Jorge, em soluços, foi arrancado do quarto pela tia que o consolava:

— Ah! meu filho, coitadinha! antes a morte!

E elle, soluçante:

— Antes, tia Julia. Antes a morte, coitada!

E os gritos repercutiam dolorosamente.

Num dia de Maio, tépido e translucido, D. Antonia, que a fraqueza consumira, repousou na morte serenamente. A madrugada rosea e fresca nascia quando seus olhos foram perdendo o fulgor da loucura. O padre Joaquim que, entre as suas capellanias, preferia a da *Mesopotamia* pela grande virtude das senhoras e pela abundancia das merendas, chegara na vespera, na sua bestinha ruça, com o breviario, mas apezar dos rogos reiterados de D. Julia, negou-se a confessar a moribunda, comprehendendo a impossibilidade de despertar a memoria naquelle espirito obscuro. Absolveu-a, certo de que o bom Deus havia de recebel-a na sua gloria, porque alma mais pura não passara pela vida sempre acima das torpezas

do mundo. Absolveu-a para que o Dr. Cancio tentasse os derradeiros recursos da sciencia, posto que não lhe parecesse possivel arrancar aquelle corpo, já frio, ás garras da morte. Encantoou-se toda a noite e, estirado em fofa poltrona de couro, roncou beatamente, as mãos em cruz no ventre empanturrado, a boca escancellada. De quando em quando acordavam-no para uma collação e elle, rosnando, fungando, atirava-se ás bandejas, perguntando baixinho ás negras: «Se a boa senhora já havia descançado?» E engurgitava e dormia.

O medico, como Jorge o interrogasse, assustado com a immobilidade da mãi, que nem um tremito agitava — apenas os olhos rolavam afflictos, cheios de ancias — sentenciou: «Que tudo estava acabado. Nada mais se podia fazer: ella estava inanida, a consumpção levava-a». Ajoelhou-se então, tomou as mãos geladas da moribunda e cobriu-as de beijos.

A madrugada nascia, rosea e fresca, quando os olhos de D. Antonia foram perdendo o fulgor da loucura, tornando-se baços como se uma bruma os velasse. A orthopnéa progredia e o medico aconselhou que abrissem todas as janellas ao ar puro da manhan; tomou o pulso á louca e afastou-se vagarosamente, desanimado.

Houve, entretanto, uma grande esperança: voltavam os movimentos á enferma, as faces readquiriam a côr e ella entrou a jogar com a cabeça mollemente, em balanço, sorrindo. Depois, como se alguma coisa lhe empannasse a vista, chegou as mãos aos olhos e, imaginariamente, tirava das pupillas as nuvens que lhe turvavam a claridade e jogava-as para os lados abandonadamente. Pestanejava, arquejava; os movimentos foram-se tornando brandos, por fim os braços cahiram-lhe estendidos ao longo do corpo, poz os olhos em alvo, cerrando a boca, contrahindo a face.

D. Julia, que se prevenira com velas e com o crucifixo, correu ao leito e, de joelhos, pousou sobre o peito magro da cunhada a imagem, esperando a agonia, mas a morte não havia conseguido ainda a victoria suprema e só ás 11 horas da manhan, á grande luz que entrava em jorros pelas janellas, ella expirou sem agonia, cerrando as palpebras.

Padre Joaquim adiantou-se e abriu o breviario diante da morta. As negras ajoelharam-se persignando-se. Os cirios crepitavam, o padre resmoneava no silencio funereo com um zumbido monotono de bezouro e fóra, á luz vivida do meiodia, nas moitas que enfeitavam as terras fecun-

das, cantavam tristonhamente as pombas meigas.

Jorge, de pé, os braços cruzados, olhava o cadaver e, terminada a cerimonia religiosa, deixaram-no só com a mãi para os eternos adeuses. Foram sahindo lentamente e elle achou-se abandonado diante do corpo livido e gelado, que a morte desfigurava.

Ajoelhou-se, e duas longas horas haviam corrido quando D. Julia foi arrancal-o á dolorosa agonia, annunciando-lhe, com um beijo, «que iam vestir a morta». Elle limpou os olhos macerados, beijou os cabellos brancos, as palpebras, as mãos hirtas da mãi e sahiu por entre as negras que o miravam compadecidas com os olhos cheios de ternura e de pasmo. Fóra, na varanda, padre Joaquim e o Dr. Cancio bramiam contra a infamia de Macedo Prates, que se bandeara com os liberaes. E um carro de bois sahia do terreiro carregado de milho, rinchando estridentemente. O esquife sahiu na manhan seguinte, sob o orvalho, ao hombro de escravos até o cemiterio. Jorge acompanhou-o a pé; um pagem levava o cavallo para a volta e, entre casuarinas e rosas bravas descançou o corpo. Vieram dias amargos de tristeza e tedio nesse silencioso e silvestre retiro, entre mattas e aguas.

D. Julia definhava á sombra dos vetustos muros, que haviam presenciado toda a vida atormentada da familia. Fazia-se beata, passando horas e horas na capella ou a ouvir as palavras unctuosas do padre Joaquim, sempre entourido, arrotando acepipes: boa caça, bom vinho, boas hervas e parabolas dos livros de religião. Jorge, de vez em vez, abalava para o Rio, a pretexto de estudar os progressos do seculo e voltava magro, com o figado dolorido e uma carga de livros.

D. Julia, sentindo-se isolada, teve um dia a lembrança de visitar as terras nataes, a sua aldeia, onde viviam sobrinhas á sombra de vinhedos. Jorge apontou-lhe as inconveniencias da viagem — a travessia lenta, o trabalho de fazer-se amar, a luta com o duro inverno, ella que se affizera ao sol dos tropicos, sem nunca ter ouvido os uivos dos ventos carregados de nevasca e, principalmente, o abandono em que elle ficava, sem pai, sem mãi, sem amigos, naquellas solidões onde, raro em raro, um caminhante apparecia pedindo pousada por uma noite como no tempo hospitaleiro e antigo dos patriarchas.

Ella, emtanto, insistia queixando-se do Brazil, que sempre lhe fôra ingrato e accusando saudades da Patria donde o irmão a mandara vir,

ainda criança, tirando-a ás ondas louras e cheirosas dos trigos, ás esfolhadas e ás vindimas alegres. Tinha lá terras e parentes e não ficaria, como a irman, dormindo eternamente em terra estranha. E, para fazer calar o sobrinho, ajuntava, com beatice, que havia promettido subir a escadaria do milagroso Bom Jesus, em promessa, quando adoecera dos olhos.

Em Março, para alcançar a primavera no campo natal, abraçou com lagrimas o sobrinho e seguiu, promettendo annunciar a volta logo que houvesse saciado os olhos de paizagem.

Jorge resolveu então deixar definitivamente a fazenda, vendel-a para nunca mais tornar áquellas terras fataes. Os lucros accumulados davam-lhe para viver em paz abastada no Rio ou peregrinando pelo mundo em viagens estudiosas. Decidia-se, principalmente para fugir á devassidão oriental a que o forçavam as mucamas que, uma vez recebidas reservadamente nos seus aposentos, tomavam-lhe todas as horas, não lhe permittindo um instante de concentração e silencio.

A's vezes, ao alarido de vozes iradas nos compridos corredores acudia, intervindo em disputas obscenas entre escravas; e as historias das suas noites desceram ao commentario das senzalas. Os negros sorriam e, protegidos pelas filhas que

faziam parte do gyneceu, cahiam em madraçaria provocando impetos furiosos do administrador severo que, de vez em vez, para exemplo, mandava amarrar um delles á escada e assistia á surra, impassivel como um inquisidor, surdo aos gritos, ás preces, indifferente ao sangue que espirrava dos talhos do relho.

Apezar da rispidez e dos açoutes a desmoralisação e o desrespeito cresciam. O gado amanhecia preso, berrando e, ás vezes, o sol ia alto no céu e ainda os campeiros dormiam, estafados dos caxambús nos terreiros das fazendas visinhas.

Uma tarde, porém, como andassem a coroar o café, levantou-se no eito atroante vozeria, as enxadas cruzaram-se, houve sangue e o feitor negro, Anthero, um colosso de máus bofes, sanguinario e vingativo, cahiu morto com um profundo golpe no craneo. Houve castigos crueis — negros foram aferrolhados ao tronco a pão e agua; outros tiveram as costas lanhadas, gargalheiras e manilhas sahiram das tulhas. Jorge revoltava-se com aquellas barbaridades, mas o administrador negou-se a perdoar os rebeldes.

— Que se não tratassem de oppor um paradeiro aos desaforos daquelles cães seriam um dia forçados a batel-os a tiro, porque eram capazes de tudo.

Amofinado escreveu aos correspondentes para que annunciassem a *Mesopotamia:* tresentos alqueiros de terras, engenhos, paióes, gado e duzentos e cincoenta escravos. Mezes depois, com grande espanto do mulherio e dos negros, um velho medico atravessava a porteira com a familia para tomar conta da propriedade que adquirira.

Jorge retirou apenas alguns moveis: o grande Christo da capella, um lustre de bronze, peça de grande valor, trazido do Porto pelo pai, e sem adeuses, sem saudades, partiu para o todo sempre desse valle merencoreo. Installou-se no Rio, e, como pensasse em sahir para o estrangeiro, deixou-se estar num hotel occupando vastos aposentos, com um criado apenas.

IV

Avido de novidades, á cata de sensações requintadas, precipitou-se na vida tumultuosa e estroina dos theatros e dos *boudoirs*, gastando e gosando com ostentação.

Experimentou todos os vicios, ganhando tédio, em pouco tempo, ás távolas, aos bastidores e ás mulheres. Apurou-se em elegancias, frequentando salões onde a sua palavra ganhou celebridade pela doçura melancolica com que elle a emittia dando aos factos mais simples, mais vulgares, o encanto, o interesse de uma narrativa. E se lhe gabavam as phrases, de uma simplicidade rebuscada, encolhia-se em timida modestia attribuindo á benevolencia galante das senhoras taes encomios: «Se elle tinha a dicção aspera de um serrano!...»

E sorria cofiando maciamente a barba fina.

Disputavam-no. Era o primeiro convidado para todas as festas, indispensavel nas partidas campestres, nos pic-nics insulares. Quando apparecia no Lyrico, esguio e correcto na sua casaca, sempre florida com uma rosa rara, collos opulentos arfavam cheios de ancias, olhos accendiamse, faces ruborisavam-se.

De um saráu em casa de certo ministro inglez datava a sua primeira aventura galante.

Uma esplendida loura, de Edimburgo, alva como as camelias, de olhos divinos, doces e pensativos, onde pareciam passar visões romanticas, Emma Jekins.

Depois de uma valsa celere, arquejante, o collo farto ondulando como uma grande vaga forrada de espuma, ella deixara-se levar pelo seu braço ás aléas frescas e olentes do jardim e ali, no rechego das ramas, á luz alta e timida das estrellas, emquanto os violinos gemiam, languida, vencida, deixara-se beijar longamente, amorosamente, apertando com os seus braços nús, de uma frieza glacial, o busto amado de quem lhe furtava o primeiro beijo criminoso.

De então novos dias começaram; horas de amor num retirado e idyllico chaletsinho das Laranjeiras onde a escosseza, em assomos lubricos,

delirante e apaixonada, desnudava o lindo corpo branco e avido de volupias. Mas a sorte da politica arredou-a, com o marido, para os gelos da Dinamarca e o coração solitario de Jorge resentiu-se tanto desse desprendimento que, nos salões, as senhoras mal o viam chegar melancolico e grave, lamentavam-no com ironia ciumenta pela desventura de ter perdido a sua linda «flor de neve.»

Nem tão longas foram as penas de amor que atrophiassem o coração de Jorge.

Mezes depois — ainda a alcova das Laranjeiras rescendia a skine, que era o perfume de Emma — e já o seu coração pulsava com violencia por uma ingenua viuva, Laura Simas, de dezoito annos, loura e alva, o rosto lindo, tristemente ennevoado pelo crepe que mais realce emprestava á alvura suave da cutis e á meiguice dos olhos, que elle, encantado, achava semelhantes a duas estrellas azues brilhando dentro da noite negra.

Vira-a recatadamente em casa de uma familia amiga, com uma criança nos braços, ainda chorosa e dolorida, falando do desastre que havia orphanado tão cedo a innocentinha. O esposo, engenheiro, adorava-a; vivia por ella e para ella, lutando, arriscando-se a tudo no intuito de ganhar larga fortuna que lhe pudesse garantir

os dias futuros em abundancia e luxo. Mas levado pela intrepidez, fazendo avançar por um viaducto mal seguro uma locomotiva de experiencia, pagou com a vida a temeridade. Seu cadaver, encontrado em tassalhos, de mistura com as peças da machina, num fervedouro do Parahyba, veiu em carro funebre para o Rio e jazia entre cyprestes na encosta de uma rampa, no Cajú.

Laura, com um anno apenas de casada, cobriu-se de luto, recolhendo-se solitaria ao leito nupcial, fechada para o amor, toda para a filhinha, que lhe ficara como um anjo consolador para o seu coração amargurado. Mezes correram sem que ella apparecesse, até que, a conselhos de parentes, resolveu sahir para combater a pallidez que ia ganhando na vida sedentaria de clausura e de solidão, quasi em mattas, porque habitava um predio proprio no Cosme Velho, ensombrado por velhas arvores, adormecido pelo murmurio de uma fita dagua limpida.

Jorge encontrou-a ainda atristurada e a sua melancolia impressionou-o. Ouvindo-a, achou alguma coisa de elegiaco na sua voz lenta, cheia de fadiga, como se lhe custasse arrancal-a da tristeza. O olhar tinha uma santa bondade, e como parecia resignada sua alma juvenil, tão meiga na angustia, deixando acreditar que ella

recebera o golpe sem revolta, curvando a cabeça á Vontade Suprema!

Amou-a.

Frequentava a casa amiga, onde ella era assidua e, se a não via, indagava, insistindo com astucia para que a mandassem buscar, que a não deixassem isolada — podia vir a soffrer, apaixonada como era e tão cheia de reservas castas.

Tornaram-se intimos, mais os ligava a criança que se lhe affeiçoara saltando-lhe nas pernas, babujando-lhe o rosto com a boquinha ávida e côr de rosa, cheirando a leite.

Foram cahindo, pouco a pouco, as trevas funebres do luto e a sua belleza reapparecia num amanhecer para a vida, para o amor, como a natureza, ao partir da noite rociada, reapparece cantante e florida para a germinação. No oriente da sua boca os olhos voluptuosos de Jorge demoravam. Longo idyllio em silencio! Longo idyllio calado, feito de olhares furtivos e de ambições contidas. Uma noite, como ella se resignasse a occupar o piano, elle acompanhou-a para voltar as paginas da musica e, por entre accórdes de uma sonata triste, falou timidamente, como se receiasse offendel-a na sua saudade, dizendo-lhe quanto soffria com a indifferença do seu coração fechado. Ella empallideceu e seus olhos lindos pa-

raram em extase apaixonado fitos nos delle. A sonata morreu em fugitivos tremulos, e como a ama apparecesse com a pequena que esperneava, ella passeiou olhares mostrando-lhe, com um raio meigo da pupilla azul, a filha, como um embargo ao amor que elle lhe offerecia, a filha do morto, a alma, por assim dizer, do que partira. Elle, emtanto, commovido, tomando a criança nos braços, baixinho, mais com a ternura do olhar do que com as palavras, disse: «Será minha tambem...» e como beijasse a pequenita, ella com as faces incendidas, baixou os olhos castos sobre o marfim do teclado, passeiando os dedos distrahidamente, somnambulicamente.

Dias depois, em todo bairro, falava-se do casamento afortunado da viuva Simas e Jorge, em azafama, cuidava dos papeis, corria aos estofadores escolhendo moveis e pannos raros para o aconchegado ninho de amor, onde, em breve, arrulharia a meiga e candida viuva. E casaram.

V

A cerimonia, em capella particular, não teve pompa: poucos carros. Laura, por um sentimento de delicado pudor, para não dar margem aos commentarios da maledicencia, exigira nupcias modestas.

Não houve banquete; apenas algumas senhoras e cavalheiros de alta estima saudaram os noivos em convivio intimo. A's onze da noite, já a cidade dormia, partiram em carro fechado para o retiro nupcial que elle forrara de pelles molles e ornara de moveis antigos, na praia de Botafogo. Correram mezes de amor fremente: mal se apartavam, sempre enlaçados, olhos nos olhos, labios nos labios; nem sentiam a passagem das horas rapidas e entre elles a pequena crescia garrula e traquinas, entrecortando os colloquios amaveis com os seus tartareios ingenuos.

Mas amortecendo pela fadiga a ancia lubrica, foram desapparecendo os disfarces e a intimidade estreita poz em claro o ficticio: os caracteres accentuaram-se. Laura, como derreada, amollecia em sestas prolongadas, indifferente á filha que caminhava pela casa, os bracinhos abertos, tartamuda e tropega. Sempre amuada, melancolica, queixosa, procurava a solidão para evitar encontros com os criados, com os quaes andava em rusgas constantes, despedindo-os, posto que, em dias de garrulice, tomasse-os para confidentes contando-lhes sonhos que tivera, interrogando-os sobre os visinhos intimamente, como de igual para igual. A's vezes, porém, frenesis subitos sacudiam-na toda em choques de ira: chorava, recolhia-se aos seus aposentos e, se o marido subia a procural-a, recebia-o mal, deixando-o sem resposta, reclinada no divan, o rosto na palma da mão, balouçando nervosamente a perna, o olhar errante, cheio de scismas, fulgurando em odio.

Leituras despertaram-lhe idéas lyricas. Impressionavel, delicada, parecia soffrer e amar com os seus poetas, transportando-se espiritualmente aos lugares que elles descreviam: lagos daguas alvadias prateadas pelo luar; castellos em cuspides de rochas donde fugiam arpejos brandos de sonatas; balcões enflorados de rosas e de madre-

silvas; e com os olhos humidos, ebria do effluvio que se desprendia dos versos apaixonados, sentava-se á escrevaninha de páu-rosa compondo estrophes banaes de rimas frageis sobre estrellas e flôres. Traduzia Musset, imaginava romances, dramas nos quaes pudesse recapitular transes de sua vida. Deixava-se surprehender pelo marido e amarfanhava o papel quando fingia percebel-o, não tanto que elle não pudesse ler os seus escriptos, e de olhos baixos, brincando com a penna, desculpava-se: «Que sonhara aquillo.»

Jorge, a principio, applaudia acorçoando, com palavras encomiasticas, a sua Musa delicada; por fim deu em passar indifferente, se a via debruçada sobre o papel, a fronte nas mãos, como em meditação.

Por isso, talvez, a lyra foi esquecida; os livros dormiam fechados nas estantes. Dedicou-se ao canto com afan: romanças languorosamente gorgeiadas ao piano, arias de operas, barcarollas sentimentaes. Compoz, procurando imitar a dolencia apaixonada de Chopin, e um dia, farta de isolamento, agarrou-se ao marido lembrando-lhe a vantagem de abrirem os salões de quando em quando, mesmo para que ella tivesse uma preoccupação que a levantasse daquella indolencia inerte em que vivia. Jorge cedeu, e Laura, esplendi-

damente decotada, rutila de joias, com á graça senhoril de uma solariega, surgiu no esplendor da sala, assistida pelos galanteios, seguida pela inveja cruel que os olhos femininos mal podiam disfarçar ao verem-na triumphando. Elle carteava o voltarete emquanto a mulher, em airoso caminhar, passava de grupo em grupo, esparzindo phrases de espirito, commentando factos antes que os accórdes do piano fizessem calar os murmurinhos para que se ouvisse o pianista classico ou a voz modulada de uma amadora celebre.

Começaram, porém, as vozes da inveja denunciando escandalos de Laura com um sext'annista, Miguel de Pina, que a cortejava com exageros de galanteria, procurando-a, de preferencia, para as valsas ou debruçando-se ao piano, embevecido e terno, quando ella executava. Jorge, sem dar ouvidos a commentarios, olhava apaixonadamente a esposa quando ella passava, nos braços do estudante, celere, languida, girando como uma willis de lenda, até que um dia, como procurasse na escrevaninha certo papel que confiara á mulher, achou uma linda folha de velino apertando um cravo murcho, onde o doutorando, com uma letra miuda e fina, em phrases inçadas de preciosismos, descrevia a tormenta de amor que o victimava, roubando-lhe o somno e a tran-

quillidade, tornando-o indifferente aos livros porque, atravéz de tudo, nas aulas, nos amphitheatros, diante dos leitos de morte, no hospital, tinha-a sempre ante os olhos perturbadoramente. E rematava com um rosario de versos alambicados, comparando-a á amada de Petrarcha, mais formosa, ainda assim, do que a formosa *madonna*. Jorge sopitou a furia do ciume. Dobrou vagarosamente a carta e guardou-a na gavetinha onde a encontrara e, como se quizesse ler na physionomia da esposa a denuncia do crime torpe, entrou na alcova lentamente para surprehendel-a. Laura dormia, um braço estirado no travesseiro, os cabellos soltos em vagas de ouro alastrando as rendas. Seu corpo olympico accusava-se em relevos sensuaes, sob as colchas. A boca aberta, rosas nas faces brancas, os cilios longos, curvos, aconchegados, o collo alto e forte, arfando docemente. Jorge quedou contemplando-a e, por todo castigo, curvou-se, afastou-lhe carinhosamente os cabellos da fronte e beijou-a. Mas no seu coração entrara o germen aculeo dos zelos. Passava longas horas solitario, pensando, imaginando a mulher toda em ancias loucas, núa, entregando-se impudicamente nos braços do doutorando. Via-a, ouvia-a, sentindo a dor pungente dessa ingratidão e dessa deshonra e, para afugentar a

visão cruel, erguia-se, passeiava brincando com a pequena Sara, que vivia refugiada nas saias de Bá, a velha negra esteril, ama de Laura, ama de Sara, escrava ainda, posto que a menina vivesse a pedir para ella a carta de liberdade, rejeitando offertas de presentes que lhe fazia Jorge, insistente, pertinaz, chorosa: «Quero a carta de Bá! Quero a carta de Bá!» E a negra, com lagrimas, tomava-a ao collo, beijava-a. Sara fugia á mãi e, se Jorge chamava-a, estendia-lhe os braços, avida de carinhos, com tremores e sustos quando sentia os passos de Laura, que a repellia a pretexto de que a criança cheirava a gorduras por não deixar as negras, vivendo como uma escrava, sempre encafuada na cozinha. Jorge afagava-a, beijava-a, distrahia-se com ella.

Um dia, entrando em casa, ouviu gritos agudissimos, vozeria, lamentos. Precipitou-se. Na sala de jantar Bá, a velha negra, ajoelhada, a fronte escorrendo sangue, segurava um ferro de engommar que Laura puxava bradando: que o deixasse. Sarita, os bracinhos passados pelo pescoço da ama, batia os pés, sapateando, o rosto molhado de lagrimas, as mãosinhas manchadas de sangue, revoltada contra a mãi: «Má! Má! Deixa Bá! Não lhe batas! Não lhe batas! Tem pena della!» Criados intervinham e todos fica-

ram immoveis, pasmados, quando Jorge surgiu á porta. Avançou interrogando, o sobr'olho franzido. Laura, longe de responder, accesa em ira, bradava:

— Que aquella negra não lhe ficava mais uma hora em casa! Vendesse-a. Não, que não havia de ter ali outra senhora. Isso não! Vendesse-a! Vendesse-a! Mas Sarita, em soluços, pedia:

— Não! Não! Não, mamãi... Bá, não! Bá, não, mamãi. Não, paisinho! E atracando-se ás pernas de Jorge, os olhinhos lacrimosos: Bá, não, paisinho! sim? E a negra, limpando a fronte com o avental, mal articulou palavras de defesa:

— Ella mesma não sabia porque se zangara nhan Laura a ponto de lhe atirar com um ferro á cabeça. Não sabia. E como Laura investisse, os punhos fechados, irada, gritando: «Que se calasse! Que se calasse!» Jorge tomou-a delicadamente pelo braço observando em segredo:

— Que olhasse, ao menos, os criados que ali estavam testemunhando aquella scena ridicula. E, para acalmal-a, comprometteu-se a vender a negra, certo de que, horas depois, tudo estaria sanado e Laura, sempre versatil, andaria com presentes e abraços, confidencias e promessas, procurando readquirir as boas graças da escrava.

Effectivamente, na manhan seguinte Laura,

ainda no leito, fez subir a ama e chorosa, arrependida, limpando os olhos, pediu-lhe perdão do que fizera, levando tudo á conta dos seus nervos irritadiços: — Ella bem conhecia o seu coração. Não dormira com remorso da brutalidade que commettera, do desrespeito porque, emfim, Bá era a sua verdadeira mãi, que a outra ella mal conhecera.

A negra, sensivel, recordou as longas vigilias que fizera com ella pequenina ao collo, passeiando de um para outro lado, a cantarolar para adormecel-a. E toda a sua infancia, os prazeres e infortunios da sua vida até aquelle dia; e sentida custou a perdoar-lhe, não tanto pela maldade de a haver ferido, principalmente pelas palavras duras que lhe havia atirado na sala, á vista dos criados, porque não se importava que ella ralhasse, mesmo que lhe batesse, mas não diante dos outros que lhe perdiam o respeito.

Sarita, rancorosa, fugia aos carinhos maternaes, resmungando, repellindo Laura com safanões atrevidos quando ella a procurava; mas lentamente a calma foi voltando á casa.

Jorge, como se o ciume accendesse maior ardencia no seu coração, sentia-se, a mais e mais, apaixonado pela mulher, não espiritualmente, sensualmente, amando-a pela carne, pela carne moça

que reçumava volupia, carne que outros olhos cubiçavam e que elle sómente possuia para todas as horas, sua sempre, sempre captiva dos seus braços. Procurava-a e, meigo, seduzia-a para o jardim onde ficavam em colloquios, como dois namorados, longas e esquecidas horas, trocando beijos, fantasiando o futuro.

Laura, porém, entediada com a felicidade domestica, monotona, feita sempre com as mesmas phrases, entre as mesmas paredes, sonhava lubricos enleios e, nos braços do marido, languida, o seu pensamento adulterava o amor: recebia os beijos friamente, sem os antigos fremitos que lhe affloravam a epiderme, sem o allucinado delirio que lhe regelava a carne. Deu em sahir, a pretexto de provar vestidos, de tratar os dentes. Recolhia-se tarde, molle, impertinente, exhausta, encerrando-se para que lhe não falassem, para que a não vissem. Exigia toilettes, joias, queixando-se da pobreza de seus vestidos, que até a envergonhavam quando sahia á rua. Contas appareceram; caixeiros de fornecedores encontravam-se no portão, aos dois, aos tres por dia e, como Jorge procurasse, por meios brandos, persuadil-a de que as despezas iam-se tornando excessivas, Laura lamentou o engenheiro, pobre, em verdade, mas franco, satisfazendo-lhe todos os caprichos,

incapaz de vexal-a com insinuações. Por fim, já extenuada, deixava-se estar no leito gemendo com enxaquecas e exigia medicos, lastimando-se da vida que levava: quasi sempre na cama e abandodonada de todos, que pareciam evital-a como se a vissem lazara. Jorge dobrava de solicitude.

Longas noites, sentado á sua cabeceira modorrava, acordando em sobresalto ao minimo movimento da mulher para indagar «se sentia alguma coisa». Tomava-lhe o pulso, buscava-lhe o thermometro e ella, com gemidos de rôla saudosa, paciente, compassiva, pedia-lhe: «Que se fosse deitar; elle não podia perder noites, era fraco. Que se fosse deitar; deixasse-a; se precisasse chamava-o.»

Elle negava-se, permanecendo até o amanhecer a seu lado, acompanhando-lhe o somno que, ás vezes, durava até tarde, tranquillo e brando como o de uma criança.

Os medicos revezavam-se. Sempre que um novo clinico apparecia Laura, discorrendo prolixamente, com abundancia de termos technicos, colhidos a esmo em leituras truncadas e em palestras, expunha a sua molestia com uma presumpção scientifica que, muitas vezes, fazia sorrir o medico e ao marido dizia, depois da consulta, com um pequenino ar de surpreza — que o doutor pas-

mara da sua erudição medica, perguntando-lhe, ao sahir — «se a collega havia cursado academias.» Eram, porém, de pouca duração os enthusiasmos, aborrecia o medico porque a refutara; chamava-o de «atrazado, de imbecil, de retrogrado; que vivia ainda aferrado aos velhos systemas, desconhecendo inteiramente os progressos da sciencia.»

Jorge deixava-a falar cedendo, sem reluctancia, ás imposições até que um dia, como se sentisse de repente invadida por um grande frio, atirando-se-lhe aos braços, soluçando: «Que a não deixasse morrer; que a levasse á Europa onde viviam os mestres da sciencia,» elle, complacente, apiedado, tranquillisou-a, promettendo satisfazel-a, e já se falava na viagem, com grande repugnancia de Bá, que tinha horror ao mar, quando, uma tarde, entrando inesperadamente na alcova, Jorge viu o seu leito maculado por um dos amigos mais intimos, Jeronymo Treves, contemporaneo de Academia, considerado, em casa, como da familia.

Estacou á porta, hirto, a tremer. Encheramse-lhe os olhos d'agua e só um grito escapou-selhe da boca escancarada: «Laura!» e cahiu como fulminado. Toda uma semana esteve em febre delirante, entre a vida e a morte, com raras in-

termittencias de lucidez. Bá e Sarita não o abandonavam, e quando a calma lhe foi voltando corria os olhos tristes e fundos pelas pessoas presentes, como se procurasse alguem que ali faltava.

Fugiam de pronunciar diante delle o nome de Laura, os medicos haviam prohibido toda referencia. Uma noite, porém, já em convalescença, elle chamou para perto do leito a menina, que o não deixava, e afagando-lhe a cabecinha loura, perguntou baixinho pela mãi. Sara estremeceu, mirou-o espantada e os olhinhos meigos foramse-lhe enchendo de lagrimas; baixou a cabeça a soluçar e atirou-se-lhe aos braços amimando-o, como se quizesse demonstrar que ella ali ficara para compensal-o da ingratidão da mãi.

Laura partiu na mesma noite levando as joias, mandando apenas, no dia seguinte, buscar as suas bagagens. Jorge, resignado, passeiava pela casa martyrisando-se com visitas aos aposentos desertos da mulher, onde ficara o aroma dos seus cosmeticos e dos seus perfumes como uma saudade voluptuosa.

Mezes depois, em uma carta escripta de Paris, Laura pedia-lhe perdão do crime, attribuindo-o á molestia que a dominava, «essa implacavel nevrose que elle bem conhecia», e accusava Jeronymo Treves que, «saciado, deixara-a abandona-

da, na miseria, entre estranhos, em uma cidade sem misericordia.» Falava das noites sem agasalho em pleno inverno gelado, na solidão e, mais do que tudo, no remorso que a minava, arrastando-a fatalmente á morte se elle não se resolvesse a perdoal-a. «Era uma louca, elle que a encarcerasse numa casa de saude que ella ainda o bemdiria, mas que a não deixasse morrer antes de ter ouvido dos seus labios a palavra de perdão, antes de ter beijado a filha.»

Jorge, apezar dos conselhos dos amigos, bem que não amasse a mulher, como jurava, escreveu mandando-lhe ordens para que voltasse; e uma noite, trabalhava no seu gabinete, quando lhe annunciaram duas senhoras. Levantou-se para recebel-as, antes, porém, de chegar á porta, um grito agudo fel-o estremecer e, quasi no mesmo instante, como se tivesse irrompido da sombra, Laura cahiu-lhe aos pés, ajoelhada, beijando-lhe as mãos, molhando-as de lagrimas, e suspendendo o véu «pediu-lhe que a olhasse, que visse pela devastação do seu rosto envelhecido quanto havia soffrido, quanto havia chorado.» Levantou-a com bondade, conduziu-a ao gabinete, convidando igualmente a senhora que a acompanhava. Sentaram-se e elle, depois de ouvil-a, não a recriminou, evitando generosamente tocar no facto que

os havia desligado, mas como Laura pedisse para vêr a filha, Jorge, mal disfarçando a emoção, disse-lhe baixinho: «Mais tarde, minha senhora... Quero poupar-lhe uma agonia...» Ella arquejou: «E Bá?» Jorge, sem dizer palavra, levantou-se e sahiu ao corredor. Pouco depois a velha negra entrava, soluçando, os braços abertos e, como visse o rosto desfigurado de Laura, prorompeu num grande choro:

— Minha filha... Ah! meu Deus! coitada de nhanhan! E as duas abraçadas soluçaram...

Quando a negra sahiu houve um grande silencio commovido. Laura interrompeu-o para pedir a Jorge «que a protegesse, que a não deixasse ao abandono, era um cadaver digno de dó...» E tossia abafando a boca com um lenço. Elle estendeu-lhe a mão sem uma palavra, mas com os olhos cheios de misericordia. E conduziu-a á porta.

Do jardim, como ella levantasse os olhos, viu uma janella illuminada:

— E' ali que ella dorme? e como o esposo affirmasse, poz-se a atirar beijos, caminhando sempre com o rosto voltado para não perder de vista as persianas que coavam a claridade.

A tuberculose prostrou-a, apezar dos cuidados de Jorge, que se desvelava nessa «obra de piedade.»

Já na agonia implorava a presença da filha, «queria vel-a para que ella lhe perdoasse.» Sarita, a instancias do padrasto, acompanhou-o até junto do leito da enferma, e, apezar da energica vontade, entrando no quarto em que Laura jazia inerte, apenas com um resto de luz nos olhos febris, pallida, os cabellos branqueando, os ossos á flor da pelle, não poude dominar o coração e a moribunda sorriu, vendo os olhos da filha, já adolescente e formosa, marejados de lagrimas. Branda, fraca, tomou-lhe uma das mãos, chegou-a aos labios seccos e volveu os olhos supplices fitando-a com enternecimento.

Sara cahiu de joelhos commovida e, como entrassem com duas velas no quarto, Jorge ajoelhou-se tambem tremulo, pallido, tomando uma das mãos alvas da mulher que expirava sorrindo.

De então, esquecendo o mundo, dedicou-se exclusivamente á educação de Sara, vendo-a crescer em graça e em intelligencia, linda e meiga: menina, flor pubere, mulher, sempre sob o desvelo dos seus olhos, sempre sob a tutela amorosa de Bá, que, ás vezes, olhando-a, desatava a chorar, calando o segredo do seu pranto, que só baixinho murmurava: «Está ficando o retrato da nhanhan.»

SEGUNDA PARTE

I

Bá, que chegara de manhan, com Innocencio, para esperar as andorinhas, ouvindo rodar de carro, sahiu á varanda em mangas de camisa, com uma toalha cruzada no busto á maneira de chale e vendo, atravez do gradil pintado de fresco, uma caleche que rutilava, bradou pelo copeiro numa ancia como se o chamasse a soccorro.

Antes, porém, que o rapaz acudisse ao clamor afflicto já um homem escancarara o portão diante de duas senhoras, uma das quaes atravessou o jardim a correr por entre os canteiros nús que reseccavam ao sol.

Era alta, esbelta, torneada em curvas rigidas, como marmoreas, denunciando uma carne sadia e moça.

Amplo chapeu de palha, de abas largas, em

toldo, florido de rosas entremeiadas de avencas, ensombrava-lhe o rosto alvo e redondo. Os olhos azues eram grandes e humidos, d'uma doçura de aguas reflectindo ceus crepusculares, em contraste com a boca vermelha, dum corte ondulado, sensual e altiva, entreaberta na respiração cançada, deixando ver os dentes alvos, unidos, postos com a perfeita ordem duma cravação em joia.

Lesta, arqueando os braços em lyra, tirou o chapeu e a cabeça fulgurou num esplendor d'ouro fulvo.

Sentia-se-lhe a pelle quente e mádida e as faces ardiam-lhe em rosas vivas. Deixou-se cahir amollecidamente no banco da varanda, estirando os braços no recosto, a cabeça encostada á parede, olhos extaticos, num deliquio languido:

— O'! Bá... que calor!

— Coitada de minha filha! lamentou a negra com enternecimento, quasi de cocoras, olhando-a num enlevo maternal, os braços estendidos, como se a quizesse tomar ao collo. Logo ergueu-se, porém, ao trepidar de passos no cascalho. Era miss Kate, a professora, uma irlandeza esguia, de rosto comprido, ossudo, alvo, sardento, como de leite polvilhado a canella, com a impassibilidade de mascara. Pisava firme e forte, olhando atravéz das lentes rutilas dos oculos redondos,

de grossos aros de prata. Trazia ao collo, apertada ao seio, entre os braços másculos, uma cadellinha de raça.

Mamoaselle, como lhe chamava Bá, chegando á varanda, voltou-se para olhar a paizagem fronteira — os montes da Tijuca ao fundo e na falda campos rasos de hervas viçosas, onde mangueiras immensas, compactas, abriam oasis de sombra.

A cadellinha, mal libertou-se dos braços de *Mamoaselle,* sahiu trefega, tilintando os guizos da coleira, a farejar os cantos, mettendo a cabeça por entre as grades da balaustrada aos latidos alegres.

— Coitada de *Mamoaselle*... E Diana? veiu direitinho?

A velha negra cirandava, contente, vendo todos os seus em casa, e, agachando-se, sem poder sopitar uma expansão jocunda, espalmou as mãos nas coxas, dizendo a sorrir, feliz:

— Agora sim, nhanhan... Agora estamos no que é da gente. Ia continuar, mas uma voz interrompeu-a:

— Estás alegre, Bá. Era o homem. Alto, magro, nervoso, a tez morena de mosarabe. O rosto profundamente sulcado, como a buril, tinha uma expressão de energia serena. Os olhos fundos eram tristes e rebrilhavam.

Os cabellos brancos rareavam devassando a fronte; fartos bigodes grisalhos escondiam-lhe a boca. O andar era altivo e lento como o de um soldado em ronda.

— Não sente calor, paisinho?! Acho isto aqui mais quente do que o Cattete.

Olhou-a com um sorriso:

— Mais quente?!... Caminhou ao longo da varanda, as mãos para as costas, a cabeça alta, respirando a brisa impregnada do aroma alpestre. E miss Kate? A irlandeza lançou os olhos á montanha e voltando-se:

— Lindo, magestoso!

— E fresco...

— Fresco, sim. E dirigindo-se á Sarita: Muito fresco! muito!

Esticou o pescoço girando a cabeça como para deixar entrada franca á aragem até o seu collo secco.

— Pois eu acho horroroso! concluiu Sarita levantando-se.

A casa estava ainda em desordem: moveis amontoados, pannos dispersos. Tresandava a terebinthina.

A mesa de jantar, de canella escura, estava em parte coberta de crystaes; em uma das portas desembaraçada alvejava a toalha.

No chão grandes cestos de louça, volumes embrulhados em jornaes; o soalho todo coberto de palha e, encostado a um angulo da sala, o grande relogio tinha os ponteiros adormecidos sobre as onze horas. O guarda-pratas vasio, os trinchadores apinhados de pacotes; galerias de carvalho amontoadas, vasos, tapetes e, sobre todo esse cahos de mudança, o sol, que entrava por seis amplas janellas, alastrava scintillações das taças enfileiraradas entre vasos da China e faianças portuguezas. Canarios assustadiços saltavam nos poleiros das gaiolas chilreando. A cadellinha inspeccionava a casa, ia e vinha, desapparecia, voltava, de focinho baixo, farejando os cantos, os moveis como se os reconhecesse.

Bá desculpou-se do desarranjo com a attenuante da idade — já não tinha forças, mal podia com as pernas e Innocencio era um estabanado, um quebra-tudo. O moleque encantoara-se no vão de uma janella e olhava, ora a negra, ora a ama, com um riso alvar, torcendo um guardanapo. Sarita e Miss Kate sentaram-se. Bá, solicita, indagou: Se não tinham fome, era tempo...

— Já almoçámos, disse o homem que, de olhos altos, admirava o estuque do tecto, os medalhões das paredes e, de quando em quando, debruçando-se a uma das janellas, atirava o olhar ao lon-

ge, campo afóra, ou pelo dorso nemoroso das montanhas, em cujos mattos as folhas claras das embaúbas punham manchas de prata, e contemplava com um regalo intimo de misanthropo que encontrasse, alfim, o silencio, a solidão ideal. Estalaram palmas.

— Devem ser os homens. O moleque sahiu á varanda com um ranger aspero de sapatos novos.

— Dr. Jorge Soares?

— E' aqui mesmo. Entrem.

A' porta da sala apinharam-se quatro homens robustos. Mal deram com as senhoras: Sarita e Miss Kate que repousavam, acaloradas, descobriram-se como se houvessem avistado santas e, com respeito, atravéz das barbas ruivas, selvagens, um delles, espadaudo e grosso, a pelle das mãos gretada e aspera, sussurrou: «Boas tardes!» e os outros, em surdo unisono, acompanharam-no. O doutor recebeu-os com o relogio na mão:

— Para as dez da manhan, meus senhores...

— Viemos um poucochinho tarde, viemos, sim, senhor; mas vossoria ha de nos desculpar; tivemos uns moveis a embarcar. E, noutra voz cheia de convicção: Mas ha tempo, senhor doutor... Póde estar descançado que antes das cinco está tudo prompto.

— Pois vejam isso...

— Quer vossoria que a gente comece cá por baixo ou pelos dormitorios?

— Pelos dormitorios, naturalmente. E voltando-se: Não achas melhor, Sarita?

— Para mim é indifferente, respondeu a moça com frieza, sem levantar os olhos.

— Pelos dormitorios, disse o doutor aos homens.

— Recuaram os quatro para junto do banco, na varanda; despiram os casacos, desembrulharam pacotes de onde rolaram ferros e entraram pela sala em grupo compacto, com olhares para a direita e para a esquerda, mirando tudo, calculando o trabalho.

— Vai com os senhores lá a cima, Innocencio; ordenou o doutor.

O moleque tomou a frente e, pelo corredor, depois pela escada em caracol, que levava aos aposentos superiores, soaram passos fortes.

O doutor aproximou-se de Sarita e, alisando carinhosamente os cabellos finos que, em pennugem, douravam-lhe a nuca marmorea, indagou: «Se estava triste, que tinha?» A moça desviou a cabeça em amúo, revoltada contra a precipitação da mudança.

— Podiam ter feito tudo com calma, sem aquelle incommodo de passar um dia inteiro aba-

fada em sedas, entre montes de palha e lotes de porcellanas. Pareciam ciganos. Era sempre assim por causa da maldita mania das pressas, a azafama atabalhoada, o atropello impaciente. Bem que a podiam ter deixado em casa da Nicota, com Miss Kate, mas não! Sempre as teimas: Vamos! vamos! vamos! Um calor daquelles e ella de luvas, a aborrecer-se, suando que já não podia mais.

Em cima atroaram pancadas e Sarita revoltou-se: Podia lá com aquillo! Um cheiro de tinta que atordoava e aquelle barulho... E depois era ella a imprudente, a teimosa. Arrancou d'escorcho as luvas e, cravando o cotovello na mesa, encostou o rosto na palma da mão, deixando os olhos errarem pelas paredes. Fóra, num flamboyant florido de purpura, uma cigarra estridula cantou. O doutor, muito brando, sorria para Miss Kate sem ousar interromper a torrente impetuosa do máu humor da moça. Acenava com a cabeça branca e nobre como a dizer: «Deixal-a! que fale!» A irlandeza, porém, interveiu com a ascendencia da sua palavra atormentada pelos *rr,* cortada de haustos:

— Que não se aborrecesse; em pouco estariam descançadas e no conforto. Eram sempre assim as mudanças. Mas como arrastassem moveis em cima, Sarita irrompeu nervosa:

— Até já estava com dor de cabeça. Uns brutos! Parecia que estavam quebrando tudo.

Bá, attrahida pela discussão, adiantou-se humilde, temendo uma revolta da moça. Deixou-se estar á distancia, encostada ao humbral da porta do corredor, a mão no rosto, ouvindo. Sorria, mas á ultima explosão de Sarita, não se dominou e docemente, com a voz lamurienta, pediu:

— Não se zangue, nhanhan...

— Ahi vem Bá! Você tambem é outra das pressas. Não hei de zangar-me.

— Está bom, está bom... disse a velha negra, dando uma volta e partiu para a cozinha arrastando as chinelas, a resmungar contra a ingratidão, recordando o «muito que aturara da moça desde o berço até áquella idade para aquillo. Tudo era Bá...! Não havia de aborrecel-a muito, mas, quando morresse, então sim haviam de arrepender-se, de ter saudade. Então sim... Oh! Bá... Seria tarde!» Miss perdeu a sua gravidade ouvindo a negra chorosa, e Sarita sorriu irresistivelmente. A borrasca cedeu com uma derradeira accusação á ama:

— Ah! tambem! tão intromettida!

— Furiasinha! disse-lhe meigamente o doutor. Furiasinha!

— Furiasinha...! Você é sempre assim, paisinho.

— Pois sim, pois sim; mas, se não tivesses vindo, se tivesses ficado em casa da Nicota tinhamos, amanhan ou depois, scena peior a pretexto de que eu não soubera arranjar teu quarto ou o de Miss Kate ou mesmo o meu. Assim estás aqui e tu mesma dirás como queres a tua cama: ao centro ou encostada á parede e os teus moveis de toilette. Darás o plano do teu gabinete, o lugar da estante, o lugar da escrevaninha, o canto para o divan; porás em ordem os teus bibelots, as tuas tapeçarias. E sorrindo: até farás com que eu consiga ter um escriptorio de gosto, ajudando-me a compôr os trophéus d'armas e a dispor as telas e os *bronzes*.

Miss Kate ouvia calada e, de vez em quando, seus olhos enternecidos, abrumados em nostalgia, erguiam-se para o rosto moreno do doutor, mas logo os baixava timida, velando-os castamente, sob os cilios louros. E elle, em mudez, contemplava enlevado, como num extase de amor, os lindos fios de cabellos que esvoaçavam sobre a cabeça dourada de Sarita, donde subia um suave aroma. Por fim disse:

— Estás aborrecida? Tens razão, minha filha. Mas, se é só porque te sentes mal nesse ves-

tido, porque não o despes? Tens ahi a tua roupa. Recolhe-te a um desses quartos e põe-te á vontade. Queres?

— Não.

— E a senhora, Miss Kate?

— Oh! não! Estou bem; espero.

A professora levantou-se, correu os olhos pela sala e sahiu á porta da varanda, cuidadosa, preoccupada, espiando debaixo da mesa, pelos cantos.

— Que é?

— Diana...

— Deve andar por ahi; e o doutor, castanholando, poz-se a chamar: — Diana! Diana! e Miss tambem, empertigada, com os olhos no corredor, chamava: Diana! E a cadellinha surgiu dentre as sanefas das galerias, rebolindo-se, de rastro e esticando-se nas pernas, poz-se a latir. Miss agachou-se, tomou-a ao collo alisando-lhe o pello.

Sarita, no emtanto, deixara-se ficar mollemente sentada, d'olhos parados, labios entreabertos, como num extase. *Mamoaselle* e o doutor debalde convidavam-na a sahir, gabando a frescura suave da tarde, a belleza do céu e dos montes que se avistavam como num fundo de scenario; ella resistia amuada:

— Deixassem-na. Estava farta de pittoresco; queria descanço. O seu pensamento errava pela

solidão da antiga casa abandonada e núa. Via-a na tristeza silente em que a deixara: as salas immensas, reboantes; os quartos enormes, mais claros depois que os homens despojaram-nos despindo as paredes, arrancando as cortinas, e a sua camara, no alto, com duas janellas: uma para o mar, de onde ella olhava, á radiante luz, o lento, sereno deslisar dos barcos que entravam, sahiam, vellas colhidas ou abertas ao vento para as travessias longas e arriscadas do oceano. Outras vezes em um immenso transatlantico, mugindo, desfraldando fumo, ou as pequeninas pirogas mergulhando e subindo na onda como troncos perdidos levados ao sabor da corrente.

Da outra janella eram quintaes, pateos de estalagens tomados pelos coradouros, telhados corridos do casario, onde á tarde baixavam casaes de pombos arrulhando.

E as suas banquetas de margaridas, os seus craveiros, os seus bogarys, a linda e viçosa mouta de violetas, quem lhes iria abeberar as raizes e refrescar as folhas á tardinha, depois da soalheira calcinante que racha e tosta a terra fecunda e queima os tenros renovos e as petalas macias?

Certos pregões habituaes zumbiam-lhe aos ouvidos, vindo de muito longe, do fundo myste-

rioso das reminiscencias queridas. E os arrepios ao pisar a areia fôfa e molhada da praia, avançando para a vaga humilde que lhe beijava os pés; os mergulhos, a voluptuosa fluctuação nas aguas inquietas, hirta, de costas, as mãos em cruz no peito, os olhos cerrados, como adormecida, levada para o além infinito dos mares. E os passeios á tarde com as Miranda e as Moretti, Heloisa Moretti, entre todas, loura e ardente, sempre risonha, muito engraçada e picante nos commentarios maliciosos. Heloisa, que a levava ao longo do cáes do Flamengo, sussurrando-lhe aos ouvidos a historia triumphal das suas noites nos salões do Club, na frisa do Lyrico quando, attrahidos pela brancura das suas espaduas virgens, os moços seguiam-na submissos como a matilha bravia seguia pelos montes Diana, a deusa selvagem.

E conhecia a historia de todos aquelles rapazes das pensões visinhas, sabia-lhes os nomes e esfiava miudamente a biographia de todos: se eram ricos, que academia cursavam, se tinham amantes, onde costumavam passar as primeiras noites dos mezes em orgia regalada e devassa, com estouros de champagne e beijos chuchurreados entre arvores num hotel campestre, onde havia como um eterno rito nocturno de luxuria.

Mesmo de um certo Gomes Taveira, macambuzio e fechado, cheio de circumspecta moralidade, ar de pedagogo, com grandes barbas donde pareciam escorrer sentenças, sabia as partidas devassas com a Ermelinda, uma mulatinha da casa do conselheiro Brites, que ia todas as noites, rescendendo a oleos, dar tréla aos rapazes do Club de Regatas.

Heloisa! Heloisa! Resvalava para o romantismo das noites de luar, quando, estirada no divan côr de malva da sua camara forrada de pellegos molles, ouvia a guitarra de um jardineiro acompanhando fados sentimentaes; mas ergueu-se com um profundo suspiro, passou as mãos pelos olhos como para dissipar a visão e chamou a ama.

— Vem commigo, Bá. Estou que não posso. Lançou um olhar entediado á sala e seguiu pelo corredor vagarosa e triste. Miss Kate acompanhara o doutor ao jardim, cheia de ternura pelas plantas novas: mudas de rosas, craveiros. Lia papeletas fincadas na terra fôfa como pequeninas placas de um cemiterio floral, prestes a rebentar os tumulos em resurreições de aroma.

Havia um canteiro para as violetas junto ao muro, em sombra fresca; outro para as begonias raras, para os amores perfeitos, para os myosotis, e ao centro do jardim, num tanque de ci-

mento, amontoavam-se pedras limosas por entre as quaes a agua branca fluia, enchendo a piscina, onde peixinhos circulavam abrindo e fechando as barbatanas roseas.

Mamoaselle, enamorada, expandia-se sobre a frescura do sitio, sobre a lindeza da vista. Diana ia e vinha, ganindo, espojando-se na terra aos rebolos. *Mamoaselle* acocorava-se diante dos canteiros e, de vez em vez, espetando a terra, exclamava radiante:

— Olhe! olhe, doctór! já vem... Era uma moutasinha de flores miudas, atarracadas, que brotava da terra. O doutor propoz uma vista d'olhos á horta e a professora ergueu-se, sacudindo as mãos. E subiram pela aléa central coberta de cascalho escuro, com dois renques de tinas, onde verdejavam enfezadas palmeirinhas e moutas de tinhorões. Ao fundo corria uma cerca de pinho, pintada a duas côres, com uma cancella abrindo para a horta, onde os canteiros vasios, em linhas parallelas, esperavam a semente. O gallinheiro — casa e pateo; o banheiro, num chaletzinho de venezianas verdes, depois uma sebe fechando o bosque denso onde, por amor da natureza silvestre, o doutor não permittira que entrasse o machado, respeitando a velhice das arvores que dormiam tranquillamente, na grande

paz affavel dessa tarde morna e azul; apenas o encinho penteara a relva amaciando leitos para as preguiçosas sestas de verão.

Miss Kate sentiu-se attrahida pela solidão daquellas sombras tranquillas, daquellas balsas de religioso silencio onde o sol estilava a luz em nimbos, como folhas de ouro entre folhas verdes.

A paz do arvoredo denso era apenas interrompida pelo fluir da agua de um corrego que derivava num fundo pedregoso, entre barrancas muradas por bambuaes. Voltou-se risonha e confessou a sua ancia insoffrivel de repousar um momento nesse retiro, sentir a humidade do solo, o cheiro acre das resinas, fazer um ramo de parasitas. Diana roçava-se por ella festejando-a.

O doutor, para satisfazel-a, passou ao estreito caminho da «matta» e offereceu-lhe a mão para que ella saltasse um tronco que ali estava tombado, ella, porém, agil e intrepida, rejeitou o auxilio.

— Ah! não, doctór! Ergueu a saia sorrindo, passou as pernas esgalgadas e, de olhos altos, embebida na grandeza das copas das primeiras arvores, engrolou louvores á America tão rica na terra, tão formosa nos mares e nos céus. Corria pelas arvores o arrepio da brisa crepuscular e os grilos, na herva, annunciando a noite, começa-

vam a cantar trepidamente. As folhas seccas estalavam sob os passos. O doutor seguia, mas diante de um grande tronco direito, sem ramos, roliço como uma columna, deteve-se e foi derreando a cabeça para poder olhar a altissima folhagem do colosso. Por fim voltou-se para falar á professora. Não a descobriu, ficara atraz; chamou-a e, de longe, dentre os mattos, Miss Kate respondeu cerimoniosamente:

— Senhór doctór!? Mas noutra voz, infantilmente, commovidamente: Senhór doctór! Senhór doctór! venha vêr... aqui! Venha!

O doutor encaminhou-se guiado pela voz, com herva até os joelhos, e foi encontrar Miss Kate com um corymbo de glycinas, extasiada diante de uma teia de aranha tecida entre os galhos de duas arvores.

— Que linda! Parece de ouro! e mostrava a aranha que ia e vinha atarefada e rapida, correndo sobre os fios tenues. Deixaram, por fim, esse meandro intrincado e humido e foram pela picada até uma clareira circular, o tabernaculo do bosque onde viviam as velhas arvores. A dois passos o corrego fugia. Em volta do tronco colossal de uma mangueira corria um grosseiro banco de taboas já escalavradas pelos annos; o solo era todo um tapete de relva. Ao rumor dos pas-

sos um casal de rolas bateu azas ruflando. Diana latiu arremettendo e *Mamoaselle*, curiosa, indagou: — Pombas?!

— Rolas, Miss.

— Ah! rolas...! e seus olhos azues, sempre aguados, buscaram devassar o céu por onde fugiam as aves. Sentaram-se os dois. Diana acolheu-se ás saias de *Mamoaselle* e, ouvindo o sussurrar do corrego e o ramalhar do arvoredo, concordaram ambos: «Que a chacara era de uma incomparavel belleza!» Calaram-se admirando, mas o doutor lastimou:

— E' pena que não haja um pomar. *Mamoaselle*, porém, cerrando os olhos, sorriu e, pondo-se de pé, exclamou estendendo o seu longo braço para as arvores e para o bosque como se o quizesse abençoar.

— Ah! doctór! para que mais do que isto...?

E com soberano desprezo pelos frutos, pelos pomares, concluiu:

— Isto sim, isto é bello! e foram-se-lhe os olhos das raizes das arvores ás franças altaneiras. Quando recolheram a tarde empallidecia; cigarras chiavam no bosque e nos jardins visinhos. Os montes, de um azul forte, recortavam-se nitidamente como embutidos no céu. As esponjeiras, salpicadas de flores, rescendiam perfu-

mando a aragem. Na varanda, um dos homens, já vestido, atulhava o cachimbo de fumo, mas vendo o doutor adiantou-se risonho, annunciando: «Que a casa estava prompta. Tinham apenas deixado para o dia seguinte os reposteiros e as cortinas; e accrescentou — que tudo ficara ao gosto da senhora que andara com elles, a explicar.»

Effectivamente a sala offerecia um aspecto repousado e agradavel de ordem e conforto luxuoso. Hispido capacho de cerda forrava o patim guarnecido de duas tinas de carvalho esculpidas em acanthos, e o olhar alegrava-se com a frescura das paredes, d'um tom de malva, onde resahiam, com solemnidade, os moveis nobres.

Entre as étageres o guarda-pratas com as baixellas resplandecentes, os estojos dos preciosos apparelhos japonezes, o «centro» e as grandes fruteiras de prata, era como uma taboleta de ourivesaria. Em frente, num pequeno armario Renascença, de grandes lavores e tauxias de bronze e prata fosca, os crystaes fulguravam em brilhos polychromicos.

A mesa estirada pousava sobre um encerado inglez e no centro, subindo dum cache-pot da China, uma palmeira abria os leques verdes. Pelas paredes, telas viçosas de Estevão Silva, *pastels*

de Gensollen e uma paizagem ardente de Parreiras; pratos raros e a um canto, num pedestal de faiança das Caldas, uma amphora antiga — sentado no bojo, entre urzes, um pastorinho soprando distrahido a frauta rustica e nos resaltos e chanfras, pelas azas folhudas, nos bordos ourelados de hervas, por todo o vaso, espalhados carneiros adormecidos ou de pé, e em baixo, vigilante, d'orelhas fitas, o cão.

Um grande prato italiano: a quadriga de Phaetonte rolando dos céus abrazada, em pedaços, ficava por cima de uma das étageres e sobre a outra uma travessa de prata, obra antiga, de seculos, representava, em minucioso relevo, o banquete de Trimalchion no momento terrivel da entrada de Ajax partindo a duros golpes de espada o vitello cozido e, a um canto, estas palavras do *Satyricon*, que fechavam a explicação da scena:

"*Secutus est Ajax, strictoque gladio, tanquam...*"

o mais os annos haviam consumido. No canto opposto ao da amphora uma cegonha de bronze, uma pata encolhida, meditava por baixo de uma cantoneira onde Sileno, de marmore, nú e quasi a cahir, perdendo o sendal de parras que lhe encobria o ventre, emborcava com avidez o cantaro

do amo. E pequeninos gotturnios pompeianos, vasos do tempo classico, figuras pantafaçudas de bonzos acocorados.

O relogio, isolado, movia a pendula lentamente.

A' noite, alumiavam a sala quatro bicos de gaz e ao centro do tecto, descendo de uma rosacea do estuque, um grande e magnifico lustre de bronze, reliquia veneravel e rara que o doutor guardava como uma recordação duradoura da *Mesopotamia.*

Passaram ao vestibulo, pequena sala abrindo para a varanda que cercava todo esse pavimento da casa com um largo alpendre de ardosias suspenso sobre columnas de ferro galvanizado. A mobilia sobria, conventual, era toda de couro negro com pregaria de prata. Guarneciam as paredes gravuras inglezas de assumptos classicos em molduras de carvalho fosco ramilhetadas de ouro, e duas telas de um palmo: a partida aventureira de D. Quixote á luz fresca e dourada da manhan e a morte serena do heroe no catre domestico, os olhos fitos na couraça e na lança tantas vezes enristada em favor dos simples. A um canto o porta-chapéus de ferro bronzeado.

Uma pequena porta levava ao salão. O soalho, de miudos mosaicos de madeira, reluzia e os

passos deslisavam por elle como sobre a neve dos lagos congelados. O tecto admiravel era em grandes almofadas de estuque cheias de passaros e de cupidinhos nús, que pareciam debater-se presos nos intrincados rendilhamentos. A luz e o ar entravam por oito portas altas — quatro á frente, duas em cada uma das faces lateraes. Os moveis, como os dispuzera Sarita, faziam á maneira de pequenas ilhas de luxo e de paz confortavel e macia.

Para um lado, um terno de estofo escarlate com fios de ouro: o divan, as poltronas e, ao centro, sobre o alto tapete fôfo, pequenino e rotundo, o puff, onde um nelumbo desabrochava sobre aguas d'ouro, no fundo carmezi da seda.

D'um lado e d'outro as vitrinas de caprichosos feitios, ao gosto japonez, enleiadas de dragões, com as suas prateleiras carregadas de figurinhas de Saxe, de potiches do Japão e da India; antiguidades trazidas das lavas frias de Pompeia ou dos sarcophagos millenares das mumias pharaonicas, camapheus preciosos, agathas, silex, recordando as primeiras lutas da humanidade, ou uma simples pedra trazida de um pic-nic alegre nas montanhas, na qual Sarita inscrevera uma data.

Ao fundo do salão, sob o grande espelho ve-

neziano, no qual o pincel de um artista traçara toda a scena medieval do embarque de Marino Faliero para as nupcias com o Adriatico, um precioso e raro grupo de ebano trabalhado a buril com finos embutidos de bronze: sofá de alto respaldo com delicados entalhes e canneluras, cadeiras abbaciaes e, adormecendo os passos, estirava-se entre os moveis, ao peso de uma mesa de marqueterie, a pelle de um tigre real.

Na outra face a feição era a de um interior mosarabe, a fórma das cadeiras, o assento de madeira escura, em recortes, o respaldar como uma grande lyra, o vasto sofá todo embutido de pequeninas placas de marfim, mesmo um grande movel, forte como um cofre, tinha a fórma rebuscada e difficil de um portal de mesquita, das que os arabes deixaram pelas terras de Hespanha quando fugiram para as suas areias do deserto, perdendo Granada, que as lagrimas fracas de Boabdil regaram.

Acima do sofá mosarabe havia peanhas douradas e cantoneiras e um busto de infante, de marmore immaculado, rindo, a cabecinha meio encoberta pelas franjas de um chale do Tonkin. Um Persêu de bronze e um psyllo de pé, meio inclinado, a soprar a frauta electrisante para uma cobra capello que erguia a cabeça ouvindo entorpecida.

Columnas de ebano occupavam os quatro angulos e os quadros, encostados ás paredes, repousavam sobre pannos. Na sala contigua, para a qual passava-se por uma larga porta ogival, um Erard alongava-se, fechado. Estantes carregadas de albuns e a um canto, em discreta e somnolenta penumbra, uma ottomana de seda entre cadeiras douradas.

Forrando o soalho um só tapete, onde desabrochavam profusamente rosas e chrysanthemas.

O doutor esteve algum tempo olhando, por fim confessou que Sarita fizera prodigios e *Mamoaselle* arregalava os olhos acenando affirmativamente.

Anoitecia. Innocencio appareceu para fechar as portas, mas estacou ouvindo falas na saleta do piano e, como o doutor entrasse no salão perguntando pela moça, respondeu:

— Que estava lá em cima com tia Bá e o cozinheiro arranjando os quartos.

Mamoaselle, risonha, propoz uma surpreza — irem devagarinho espiar Sarita nos seus arranjos; mas soaram passos na escada e gargalhadas vibrantes.

— Ella ahi vem, Miss... E, gentilmente, afastando-se, deixou passar a irlandeza que sahiu com

palavras de elogio. Innocencio foi fechar as portas.

Sarita, num leve e fresco vestido de cassa, encontrando-os no vestibulo accusou-os de curiosidade:

— Já tinham ido espiar... mas ria satisfeita, alisando os finos cabellos das temporas. E suspirou: «Estou estrompada!» O doutor e Miss entraram a gabar-lhe o genio activo e ella, risonha:

— Está tudo prompto. Só falta pregar os quadros e arranjar o pavimento terreo: o seu gabinete, paisinho. E impondo: Não quero que você toque em um movel, em uma arma; eu mesma vou arranjar tudo — os livros, os quadros, a panoplia, procurar a luz para a sua mesa de trabalho, eu e Miss Kate... Não é, Miss? nós duas. A irlandeza affirmou ajuntando: Com muito gosto!

Sarita deixou-se cahir no sofá de couro e o doutor sentou-se a seu lado. Miss, contemplativa, sahiu á varanda para olhar o céu, onde as ultimas luzes da tarde esmaeciam. Uma claridade subita alastrou o soalho lustroso e o doutor, encostando a cabeça ao braço que Sarita estendera ao longo do respaldar, indagou como num sonho:

— Então vão aformosear o ninho da velhice?

— Sim, amanhan mesmo, bem cedo. E ha de vêr como fica com um interior confortavel e de gosto.

— Para conforto basta-me uma caverna onde haja um poucochinho d'agua e um raio de sol que alumie as paginas de um livro, disse num tom de tristeza, d'olhos semi-cerrados.

— Ora! não queira tomar ares de monge. Nem tão velho está você assim, paisinho. E continuou balançando os pés, bamboleando o corpo: Ha de ter flores todas as manhans; e, com um momo, o dedinho erguido em ameaça: Mas não é para desarranjar tudo, como é seu costume: um livro aqui, a toalha em cima da mesa, os jornaes pelo chão. Ha de zelar tambem, ouviu? Elle acenou com a cabeça e sorriu procurando-lhe a mão, que ella abandonava á sua ternura.

Mamoaselle, que se debruçara á varanda, embebida no grande silencio crepuscular, perfilou-se e, como uma vedetta de astros, annunciou docemente a ascensão da lua. Innocencio apparecendo á porta com um guardanapo no braço, disse timidamente, como para não interromper o extase dos tres:

— Jantar.

II

No dia seguinte ao da installação Jorge, em robe de chambre, estirado na *chaise longue,* os jornaes sobre as pernas, na frescura exterior do pateo dos seus aposentos, sobre o jardim, aspirava o ar puro da manhan, olhando as montanhas azues empoadas de bruma, onde o sol nascente punha grandes claros, quando Sarita appareceu trefega, contente, os cabellos soltos rorejantes d'agua fresca do banho. Sorriu surprehendido com «aquelle madrugar» e, como a moça curvasse o busto gracioso tocando-lhe o rosto com os labios frios, beijou-a tambem em ambas as faces, guardou-lhe as mãos interrogando-a sobre a estranheza daquelle despertar matinal.

«Não dormira com o cheiro das tintas, passara a noite em claro pensando na casa, na dis-

posição dos moveis», respondeu Sarita; e perguntou por Miss Kate.

— Foi ás borboletas; ella e Diana.

A moça deu, então, alguns passos, penetrando no grande salão de trabalho, accumulado de moveis. Uma grande mesa de mogno, estylo borgonhez, Ducerceau, estava empilhada de livros; sobre um pequeno console Renascença um grande relogio de bronze, com uma scena troyana, marcava horas antigas. Amplas cadeiras medievaes, esculpidas, com altos respaldos de couro impresso, carregavam pilhas de in-folios, rimas de brochuras; nos raios das estantes pretas a collecção mineralogica: pyrites, topazios, agathas, crystaes e turmalinas.

Quadros em pilhas, feixes d'armas: claymores, adagas, punhaes, lanças altas do Oriente, largas espadas dos tempos feudaes e toda uma armadura fulgurante, o corpo da panoplia, encostada a um angulo; e frechas indigenas, arcos, zarabatanas, collares de dentes, tangas com pingentes de coco em fórma de campanulas, tangapemas, remos.

Em linha, ao longo das paredes, um renque de quadros: uma cópia da *Visitação* de Zeitblom, um *Couraceiro* de Meissonier, um Chaplain, um Lhermitte; télas de Castagnetto, de Bernardelli,

de Belmiro, de Parreiras, e, destacando-se risonhamente dentre todos pelo fundo claro, de fugitivos tons de rosa, um *pastel* de Villares, o retrato de Sarita, a cabecinha apenas, afogada entre as plumas brancas de um grande chapéu Empire, porque o busto era uma nevoa de musselina e rendas.

Sarita, que mirava tudo attentamente, calculando effeitos, passou ao quarto contiguo, a grande camara de repouso. As janellas tinham densas cortinas que coavam a luz, vertendo uma penumbra de paz e de somno no grande leito de columnas torsas, sobre as quaes repousava o baldaquino, forrado de seda escura, onde esmorecia uma linda allegoria: a Noite, núa, de olhos cerrados com um sendal que era a Via Lactea, esparzindo pelo espaço estrellas e sonhos. Mas os carregadores tinham despejado a bibliotheca pelo soalho: havia montes de volumes, alguns rotos, outros escancarados, amarellecidos, brochuras esparsas.

Sarita, lançando os olhos pela sala, não pôde conter o riso, pasmada de que o padrasto tivesse podido dormir naquelle desarranjo, donde fugiam assanhadas baratas e traças. Jorge appareceu então, e, sorrindo, pediu-lhe o plano artistico que ella imaginára toda a noite, na insomnia que a

enfeitara com os roxos crescentes das olheiras. Mas Sarita olhava em torno, o vestido levemente suspenso nas pontas dos dedos, saltava por cima dos livros, espesinhava folhetos, sem dar attenção ao padrasto que a acompanhava com o olhar cheio de ternura, como nos tempos em que ella, menina ainda, rolava o arco por entre os canteiros do jardim, vermelha, arquejante, os cabellos soltos e rindo crystallinamente.

— Descance, não se incommode com o meu plano, havemos de executal-o. Miss prometteu-me auxilio. E passeiando os olhos: Você era bem capaz de viver aqui toda a vida nesta desordem; não era?

— E que melhor, minha filha? um tapete de sabedoria. Olha... e tomou um volume ao acaso, era de Letourneau: uma escada de philosophia para alcançar o leito. Subiria pelos pensadores — um passo sobre Santo Agostinho, um passo sobre Descartes, outro sobre Leibnitz, sobre Hegel, sobre Stuart Mill, sobre Schopenhauer, sobre Spencer, de sorte que, quando chegasse ao lençol, já estaria roncando... Que melhor? Riram, mas Sarita repellia com o pé os grandes atlas, achando impossivel que um homem pudesse pensar em tão atabalhoada desordem e Jorge, sempre a rir, insistiu defendendo-se:

— Que o mundo havia sahido do cháos.

E voltaram ao salão. Sarita passeiava olhando ora os moveis, ora as paredes, preoccupada com a «esthetica.» Jorge propunha:

— A grande mesa ao centro, em plena luz, bafejada pela brisa cheirosa, e em cima um grande vaso onde sempre houvesse flores frescas. As estantes, em symetria, duas a duas, em cada parede e, entre ellas, uma columna com um bronze, um console, um cache-pôt com uma dracena. A panoplia ao fundo para que rutilasse ao sol; ao alto, as armas indigenas e os quadros dispostos com arte, menos a cabecinha risonha, essa iria para um cavallete de ebano, para que elle sempre a tivesse ante os olhos.

Mas Sarita, franzindo o sobr'olho, sacudiu a mão nervosamente para que elle não a interrompesse. Olhava e teve um impeto de colera, bateu o pé, trincou os labios, amuada:

— Tantas janellas! Nem se podia arranjar aquillo com gosto. Eram janellas por todos os lados.

Mas acalmando-se, ficou de pé no centro da sala, voltando a cabeça de um para outro lado. Jorge contemplava-a extasiado e por fim atreveu:

— Ahi a mesa. Vai admiravelmente! E como ella concordasse:

— Que remedio! se não ha outro lugar, sorriu satisfeito, exigindo que ella confessasse que não era tão destituido de gosto como parecia, visto que ella acceitava a sua idéa. Juntos, então, caminhando ao longo das paredes, lentamente, foram marcando os lugares dos moveis e dos quadros: «Aqui isto... Ali, aquillo.» Passaram á camara e concordaram que o grande leito devia ficar ao centro e não junto á parede, encravado num canto, onde mal se podia ver o especioso trabalho das suas columnas e do respaldo embutido de marfim e bronze. E, como procurassem um lugar para o contador, que Jorge exigia na camara, Innocencio appareceu á porta annunciando os armadores que iam para arranjar as cortinas e os reposteiros e o mais que fosse preciso.

III

Suspenso o ultimo quadro, arranjado o ultimo bibelot, Sarita parecia encantada com a casa, já affeita á melancolia silente do arrabalde. Pela manhan, em leves cassas, um grande chapéu de palha á cabeça, descia com a palheta ou com um volume. *Mamoaselle* arrebatava-a para o «bosque» e, á sombra das arvores, os pés na relva humida e macia, debuxando trechos de paizagem ou traduzindo poemas, interrompiam-se, ás vezes, para acompanhar o caminhar tranquillo dos insectos que iam e vinham pisando levemente as folhas, rutilos ao sol, como gemmas. Voltavam refeitas, alegres: *Mamoaselle* carregada de flôres, gabando a grande vida das coisas, o silencio suggestivo das mattas, e da pujança dos velhos troncos partia imaginando a assombrosa mages-

tade das selvas virgens que orlam os rios caudalosos do Norte, onde ainda subsiste a innocencia das éras barbaras:

— Oh! como deve ser imponente o Amazonas, o soberbo Amazonas, com as suas florestas, com os seus rios largos e profundos como os oceanos! E confessava que não hesitaria em trocar, por algum tempo, a vida confortavel da cidade pela maravilhosa e surprehendente aventura de internar-se, com uma caravana, mattas a dentro, por esses sertões maninhos onde vivem indios bravos, onde ainda não foi a cruz salvar as almas pagans e reconciliar essa humanidade selvagem com o mundo civilisado.

Sarita sorria contando á escosseza casos cruentos de tribus anthropophagas: expedições inteiras que haviam cahido varadas pelas frechas, em pleno bosque, cidades arrazadas e a difficuldade das travessias nos rios encachoeirados. E accrescentava lendas, rindo do pasmo da governante que, seduzida pelos perigos, parecia desejar com mais ancia essa partida sonhada para o coração da floresta, onde o boré ainda ruge proclamando a guerra.

Depois do almoço sahiam á varanda e caminhavam, como a bordo, de um para outro lado, ao comprido, discreteando: a escosseza a falar

dos parques floridos de Londres, dos tristes invernos e da miseria das cidades européas, sempre a gabar a terra abençoada da America, enaltecendo os prados viçosos e o céu azul que não borrifa de neve as franças verdes.

Sarita ouvia-a rindo das difficuldades de expressão, da linguagem promiscua que ella usava confundindo, no mesmo periodo, o inglez, o francez e o portuguez, compenetrada e grave. E ao refrescar da tarde recolhiam-se á sala do piano e, até á hora da toillette, soavam accórdes dolentes de Chopin, de Beethoven, de Schumann ou altivos trechos de Wagner.

Bá ouvia. Encostava-se ao umbral da porta e, enternecida, acompanhava as grandes composições, gabando-as sempre — e que: «Nhanhan tocava de fazer chorar...» Sarita amofinava-se com os commentarios da ama. «Não gostava de ninguem ali á hora da lição. Não estava tocando para ouvirem.» A negra sahia resmungando.

A' noite faziam musica e *Mamoaselle* gemia sentidamente «romanzas» italianas, derreada, os olhos em alvo, procurando traduzir a paixão.

Jorge, a principio o maior enthusiasta das grandes sombras affaveis e do fresco arroio da chacara, mal levava os passos até junto da cerca. Raramente sahia em passeio pelo jardim, inda-

gando do progresso das mudas, se todas haviam vingado; e o jardineiro forçava-o a grandes giros em torno dos canteiros, apontando-lhe rebentos, gabando a terra.

A' primeira luz, depois do banho frio, estendia-se na comprida cadeira com um livro, á espera do café e dos jornaes, ficando esquecidas horas entretido com a leitura ou com as recordações amargas do passado. Succedia-lhe, não raro, demorar em uma pagina indefinido tempo; lia-a e, ao voltal-a, surprehendia-se, tão alheio estava ao episodio que nella havia como se o não tivesse lido e recomeçava, combatendo essa especie de amnesia com aturado esforço de attenção, para repellir o devaneio em que se perdia tão repetidamente, chegando á inconsciencia absoluta.

Elle mesmo queixava-se:

— A's vezes não sei que leio. Volto paginas e paginas machinalmente, e quando chego ao fim do capitulo acho-me vasio, ignorante completamente do assumpto. E' a imaginação que me baralha o espirito. Se me concentro vem logo esse demonio do Passado perseguir-me.

A vida inerte concorria para esse afan incessante da imaginação, que nelle vivia em constante exercicio. De longe em longe escapava-se-lhe da penna um artigo, uma chronica, um estudo

sobre o «antigo.» Emquanto compunha parecia-lhe tudo magnifico, perfeito na essencia e na fórma, nobres periodos, originalissimo remate e sobretudo a pureza da linguagem castiça e energica; mal terminava, porém, lendo, entrava a descobrir defeitos, asperezas, incorrecções, gallicismos, e repellia, contra as opiniões de Sarita e de *Mamoaselle*, que sempre achavam os trabalhos «excellentes.»

Não os publicava; um apenas, que lhe foi arrancado das mãos por Cesario Pires, sahiu na primeira pagina de um jornal. Tratava de Nero e outro diario referiu-se, no dia seguinte, ao pseudonymo Salvaterra com que Jorge assignara o artigo. Sua alma, amolgada pelo soffrimento, estava de todo esterilisada: sem ambições, sem amor, sem esperanças, o que ainda a fazia vibrar era Sarita com a meiguice dos seus carinhos, e quando *Mamoaselle* notava que «até o sorriso do doctór era triste...», elle explicava dolorosamente, sem desvelar a sua chaga: «E' como o fogo fatuo, Miss: lume, mas de sepultura.»

Accessos de melancolia prostravam-no em profundas scismas estereis. Encerrava-se fugindo aos olhos de todos, alienando-se da vida para ouvir, no silencio, as pancadas do coração porque, só assim conseguia alliviar-se dessa estranha

molestia que elle chamava a sua «intermittencia de loucura.»

Consciente da sua constituição de enfermo, classificava-se entre os tristes da grande familia dos nevroticos, tinha a sua psychose evidente e della falava em palestra com Cesario Pires friamente como se tratasse de outro. Sobre a melancolia, explicando todos os phenomenos, dizia:

— Presinto a aproximação desse estado nervoso: posso annunciar o momento preciso da minha crise. Quando o demonio triste empolga-me experimento sensações moraes, se assim ouso exprimir-me, tão extravagantes que, para dar idéa exacta do que sinto, só recorrendo á analogia poderei conseguir fazer-me comprehender: E' como um empanturramento cibarico o que sinto no espirito: todas as minhas faculdades ficam constrangidas á pressão de uma idéa informe, complexa, confusa, embryonaria, que se põe a rolar no meu cerebro como um alimento, que o estomago repugna, róla entre as paredes anciadas, provocando nauseas. E' exactamente a impressão que tenho quando caio nessa pesada inercia. Procuro expellir a idéa, evito-a, desvio, com esforço, o pensamento, mas tudo é baldado — a idéa impõe-se, cada vez maior, crescendo, inchando, por assim dizer, até que, abafando toda a

vida espiritual, deixa-me suffocado sob o seu peso, num estado de imbecilidade e de abandono que vai além do cretinismo. Sinto a ausencia d'alma e esse abandono é que me afflige. Fico só, sob o dominio da *pieuvre* que me vai sugando todas as faculdades, e conservo-me nessa especie de anesthesia imbecil, longo tempo. A's vezes choro... por que? se não penso, se não sinto, se não soffro! Uma lagrima desce-me dos olhos e cahe sem que eu possa dizer a sua origem: de que saudade sahiu, que agonia a derivou? Pouco a pouco a compressão vai desapparecendo — aspiro, sorvo anciosamente o ar, como quem pára de uma longa carreira, começo a vêr e a sentir, ouço e então recomponho o tempo que passou e, francamente, chego a ter pena de mim. Mas, ainda assim, é preferivel esse estado de inconsciencia ao outro... E, calando-se, mergulhava em meditação até que Cesario Pires, sempre jovial, apezar do seu pessimismo negro, arrancava-o, com uma fanfarronada «á espessidão moral.»

— A tristeza era uma muralha que vinha abaixo com uma boa pilheria, com uma boa satyra; bastava uma pagina de Rabelais para aluir toda essa cinta constrictora da alma. Elle que tivesse sempre á mão, como um calmante, o seu Rabelais,

ou esse volume de chalaça escancellada do immortal Tabarin. Ou então que voltasse os olhos para o mundo e contemplasse a grande imbecilidade humana — esse estrume que ha de gerar a maravilhosa flor do futuro.

Sarita, se lhe constava que Jorge cahira com os seus *blue devils,* como dizia *Mamoaselle,* descia para exorcisal-o com a algazarra jocunda do seu bom humor.

Tomava-lhe as mãos, afagava-lhe a cabeça e ria, encostando o seu rosto macio e morno á face fria do padrasto, procurando descobrir em casos passionaes a origem da melancolia, e ria mais alto, ria:

— Apaixonado! com tantos cabellos brancos... Quem seria a formosa dona que assim o trazia amofinado?

Ria e, insistindo com elle, arrastava-o para a sala do piano e, chamando a professora, atordoavam-no com as «novidades musicaes», cuja execução Sarita interrompia ás vezes para rir do ar sisudo de *Mamoaselle,* que andava com os olhos do teclado para a pauta com tal ligeireza que os oculos saltavam-lhe no nariz adunco.

Bá intervinha tambem, discretamente, com os olhos sempre cheios de piedosa ternura, recordando as dores antigas, cuja lembrança era a

causa da tristeza de «nhô-nhô.» E lastimava-o «Coitado!» ajuntando que «havia dias em que ella tambem ficava assim triste, só com vontade de chorar, quando se lembrava de Sinhasinha.» Sarita carregava o sobr'olho, fazendo-lhe signaes para que se calasse. A negra estendia o beiço, sorria e ficava a olhar enternecidamente, em silencio, extasiada nas graças de Sarita, rindo quando a moça, esticando-se no banco, fazia caretas á *Mamoaselle*, que voltava paginas de albuns, procurando musicas.

IV

Cesario Pires era a «alma jovial» da casa. Assiduo, tinha o seu lugar á mesa e, como vivesse a pregar o celibato, Jorge, para tental-o, collocava-o sempre junto de *Mamoaselle,* a quem elle chamava: «o breve contra a luxuria.»

Homem de grandes estudos, vivia preoccupado com a historia e com a philosophia, fontes de todo saber e, a proposito de tudo, com grandes e arremessados gestos, fazia prelecções defendendo caracteres, refutando theoristas e mostrando a nihilidade de tudo: belleza, fortuna, força, tudo poeira, só o espirito subsiste atravéz dos tempos como a alma immortal das gerações.

Quarenta annos, alto e forte, calvo, densa barba grisalha.

Adorava a mulher como um lindo encanto

para os olhos. As crianças, apezar dos seus brados, cavalgavam-lhe as longas pernas e, descrevendo a marcha dos hunos selvagens sobre o occidente, elle sacudia-as, truculento, bramindo, interrompendo-se de vez em quando para beijar as faces bochechudas do petiz que o ouvia.

Mamoaselle achava-o admiravel e mais cresceu o seu espanto quando, uma tarde, falando da vida serena e de estudo que levava, elle disse que nas taboas da sua cella jámais roçara fimbria de vestido, apenas uma saia de zuarte por lá apparecia, que era a de uma velha hespanhola, já avó, que mudava a agua das bilhas e lhe escovava a roupa. Era um puro.

Vivia no meio da civilisação devassa como um monge nas covas da Thebaida enlevado em pensamentos, só com um vicio — o fumo e esse, segundo os livros, não levava as almas á pena do inferno. Arrazassem os mundos, apagasse Deus o sol e deixasse-o com a sua cella, os seus livros e uma lampada que elle não daria pelo cataclysmo.

Sarita respeitava-o, zangando-se, porém, quando elle, em assomos, quasi a berrar, como se vociferasse indignado, pedia-a em casamento. *Mamoaselle* sorria. Jorge offerecia-se para padrinho e a donzella, amuada com a insistencia, jurava

que: «Preferia a morte a casar com um velho pellado.»

A pretexto de convalescer de uma grave enfermidade moral, o espiritismo, adquirida num lote de antigos livros arrematados no leilão de um misanthropo, Cesario Pires aboletou-se nos aposentos de Jorge, estirando, diante do contador, um leito de campanha, onde curtia a insomnia «desinfectando» o espirito com altas dóses de racionalismo puro. Jorge insistia com elle para que se installasse definitivamente, offerecia-lhe commodos independentes e socegados, onde poderia meditar com calma a sua doutrina social, mas o «philosopho» recusava:

— Não podia viver muito tempo no mesmo sitio, á mesma sombra. Sentia necessidade de caminhar, de mudar. A vida sedentaria dava-lhe tedio. E dizia: O mundo é como o grande leito de um rio, nós somos a agua corrente, precisamos andar seguindo o grande curso que leva á vastidão, ao oceano, sob pena de ficarmos apodrecidos, estagnados como a vasa dos pantanos que os limos escurecem. Não admittia que um homem pudesse passar dois invernos ao calor do mesmo fogão.

Todas as manhans deixava o leito com grandes idéas de trabalho, agitava-se dentro do *robe*

de chambre, expunha os seus planos e sahia para o jardim ruminando-os, analysando-os, joeirando-os; pedia tiras, fumo e paz, cravava os cotovellos na mesa e ficava mergulhado em meditação, procurando a grande phrase com que devia abrir o capitulo. Erguia-se de repente, gesticulando, furioso: «Que não estava disposto; sentia-se bronco como uma rocha,» e recomeçava os passeios.

Jorge ria e quando falava á *Mamoaselle* das excentricidades do «philosopho», lamentava que um «homem daquella ordem fosse um esteril. Tanta seiva perdida!»

Nessa intimidade estudiosa os dois homens passavam os dias discutindo civilisações e ritos dos velhos tempos, comparando os contemporaneos de Platão, fortes e generosos, com os productos enfezados do seculo ou iam para o bilhar, onde Cesario experimentava effeitos admiraveis, procurando applicar ás tacadas principios infalliveis de mathematicas. Em cima, Sarita, prostrada de tedio, queixava-se da companhia insipida de *Mamoaselle,* sempre a citar preceitos de hygiene, gymnastica, passeios lentos, leituras sans, boa carne sangrenta. «Ella tambem era moça, tinha amigas, não podia estar ali mettida como uma monja, só a martelar no piano e a ler cho-

radeiras de Moore. Podia sahir com *Mamoasel-le*...» Jorge pasmou daquellas palavras:

— Como se elle, algum dia, lhe tivesse prohibido sahir. Era natural o tedio de que ella se queixava. Elle mesmo não prendia Cesario Pires? não retinha o philosopho para acompanhal-o? Que sahisse, que convidasse as amigas, até elle lucraria com isso. E Bá, quando Sarita annunciou que ia á casa de Heloisa, instou com ella para que trouxesse a moça: «Tão engraçada! tão alegre! Já estava com saudade della, coitada!»

E o rumor appareceu na casa quando as Moretti, com estridentes gargalhadas, entraram pelo portão encantadas, gabando a belleza do sitio, o viço das flores, a nobre elegancia do predio: um palacio!

Cesario refugiou-se entre as arvores, nervoso, irritado com a alegria daquellas raparigas, que deixavam gargalhadas por onde passavam. «Retumbantes senhoras!» E lamentava os desgraçados que tivessem de levar ao templo aquellas alacridades sarapintadas de sardas. *Mamoaselle,* que as achava impossiveis, desceu ao jardim com um volume e isolou-se emquanto Sarita mostrava a casa ás moças que passavam casquinando, com olhares para todos os lados, curiosas, trefegas, sempre rindo.

Cesario, que já havia atravessado a cerca, voltou precipitado, esbaforido, para pedir a Jorge que não as deixasse entrar nos aposentos que occupavam. Aquelles recantos de pensar ficariam de tal modo impregnados de barulho que elles nunca mais conseguiriam silencio para o estudo e para o somno. Aquellas mulheres, de uma jocundidade bravia, infestavam tudo de alarido.

Sarita subiu com Heloisa e, emquanto as duas menores, confiadas á Bá, empanturravam-se á mesa, as duas, mysteriosamente encerradas, confidenciavam, e para que descessem foi necessario que Bá batesse á porta do quarto, chamando-as em nome de Jorge que as esperava para ouvil-as ao piano.

Desceram risonhas, abraçadas, cochichando, e Heloisa, encontrando Jorge, recriminou-o, levando á conta da sua tyrannia a pallidez de Sarita; e como elle protestasse, querendo saber o motivo daquella accusação, ella envolveu-o num olhar meigo e voluptuoso, chamando-lhe baixinho, mimosamente «Máu» e, como se lhe quizesse atirar aos olhos as palavras, avançava com a cabeça dizendo:

— Porque a prende; porque não a deixa sahir quando sabe que nós, moças, temos necessidade de... ver... e de ser vistas... Só as freiras vivem emparedadas.

— Mas não é por minha culpa que Sarita não sahe.

Heloisa voltou-se para a sua amiga e encarando-a:

— Então és tu que não me queres ver? és tu? Pois sim. Olhou-a muito e, de repente, num frenesi, tomou-lhe o rosto com ambas as mãos e beijou-a na boca balbuciando:

— Não creio. E' elle que não te deixa sahir, não é? E logo, franzindo o sobr'olho, com um pequenino amuo:

— Ora, doutor, não me illuda: a culpa é sua. E' o senhor mesmo que a prende. Jorge sorriu novamente, vexado, e Heloisa, avançando:

— Pois quero ver. Se o senhor não a quer presa, permitta que ella venha passar o domingo commigo. Dorme hoje lá em casa e volta ámanhan. Permitta, se é capaz? E olhava-o a fito, como a desafial-o.

— Se ella quizer, minha senhora... E falando á Sarita: Queres ir? A moça, apezar do olhar estranho do padrasto, balbuciou:

— Vou. E docemente, passando-lhe os dois braços pelo pescoço: Mas não te zangas?

— Zangar-se? mas não tem razão. Zangar-se por que? exclamou Heloisa, e Jorge, contrafeito:

— Sim, zangar-me por que? vais com as tuas amigas.

Tanto bastou para que irrompessem estridulas gargalhadas e, como a tarde cahia, Heloisa passou o braço pela cintura de Sarita e arrebatou-a para que se vestisse: «Podiam chegar ao Cattete ainda com dia.» E subiram garrulas.

Jorge recolheu-se aos seus aposentos mal humorado, taciturno, e poz-se a passeiar ao longo da sala vasta, torcendo nervosamente o bigode, os olhos no soalho. Sentia um estranho sentimento, mixto de abandono e de despeito, amargura e ciume. Pensava em Sarita com soffrimento, presentindo a grande falta que lhe faria quando, ao anoitecer, na hora fresca, aromal e melancolica do crepusculo, não a encontrasse a seu lado, não a sentisse, não lhe ouvisse o rumor dos passos. Trazia-a para os olhos e, caminhando, via-a como num fundo de nevoa, sorrindo com os seus grandes olhos luminosos, achegando-se e diluindo-se levemente como dilue-se no ar um nimbo de fumo tenue. De quando em quando chegavam-lhe aos ouvidos, como em lufadas, os risos crystallinos das mocinhas. Irritava-se ainda mais como diante de uma insistente ironia e a sua fronte franzia-se, descarregava-se, accusando em ondas a procella do seu espirito. Cesario,

que entrara sorrateiramente á cata de um livro, cuja leitura concordasse com o sitio em que se refugiara, que era um silvado no mais fundo do bosque, achou-o caminhando, a martyrisar os bigodes, e estacou esgazeado:

— Que é isso? Que tens, homem? Buscas alguma idéa ou andas a estudar a mecanica dos passos?

Jorge encolheu os hombros, caminhou, mas, já no extremo da sala, encostado a uma estante, voltou-se cruzando violentamente os braços:

— Que ha de ser? Essas meninas...

— As taes? Que te fizeram? E Cesario encarou-o com uma grande mobilidade de physionomia, cheio de esgares; depois, num salto repentino, olhos esbogalhados, ficou quasi de cocoras, um dedo hirto mostrando o soalho:

— Ellas estiveram aqui!?

E, erguendo-se mollemente, meneando a cabeça, pronunciou com lastima:

— Ah! bem me pareceu ao entrar... bem me pareceu! Já não ha sisudez nestes muros honestos.

Recolheu-se, mas logo investindo irado:

— E porque recebeste essa horda aqui dentro? Que ha de ser de nós? A' noite, quando fecharmos as portas, has de ouvir estilhaços de garga-

lhadas trilarem como gritos em todos os cantos: nas estantes, nos quadros, na mesa, nos lençóes, nos teus bigodes, dentro de ti, dentro de mim. Vai ser o diabo! Vai ser o diabo...

Jorge mal conteve o riso diante da figura estranha de Cesario, que coçava desesperadamente a calva com todos os dedos recurvados em garra, girando num pequeno circulo, a rosnar contra a profanação irreparavel daquelle tabernaculo de sciencia e de meditação, mas negou:

— Aqui não entraram.

— Então?

— E' que me levam Sarita. Convidaram-na para passar o domingo com ellas e lá vão todas.

— E deixas?

— Que hei de fazer? Sarita é que ainda me não comprehende. Fiz o que pude para que ella percebesse a minha má vontade, mas... evitou os meus olhos e já está lá em cima, com a outra, vestindo-se.

— Mas, que diabo! tambem as relações não são tão intimas assim. Fosse commigo...

— Ora, que havias de fazer?

— Que havia de fazer? agachou-se com as mãos espalmadas nas coxas: Eu? dizia-lhes na cara: Não e não! E depois? Uma familia de casos excepcionaes, desde a mulher, especie de

ôdre de oculos, até esse idiota melomano, o tal Cosme, sempre a arranhar coisas no violino...

— Mesmo quanto á moralidade, bem sabes que as Moretti não têm a reputação immaculada, e essa moça...

— E' famosa! e Cesario assobiou tocando castanholas, o braço muito alto. Famosa, meu amigo. Nunca lhe acompanhei os passos, mas, muita vez, caminhando para tua casa, encontrei-a a falar com pelintrotes. Não é relação para a menina, não é. Queres que te dê um conselho? adoece. Já que não tens coragem para fazer as coisas francamente, busca meios falsos: adoece, deita-te e fica a meu cuidado o resto. Vou lá ao grupo e brado a espalhar que estás com febre e vomitos. Que diabo! a molestia póde vir de um momento para outro. Vamos, estende-te e toma ares de soffrimento. Mas numa inspiração: E a Cegonha?

— Não vai. Detesta as taes moças; creio até que nem lhes fala. Ah! se ella fosse...

— Mas é um desaforo! E consentes? Que diabo fazes da energia, homem?

Miravam-se os dois quando Bá appareceu á porta annunciando que «as meninas já iam.»

Jorge deu algumas voltas rapidas, arranjou papeis sobre a mesa, tomou um charuto, trin-

cou-o, e como Cesario desapparecesse pela porta da camara, chamou-o.

— Não, não, disse de dentro o «philosopho»: reservo a noite de hoje para grandes estudos. Tenho uma excellente idéa que começa a germinar, não quero sujeitar esse rebento intellectual á saraivada jocunda. Vai tu e desculpa-me com a menina. Olha, podes dizer-lhe que estou no bosque colhendo coisas... Vai... Vai! e calou-se. Na camara houve um grande rumor de livros que rolavam justamente quando Heloisa e Sarita appareceram á porta.

Jorge sahiu a recebel-as, compondo uma physionomia jovial e satisfeita e, como visse Sarita num pesado costume de panno escuro, estranhou tanta severidade «impropria de tão linda tarde.» A moça, porém, desculpou-se com o frio. «Iam chegar á cidade á noite.» Houve um curto silencio. Heloisa ageitava o véu no chignon e Jorge, aproveitando a sua distracção, lançou á Sarita um duro olhar, cheio de recriminações, meneando levemente com a cabeça; a moça baixou os olhos e, girando com um pé no tacão da botina, a brincar com a sombrinha, sorriu corada. Mas Heloisa, ainda com os braços erguidos, ajustando a gaze, acudiu: «Que deviam ir seguindo para o portão onde estava o jardineiro á espera

do bond.» Jorge adiantou-se e, baixinho, fez uma pergunta á Sarita que, sem levantar os olhos, abandonou-lhe nas mãos a carteirinha. Jorge arredou-se a pretexto de procurar o gorro na camara para acompanhal-as ao portão. Bá irrompeu tagarellando: «Que não agarrassem nhan-nhan. Que era só por um dia, vissem bem!» E Sarita recommendou-lhe: «Que não se esquecesse de mandar Innocencio, muito cedo, levar-lhe os vestidos, porque não havia de passear com aquella roupa.» A negra tranquillisou-a e, toda cuidados, ajoelhou-se para sacudir-lhe a barra do vestido.

O jardineiro, do portão, annunciou o bond. Foi um alvoroço. «Paisinho, ahi vem o bond! Ahi vem o bond, doutor! Adeus! Adeus!» Jorge sahiu da camara a correr e, mal o viram, as moças precipitaram-se para o jardim. Sarita esperou-o, e recebendo a carteirinha, levantou levemente o véu e beijou-o:

— Então posso ir buscar-te amanhan, não é assim?

— Amanhan.

Bá seguia á frente com as Moretti e, á distancia, os dois caminhavam juntos, de olhos baixos, mudos, por entre as rosas abertas, que tremiam nas hastes, acariciadas pela brisa da tarde.

Jorge, descobrindo um lindo botão de *purpura*,

torceu-lhe o caule á pressa, e, arrancando-o, offereceu-o á Sarita. Ia pelos canteiros em procura de outros, quando o tilintar do bond, já proximo, poz em alvoroço as moças: «Adeus, doutor!» e falavam todas ao mesmo tempo, estendendo as mãos: «Então, até amanhan!» E Heloisa adiantando-se, sempre a sorrir: «Fique descançado. Teremos todos os cuidados com ella. Vai dormir commigo.»

Jorge teve um sorriso contrafeito e curvou-se apertando a mão que a moça lhe estendia: «Adeus, Bá!» bradaram todas, e a velha negra ia de uma para outra, agachando-se para abraçal-as pela cinta. O bond appareceu e o jardineiro, que sahira á rua, levantou o braço, acenando para que parasse. Jorge levou-as a embarcar e, quando Heloisa impelliu Sarita para o estribo, elle perguntou de novo, com tristeza:

— Então até amanhan á tarde, não?

— Sim, até amanhan, paisinho.

Jorge recolheu-se e andou rondando merencoriamente por entre os canteiros, parando de momento a momento diante de algum arbusto a olhar, a mirar, visivelmente distrahido, o espirito longe. Por fim seguiu em procura de Cesario para desabafar com elle, mas *Mamoaselle*, que passeava ao longo da varanda, chamou-o:

— Senhor doctór...

Elle levantou os olhos e vendo-a:

— Oh! Miss. Boa tarde! E Miss Kate, debruçando-se á balaustrada, indagou:

— Se as senhoras já haviam seguido?

— Sim, Miss: seguiram... E por que não foi, Miss?

— Eu!

— Sim...?

— Oh! fez a escosseza como diante de uma proposta indecorosa. Sou muito exquisita, doctór. As moças aborrecem com razão a minha companhia. Prefiro estar aqui com os meus livros. Acho muito melhor a paz deste lugar. Demais essas moças tratam-me com muita cerimonia, todas as suas palavras são segredos para os meus ouvidos porque não as ouço — perto de mim não falam, transmittem de ouvido a ouvido o que pensam. Para que embaraçal-as com a minha companhia? Miss Sara garantiu-me estar de volta amanhan... Não lhe disse a mesma coisa?

— Sim, Miss, amanhan. Vou eu mesmo buscal-a.

— Então? E, depois de uma pausa curta, a escosseza ajuntou com malicia: Mesmo o doctór não está muito satisfeito com o furto que lhe acabam de fazer?

— Francamente, Miss, não me agrada a companhia dessas moças para Sarita: são desembaraçadas de mais, não lhe parece? A escosseza acenou affirmativamente, arregalando muito os olhos.

— Muito desembaraço... E riu mostrando os dentes, grandes como favas.

— Emfim... fez elle resignado, encolhendo os hombros, como é por um dia só...

— Sim, por um dia... Jorge caminhou alguns passos e, já quasi á porta dos seus aposentos, levantou os olhos de novo para a varanda:

— Não desce, Miss? Está linda a tarde e ha rosas admiraveis.

— Sim, doctór; vou dar o meu passeio pelo jardim. E, deixando no banco o volume que tinha na mão, chamou a cadellinha: «Diana! Diana!» e desceu com ella, lentamente.

V

Cesario, cahido sobre um grande atlas, aberto em cima da mesa, passeiava o longo e nodoso dedo pela carta, resmoneando. Ergueu a cabeça sentindo os passos de Jorge.

— Estamos independentes, hein? Foram-se as gárrulas? Pois, meu amigo, grandes e verdadeiras foram as palavras que eu aqui te disse: tenho os ouvidos atordoados ainda e attenta bem a ver se não escutas, de quando em quando, o echo abominavel das gargalhadas daquella gente. Não sentes? São de assombrar, palavra! Nós precisamos recitar aqui dentro a Oração de Demosthenes ou alguma coisa de Cicero para purificar o ambiente. Dize-me: tens alguma carta do mundo antigo? Ando aqui a fazer o roteiro dos aryanos, preciso disso para a minha obra e não encontro

nesta carta sordida senão coisas de hontem, discriminações pulhas de lugarejos vis, sem historia, sem tradição, sem passado — colonias inglezas, terras esterilisadas pela cubiça e pela crueza dos homens e dos taes sitios nem menção. Vê se descobres por ahi no teu cabedal alguma coisa. Se não tens dize de uma vez para que eu desça. E' possivel que encontre na Bibliotheca o que preciso. Ainda assim prefiro que procures porque, como é coisa preciosa e util, de certo não será facil achar nas estantes da Alexandria indigena.

E curvou-se de novo, mas, sempre passeiando o dedo pela carta, interpellou o amigo: E a Cegonha, hein? Não foi; já a vi, pensativa e murcha ali na varanda, a buscar sonhos no céu com os oculos radiantes. Mulher forte, hein?

— Detesta as Moretti: julga-as como eu...

— Ah! moralidade tem ella, isso tem. E' mulher para exemplo. Deviam cital-a num Thesouro das meninas como modelo de altas virtudes, a fealdade inclusive, que é a maior das virtudes, porque repelle o inimigo. Mas dize, como ha de ser? e o meu roteiro?

— Que queres, não tenho livro que te sirva.

— Diabo! E eu que tencionava começar hoje a minha obra. E' verdade: e se eu começasse pelo segundo capitulo? Ha exemplos... Eu, que aqui

estou, nasci por um braço... Ha quem tenha nascido pelos pés, o Cosme por exemplo, deve ter nascido assim. Hein? que dizes? se eu começasse pelo segundo capitulo? E erguendo-se: Mas fala, homem... Estás mais triste do que a escosseza. Fala e trata de accender o gaz ou de fazer com que o accendam, porque já não vejo nada na Asia: tudo é sombra. Escuta: e o Mommsen? Tens ahi o Mommsen?

A sala clareou subitamente, de um jacto, e, em contraste com a luz forte do gaz, os ultimos lampejos do crepusculo, no jardim, como que ainda mais amorteceram. Cesario passou a mão pela calva eburnea e, espreguiçando-se, bocejou estrondosamente:

— Diabo! estou com uma famosa *courbature*. Dobrou-se para tráz, as mãos nos rins e, firmando-se, estendeu o braço para a chamma loura do gaz: Bem andou Jehovah creando a luz antes de mais nada. Emtanto ha na sua grande obra alguma coisa anterior ao *Fiat*... a avareza, por exemplo... que dizes? Essa claridade entra-nos pelos olhos e vai até o mais fundo do cerebro como o sol atravessando os vidros de uma claraboia. E ainda ha luz lá fóra.

Lançou o olhar ao exterior e, voltando-se:

— Dize, que tal achas o pensamento que um

dia procurei apertar em um soneto — e avançando com grandes gestos dramaticos, foi até a porta e levantou os olhos para o céu de opala: Ouve lá, não está em metro ainda. Digo-te a coisa como a recebi do genio. A scena do soneto simples, tristonha: um crepusculo. Eu digo então: Expira o sol! e atirou o braço esticado para o tecto: Expira o sol... e Deus!... arma no céu um catafalco: a noite, trazendo para cirial do morto o plenilunio... Que te parece? indagou e, fitando-o com grandes olhos: Mas que tens, homem? Estou aqui a falar-te como Apulêu aos barbaros. Que tens? Jorge caminhava ao longo da sala, as mãos para as costas, parando, de instante a instante, para ouvir o «philosopho». Que tens?

— Estou aborrecido, contrariado.

— Com a sahida da menina? Não te preoccupes. Descança. Não lhe pegam os vicios das outras. Lembra-te da Marina do mestre. Onde é que Pericles a encontra? num alcouce infame e retira-a pura, como se retira o lotus d'agua putrida. Não te preoccupes. Vamos cuidar de atravessar estas horas de sombra a rir. Queres que te diga? se algum dia eu procreasse meus filhos haviam de conhecer tudo — filhos e filhas, tudo! A menina é sisuda, e, quando ella chegar, entrega-a á Cegonha para um grande banho moral.

Não te preoccupes. Anda d'ahi. Olha a tarde, a linda tarde que vai lá fóra. Aposto que a Cegonha anda a gozal-a. Vem d'ahi. E voltando-se de golpe: Afinal nem julgaste o meu pensamento. Que tal?

Jorge encostou-se á mesa e, brincando com a espatula de marfim, enfezado, deixando cahir lentamente as palavras, disse:

— Nada me irrita tanto como essa amisade de Sara. Tenho insistido com ella para que vá, pouco a pouco, evitando taes relações... mas qual! E' peior. Não a contrarío, bem sabes; faço-lhe todas as vontades, basta, porém, que eu demonstre que não me agrada isto ou aquillo para que ella insista caprichosamente. E se me opponho, são máus modos, choros, não quer comer. Afinal parece que devo merecer della alguma coisa.

— Mas vem cá, não te afflijas, isso não tem valor. Não consintas mais, ahi tens. E' dizer francamente, na cara, quando ellas aqui tornarem com convites: Não! não! e não! E's pai, estás no teu direito. E passando-lhe um braço pelo hombro: Mas vem cá e sê franco: Tu o que sentes é falta da menina, e é natural: creaste-a. Mas meu amigo, isso é bom em parte para que te vás acostumando, porque, afinal, ella não ha de ficar solteira toda a vida. E quando casar?

Houve uma pausa. Jorge afastou-se da mesa e, passando a mão pelo rosto, ficou de pé no meio da sala, a olhar a panoplia que rebrilhava á luz. Voltou-se por fim e, como em plangencia, disse:

— Ah! bem, quando casar!... Mas vel-a em companhia de tal gente!? Enfureceu-se: E não sei que mais hei de fazer para que essas senhoras comprehendam que não as tolero: evito-as, pouco lhes falo quando as encontro. Ainda hoje, viste? passaram aqui o dia e eu deixei-me estar a ler. Não sei mais que hei de fazer. E caminhando, a brandir o braço: Não as aturo, fazem-me mal. No Cattete, emquanto lá estivemos, nunca as visitei e ellas não me sahiam de casa perturbando o meu trabalho e a minha paz. Deves lembrar-te?

Cesario sentara-se num *pliant* e acompanhava com o olhar os passos do amigo. De repente, frenetico, estrincando os dedos das mãos, bramiu:

— Pois, meu caro, com tal gente nada de euphemismos: não comprehendem? é dizer-lhes a coisa francamente. Forcejou nos dois braços e, escorregando pelo linho, levantou-se pachorrento: E' dizer-lhes francamente.

Innocencio appareceu á porta e, antes que falasse, Jorge despediu-o com um gesto: Já vamos; e para Cesario:

— E' o que ainda faço, palavra d'honra. Demais é até incrivel o que ellas fazem com essa senhora...

— Com a Cegonha? Qual! ella não dá por isso: é fria, não tem nervos. O que ella quer é que a deixem em paz. Pensas que se zanga? Ora!... E travando-lhe do braço berrou-lhe ao ouvido: Não tem nervos! E noutro tom: Vamos jantar... Vamos, e pelo jardim, porque a escosseza deve andar por lá extasiada, e assim, depois de nos deliciarmos com um pouco de sublime, vamos preparados para mirar-lhe os angulos da cara macerada. A' porta Cesario estacou subitamente, apontando para o jardim: Olha, que te dizia eu? Olha lá... não vês a sombra esguia da Miss? Que te dizia eu? E, ganhando o jardim, o «philosopho» levantou os braços para o céu limpido: Mas admira! admira! Ha lá céus que se comparem a este? e luares...? Qual Napoles, qual nada! Céu é isto! E como a escosseza viesse perto, Cesario saudou-a: *Good evening, Miss...!* E ella, de longe, com um risinho, correspondeu: *Good evening!*

Mamoaselle tomou a frente e subiu as escadas, rija, erecta como um automato. Cesario, de braço com o amigo, sussurrava:

— Olha bem... Vai ali um admiravel typo ethnico. Dize se por esta mulher um Spencer

não reconstituiria a raça dessa grande mina de John Bull, como os naturalistas, com um osso, reconstroem o arcabouço de uma das bestas colossaes das éras prodigas, anteriores ao banho universal. Mas olha bem. Ella vai alli para o jantar com a mesma serenidade fria com que os homens rijos do seu paiz vão para os gelos ignotos ou para os altos sertões da Nubia.

Miss chegara á varanda e, voltando-se, lançou os olhos ao céu:

— Esplendida noite!

— Admiravel, Miss! E, já no alto, as mãos nos flancos, o olhar erguido:

— Lembra-se, Miss? as lindas phrases do idyllio entre Lourenço e a filha do Judeu, no *Mercador de Veneza?* quando, olhando o luar, entram a recordar noites de amores?...

— Sim, sim... e *Mamoaselle* risonha, inflando as bochechas, com uma voz máscula e cadente, recitou:

The moon shines bright: in such a night as this...

Mas Cesario interrompeu-a delirante:

— Isso! isso! Grande memoria, Miss! E' phenomenal! Estupenda memoria! E, como em monologo: — *The moon shines bright*... Exacta-

mente. Mas é admiravel! Jorge recostára-se á balaustrada. Miss, de olhos altos, contemplava o luar e Cesario, em pequenos passeios, as mãos para as costas, repetia baixinho: *The moon shines*... Subito, porém, como parasse diante da porta da sala illuminada, lembrou: E o jantar? Estamos aqui em hypnose e a sopa esfriando. E. entrando, não se conteve: Mas que memoria Miss! *Mamoaselle* sorria.

Folhagens e flores em grandes vasos alegravam a mesa arranjada caprichosamente, como para um festim, debaixo do grande lustre, o «alampadario» como dizia o philosopho que, de vez em vez, em assomos de enthusiasmo, lamentava ter nascido em tempos tão vis, sem arte, sem bravura, sem cavalheirismo e, gesticulando para o bronze, saudava-o como um representante da arte pura, antes da invasão do mercantilismo na esthetica.

Jorge e Cesario occuparam cadeiras ao lado de *Mamoaselle* que se sentara á cabeceira.

O copeiro serviu a sopa e, á primeira colherada, Cesario formulou as bases de uma futura alimentação reconstituinte e breve, tendo por base a peptona. E explicou:

— O homem é um animal superior, o primeiro na escala zoologica, deve distinguir-se dos infi-

mos no que ha de mais material no mundo: a mastigação. E' horrivel. Os dentes são apenas ossos ornamentaes. Foram, a principio, armas de defesa, porque tenho certeza de que ainda havemos de chegar á prova de que, antes da pedra lascada, o instrumento de que fez uso o primitivo foi o dente — as lutas eram corpo a corpo, dente por dente. O homem, por uma lei fatal de imitação, começou a seguir o exemplo do belluino: a rasgar a carniça com a dentuça, e nós ainda hoje procedemos como os maiores e como os ursos das cavernas. Miss, sempre extasiada, admirando as palavras sonoras do «sabio», sorria com enlevo demorando as colheradas e, para que Cesario continuasse o jantar, foi necessario que Jorge interviesse:

— Não comes, Cesario? Vê se concilias a palestra com a sopa que já deve estar fria.

Cesario baixou a cabeça, sorveu a sopa em silencio e houve uma grande pausa. O copeiro retirou os pratos e Cesario, esfregando a boca com o guardanapo, fez sentir a ausencia de Sarita:

— Se ella aqui estivesse já nos tinhamos travado em alguma discussão. Faz falta. *Mamoaselle* correu com os olhos rapidamente de um a outro. Jorge tamborilava com um garfo. O «phi-

losopho», observando que as suas palavras não achavam echo, emquanto lhe serviam o peixe lamentou:

— É dizer que isto é irmão de Aphrodite...

E partindo o pão: Sou um resistente, o que me vale é o estomago, nelle é que reside a minha força e o equilibrio do meu bom humor. Queres saber, homem de scepticismo e tedio, queres saber por que te vêm chegando as rugas e por que estás com a formosa cabeça mais alva do que a Jung-Frau? é porque maltratas o orgão. Jorge negou:

— Não, meu amigo, não queiras levar á conta da minha dyspepsia o que é obra exclusiva do tempo, porque, afinal, com quarenta e seis annos, que queres? é natural que as rugas appareçam e que os cabellos alvejem. *Mamoaselle* attribuia a calvicie ao clima:

— Na Europa são considerados no vigor dos annos os homens que aqui passam por velhos. E sorrindo: O senhor julga-se, então, um velho, doctór?

— Então, Miss...? Que sou eu?

— Ah! és a decrepitude, meu amigo, a decrepitude regelada e tremula. E repellindo o talher, levando as mãos á cabeça:

— E eu! e eu então? Eu que nem um fio de

cabello tenho na cabeça, porque as farripas que ainda me restam estão na zona do pescoço, como vês... e puxou as mechas com furia. Entretanto nem um fio branco, olha: nem um fio branco e vou para os cincoenta... se viessem chegavam a tempo. E, voltando-se para *Mamoaselle:* Miss, conheci um rapaz, vinte annos, pois tinha a cabeça inteiramente branca, uma pasta de algodão. E com desprezo: Não quer dizer nada — a velhice é o desalento interior, isto é que é; isto de cabellos brancos, historia, homem. Tens energia como poucos rapazes, és um forte, pensas, tens idéas exactas sobre o Bello e ainda não cahiste em beatice; refutas com independencia o dogma, discutes a hypostase de Jesus... que mais provas queres de juventude e força? Velhos, velhos caducos são esses idiotas que por ahi andam sem noção de nada. Esses sim, são os velhos: têm cabellos brancos por dentro, são como as terras estereis onde nasce o sapê. Que diabo! entre uma floresta millenar e um campo novo de herva brava ninguem hesita.

O copeiro caminhava com uma grande terrina quando retiniu a campainha do telephone.

Estendendo os braços, pousou a terrina no centro da mesa correndo logo ao apparelho. Instantaneamente voltaram-se todos para o corredor

e, pelas affirmativas do criado: «Sim, senhora... Sim, senhora...» *Mamoaselle* concluiu:

— E' Miss quem falla. E, como o copeiro voltasse, Jorge perguntou:

— Quem é?

— E' D. Sara. Está pedindo a roupa.

— Já lhe mandaram?

— Já, sim, senhor. O jardineiro foi ind'agorinha levar.

O jantar foi rapido e só Cesario falou ferindo pontos de sciencia, gabando os pratos e os vinhos. *Mamoaselle*, recolhida, respondeu apenas a uma pergunta do «philosopho» relativa á questão da Irlanda, applaudindo Gladstone, o apostolo venerando da liberdade de Erin.

O café foi servido na varanda, ao luar. Cesario, empanturrado, passeiava de um lado para outro, digerindo. Jorge, em um dos bancos, fumava, d'olhos no céu, melancolico. Miss deixara-se ficar na sala, embalando-se em uma cadeira, a olhar as travessuras de Diana que saltava com uma bola de papel, abocanhando-a, correndo assanhada e trefega, a rosnar. Bá, arrastando cançados passos, fechava os armarios discutindo com os criados e, no grande silencio diaphano do luar vibravam silvos de locomotivas.

— Ora ahi tens a vida, disse Cesario. O dia

de hoje, se houvesse ponto na eternidade, devia ser marcado com a nota de falta para nós ambos, porque afinal não aproveitámos um só minuto em obra de espirito. Um dia inteiramente perdido. Primeiro a belleza radiante da manhan que inutilisou todas as minhas forças cerebraes, porque sou um desgraçado incapaz de conceber diante do maravilhoso — fico extasiado e o meu extase é assim como uma beatitude besta. Linda manhan! E, por uma reminiscencia estranha, caminhando, as mãos nos bolsos, recitou baixinho: — *The moon shines bright*... mas logo, abandonando o poeta, repetiu: Linda manhan...! Depois a famosa invasão de mulheres. E, estacando, o ar preoccupado: O' Jorge, não te parece que o mundo seria admiravel se não houvesse o sexo? Ha a objecção tola dos que defendem a creadora, mas, que diabo! seriamos nós mesmos os encarregados de tudo, de combinação com a Terra, a mãi veneravel. Nada de mulheres — a procreação assim. Ouve e vê se não vai um quináu atirado á Omnisciencia. E com grandes gestos, em pleno luar, falou: Nós seriamos como as arvores, autochtones, filhos da Terra. A' proporção que fossemos envelhecendo, em vez dessa éra ignobil dos cabellos brancos, as nossas cabeças ficariam cobertas de sementes que o grande

sol fecundaria como fecunda as outras sementes das rosas e dos baobahs. Então sacudiriamos a guedelha e a Terra encarregar-se-ia da creação dos epigonos que, com a primavera, sahiriam das moutas dizendo papai, mamã e beijando a poeira maternal como fez o romano.

Seriamos senhores absolutos e guerras não ensanguentariam o planeta nem seriam necessarias fórmas de governo, porque estou convencido de que todos esses arranjos da civilisação foram provocados por inspiração feminina. Que diabo! houve uma ilha só de mulheres: Lemnos, e resistiu; porque não será o mundo só dos homens? Se o Creador não fosse tão orgulhoso emendaria a sua obra eliminando Eva, não te parece? Jorge falou baixinho como se não quizesse interromper o silencio da noite:

— Sim... mas não haveria o affectivo. O homem é egoista, essencialmente egoista — suffoca todos os sentimentos em favor do seu «eu». E' a mulher quem o faz amoroso, meigo, resignado, emprestando-lhe ternura, piedade e crença.

— Egoista! egoista, o homem! bradou Cesario. O' paladino amavel! em que é que somos egoistas, nós que declinamos de tudo em favor da mulher? em que é que somos egoistas?

— Em tudo, Cesario; affirmou Jorge pachorrentamente.

— Pelo amor de Deus... E que diabo é o ciume na mulher senão a explosão violenta do egoismo da carne? E que é o amor da mãi senão uma prova de egoismo espiritual, a posse absoluta, eterna da creatura que ella, a principio, attrahe e subjuga junto ao collo, depois nos braços, mais tarde com afagos quando vai sentindo o despontar do instincto de independencia e finalmente na lagrima commovedora quando comprehende que uma força mais poderosa arrebata-lhe o escravo do coração? Que é a benção senão uma prova do eterno captiveiro do filho? Egoista o homem... em que? Historia! Jorge ergueu-se com lentidão e, debruçando-se á balaustrada, sussurrou:

— Bem sei: detestas o feminino porque nunca achaste agasalho em dois braços! e riu. O philosopho avançou impetuoso:

— Estás enganado! Tenho sabido fugir á perfidia. Conheço o perigo e evito-o. Estás enganado. Apezar de toda a minha austeridade, já achei uma audaciosa dama que pediu a minha presença em certo lugar mysterioso, lá para as bandas do Jardim, garantindo-me estar perdida por mim, só porque me ouvira uma noite, em casa de não sei quem, discutir um episodio da Revolução franceza com um bacharel.

— E tu?

— Eu? eu não frequento caramancheis, á noite; prefiro a robustez dos meus pulmões a todos os beijos das Circes que por ahi andam. Demais achei desaforada a proposta — a mulher não queria o homem, não se apaixonara pelo homem, senão pelas palavras do homem. Assim pois, em vez de levar para lá o meu corpo, mandei-lhe de presente uma historia de França, onde ella podia achar, e com a fulguração do estylo, tudo quanto eu repetira combatendo o jurista que cortejava uma dama á custa dos heroes da campanha santa.

Não fui e a senhora, para os que têm olhos para o amor, passa por ser uma das maravilhas do grande mundo. Não sou um despeitado, como pensas — sou um homem de programma. E tambem não aborreço a mulher como creatura, não, é a linda plastica. Um corpo de mulher bem feito e esbelto encanta, não ha duvida, mas deixem-na ficar como ornamento, levam toda essa graça divina para um pedestal e serei o primeiro entre os admiradores; mas como esposa é que não, isso não, porque com o seu espirito futil vai a pouco e pouco eliminando a energia do homem, conseguindo, as mais das vezes, tornal-o escravo dos seus nervos e dos seus sorrisos. Esposa é que não! Olha para a historia e vê quantas calami-

dades devidas ao bello feminino. Qual! o homem deve ser independente em absoluto. Accordes vieram interromper a facundia do philosopho: Que é isso, Jorge?

— Chopin.

— E' a Cegonha. Detestavel mulher, mas grande artista. Grande artista! Fossem todas como ella: espirito, espirito... e então sim. Porque afinal essa pobre Miss não tem outra coisa senão espirito, não te parece? Na resurreição da carne essa admiravel mulher bradará contra a injustiça de Deus, porque não poderá apparecer na vida, á falta de materia prima. Mas um grande espirito! incontestavelmente. Um grande espirito! E o *nocturno* sentimental vibrava docemente no silencio da noite de luar. Subito Cesario levantou-se:

— Ficas ahi? Eu desço, vou traçar o plano do livro. Sinto-me bem disposto e impellido ao trabalho. Vens?

— Não, fico ainda. Esta fresco aqui.

— Então até logo. E recitando: *The moon shines bright...* foi descendo lentamente a escada.

VI

Só, em face da noite radiante, brandamente embalado pelos sons do piano, Jorge foi, aos poucos, cedendo ao influxo suggestivo do ambiente, sentindo-se invadido pela melancolia que parecia descer do céu na luz aerea do luar.

Como se todas as suas forças vitaes cahissem em lethargo gradativamente, em amortecimentos successivos, crescentes, perdia a sensação do corpo e, espirito sómente, pairava acima da materia inerte que o extase prostrara. Os olhos, fitos no céu, turbavam-se de vez em quando como se uma nuvem densa os empanasse rasgando-se, por momentos, para deixar apparecer a amplidão estrellada. Os sons do piano enfraqueciam como se os levasse, em rumo opposto, a briza da noite balsamica; por vezes, porém, vibravam nitidos.

Mas o desprendimento foi-se fazendo a mais e mais e, no enlevo, alheio a tudo que tinha em torno, insensivel á vida que o cercava, Jorge ficou inteiramente esquecido, num arroubo de sonho. Era a tortura tremenda, a melancolia que o prostrava na inconsciencia, nesse estado de soffrimento passivo, á falta absoluta de energia para combatel-o.

O negro vacuo do cerebro foi, aos poucos, enchendo-se de apparições indecisas, indistinctas, que elle via introvertidamente como se olhasse para o seu intimo. Idéas, porém, appareceram, factos completos e a memoria começou a exhumar o dia, com todas as particularidades, com todos os incidentes occorridos e, como se o movimento das horas passadas, horas que haviam morrido com o sol, revivesse dentro delle, começou a *ver* e a *ouvir* tudo que vira e ouvira nesse dia de tedio e de lazer indolente: pessoas e coisas moviam-se-lhe no cerebro como em uma arena e resoavam vozes e risos, todo o rumor alegre com que as Moretti haviam enchido a casa. Mas, dominando todas as vozes, a de Sarita vibrava com intensidade.

E, como á repulsa violenta de uma força mysteriosa, tudo mais foi-se desvanecendo, ficando só, dona absoluta do espirito, enchendo-o com a

fulgurante e viçosa belleza do seu corpo, com a melodia languida e cheia de caricia da sua voz, com a claridade altiva dos seus olhos, com a purpura humida da sua bôca, Sarita viva no sonho, viva e perfeita, que elle via, ora longe, como se estivesse no céu, caminhando pela estrada diaphana da Via Lactea, ora perto como se estivesse encostada á balaustrada, olhando-o, falando-lhe, ou que elle sentia tão aconchegada como se o houvesse penetrado e estivesse debruçada aos seus olhos como uma sonhadora no balcão de um solar antigo, sob os corymbos em flor da ogiva gothica. De visão em visão transportou-se á casa das Moretti e via-a, despreoccupada e feliz entre as amigas, mirada pelos olhos voluptuosos e impudicos que a desnudavam tirando, pelas linhas admiraveis do seu contorno esbelto, a sua plastica maravilhosa, rija e forte como a polpa de um fruto verde.

E, numa rapida precipitação de scenas, sem transição, viu-a na alcova, junto ao leito de Heloisa, estreito, nublado pela bruma do cortinado, de pé, despindo lentamente as roupas, com um vagar suppliciante, deixando transparecer uma nesga de carne, cobrindo-a logo, num movimento escrupuloso de pudor virginal, encolhendo-se, os braços juntos, apertados ao collo, como num arre-

pio de frio. Por fim, resoluta, desfazendo os laços e deixando as roupas cahirem-lhe aos pés como a folhagem viçosa de uma arvore cujos galhos o lenhador vai decepando... e, quasi núa, mais linda, allucinadoramente linda, na alvura da camisa que lhe denunciava o corpo, linda como a manhan resplandecendo atravéz da nevoa subtil. Viu-a deitar-se e com ella, aconchegando-se-lhe ao corpo juvenil e tepido, carne contra carne, Heloisa amparando-lhe a cabeça no braço alvo e forte, a esplendida cabeça, encantadora no desalinho dos cabellos derramados pela alvura dos travesseiros como ondas de um mar dourado beijando as areias alvissimas das dunas.

Viu-a... mas uma nuvem obscureceu-lhe o olhar e todo elle vibrou num assomo de repugnancia e de colera. Teve um impeto, poz-se de pé com violencia, sorvendo a plenos pulmões o ar puro, passando a mão pelos olhos como para limpal-os da visão incestuosa.

E, como se despertasse, ouviu clara e distinctamente sons do piano, tinir de crystaes, vozes de criados e encaminhou-se para a porta.

O copeiro retirava os vasos para prateleiras junto ás janellas, para que a folhagem recebesse o orvalho revivescente. Jorge chamou-o, pediu agua.

O combate travava-se intimamente; a visão reapparecia d'impeto, inopinada, elle repellia-a atordoando-se com outras idéas que rebuscava, insistia em factos como para tomar todo o pensamento, afim de que nelle não mais entrasse essa allucinação succuba e a sua physionomia demudada contrahia-se angustiadamente como nas ancias de uma agonia. O copeiro appareceu com o copo em uma pequena salva. Jorge tomou-o e bebeu avidamente, a grandes tragos. E entrou para a sala seguindo o copeiro, como attrahido por elle, por uma necessidade de companhia; deu volta á mesa, vagarosamente, cabisbaixo, enfiando os dedos pelos cabellos e, quasi em inconsciencia, foi direito ao salão. Parou apoiando-se a uma cadeira, ouvindo o piano; mas Sarita obsediava-o.

Mamoaselle, ouvindo-lhe os passos, perguntou sem deixar o teclado:

— Quem é?

— Eu, Miss. E, satisfeito por ter ouvido a voz da professora, com a mesma alegria que experimentaria um encarcerado ouvindo, do fundo da masmorra lobrega, a voz de uma pessoa querida que lhe annunciasse a liberdade, adiantou-se até á saleta onde a escosseza accendera um bico de gaz apenas e, com os braços sobre o piano, disse:

— Estava lá fóra ouvindo, Miss.

— Ah! fez *Mamoaselle* com um relampago dos oculos, mas baixou a cabeça continuando o *nocturno*.

Jorge sentiu que a visão ameaçava reapparecer e já lhe ia surgindo ante os olhos, sentada ao lado da professora, *ella*, Sarita, bella como elle a vira na indecisão da alcova imaginaria.

Afastou-se lentamente pelo corredor ganhando de novo a varanda onde Bá, de pé, encostada ao umbral da porta, o rosto inclinado na palma da mão, olhava o céu distrahida:

— Estás admirando a noite, Bá? A negra suspirosa, sempre com o olhar perdido, respondeu cheia de saudade:

— Estava pensando em Nhanhan... Faz tanta falta, coitada!

Sem responder, Jorge desceu a escada, encaminhando-se para os seus aposentos. Cesario, num fôfo robe de chambre, os pés em chinellas, percorria o salão a grandes passos. Mal o viu entrar voltou-se:

— Oh!... Sabes, creio que desta vez consigo. Tenho o periodo inicial, os primeiros compassos do meu preludio, e sobre as notas que possuo dentro em poucos dias terei construido todo o capitulo da marcha dos aryanos. Quero traba-

lhar bem para dar uma coisa digna, uma pagina monumental, á maneira do velho Flaubert, com abundancia de accessorios: os grandes carros rangendo, os choraes solemnes de toda uma raça mobilisada — os homens cobertos de pelles cerdosas, armados como para uma guerra; as mulheres cantando no fundo dos carros pesados, coroadas de flores nunca vistas, os olhos extasiados na contemplação dos céus vastos e dos volumosos rios. Que dizes? Achas que devo ficar no estylo sobrio, empregando mais sciencia do que imagens, ou entendes, como eu, que não devo sopitar o genio? Atiro-me, que dizes? mesmo porque não sei lidar com a phrase secca dos didacticos. Gosto de ouvir a musica dos periodos e não admitto em arte a toilette preta: vôos largos, vôos largos, o colorido, o som, não achas?

Jorge estendera-se no *pliant:*

— Sim, penso como tu, e principalmente porque acredito que, sem imaginação, não conseguirás uma linha.

— Uma linha!? uma palavra! Então achas que devo optar pelo grandioso?

— Certamente.

— Não imaginas como me fazem bem essas palavras. Confesso-te que estava hesitante porque, se ha animal que me apavore neste mundo,

é o critico. Não imaginas! creio que desappareceria da face da terra se um homem falasse mal de um só periodo meu... Se falasse de dois matava-o! Agora sim, vou atirar-me ao trabalho com furia. Se acordares cedo amanhan, chama-me... Não vou agora para a mesa, porque estou com o cerebro fatigado... e não ha como a manhan para as grandes idéas. Chama-me cedo, bem cedo: ás cinco.

Houve um curto silencio. Cesario caminhava de um para outro lado; o robe de chambre abria-se de vez em quando escancarando as abas como duas azas enormes de morcego. Jorge, passando os braços por traz da cabeça, recostou-se.

— Estou vendo tudo! exclamou Cesario de olhos baixos. Estou vendo tudo, olho a grande multidão aryana do alto da minha imaginação como Moysés, de cima do monte Nebo, olhava o seu povo de Chanaan, ao longe. Chanaan é a gloria, é o successo. Vejo tudo! E estacando, o ar preoccupado: Homem, é verdade... e eu que vejo tudo quanto penso! Não será isto uma molestia? E' estranho. A imaginação é o olhar do espirito, que dizes? Acho estranho... Dá-se isto comtigo?

— Sempre! Ainda ha pouco estive a ver Sarita.

— Ora, tu és um saudoso. Tens essa enfermidade terrivel. E toma cuidado! Olha que não ha nada peior para um coração do que a saudade. Paresces-me um chacal, porque não fazes outra coisa senão desenterrar cadaveres no coração para cevar-te nelles. Toma cuidado! Que diabo de preoccupação, deixa a menina! Diverte-se. Queres que ella desterre a mocidade nesta tristeza? Porque, afinal, dizendo a verdade, isto não deve sér nada agradavel para uma criança cujo coração começa a pulsar. Para nós é magnifico, para nós e para a Cegonha, que já desesperou de encontrar um coração que comprehenda o seu, mas para ella... Tem paciencia. Deixa-a espairecer. Pareces um noivo, que diabo! Nem tanto. Vamos cuidar de lettras. Vem d'ahi ajudar-me a conduzir o meu rebanho. Convido-te para meu collaborador, dá-me o braço e vamos entrar, como dois bons amigos, na Posteridade. Queres pensar?

— Não. Estou a cahir de somno. Vou dormir.

— Dormir... a esta hora!? O' homem, vai ámanhan ao consultorio do teu medico para que elle te examine. Dormir? e que has de fazer da manhan, desgraçado? Não penses nisso. Vamos, esquece o somno. Vou ler-te uma boa pagina. Que queres: philosophia ou uma tragedia? Es-

colhe: Schopenhauer ou as *Coephoras*. Tenho Eschylo e o pessimista á mão.

— Vou deitar-me. Estou molle, aborrecido... tedio. Vou deitar-me. Levantou-se estendendo os braços num longo espreguiçamento e, como se encaminhasse morosamente para a camara, Cesario, que o acompanhava com o olhar piedoso, lastimou-o:

— Pobre homem! dormir ás dez e meia da noite... E alteando a voz: O' desgraçado! E não tens medo da insomnia matinal? Mas, vendo-o desapparecer, encaminhou-se para a porta e fechou-a, fechou as janellas e atirou-se ao *pliant* com um estrondoso bocejo. Cruzou as mãos no ventre e immovel, os olhos fixos, ficou a pensar, mas cerrando os palpebras lentamente, adormeceu roncando com estridor na sala vasta e silenciosa.

VII

A luz de um bico de gaz, coando-se atravéz de um globo verde, espalhava uma penumbra dormente na camara, onde avultava o grande leito, alto e severo como um catafalso. Jorge, recostado em uma almofada, fumava, soprando baforadas distrahidas, sempre obsediado pela idéa tenaz que lhe gyrava no cerebro como uma mosca voando em receptaculo hermeticamente fechado, a zumbir afflicta, indo e vindo, anciosa de liberdade. Cesario roncava ruidosamente na sala proxima, espalhando pelo interior socegado o rumor regular de um somno tranquillo e fóra, á lua pallida, os grilos trilavam adormecedoramente.

A imaginação torturava-o com a evocação da carne virgem de Sarita. Intimamente, no mesmo campo de acção, idéas contrarias debatiam-se e,

como se vozes se pronunciassem no seu coração, elle como que ouvia a renhida disputa da dualidade que nelle havia — a seducção peccadora trazendo-lhe não só a voz, languida, de moroso rhythmo, que era em Sarita um dos attractivos mais fortes, mas a claridade dos seus olhos, toda a viçosa carnação do seu corpo, o seu andar gracioso e brando, ella toda, ora apertada nas vestes que lhe compunham as fórmas admiraveis, ora núa, como uma visão olympica, uma das succubas tentadoras das que dantes, nos tempos ferventes do ascetismo santo, appareciam aos solitarios, seduzindo-os para o peccado, como Ammonaria, a escrava.

Mas a outra voz pura bradava, em assomos de zelo, como um propheta immaculado combatendo crimes — e dizia: «E horrivel! Pois eu que a tive pequenina nos braços, eu que lhe ensinei as primeiras palavras, eu que a vim trazendo pela mão até essa idade, não permittindo que lhe tocasse a innocencia a mais pequenina mácula; eu que a considero minha filha, minha verdadeira filha, hei de pensar criminosamente sobre a sua pureza, manchando-a, ao menos diante dos meus olhos, que já não a podem fitar com a ternura antiga, porque ficam abrazados de volupia, mal a avistam? Eu que a recebi da mãi

como um penhor confiado á minha honra, sou o primeiro a prostituil-a em succubatos incombativeis...? Meu Deus!» Mas a voz interior calava-se, vencida pela ascensão lubrica da visão formosa. Sarita reapparecia, pairando como uma bruma, gyrando no ar ou baixando docemente, docemente...

Irresistivelmente levantou os olhos: a allegoria da Noite, formosa e núa, começou a mover-se no baldaquino, a principio branda, em contorsões de espasmo, a pouco e pouco, como se se libertasse do céu de seda, animada, viva, palpitante, crescia, crescia. O seu collo rijo ondulava, descerravam-se-lhe os labios em sorriso, illuminavam-se-lhe os olhos e, numa tunica attalica, feita com os proprios cabellos, descia como uma pluma que vem baixando lentamente dos ares, oscillando com as correntes da briza, já roçando a terra, subito ascendendo, oscillando em negaças, como a brincar.

Mas não era a Noite, era Sarita, era ella que se encarnava na pintura decorativa para seduzil-o, para arrastal-o á profanação nefanda, era *ella* que descia languida, com os braços abertos como uma cruz branca de marmore impolluto, cahindo para um sacrificio novo.

Jorge rolava no leito, as mãos na cabeça,

offegando. Sentia-se cançado e, quando a visão desfazia-se, ficava-lhe um grande vacuo no cerebro como se lhe houvessem arrancado toda a massa pensante. Prostrado então, inerte, olhos fechados, repousava até que de novo, creando-se na escuridade a visão seductora, recomeçava o supplicio, silencioso, latente. «Oh! meu Deus! é atroz!» E passou a mão pela fronte abrazada, tinha os labios seccos, os olhos em fogo; o suor humedecia-lhe o corpo e da sala proxima, só, no apavorante silencio vinha, de espaço a espaço, o ronco de Cesario que adormecera profundamente.

Nervoso, de uma impressionabilidade infantil, Jorge prestava ouvidos aos minimos rumores, escutando o farfalhar das arvores fóra, ao luar, crepitações vagas, fremitos, por fim já o resomnar de Cesario impressionava-o. Sentou-se no leito, os olhos dilatados e, medroso, apavorado, parecia distinguir passos no jardim, impulsos de mãos nas portas, vozes sussurradas, silvos ao longe.

Atirou as pernas para fóra do leito e ergueu-se, caminhando descalço para a sala. O «philosopho» dormia, a cabeça tombada, a boca aberta, um dos braços mollemente pendido para o chão. Jorge hesitou em acordal-o, mas sentia necessidade de companhia, a solidão aterrava-o, trazia-lhe

visões. Foi de manso até junto do *pliant* em que se estendera o amigo, e, tocando-lhe no hombro, chamou-o: Cesario! Cesario! O philosopho despertou subito, d'olhos muito abertos, cheios d'espanto, perguntando arvoado:

— Que é? Que é? e, como o visse pallido, no desalinho em que se levantara, interrogou-o: Que é? tens alguma coisa? Estás com uma cara! Que é isso?...

— Insomnia... Não posso dormir. Não sei que sinto. Estou ficando peior do que uma mulher. Queres que te diga — até medo tenho... — Estás descalço, homem...? E o philosopho levantou-se, deu luz ao gaz e, enrolando um cigarro:

— Pois eu estirei-me ali para continuar a minha concepção e já ia conduzindo os aryanos pelos valles ferteis quando o somno atirou-me o golpe fatal. Decididamente somos escravos da materia — não ha resistencia possivel quando o animal entende que ha de empacar nessa pasmaceira de não sei quantas horas de inercia. Dormi bem desde as 11. E que horas são, sabes?

— Duas, pelo menos.

— Já é hoje.

Jorge alisava os cabellos nervosamente e encostou-se á mesa, cabisbaixo, as pernas cruzadas.

— Estás sentindo alguma coisa?

— Não estou bom. Não sei que tenho. E' um horror!

— Mas, afinal, que sentes? Pareces-me um Argan, sempre a pensar em molestias, sempre preoccupado com as palpitações do coração e com os phosphatos, a pedir digitalina e analyse. Andas com esse orgão sempre pelos consultorios e com a uréa em constante fervura nos laboratorios chimicos. Queres o meu diagnostico? tu o que tens é scisma, é essa mania da enfermidade que os modernos classificam entre as terriveis phobias. Alija essas idéas e come, bebe e dorme regaladamente para que não enlouqueças agarrado ao pulso, com um thermometro Casella debaixo do braço.

— E' justamente no que eu penso, disse Jorge soturnamente, com o olhar extatico, bamboleando a perna. Não vejo outra explicação para o estado de eterna visão em que ando senão que estou na fronteira da Loucura. E frenetico, a fronte carregada, os braços cruzados: Noite e dia, noite e dia, as mesmas sombras sempre, sempre a mesma idéa, absorvendo-me, inutilisando-me. Não posso pensar, porque todo o meu cerebro está occupado por uma idéa incoercivel. Vivo assistindo á representação dolorosa de uma tragedia

torpe dentro de mim mesmo. Sou espectador e actor. Combato, evito... mas tudo é baldado, sou victima da minha imaginação ou de não sei que. Imagina tu o soffrimento de um homem que sente dentro de si vivendo, agindo, outro homem de sentimentos oppostos, torpe, lubrico, que sei! Parece-me, ás vezes, que me borrifam a alma de lama. Não sei que é!... Ha occasiões em que tenho vontade de sahir para a noite, caminhar até cahir estafado para alliviar-me desse supplicio atroz. Não sei que é... Passou a mão pela fronte e começou a passeiar, nervoso, arrepellando os cabellos.

— Mas em que pensas? Que idéa é essa? indagou Cesario, caminhando para a camara.

— Sei lá! disse Jorge com um gesto de ira. Sei lá! O «philosopho» reappareceu atirando ao chão um par de chinellas:

— Olha, calça. Estás ahi com os pés na friagem. E, calmo, enrolando um cigarro, tranquillisou-o. Isso é natural no teu estado: estás nervoso, insomne, o cerebro resente-se; vê se dormes. Andei tambem assim muito tempo, sei o que isso é. Mas curei-me com esforço: atiro-me ao exercicio, fatigo-me e, á noite, quando derreio, meu amigo, mal tenho tempo para estirar as pernas, porque logo o somno beneficiador fe-

cha-me as palpebras começando na minha guela, mais sonora que um orgão, isso que tu chamas «o estrondo do meu somno.» Tu és um sedentario, vives invernando, nem se quer procuras a boa sombra das tuas arvores. Passas aqui os dias entre livros, a mudar de cadeiras, numa vida de fakir. Não serve, o corpo quer movimento, exercicios. Vamos amanhan cedo ás arvores; á tarde, outro passeio ás arvores e has de ver que a idéa foge espavorida do teu espirito enxotada pelo somno. Eu durmo e, quando a insomnia ronda as minhas palpebras, se tenho á mão qualquer livro de arte primitiva, vou ás paginas, se não atiro-me aos grandes problemas finaes: Deus, a immortalidade d'alma e creio que nunca os resolvi, porque sempre fico em meio da locubração. Qual loucura! E Cesario deixou-se aprofundar mollemente no *pliant*, esticando as pernas.

Um gallo cantou. E como Jorge bocejasse:

— Então? Corre ao leito, corre. Já não ha sortilegios no ar da noite, nem pesadellos em volta das camas: o gallo santo cantou. Vai! E que o bom Deus vele á tua cabeceira. Jorge submisso, ia seguindo, mas voltou-se:

— Porque não te vens deitar na tua cama?

— Homem, tens razão. Tenho pernas demais para esta cadeira. Vou. E, levantando-se, passou com o amigo á camara silente.

O «philosopho» arranjou o seu leito e alongou-se, os braços por baixo da cabeça, á maneira de travesseiros, as pernas encolhidas. Jorge rondava, sem animo de deitar-se, receiando o leito como um condemnado receia o cadafalso; mas como Cesario insistisse que se deitasse, que se puzesse á dispoição do somno, que tomasse attitude de victima, prompta a receber o golpe, sentou-se á beira do leito, como se o experimentasse e, lentamente, foi-se deixando cahir, recostando-se á grande almofada, a cabeça firme, o olhar rutilo e fixo. Esteve assim, mas o «philosopho» começou a bufar e um ronco engasgado grugrulejou no silencio.

Jorge voltou a cabeça num movimento rapido, impulsivo, prestou attenção: os olhos foram-selhe para o baldaquino onde a figura da Noite mal apparecia como uma mancha, percorreu toda a camara com um grande olhar desvairado e ergueu-se, pé ante pé, sobre o pellego; foi até o bico do gaz e fechou-o.

— Que é isso, homem? Porque fechaste o gaz? indagou Cesario, que acordara subitamente com a inopinada treva.

— A claridade não me deixa dormir.

— Pois olha, eu, no escuro, tenho uma estranha sensação de asphyxia; parece que a treva

abafa-me, fico sem ar, suffocado e opprimido. Mas a sombra foi-se aos poucos esbatendo; a claridade da sala diffundia-se flebilmente, chegando até á camara num diluculo suave.

Jorge deitou-se então, puxando as cobertas até o queixo, e quedou encolhido, olhos abertos, espiando na meia escuridão. Mas nimbos começaram a fugir-lhe das pupillas, aureolas flammineas que se destacavam e desappareciam como absorvidas pela sombra, depois fagulhas como as que saltam nas crepitações das fogueiras. Cerrou os olhos apertando fortemente as palpebras, mas as aureolas sahiam-lhe com mais força, em maior copia e, pequeninas, distendiam-se, distendiam-se como os circulos concentricos que se abrem á flor das aguas. Cesario roncava a mais e mais. Gallos cantavam longe e perto, por fim de todos os poleiros partiram cocoricós estridentes. Era a madrugada.

Jorge, já moído, resolveu levantar-se. Sacudiu os lençóes e, furioso, atirou-se para fóra do leito, procurando no movel de cabeceira a caixa de phosphoros. Tacteava e, como um volume cahisse no chão com um estalo secco, Cesario acordou de novo, soffrego:

— Que é? Que é isso? Não dormes, homem?

— Qual dormir! Vou andar por ahi. Sei lá

que é isto! Vou andar. Procurou com as mãos as chinellas debaixo da cama e, como as não achasse, sahiu descalço, indo á sala procurar phosphoros. O «philosopho», quando o viu entrar com a luz, espreguiçou-se.

— Horrivel coisa, hein?

— Horrivel! Começou a vestir-se taciturno, frenetico.

— Mas vais andar lá fóra? Olha que está frio. Podes apanhar alguma...

— Qual! Que diabo fico fazendo aqui dentro? Ali ao menos refresco a cabeça que me parece querer estourar. Não sei que é isto. Cesario mirava-o com pena, alisando a barba que se lhe derramava pelo peito.

— Deixa aquecer mais e mette-te num copioso banho frio. Isso é nervoso. Bocejou e voltou-se de flanco. Jorge, atando os cordões do jupon que enfiara, caminhou lentamente para a sala e abriu a porta que deitava para o jardim.

O dia bruxoleava, um vento frio, picante, soprava; as montanhas, alvas de nevoa, pareciam adormecidas. No céu ainda palpitavam estrellas e a lua pequenina não tinha o lindo fulgor, parecia exhausta da vigilia, modorrando dentro da neblina da manhan.

Carroças de capim passavam com um forte rumor de rodas solavancantes e bois mugiam.

Jorge arrastou para a porta o *pliant* e estendeu-se nelle, diante do céu fosco, exposto á aragem fria, como á espera da luz. E com os olhos no alto pensava na visão impura, criticando intimamente a infame aberração do seu espirito, evocando, como para purificar a alma, a infancia de Sarita — as noites meigas que passara com ella ao collo, sentindo em torno do pescoço o elo dos seus dois bracinhos e no rosto a caricia dos seus cabellos louros, a dedicação incomparavel da criança quando, abandonado pela mulher, sentiu a grande dor que vem das ingratidões e o inconsolavel supplicio do silencio ao vermos vasio um lugar outr'ora occupado por alguem que nos possuia inteiro, em cujo coração esvasiavamos tristezas, queixas e confidencias, cujos olhos eram o oriente de onde nos vinha a luz, cuja boca, transbordante de beijos, esparzia sobre os nossos desalentos as palavras balsamicas da esperança e pedia por nós e chamava-nos e acariciava-nos com os termos que só o amor inventa e amenisa.

Mais tarde. o desabrochamento gradativo da mulher, a indecisão da puberdade surgindo dia a dia, lenta e graciosa, demonstrando-se nas curvas

do corpo, no brilho dos olhos, na tonalidade da voz, no amaneirado da compostura, na graça feminina, recatada e pudica, quando a criança começa a moderar as corridas deixando em paz a borboleta, esquecendo a boneca despenteada e núa para frizar um cacho, para brunir uma unha ou simplesmente para pensar. E a ternura com que ella o recebia sempre e sobretudo a innocencia, a confiança com que o beijava. Toda essa reconstrucção do passado concorria para tornar ainda mais negro o pensamento ignobil, que o não deixava, perseguindo-o com a insistencia pertinaz de um remorso.

Leves tintas radiantes, estrias de sangue, mosqueavam o céu empavesando-o garridamente. A nevoa esgarçava-se e a lua, a mais e mais pallida, ia sumindo. Pombos passavam no ar purissimo e leve e na rua homens de trabalho seguiam, falando alto, rindo. Clareava. Jorge sentia as palpebras pesadas, uma sensação de fadiga em todo o corpo e no espirito. Foi cerrando os olhos mollemente, num torpor de narcotico, e adormeceu. Ia alta a manhan quando Cesario appareceu á porta, pasmando de ver o amigo adormecido em pleno sol, como um saurio friorento. O jardineiro passava o alfange pelo grammado, cantando e Miss Kate, na varanda, lia levantando os olhos de

vez em quando para ver Diana, aos saltos, ganindo afflicta, á caça d'uma borboleta.

Cesario, dando com os olhos na escosseza, como estava em mangas de camisa, recuou pudico, compondo a abertura para que não lhe apparecesse o peito cabelludo e bradou:

— Jorge! Êh! parsi. Êh! Jorge abriu os olhos e fechou-os deslumbrado pelo grande sol. Levanta-te, homem! Olha que a Cegonha está a contemplar da altura o teu tibia feìpudo.

Jorge levantou-se estonteado e, apertando o jupon, recolheu-se.

— Que horas são?

— Oito. Como diabo conseguiste dormir ahi como uma planta, ao sol...?

— Felizmente! Não me foi possivel conciliar o somno na cama. Não sei que tinha. Felizmente dormi aqui um pouco. Mas estou como se tivesse viajado leguas: derreado, palavra d'honra, derreado!

— Descança um pouco e vamos ao banho frio, que ficas reconstituido. Não ha como uma boa ducha, esta é a verdade. Não ha como uma boa ducha. E o «philosopho» poz-se a passeiar ao longo da sala esfregando as mãos. Jorge passou á camara e de dentro perguntou:

— Sahes hoje, Cesario?

— Não! Ao domingo as minhas solas não se maculam na lama macerada pelo *flôr-ao-peito*. E, como Jorge apparecesse com uma toalha ao hombro, Cesario estendeu o braço para a mesa e solemne, com os olhos brilhantes: Vou tentar... Está um dia esplendido, hein? Quero fazer o grande sacrificio de o dar inteiro á historia, á civilisação, ao livro. E, vendo Jorge encaminhar-se para a porta, precipitou-se: Espera, homem, deixa ao menos que eu vista um casaco e apanhe o meu panninho. Espera. E com as grandes pernas, em tres passos, ganhou a camara commum.

Sahiram para o banho. Diante do chaletzinho, apezar das instancias de Jorge, Cesario negou-se a entrar primeiro, a pretexto de que ainda não recebera a benção hygienica das arvores, e afastou-se, as mãos para as costas, a toalha ao hombro, indo até á cerca onde começava o bosque. Voltou, sem mesmo levantar os olhos para as arvores e, diante do gallinheiro, deteve-se olhando as aves; um grande perú caminhava empanturrado, a cauda aberta, bufando. Cesario poz-se a assobiar e o perú grugrulhou desmanchando-se, a andar tonto dum lado e doutro. O «philosopho» dobrava as gargalhadas, e mal o perú começava a enfunar-se, assobiava para ouvir o grugrulho.

Estava tão entretido que foi preciso que Jorge o chamasse da porta do banheiro:

— O' Cesario!

— Ahi vou! Assobiou ainda uma vez, rindo mal a ave, espichando o pescoço rubro, respondeu.

— Ah! meu amigo! Se ainda não viste a imagem do fanfarrão, do traga-mouros, vai ali assim ao poleiro admirar aquelle perú. E' um pobre diabo que até das gallinhas chocas apanha bicadas, mas vai ver que orgulho! E entrou para o chalet rindo e grugrulhando.

Jorge, retemperado, sentia um grande allivio; demais, a idéa da volta de Sarita na tarde desse dia, punha-o de bom humor. Para evitar os olhos de *Mamoaselle,* entrou por uma porta baixa que levava ao gabinete de toilette e, cerrando-a, despiu o jupon, atirando-o abandonado a um canto. Abriu um dos gavetões procurando a roupa branca, e em grande azafama, enfiou as ceroulas, vestiu a camisa de meia e diante do espelho, vertendo num copo verde gottas de dentifricio, mirou-se. Olheiras fundas cercavam-lhe os olhos, os ossos apontavam-lhe á flor da pelle, como se a quizessem estalar e, apezar da côr ficticia ganha na frescura do banho, a pallidez voltava.

— Estou magro... murmurou, e com um rictus levou a escova á boca, começando a fricção.

Cesario appareceu purpureo, tiritante, e olhando-se no grande espelho do guarda-casacas, a esfregar a calva, chamou o amigo:

— Olha, meu velho... E mostrando-lhe as barbas gottejantes: dize... não pareço um rio da mythologia? Mas esfregava-se com furia «para a reacção» e cançado lembrou o café: Se tomassemos uma chicara, que dizes? Jorge, com as bochechas infladas, indo e vindo, acenou affirmativamente. O philosopho correu a calcar sobre um botão electrico para chamar o criado.

— Excellente agua! mas fria a valer. Sahi roxo como um petiz que nasce. Fria a valer!... E arrepellava as farripas com a toalha, alisava a barba, limpava os olhos, atafulhava os dedos nos ouvidos. Falaram fóra.

— Café, Innocencio, e já!... O «philosopho» ainda accrescentou:

— Bem quente, Innocencio. Jorge escancarou o guarda-casacas e tirou calças, colletes, casacos. Cesario, sempre a esfregar-se, acudiu:

— Vais sahir com tudo isso?

— Não, quero umas calças. Não estão aqui. Achou-as por fim: Ah! E encostando-se á parede enfiou-as.

— Palavra, eu não seria capaz de manter tanta cachemira. Acho que o homem deve ser como os

animaes que só têm uma pelle. Para que tudo isso? Quem aproveita? o alfaiate. Jorge passou á camara e Cesario, diante do espelho, escancelava a boca, esticava o pescoço, examinando-se: Diabo! eu marco os annos com os dentes. Estou ficando com a boca despovoada de autochtones e convenço-me que não ha remedio senão recorrer ao immigrante. E' uma desgraça! poucos e em que estado!

— Olha o café, Cesario! O «philosopho» passou á camara.

O almoço correu alegre e Cesario, para fazer rir, interpretou um sonho de *Mamoaselle*, que se vira em um campo vasto, coberto de flores, mas sem uma arvore, chato, monotono e verde.

O «philosopho» garantiu que iam começar dias prosperos para a professora. Sendo o verde a côr da esperança, é sempre de bom augurio nos sonhos. A ausencia de arvores significa que sombra alguma toldará a felicidade que os espiritos da noite annunciaram. Felicidade tão grande, Miss, como esse campo vasto que viu. Riram. Cesario, apezar do immenso desejo de lançar as bases da sua obra, deixou-se arrebatar por *Mamoaselle* para o gabinete do piano e fez o chylo gabando Beethoven e Chopin, esse grande elegiaco; Jorge, porém, chamou-o convidando-o

para uma volta pela cidade. O «philosopho», diante da escosseza, fez um mômo: Sentia deixar aquelle ambiente artistico para ir metter-se na lama infecta das ruas. Mas como Jorge dissesse:

— Fica... arremetteu:

— Não, vou comtigo. E para *Mamoaselle:* A' noite, Miss. A' noite cá estarei para o maravilhoso Beethoven. Miss sorriu graciosa, correndo de leve o teclado e os dois desceram.

— Que diabo vais fazer tão cedo á cidade, com este sol?

— Buscar Sarita.

— Mas não disseste que pretendias buscal-a á noite?

— Não; á tarde. E, numa volta brusca: Homem, parece-me que estás com vontade de ficar com a professora...?

— Eu? Ensandeceste, homem!? Não posso com a musica por atacado. Um bom trecho arrebata-me, uma opera adormece-me. Estás doido!... Um dia inteiro plantado junto ao piano! Diante da mesa, como Jorge tomasse o chapéu, Cesario demorou-se contemplativo, os olhos na resma de papel: Palavra de honra! Não sei quando começarei esta coisa. E eu que a todos vou dizendo que estou nos ultimos capitulos. Um Braz, ahi de um jornal, quiz annunciar a obra, detive-o em tempo.

E Jorge, tomando a bengala:

— Mas eu já li qualquer coisa sobre a tua *Historia da civilisação*. Já li...

— Sim, leste uma pequena noticia. Dei-a eu mesmo para comprometter-me com o publico. Foi na *Gazeta*, em janeiro. Creio até que lá se dizia: que já entrara para o prélo. Essa é minha. Sahiram.

Na cidade Cesario tomou o grande ar austero, o passo grave de ibis pensador; mas no Paschoal, como cahissem em pleno grupo de politicos, o «philosopho» desmantelou-se esbravejando contra o governo, trazendo velhas tyrannias para confronto com os actos ignobeis dos contemporaneos e, com o copo de cerveja a tremer-lhe nas mãos, annunciou futuros dias de sangue, de excidio e de miseria, concordando, por fim, com a necessidade das medidas energicas, sem as quaes não ha respeito nem moral nas sociedades, e esbaforido levantou-se para acompanhar o amigo á casa das Moretti.

Durante a viagem altercou com um homem que se lhe sentara sobre a aba da sobrecasaca, mas diante do mar toda a ira dissipou-se.

— Olha agora, Jorge, e vê se a grande luz não é mais linda sobre as aguas do que nas montanhas e nas mattas. Deus fez o sol immenso

para a immensidade dos mares. Mas olhando o homem de esguelha, procurava a aba da sobrecasaca.

As Moretti receberam-nos com lastima: Tão cedo! Mas Sarita, depois do beijo meigo, subiu para arranjar-se, confessando que já estava com saudade. As pequenas faziam sala e quando a velha Moretti appareceu, com os seus bandós brancos, cheia de queixas — porque Jorge havia esquecido a sua casa — as pequenas, trefegas, sahiram. Cesario, casmurro, examinava as paredes, examinava os tapetes cofiando a barba, e como a velha o interrogasse sobre o livro:

— Quasi prompto, minha senhora. Quasi prompto.

— Deve-lhe ter dado muito trabalho, snr. Cesario...?

— Muito, minha senhora. Muito... E o «philosopho» sentia-se disposto a contar toda a historia do seu esforçado labor, quando Sarita appareceu abraçada com Heloisa. Os dois homens puzeram-se de pé.

— Deixe-a ficar mais um dia, doutor. Iremos leval-a ámanhan, pediu Heloisa. Mas Sarita, que comprehendia o padrasto, relanceou á amiga um olhar severo:

— Não, preciso estar em casa, disse. Beijaram-na muito, acompanharam-na á porta.

Jorge desannuviou-se, exultava e tudo parecia-lhe mais bello — o ceu, o mar harmonioso, as ruas e, acompanhando Sarita, brincava com a bengala, a sorrir á felicidade intima.

Como parassem á espera do bond, Cesario interrogou-o:

— Viste, pelas paredes, as glorias do finado Moretti? E' louro que farte. E' por isso, talvez, que as pequenas são tão loureiras. Jorge encarou o philosopho indignado:

— O'! Cesario...

— Deixa passar, não foi de proposito: sahiu-me como um arrevesso. Irra! Olha que enjôa...!

VIII

Quando Bá entrou na camara com a bandeja do café Sarita ainda dormia, encolhida, a face repousada nas mãos postas, como se houvesse adormecido a rezar. A camisola entreaaberta desvendava-lhe o collo branco e tumido. O pescoço, roliço como um trecho de columna, tinha torsaes dourados de cabellos finos afflorando-o, e farta, dum louro quente, a trança estirava-se no travesseiro, em ondas. Um raio de sol, insinuando-se por uma frincha da janella, cheio de um pollen vivo, inflectia em diagonal sobre o pellego onde as sandalias, juntas, aconchegadas, como duas pequeninas barcas em ajoujo, esperavam os pésinhos passageiros. Sobre um divan as roupas amontoavam-se em desordem; o collete aberto jazia sobre o tapete; as saias, no

chão, faziam como uma grande flor, meio desabrochada. Morno e suave perfume errava docemente no ar.

A negra afastou o cortinado e ficou algum tempo cheia de enamorada ternura, contemplando os relevos do corpo que os lençóes cobriam desenhando todas as curvas. Baixou-se e, inclinando a cabeça, espiou como se desconfiasse daquella inercia mansa, mas convenceu-se de que effectivamente dormia. Então baixinho, a medo, com pena de interromper o somno calmo, chamou-a: «Nhanhan!» e ficou um momento á espera. Insistiu: «Nhanhan! Nhanhan!» e como a chorar: «São onze horas! Acorda, nhanhan!» Sarita descerrou os lindos olhos, mas logo os fechou, e esticando os braços, estrincando os dedos, voltou-se para o lado opposto, mastigando, uma perna encolhida, outra esticada, em obliqua, o pé nú, rosado e fino, quasi fóra do leito. A negra teimou: «Nhanhan... são onze horas. Acorda! Olha o café!»

— Deixa, Bá! Que aborrecimento! Mas a negra, descançando a bandeja na mesinha de cabeceira, choramingou:

— Eu tenho que fazer, nhanhan. Olha o café que esfria. São onze horas...

— Ah! Bá! Não quero café... Leva isso d'a-

qui! Você tambem! parece que tem inveja quando vê a gente socegada. Não quero café! Estou com somno...

— São onze horas.

Sarita soltou um muchocho, voltou-se rolando na cama, e encarando a negra que sorria, disse frenetica, sentando-se:

— Você, Bá! Que coisa! Como não dorme, não deixa ninguem dormir. Enrolou a trança no sinciput, cravou um pente contendo a massa opulenta dos cabellos e, estremunhada, olhos semi-cerrados, indagou: Que horas são?

— Onze horas, nhanhan. Pois eu não disse?

— E' mentira; e abotoando a camisola, queixosa: Quasi não dormi. Passei a noite toda a rolar na cama.

— Vosmecê não dormiu? fez a negra com ironia.

— Não dormi mesmo. Não sei que é que tanto estala nesta casa. Parecia que estavam forçando as janellas.

— Ah! nhanhan, é o vento. Tanto medo tambem! Medo de que! Quem é que vem aqui?

— Pois sim! Estendeu as mãos, a negra passou-lhe a bandeja e Sarita pousou-a entre as pernas cruzadas, começando a sorver o café lentamente, a pequenos goles. A negra, incommo-

dada com o desarranjo do quarto, poz-se a ajuntar a roupa; por fim baixou o ferrolho de uma das janellas abrindo um dos lados.

O sol entrou num jacto violento illuminando a camara, forrada de verde, fazendo scintillar o dourado dos pequenitos moveis de luxo que ornavam o dormitorio. Sarita, cerrando os olhos, revoltou-se:

— Oh! Bá! que mania! E passando-lhe a bandeja, indignada, atirou-se de novo á cama, puxando os lençóes até o queixo: Pois agora, por desaforo, não me levanto. Não me levanto, quero ver. A negra, amuada, tomou a bandeja e arrastava os passos para a porta, quando Sarita chamou-a: Bá! Miss já está de pé?

— Quem? *Mamoaselle?* Ainda era escuro e já estava lá em baixo com os livros.

— Mentirosa!

— Mentirosa... Vosmecê pensa que todo o mundo tem preguiça como vosmecê? Então isso são horas de alguem estar na cama? Onze horas... E depois de miral-a, com a voz lacrimosa: Levanta, nhanhan... que coisa! Sarita, para enfezal-a, meneou com a cabeça no travesseiro e pausadamente, em tom de mofa:

— Não, tia Bá...

— Pois então fique. Bem me importa. Vos-

mecê é quem perde; ha de ver como fica velha de pressa. Pensa que isso faz bem á saude? Dia alto e uma menina criança mettida na cama... Até Deus castiga; é mesmo. Depois começa a dizer que está doente, esse calor é que põe a cabeça branca. Vosmecê ha de ver como num pouco fica com a cara cheia de pés de gallinha. Não quer levantar? melhor! Eu é que não posso ficar aqui o dia todo. O serviço está lá em baixo chamando por mim..

Ia sahindo quando Sarita chamou-a de novo:

— Vem cá, negra velha! Bá mostrou apenas o rosto na porta entreaberta: Então... você teve muitas saudades de mim?

— Não tive, não.

— Nem eu! disse Sarita abandonadamente.

— Ah! vosmecê fala brincando. Eu sei mesmo que vosmecê nem pensa em Bá... Eu, sim, é que fico aqui como uma tola quando vosmecê sahe. Mas deixa estar, eu hei de aprender á minha custa. Pensa que não acredito? Ora! vosmecê é assim mesmo! e esticou o beiço desconsolada. Mas deixa estar: Bá não ha de durar toda a vida. Quero ver quem é que ha de ter com vosmecê a paciencia que eu tenho. Nem tudo o dinheiro paga, nhanhan! Pensa que ha de achar outra Bá, tola como eu? pois sim! E,

mostrando o busto, tocou de leve os hombros com a mão livre: — p'ra cá, mais p'ra cá!

Sarita olhava-a sorrindo e, como fizesse uma careta, a negra calou-se, olhando-a carrancuda, com um grande beiço. Mas aos momos da menina não se conteve, desatou a rir e, entrando de novo, pediu lamurienta:

— Levanta, nhanhan. São onze horas. Chega de cama. Vosmecê sabe que eu tenho de estar lá em baixo, porque Innocencio não sabe fazer nada. Levanta! E como Sarita meneasse de novo com a cabeça, a negra pousou a bandeja e avançou para a cama, os dedos aduncados em garras: — Ah! não levanta? Não levanta? pois espera... Mas Sarita encolheu-se enrolando-se nos lençóes e, sentindo os dedos da negra no flanco, começou a gritar, nervosa, torcendo-se ás gargalhadas:

— Não, Bá! Não, Bá! eu levanto-me. Espera!

A negra percorria-lhe o corpo com os dedos e ella contorcia-se rindo até que, sacudindo os lençóes, saltou do leito, corada e linda, ameaçando a ama com um travesseiro.

Mediam-se como adversarias: Sarita sempre em attitude hostil, o travesseiro prompto para atiral-o sobre a negra, caso ella investisse. Bá, porém, vendo-a de pé, observou com acrimonia:

— Vosmecê levanta da cama quente e põe os pés no chão, nhanhan! Não se emenda... depois começa ahi a gemer. Tomou as sandalias e, debruçando-se sobre a cama desfeita, passou-as á Sarita: Toma, nhanhan; calça. Vosmecê sabe que não póde apanhar friagem. Depois Bá é que tem que ver. Sarita, atirando o travesseiro á cama, deixou a estreita passagem em que se refugiara e, correndo um leve reposteiro que velava a porta do gabinete de vestir, chamou a ama:
— Vem cá, Bá!

Era uma sala vasta. Duas janellas altas abrindo sobre o jardim illuminavam e arejavam o interior ainda em penumbra. Os passos emmudeciam no tapete de grandes ramagens que forrava o soalho. Quando a negra abriu as janellas o sol invadiu o aposento flammejando no grande psyché de páu rosa.

Cesario, que chamava ao leito de Sarita «o mar Jonio, donde todas as manhans, num constante renascimento, Venus sahia dentre as espumas das rendas», referia-se, com enthusiasmo, ao gabinete de toilette, onde ella o introduziu depois dos ultimos arranjos, para ouvir a sua opinião. O «philosopho», sempre indifferente á vaidade e ás coisas vans do mundo, não se conteve, mal pisou a pelle de raposa que se esparrimava no limiar

da porta. Lançou um grande olhar do soalho ao estuque rendilhado do tecto e, seguidamente, correndo todos os moveis do lavatorio, vasto como um altar, até o guarda-vestidos, em tres corpos, «grande bastante para conter as tres mil saias dessa ignobil Isabel ingleza», do divan de seda carmesim, que Sarita bordara, copiando, de uma gravura antiga, o episodio idyllico da noite de Verona, aos quadros de assumptos meigos, até aos Saxes minusculos: fidalgas dos tempos graciosos, erguidas n'a ponta afilada dos pesinhos, as saias tomadas nos dedos, risonhas, em mesura galante como a dançarem o passo brando e fugitivo do minuete; pagens, pastorinhos, zagalas entre ovelhas; bronzes claros de Byzancio, placas eburneas e, sobretudo, destacando-se das paredes claras, um grande cruzeiro de ebano, onde empallidecia um maravilhoso Christo medieval como o concebiam os tragicos artistas da grande éra da Agonia: o peito reentrante, cavado, desenhando a ossada curva, o rosto magro, contrahido num espasmo de suprema afflicção, a barba longa, pastosa, os cabellos rolando pela fronte, pelas temporas, os dedos crispados, a boca em hiato, os olhos immensamente abertos, voltados para o céu onde pareciam buscar o grande allivio da Morte.

Um esplendido porta-joias, um genuflexorio,

estylo de Boulle e, ao centro, a secretária pequena, sobre a qual um busto magistral da Mater Dolorosa tinha duas lagrimas na face livida e gelada. Cesario gabou sem reservas o retiro, levando a curiosidade a ponto de tocar nos frascos, nas caixinhas que havia sobre a pedra rosea do lavatorio e nas prateleiras do psyché; declarando, por fim, que não se espantava de que fosse sempre tão formosa quem sahia daquelle atelier de belleza.

E, diante do alto espelho, falou, nessa memoravel manhan de exame á casa: «A mulher tem obrigação de ser bella para que possa apparecer no mundo; a sua força consiste na graça. A mulher deve domar a sua carne para conserval-a sempre joven e viçosa á imitação do que fez Ninon, a sempre moça, dona do corpo sobre o qual os annos passaram como passam os sóes sobre os gelos da Jung-Frau.

Sarita, de pé junto á pequenina secretária, mirou-se inteira no espelho do psyché e, aproximando-se, começou a examinar-se detalhadamente, alisando as faces, voltando-se de flanco, curiosa, entretida, com uma travessura de olhos incançavel:

— Que dizes, Bá? sou bem feita, não achas? A negra esticou o beiço:

— Não sei que parece: de camisola diante do espelho! Isso é feio, nhanhan. E, lamuriando:

Anda, nhanhan, eu tenho que fazer... Mas Sarita sentia prazer em ver-se assim reflectida como um cysne nagua; extasiava-se. Descia a minuciosas analyses faceiras, arrebitando os labios para ver os dentes pequeninos, alvos, intactos, repuxando as palpebras, derreando a cabeça para admirar o pescoço. Tocou a face sobre os molares, tocou os hombros procurando as claviculas com dois dedos, abriu a camisola para examinar o collo, andando com os olhos dum a outro lado e franzindo a fronte:

— Estou emmagrecendo, não achas?

— Quê emmagrecendo, nada! Então vosmecê está magra com umas cadeiras assim? E' melhor ficar de uma vez como a mulher do seu Sampaio, que não passa naquella porta.

— Cruzes! antes uma boa morte. Que horror! Aquillo até parece molestia, hein, Bá?

— Coitada! deixa ella. E a negra jeremiou de novo, impaciente: Mas anda, nhanhan. Eu tenho que fazer. Vai tomar seu banho.

— Espera, negra! Tu estás com inveja, fala a verdade. E, apertando com ambas as mãos a cinta, poz-se a mirar-se como se estivesse espartilhada.

— Mas olha bem, Bá... vê... não estou magra?

— Ah! deixa de luxo...

Sarita, porém, que parecia estudar attitudes, voltou-se de repente e, sem tirar as mãos da cinta, arrepanhando a camisola nos quadris, a cabeça erguida com altivez, começou a passeiar pelo quarto magestosamente, como uma rainha: — Hein, Bá... que dizes? Não sou elegante? Fala! E, cantarolando, entrou a voltear sósinha, numa valsa rapida, os braços estendidos para a ama, que se agachava rindo. A camisa, inflada, parecia um balão e o espelho reflectia as pernas admiraveis de Sarita, que ora se juntavam, ora se apartavam nos passos subtis e rapidos da valsa. Por fim, cançada, atirou-se no divan, os braços abertos no respaldo em concha, o collo arfando: Ah! Bá! Ha quanto tempo não danço! Estou-me sentindo pesada... Decididamente paisinho precisa levar-me a um baile.

— P'ra que? Que é que vosmecê tem que fazer nos bailes? O seu baile é aqui em casa.

E Sarita, numa voz cheia, atirando os braços:

— Preciso ver os rapazes...

A negra fez um momo:

— Nhanhan tambem parece que não pensa em outra coisa. Isso até não é bonito na boca de vosmecê. Vosmecê não tem nada que fazer nos bailes. Nhonhô faz muito bem. E, como a negra continuasse a resmungar, Sarita interpellou-a:

— O' Bá, se eu casar tu vais commigo?

— Eu! fez a negra curvando-se e batendo em cheio no peito. Eu! para seu marido me enxotar de casa? Eu, não! Estou muito bem onde estou. Deus me livre! E, noutro tom, ironica: Huê! vosmecê não diz que Bá é um caco, p'ra que é que está perguntando se ella vai com vosmecê? E resoluta: Eu, não! Fico com nhonhô. Elle sim, elle é que me estima. Que é que vosmecê dá á Bá? Nem um trapo. Até um vestido velho que eu peço, vosmecê acha que é porque sou pedinchona, que quero tudo p'ra mim. E porque tá... tá e porque té... té... Eu, não! Vosmecê ha de achar. Olha, negras não faltam. Seu marido que se arranje.

Sarita ouvia tranquillamente bambaleando a perna, a cabeça descahida sobre o respaldo do divan. Quando a negra terminou, levantou-se mollemente e curvando-se, as mãos nos quadris, disse com preguiça, depois de um bocejo:

— Pois sim, negra... mas vai arranjar meu banho. E de novo, diante do espelho, cantarolando baixinho a ária da céga da *Gioconda*, mirava-se enrolando no *chignon* a trança de ouro.

A negra demorou-se ainda um momento, por fim, correndo o reposteiro, desappareceu resmungando.

Diante do espelho, enlevada na propria belleza, Sarita começou uma scena de garridice como uma actriz que estudasse uma personagem para apresental-a perfeita nas mais ligeiras minuciosidades.

Olhava serena e, repentinamente, carregando o sobr'olho, fingia uma grande colera e logo sorria, os labios unidos; descerrava-os para que apparecessem na limpida e brilhante brancura de jaspe todos os dentes: falava para ver as differentes modificações da sua physionomia e, por fim, intimamente convencida da sua belleza, disse baixinho como se se dirigisse á propria imagem: «Não, mas eu sou bonita.» E, calada, começou um estudo comparativo, pondo o seu corpo em confronto com o de Heloisa, que ella conhecia todo porque, por vezes, o surprehendera, durante o somno da amiga, quasi inteiramente nú sobre os linhos, como essas mulheres orientaes tratadas pelos pintores, que fazem as suas sestas de amor estiradas mollemente em tapetes de Smyrma, dormindo, com o ambar do narghilé ainda perto dos labios; e achava-se mais graciosa e mais linda.

Desabotoou a camisola e os seios, rijos, fortes, tinham a perfeição dos marmores antigos; arregaçou as mangas e, esticando os braços admirou-os, sorrindo, numa alegria triumphadora e

sem malicia, apenas levada pela seducção da faceirice, collocando uma perna sobre um puff, apertou as carnes, sentindo-as rijas como as das estatuas, a de Diana, por exemplo, que num canto do jardim, á sombra de um sabugueiro, parecia chamar o seu bando de nymphas, excitando-as para as temerarias corridas pelo lombo das serras, atráz dos gamos e dos javalis.

Mas um estranho pensamento atravessou-lhe o espirito — e se alguem a surprendesse ali, naquella quasi nudez, a mirar-se? Se alguem penetrasse sorrateiramente ficando a espial-a por traz do reposteiro, numa curiosidade indecorosa como a dos velhos biblicos? E nomes, imagens de homens conhecidos passaram-lhe pela memoria: rapazes com quem dançara, outros apenas entrevistos num bond, na rua do Ouvidor, e principalmente Cosme Moretti, com a sua barbinha rala, os olhinhos miudos e impertinentes, magrinho, enfezadinho, mirando-a com a gana de uma féra que prepara o bote.

Voltou-se rapida, descendo a camisola, e com os olhos cheios de espanto, avançou para o reposteiro, espiando de um lado e doutro, o coração aos pulos. Não havia ninguem; tranquillisou-se, tornando lentamente para o divan onde se deixou cahir.

Uma voz meiga, de uma suavidade elegiaca, começou a cantar perto. Sarita, espalmando a mão, bateu na parede; do outro lado responderam com pancadas surdas e Bá appareceu á porta do gabinete:

— O' Bá! como disseste que Miss já havia descido se ella ainda está no quarto...? Agora mesmo bateu na parede. A negra ficou a encaral-a.

— Está no quarto... Então vosmecê não sabe... que ella faz assim sempre? Está lendo, mas já andou lá em baixo. E noutro tom: Vamos, nhanhan, seu banho está prompto e anda que o almoço já vai para a mesa.

— Vamos... E tu vens esfregar-me as costas, sim, Bá?

— Anda, nhanhan. E a negra foi ao grande lavatorio, tomou a saboneteira e uma esponja. Sarita passou á camara. Quando a ama appareceu já ella laçava os atadores do jupon.

— Vamos, Bá.

Sahiram para o corredor, e como Sarita passasse diante da porta do quarto de Miss Kate, bateu de leve:

— Bom dia, Miss.

— Bom dia! E a porta abriu-se. A governante appareceu risonha e ia falar quando Bá interveiu:

— *Mamoaselle*, vosmecê já não esteve lá em baixo?

— Sim, já... por que?

— E' que nhanhan não acredita no que eu digo.

— Ora, Bá! fez um momo e afagando a mão delgada da professora: Então? e Miss no mesmo tom, correspondendo ás caricias:

— Então? Agora é que se vai banhar?

— Agora... sorriu e despediu-se: Até já!

A negra tomara a frente e já tinha aberta a porta do banheiro esperando Sarita.

— Anda, nhanhan... Sarita foi a correr e entrou para o quarto de banho. Um grande banheira de marmore fumegava, já a meio d'agua. A menina, para tomar a temperatura, mergulhou dois dedos e logo fechou as torneiras:

— Vamos, Bá!

Despiu o. jupon. A negra, de costas, como para não lhe ver o corpo nú, fingia arranjar a toalha e a saboneteira e só quando ouviu o murmulho d'agua onde Sarita penetrara, voltou-se. A menina encolhia-se, atirando mancheias d'agua aos hombros, o cabello repuxado á nuca. Com o fremito d'agua o seu corpo parecia tremer no fundo da banheira, tão alvo como o marmore. A negra ajoelhou-se e, tomando a esponja, co-

meçou a esfregar-lhe as costas levemente, maciamente.

— Olha o cabello, Bá...

— Deixa estar, nhanhan. Não precisa recommendar tanto.

— Não precisa... Eu sei... se já estou sentindo agua no pescoço.

— Está bom, nhanhan... E a negra começou a ensaboar-lhe as espaduas.

Flocos de espuma alvissima desprendiam-se e cahiam nagua fluctuando como nympheas. Sarita esfregava o ventre, as pernas, mas sentindo cocegas começou a bambalear-se rindo:

— Não, Bá! Oh! esfrega direito...

— Ah, nhanhan! tanto luxo tambem... Eu estou fazendo cocegas? E passeiava a esponja ao longo do dorso, mergulhando o braço.

Por fim ergueu-se. Sarita, porém, em voluptuosa inercia, gozava o banho tepido esticando e encolhendo as pernas, até que a negra impaciente choramingou:

— Anda, nhanhan... Isso faz mal. Deu-lhe as costas abrindo o jupon e Sarita, encolhida, os braços cruzados, sahiu friorenta e risonha, estendendo os braços para as mangas que a ama lhe apresentava.

— Que frio, Bá!

— Frio quê, nhanhan!

E começou a friccional-a. Depois, ajustando a gola e entregando-lhe os atilhos, abriu a porta do quarto.

— Vamos, nhanhan... E agora é vosmecê não começar com faceirice diante do espelho, porque o almoço já vai para a mesa. E Sarita sahiu encolhida atravessando o corredor a tiritar de frio.

IX

Quando Sarita appareceu na sala de jantar, Jorge, que passeiava ao longo da varanda, foi-lhe ao encontro, mal ouviu a sua voz fresca, de um timbre crystallino e meigo. Pelo corpo gracioso cahia-lhe folgado um leve vestido Imperio ajustado á cinta por uma longa fita, cujas pontas quasi lhe tocavam os pés. Tinha o ar infantil nesse trajo de baby e o padrasto mirava-a, sorrindo, enlevado na graça que toda ella esparzia quando a calva rutila de Cesario illuminou a porta. Beijavam-se justamente e o «philosopho», abrindo os braços como se os quizesse abençoar, saudou a moça que respondia ás queixas de Jorge baixinho, risonha, com uma ponta de vexame pudico.

— Ora graças! Folgo de a ver, restituindo o somno e o appetite a mestre penseroso que me não

deixou pregar olho ante-hontem... E com um forte *shake-hands:* Então: que novas nos dá desse admiravel Cosme que hontem não quiz trazer o violino á sala? e que boas noticias ha sobre moços e moças de beiramar? Conte-nos...

Mamoaselle, num passo sereno de religiosa, appareceu no corredor com a cadellinha. Sentaram-se á mesa onde Innocencio começava a pousar os pratos. Sarita, desdobrando o guardanapo, encolheu os hombros, risonha e Cesario, servindo-se de kirsch, «o alcool precursor», chamou o testemunho de Miss Kate:

— Disse eu, Miss, que se ella não voltasse tão cedo arriscava-se a encontrar o nosso homem morto de tristeza. Miss, com um sorriso frio, acenou affirmativamente andando com os olhos claros de Cesario para Sarita. Jorge adiantou:

— Tu tambem, Cesario. Apezar da apparente indifferença andavas aborrecido. E dirigindo-se á *Mamoaselle:* Porque a verdade é que nós tres fazemos um trio magnifico de silencio.

— Menos eu! bradou Cesario. Ainda quando estou só arranjo um interlocutor imaginario para conversar. Menos eu. Jorge continuou sem desconcertar-se:

— Miss encerra-se com os seus livros; eu, por outro lado, a folhear antigualhas, Cesario a pro-

curar a phrase inicial da sua obra. Imagina, minha filha... E riram. O «philosopho», com a boca cheia, protestou:

— Perdão, mais de uma vez chamei-te para o terreno da discussão, proporcionando-te ensejo de seres util á tua patria e ao mundo, collaborando na *Historia*. Fugias. Buscavas a solidão. Mesmo *Mamoaselle*, Miss, emendou, mesmo Miss prestava-se gentilmente a desanuviar o teu espirito com os divinos accórdes. E tu? era só: porque fez mal, e porque não devia ir, e porque não gosto de tal gente, e porque a casa fica como se nella houvesse morrido alguem, que sei!

— Então era eu a causa dessa tristeza? indagou Sarita com um sorriso ingenuo.

— Só! affirmou Cesario. Só a menina. Está ahi a Bá para dizer a verdade. O copeiro servia sorrindo e Jorge, entre vexado e contente, com uma grande voz:

— Ora, Cesario! se eu fazia silencio, tu não perdoavas as Moretti com a tua satyra.

— Critica, disse o philosopho, critica; porque, francamente, acho aquillo uma *nichée* incomparavel, começando no Cosme e acabando nos recheios de Heloisa que consegue dar ao corpo a fórma de um violão. Critica! E não é de hoje que me atiro contra aquella gente: desde a sere-

nata de Schubert esganiçada pelo violino até os colleios da pequena, que tanto se estorce e desengonça dentro do collete, que faz a gente pensar em uma vibora a querer fugir pelo gargalo estreito de um frasco. Não é de hoje que as critico. Riram todos. *Mamoaselle* levou o guardanapo á boca e estrebuxava, com os olhos scintillantes. Sarita interveiu:

— O senhor é implacavel!

— Não ha tal: sei apenas ver, digo a verdade. E com o talher erguido, o sobr'olho carregado: O' menina! pois então aquella senhora julga que alguem lhe toma a sério as cadeiras? Houve uma explosão de gargalhadas e o «philosopho», sempre com os olhos cravados em Sarita, parecia desafial-a a dizer a verdade e foi preciso que Jorge, sacudido pelo riso, batesse-lhe no braço: «Vamos ao almoço, Cesario»; para que elle baixasse o talher. E *Mamoaselle*, com os olhos humidos, duas grandes rosas nas faces, desviou a palestra, falando baixinho á Sarita da *Dama macabra* de Saint Saëns, que lá estava na estante do piano para que a estudassem. Jorge, porém, ouvindo as palavras da professora, acudiu: «Que estudassem, e mais outras peças a quatro mãos, porque pretendia receber alguns amigos no dia dos annos da filhinha.»

Cesario devorava resmungando e, como os tres fechassem a conversa sobre a festa planejada, entabolou uma discussão com Innocencio a proposito de um cão que andara á noite pelo jardim a uivar como um demonio, recommendando ao moleque que nunca mais esquecesse o portão aberto; e espetava azeitonas rolando-as na boca desdentada como se lhe queimassem a lingua.

Ao fim do almoço, na frescura da varanda clara, ao sol, os dois homens digeriam pacatamente, ouvindo os passaros que chilreavam no saibro ou entre a folhagem viçosa quando o «philosopho», voltando os olhos para o amigo, viu-o livido, anciando, a cabeça meio tombada sobre o hombro, os olhos amortecidos, a boca entre-aberta. Levantou-se num salto e, agarrando-o pelos hombros, sacudiu-o:

— Eh! Jorge!... Jorge! Que é isso? Jorge balançava-se mollemente, flaccidamente entre as mãos fortes do «philosopho» como um corpo morto. Cesario poz-se a chamar: Innocencio!... Innocencio!... Mas o amigo parecia recobrar alento; os olhos readquiriam o brilho, voltava-lhe a côr ao rosto, e pouco a pouco, a cabeça foi-se-lhe firmando até que respirou alliviado, impondo a mão ao peito, sem desviar os olhos do «philosopho» que o sustinha sempre pelos hom-

bros, acompanhando-lhe, aterrado, todos os movimentos da physionomia.

— Ah! Cesario...

— Mas que é isso, homem! exclamou o «philosopho» pasmado. Que é isso? e, com um sorriso contrafeito: Déste agora para collapsos femininos?

— Não sei que é; attribuo ao estomago: dyspepsia. Ha dias tive uma dessas cousas, na chacara, justamente depois do almoço: cahi e magoei-me. Procurou ver na mão direita o stygma; havia effectivamente uma pequena escoriação, perto do punho; mostrou-a a Cesario: Vês? Mas foi coisa passageira; agora, outra vez.

— E por que não disseste?

— Não valia a pena. E implorando com o olhar, cheio ainda de uma languidez morbida: Mas não digas nada. Isso é uma coisa á tôa... questão de estomago. Vou amanhan a um medico.

— Devias ir já. Porque amanhan, se temos um dia magnifico para um passeio? Vamos hoje. Essas coisas combatidas de prompto não têm consequencias, mas, adiadas tomam-nos conta do corpo, meu amigo, e adeus.

— Ora! suspirou Jorge, limpando a fronte humida e gelada. Não morrerei d'isto. E' estomago, tenho certeza.

— Pois sim, seja o que fôr, o que é indispensavel é que vás a um medico, nada de charlatães que se ponham a dizer coisas para dar valor á consulta. Vamos, levanta-te. Sentes alguma coisa nas pernas?

— Dormecia... e começou a esfregar as coxas lentamente. Por fim ergueu-se pelo braço de Cesario e caminhou encostando-se á balaustrada: Que brincadeira!

— Brincadeira, hein!? pois sim... mas amanhan vamos ver isso. Nada de syncopes; essas molestias começam, ás vezes, por uma insignificancia e, quando a gente pensa que é uma leve indisposição, entra-nos pela casa dentro a certidão de obito. Fortes accórdes soaram no interior da casa e Jorge, voltando-se para o lado do salão:

— Olha Sarita...

— Sarita e a Cegonha, repetiu o «philosopho», sempre amparando o amigo ao seu braço forte. E, á limpida claridade morna, os dois ficaram calados, os olhos ao longe, ouvindo os compassos tragicos da *Dança macabra*.

X

Grandes dias de calma decorreram. Miss Kate e Sarita, em longos estudos de piano, passavam horas encerradas na saleta, folheando albuns, recapitulando spartitos. Cesario, numa grande febre de trabalho, compulsava compendios, tomava notas, recitava periodos, indo e vindo, a calva núa, ora em casa, ora pelo jardim nas frescas manhans ou nos tepidos crepusculos propicios á concentração. Jorge, porém, calado, pensativo, olhos perdidos em scismas, fumava estirado preguiçosamente.

Debalde o «philosopho» lidava com elle procurando arrancar-lhe palavras — mal balbuciava, trincando logo o charuto, o sobr'olho carregado. Uma noite, porém, recolhendo-se aos seus aposentos em companhia de Cesario, Jorge, num im-

peto violento, enfiando as mãos pelos cabellos, atirou-se ao sofá anciando, os olhos cheio de um estranho fulgor.

— Que tens? Jorge lançou um olhar relampejante a Cesario e, sem dizer palavra, levantou-se, começando a passeiar pela sala, as mãos para as costas, taciturno, como se sopitasse uma explosão de colera. Cesario acompanhava-o com o olhar cheio de espanto e elle, vendo o ar estranho do amigo, parou encarando-o. Olharam-se longamente e os olhos de Jorge, de abrazados que estavam, foram-se tornando humidos e duas lagrimas compridas correram-lhe rapidas pela face gelada.

— Mas que é isso!? Estás chorando, homem?! Que tens? Que tens? dize! implorava Cesario commovido. Andas a occultar-me qualquer coisa! Estou desconfiado de que aquelle idiota do medico disse-te alguma asneira. Jorge enxugou lentamente as lagrimas e, com a voz tremula, os olhos cheios de soffrimento:

— E' horrivel, meu velho! E' horrivel! Ha occasiões em que parece que vou perdendo a razão. Sinto-me vasio, atordoado; penso na loucura. Não sei que é. Um horror! Um horror!... Foi até o fundo da sala e, voltando, diante do «philosopho», continuou: Queres ouvir-me? Queres ver como tenho a alma? Ouve: Conheceste

Laura, minha mulher? Lembras-te bem da sua physionomia?

— Sim, como se a tivesse aqui.

— Sabes que (e com vergonha o digo), apezar das minhas palavras de misericordia, o que, em verdade, me prendia a essa mulher era um amor physico: um amor brutal, indigno de homem. Bem pouco amei-a com a alma, amava-a com o corpo e o que me ficou foi uma grande saudade physica, se me permittes a expressão, uma sensação egoista, a mesma que nos retranse quando deixamos os lençóes tepidos numa manhan de grande frio. Eu sentia falta do perfume que ella usava, della toda, mas não por uma necessidade espiritual, por uma necessidade physica. O appello quem o fazia era a minha carne e ainda quando ella definhava, já em ossos, pallida, os olhos brilhantes de febre, eu sentia um grande prazer sensual se, ao ajudal-a a voltar-se na cama, meus dedos roçavam pelo seu corpo esqueletico. Não a amava, dirás, nunca a amei; emtanto, Cesario, toda a minha tortura presente vem ainda dessa mulher que foi a minha companheira de amor brutal sómente, porque nunca senti no coração o verdadeiro impulso da paixão. Morta, sinto que reapparece, vejo-a de novo, toda a minha carne alvoroça-se, sinto-me impellido para

uma torpeza de que nunca serei capaz, sou victima de uma succuba encarnada, não sei que é... Imagina uma visão que achasse corpo e que nelle se mettesse para melhor perseguir-te, fazendo-se amar, seguindo-te a toda parte, impondo-se ao teu delirio, forçando os teus sentidos... Imagina, Cesario.

Ha occasiões em que me convenço da existencia dos espectros. Não sei bem explicar-te o que sinto, ou antes: tenho vergonha de dizer-te por que ha pensamentos que são como chagas — devem andar escondidos. Não sei... Ao mesmo tempo tenho vontade de abrir-me comtigo, de dizer-te tudo, tudo! sem omissão de uma palavra, de um facto, para que venhas em meu soccorro, porque se me não acodem enlouqueço...

— Mas que é? sê franco. E's um feixe de nervos. Sê franco. E' a lembrança de tua mulher que assim te traz allucinado? Mas, vem cá, homem de Deus: com calma tudo se faz. Não te ponhas ahi a dizer coisas... Vamos, em summa — que é que sentes? Jorge encarou-o de novo e as lagrimas brotaram mais abundantes, a quatro e quatro, e os soluços sacudiram-no. Cesario avançou e, obrigando-o a sentar-se junto á mesa, começou a afagal-o como se consolasse uma criança: Então! Então, meu velho... Por-

que não és franco commigo? Que tens? dize, dize. Bem sabes que não me fica segredo amargo no coração sem que delle não participes. Então? sê franco. Que tens?

E o «philosopho», sentindo as convulsões do amigo que os soluços sacudiam, levantou a cabeça e sorveu o ar num grande hausto e nos seus olhos luminosos duas lagrimas brilharam.

Jorge, por fim, enxugando o pranto, afastou-se recomeçando os passeios ao longo da sala, mas como o «philosopho» insistisse em que fosse franco, em que lhe dissesse a verdade inteira sobre esse soffrimento extranho que o possuia todo, levantou para o amigo os olhos torturados e, com a voz abafada e surda, irrompeu num arranco:

— Pois sim! Foi cerrar a porta que abria para o jardim e voltou resoluto. Vais ouvir-me, não como amigo, como confessor porque o que te vou dizer é o resultado de uma cruel enfermidade moral. Eu podia rebuscar phrases que velassem o horror da narração, mas não quero: vou fazer uma exposição clara do que sinto, para que julgues do estado de minh'alma e avalies o meu tormento.

Sentaram-se, e Jorge, pausadamente, como se lhe custasse emittir as palavras, começou baixinho: Desde que me morreu Laura nunca mais, e

tu bem sabes, outra mulher viveu á minha sombra: esqueci pouco a pouco todos os prazeres e concentrei-me vivendo exclusivamente para a pequena que me ficou como um legado dessa mulher que levou para a morte toda a minha alegria porque, desde que voltei do cemiterio onde fui deixar o meu supplicio, nunca mais conheci a felicidade, e nos sulcos do sorriso a dor semeou. Fechei-me. És o unico dos meus amigos, os outros, ou porque resentiram-se de minha mudança, ou porque quizeram fugir ao contagio da melancolia, esqueceram-me.

Sarita bastava para occupar o meu pensamento. A mãi deixou-a mocinha, e logo que o seu destino começou a correr sob a minha responsabilidade, cerquei-a dos mais solicitos cuidados, velando até pelos seus sonhos, adivinhando-lhe os pensamentos, procurando-lhe todas as alegrias, todos os prazeres numa atmosphera tranquilla e honesta. Miss, que a tem acompanhado, tu bem conheces; os carinhos de Bá supprem vantajosamente os cuidados maternos, de sorte que nada lhe tem faltado até hoje e ella cresceu feliz e virtuosa, sem um dissabor, sem uma contrariedade. E' hoje uma mulher, uma linda mulher que fará a felicidade do homem mais exigente. Levantou-se visivelmente transformado, torcendo as mãos, os olhos fuzilantes.

— Então!? fez Cesario.

— Então!... repetiu Jorge machinalmente, e como se apanhasse o fio da narração, continuou baixando a voz: Ah! Cesario... E de repente: Lembras-te bem de Laura?

— Perfeitamente.

— Então dize... E caminhando para o fundo da sala onde estava pousado o cavallete com o retrato de Sarita: Dize francamente, não é ella que aqui está? Dize?

O «philosopho» parecia arrepiado. Levantou-se como impellido por uma mola e, com os olhos cravados no retrato, empallidecia. Jorge insistiu:

— Dize, Cesario... dize.

— Sim, tem traços... mas não acho que se pareça tanto assim. E de repente: Mas porque isso?

Jorge, sempre ao lado do cavallete, voltou os olhos para Cesario e fitou-o, sem uma palavra.

— Mas... porque isso? tornou o «philosopho». Vendo, porém, a expressão enternecida da physionomia do amigo, escancarou a boca desmedidamente, como para soltar um grito, mas levando ambas as mãos ao rosto poz-se a dizer: E' horrivel! E' horrivel! Atordoado, ia e vinha tomando e deixando objectos sobre a mesa.

Jorge tremia, mas dominando-se, avançou para

Cesario. As palavras cahiam-lhe em borbotões dos labios:

— E' a minha loucura, ahi tens. E' a minha loucura. Não posso mais olhar Sarita sem lembrar-me de Laura e essa lembrança macúla, por assim dizer, a virgem, e humilha-me. Se a vejo não me limito a achar a semelhança nas linhas do rosto, meu espirito doente desce a minudencias torpes — despe-a para procurar nas fórmas do seu corpo a resurreição da carne amada. A sua voz lembra-me a voz da outra, os seus minimos gestos despertam-me recordações. Fujo de entrar nos seus aposentos com receio de cahir fulminado com o cheiro capitoso das essencias que a outra usava e que ella usa. Evito encontrar-me a sós com ella, não porque duvide de mim, resta-me ainda um pouco de razão, para não acordar no espirito a idéa torpe, para não dar ensejo ao outro «eu» que vive dentro em mim mortificando-me, suggerindo-me vilezas, contra as quaes é inutil a revolta da minha dignidade, porque elle é mais forte do que tudo. Nessa noite de indomavel insomnia foi grande o meu supplicio. Era ella que me victimava, ella! Sarita, surgindo diante de mim, ora na luz, ora na sombra, falando-me, fazendo ninho junto a meu corpo como uma joven esposa que se agazalha amorosamente ao flanco

do marido. Era ella, Cesario. Eu via-a, sentia-a E' torpe, pois não é?

Cesario, num arranco, exclamou:

— E' horrivel!

— E mais ainda, Cesario. Ha occasiões em que me sinto de tal modo vencido pela seducção que receio por mim, saio bruscamente como um louco, fugindo. Acordado, parece-me que sonho; sonhando, tenho a sensação do real e não sei se já me não vão falhando as faculdades. A verdade é que uma noite, quando dei por mim, estava em meio da escada, a caminho da alcova de minha filha, sem pensar, levado por uma força estranha que me arrebatava, porque eu nem mudava os passos; ia como aereamente para o crime. E ella, innocente, concorre mais e mais para aggravar esse delirio, attrahindo-me, acariciando-me. Que hei de fazer, Cesario? Que hei de fazer, dize! dize agora que conheces tudo! Dize! Não é amor, bem sei; amor não é possivel: um pai não póde amar a filha que criou, um velho... sim! que sou eu senão um velho? Um velho não póde desejar o corpo virgem e puro de uma criança, nem eu desejo, não sou eu, é um espirito que vive dentro em mim, impellindo-me ao crime. Mas, emfim, já que conheces a minha molestia horrivel dize, dize: que hei de fazer?

O «philosopho» sentou-se á mesa e, tomando da espatula, começou a tamborilar na pasta aberta e, calmo, pausadamente, falou sem levantar os olhos:

— Se outro fosses, se eu te não conhecesse, dir-te-ia: mata-te ou foge; digo-te simplesmente — cura-te. Esse pensamento é tão negro que só póde ser germinado em um cerebro que vai cahindo em noite. A alma é como a vaga do oceano — repelle a podridão, e, para que o lodo se forme a ponto de fecundar atrocidades torpes, como essa allucinação que tens na alma, é necessario que todas as faculdades tenham cahido em inercia, que estejam rebalsadas e mortas. Não vejo outra coisa a aconselhar-te senão que procures um medico. Outro homem que me fizesse confidencia tão triste como a que acabas de fazer, não a terminaria, de certo, para os meus ouvidos, porque eu saberia evitar em tempo o nojo do remate; mas tu, não. Fizeste bem em buscar-me; conheço-te e posso julgar do teu soffrimento, mas cural-o, não. Acho que deves procurar um medico. Que diabo! Quando uma chaga se vai dilatando em nossa carne dámo-nos pressa em subir as escadas do cirurgião para que elle nos limpe do vurmo e nos allivie das dores; porque não havemos de procural-o quando o cancer nos

roe o espirito? Não tens outra coisa a fazer senão buscar um medico, acho eu, e isolar-te. E' necessario que fujas ao ambiente morbido, como quem foge á margem pestilenta de um pantano. Evita, ainda com sacrificio, vel-a, ouvil-a, sentil-a; esquece-a e convence-te, para teu bem, de que não estás apaixonado, mas sim enfermo, gravemente enfermo. Isso bem me parecia. Tu não tens a vida tranquilla de um homem equilibrado — essa inercia, esse relaxamento physico e moral, porque não te moves, não lês, são symptomas claros de uma molestia que te vai minando. Pensas, talvez, que não tenho observado os teus extases? Pensas que não tenho ouvido os teus monologos? Acompanho-te muito de perto, sabia que estavas doente, mas não te julgava tão grave como, em verdade, estás. E o que te digo é que deves procurar um medico, quanto antes, sem perda de tempo, para que não caias em poder desse mal nojento. Cura-te. Calou-se, continuando a tamborilar com a espatula. Subitamente, porém, erguendo a cabeça: Mas desde quando sentes isso...? Como foi?

— Não sei, não sei. *Isso* se foi gerando dentro em mim sem que eu sentisse. A principio, quando ella procurava-me, muitas vezes para adormecer com a cabeça repousada sobre o meu hom-

bro, eu experimentava uma sensação tranquilla, paternal; sentia-me afagado, acompanhado, vendo-a junto a mim, amparada pelo meu braço, vigiada pelo meu olhar; mas (creio que nasceu nessa hora fatal a minha obsessão) uma noite, como lhe doesse a cabeça, Sarita recostou-se a meu peito e adormeceu, emquanto eu passeiava os dedos pelos seus cabellos. O perfume que subia das suas tranças começou a evocar dentro em mim o passado — reconheci-o, era o de uma loção antiga que Laura usava e cujo aroma ficara, por assim dizer, dentro em mim, conservando a mumia dessa mulher que eu trago commigo, que hei de trazer sempre! Baixei os olhos, vi a linda cabeça de Sarita junto ao meu coração e lembrei-me dos felizes tempos do meu amor, quando, noivos, ficavamos esquecidos, de preferencia nos ermos, e ella ia aos poucos fechando as palpebras e adormecia por fim, enlaçando-me com os seus braços. Foi assim, foi assim nessa noite fatal, que comecei a reconstituir a morta na que eu tinha junto ao peito, vendo nas linhas doces da physionomia da virgem os mesmos traços da outra, e tão allucinado fiquei que me convenci de que não era outra senão Laura, ella mesma, que resurgira para uma tentação, e beijei-a... Sarita despertou e seus olhos cheios de somno parece-

ram-me alumiados por uma indizivel claridade. Vou explicar-te porque julgo datar dessa noite o que chamas uma enfermidade. Quantas vezes beijo Sarita durante o dia? sempre que a encontro, sempre que a acaricio, sempre que a vejo; emtanto só tenho *memoria* desse beijo rapido que lhe dei no rosto gelado quando a tive adormecida ao collo. Posso mesmo dizer que guardo o sabor, que ouço ainda o leve ruido, que tenho nos labios a impressão macia da face. Esse beijo dura, e os outros? porque não me impressionam?... Não sei, a verdade é que desde então comecei a sentir-me modificado, attrahido pela criança, não como antigamente, pela ternura, mas por outro sentimento, pelo mesmo sentimento que fez com que eu, devorado pela ancia ardente, levasse á alcova nupcial a minha esposa.

— E' horrivel! E' horrivel! murmurava Cesario, os olhos baixos, alisando a barba. E' horrivel!

— E agora, o meu supplicio augmenta porque começo a sentir uma especie de pudor que me condemna. Parece que todos leem nos meus olhos os meus pensamentos, vejo sorrisos máus em todos os labios, adivinho palavras pensadas, sinto que toda gente aponta-me como um torpe e não me atrevo a fitar os que me cercam; sinto-

me vexado, fujo. Miss, principalmente, não imaginas como a receio; chego a detestal-a: parece-me sempre que ella me fala com ironia, noto constantemente que seus olhos seguem os meus movimentos com a curiosidade de quem espreita um crime. Já não posso vel-a: detesto-a...! e tenho medo ao mesmo tempo. Bá, essa mesma, coitada! apavora-me! parece que tambem vive a espiar-me, a ouvir o que digo dentro em mim quando o meu delirio começa. E, á noite, quanto me atormenta a idéa do sonho! Penso sempre que, a sonhar, conto a minha allucinação, acordo sobresaltado e já tens visto com que precipitação risco phosphoros e olho em torno, assustado, attonito; é que cuido sempre que ha gente no meu quarto para escutar o que digo... Ah! Cesario, um criminoso deve soffrer com o segredo do seu crime como eu soffro com o meu delirio. E dizes que eu vá a um medico... Queres então que eu confie a outrem esse horror? Queres que eu mostre o pantano de minh'alma onde vive essa miragem lubrica? Queres que eu fale da minha vergonha, dize...!

Cesario, que folheava machinalmente um grosso volume, fechou-o com estrepito e, enfiando as mãos no bolso das calças, perfilou-se diante de Jorge, apertando os olhos:

— Filho, essa é a minha opinião. Acho que és um caso typico de degenerescencia. Não sou medico, mas tenho lido e, ou esses *bouquins* não passam de fardos de mentiras ou tu estás com uma terrivel molestia d'alma: tens a tua psychose. E não te espantes, isso é hoje commum. Segundo a sciencia todo homem de espirito é um doente. Tens imaginação? és um louco; tens faculdades inventivas? és um louco; pensas? corre para a cellula de um hospicio; investigas? mette-te em uma camisola de força. Só ha um homem são — é o imbecil; esse é equilibrado. Aqui onde me vês estou cheio de stygmas mentaes, porque, lendo os mestres, fui encontrar-me descripto nas paginas que elles aturadamente compuzeram. Sou um degenerado, tu és outro. A minha molestia, por emquanto, não me deu impulsos perversos — leva-me a ler velharias e a rebuscar origens de homens e de coisas; sou um inoffensivo, por isso, em vez de andar pelos consultorios, ando pelas bibliothecas, abeberando a mania. Tu, não: deves ir ao clinico, porque, em verdade, o teu mal é terrivel. Que diabo? tens algum louco na familia? Jorge estremeceu e começou a pestanejar; tremiam-lhe os labios e todo elle entrou a tremer, a tiritar, como num grande frio. Levou ambas as mãos ás temporas, depois aos olhos, apertan-

do-os, tonto, cambaleando, estendeu um braço como para buscar apoio, mas vacillou e cahiu por terra inerte, os braços abertos.

XI

Cesario, que avançara, não teve tempo de amparal-o e, quando o viu estendido, agarrou-o pelo tronco abraçando-o e, esforçando-se para levantal-o, escancarava as pernas; por fim conseguiu erguel-o e, dobrando de esforço, a murmurar: «O' senhor! isto afinal é serio...», levou-o meio arrastado até á cadeira, conseguindo deital-o.

— Jorge! Jorge! Mas este homem está bem doente... isto é serio...! Jorge! Agitava-o, tomava-lhe o pulso e elle mal respirava, empallidecendo a mais e mais. Cesario correu ao tympano e premindo-o, atarantado, voltou para junto do amigo, chamando-o de novo: Jorge! Jorge! ó senhor! Jorge! O copeiro appareceu á porta. Chama a Bá, depressa! E continuou procurando despertar o amigo: Jorge! então que é isso? To-

mava-lhe o pulso seguidamente, arranjava-o mais a commodo na cadeira e, como a cabeça oscilasse, susteve-a.

Ouvindo passos, voltou-se: era a negra que entrava arranjando a trunfa e da porta, como o visse a lidar com o amigo, indagou assustada:

— Que é, nhô Cesario? Que é que aconteceu? E precipitou os passos. Diante de Jorge, vendo-o pallido, immovel, desatou a chorar: Ah! nhonhô! Que é que elle tem, nhô Cesario? Ah! minha Nossa Senhora!

— Espera, Bá! Espera... não faças bulha, isto passa. Não quero que a menina saiba. Vamos, ajuda-me primeiro a leval-o á cama, isto é que é necessario... Vamos...! E o «philosopho» azafamado, agachou-se para tirar as botinas ao enfermo, mas erguendo-se logo: Espera, Bá... Corre lá em cima e manda o copeiro chamar um medico qualquer. E, como a negra fosse sahindo: Olha, mas recommenda-lhe segredo: que não diga nada á menina. Anda depressa e vamos ver se o deitamos.

A negra sahiu afflicta e Cesario começou a despil-o desabotoando-lhe o collete, as calças, precipitadamente, a tremer. Isto, afinal de contas, já não é uma coisinha... Ora vejam! são syncopes sobre syncopes e fica que parece um cada-

ver...! Mirou o rosto do desfallecido e, como se nelle percebesse alguma contracção que denunciasse a volta dos sentidos, poz-se a chamal-o: Jorge! Jorge! Demorou-se a olhal-o, mas desanimado, sacudiu o braço num gesto de desespero: Qual!

A negra reappareceu:

— Já foi, nhô Cesario.

— Vamos, Bá. O melhor é deitarmol-o. Aqui nem elle está á vontade, nem mesmo o medico póde examinal-o! Vamos: segura-lhe os pés, vê lá... Vamos! E os dois, lentamente, foram carregando o enfermo para a cama, repousando-o no leito, sobre as cobertas lisas. Cesario correu a accender o gaz, emquanto Bá arranjava os travesseiros.

— Coitado de nhonhô! Mas que foi isso, nhô Cesario?

— Não sei, Bá; não sei. E Cesario, com um lenço encharcado em perfume, adiantou-se para o leito, tomando na mão a cabeça do amigo, chegando-lhe o lenço ao nariz para que aspirasse. Bá, receiando pela morte, aconselhou por entre lagrimas — que era melhor chamar nhanhan. E impondo carinhosamente a mão sobre a fronte pallida do enfermo:

— Nhonhô está tão frio...

— Qual o quê! Que é que nhanhan vem aqui fazer? Vem chorar e não é com choro que o havemos de pôr bom. Nada de mulheres. Vamos tratar de allivial-o das roupas. Puxou as calças atirando-as á Bá e, afflicto, sem desviar os olhos do rosto de Jorge, passou a mão por baixo da camisa, começando a esfregar-lhe o peito. Vamos, Bá... esfrega-lhe os pés. O que é preciso é calor. A negra correu solicita e, tomando quasi ao collo um dos pés de Jorge, esfregando-o, balbuciou:

— Mas nhonhô nunca teve isso... é a primeira vez.

— Qual primeira vez! Eu é que não tenho querido dizer. Ha dias quasi rebentou a cabeça de encontro ás grades da varanda. Elle é que é teimoso, vive a dizer que é estomago, sem querer procurar um medico. Hoje então foi de repente: estavamos a conversar e não sei mesmo a que proposito eu perguntei-lhe se tinha algum parente louco... Começou a empallidecer, a tremer e cahiu redondamente sem dar-me tempo de amparal-o. A negra avançou para o meio da camara soluçando:

— Ah! nhô Cesario... Ah! nhô Cesario... foi isso! O «philosopho» voltou-se e vendo os olhos assombrados da ama, que o recriminava commovidamente: Ah! nhô Cesario... indagou:

— E que tem? que tem isso...?

— Ah! nhô Cesario... foi isso mesmo que matou nhonhô... foi isso mesmo, nhô Cesario.

— Isso, que? insistiu o «philosopho».

— Essa pergunta que vosmecê fez. Foi isso, nhô Cesario.

Os olhos do bom homem abriram-se desmedidamente e fitaram a negra que soluçava com o rosto nas mãos. Avançou por fim e, tomando-a por um pulso, interrogou-a:

— Por que, Bá... Então algum dos parentes...?

— A mãi delle, nhô Cesario...

— Acabou louca...?! interrogou o «philosopho» quasi num grito.

— Foi, sim, senhor! Cesario cruzou os braços e, voltando-se para Jorge, fitou-o enternecido e as lagrimas saltaram-lhe dos olhos em grandes jorros abundantes.

A negra ia e vinha, sem uma idéa, soluçando, e Cesario, como atordoado por uma forte bordoada, parecia alheio a tudo, esquecido inteiramente de Jorge que continuava regelado e hirto como um cadaver, mas inopinadamente, voltando-se, avançou para o leito, com a voz tremula, resentida, começou a falar com precipitação como para atordoar-se.

— Emfim! mas que culpa tenho eu? sim? que culpa tenho eu? podia lá adivinhar?! Mas nada lucramos com isso, o essencial agora é chamal-o á vida. Nada de perder tempo. E esse medico? Que diabo! Com certeza o copeiro foi por ahi fazendo estação em todas as vendas. O' Bá! vê se me arranjas um pouco de mostarda. Vamos applicar-lhe um sinapismo, porque isso está me parecendo uma congestão. Manda á pharmacia. E a negra, como se não atinasse com a porta, começou a andar pela camara doidamente, ás tontas, resmungando:

— Eu vou mesmo, nhô Cesario. Eu vou mesmo.

— Então vai e vê se encontras esse maldito copeiro por ahi, porque afinal...

A negra sahiu a correr e Cesario ia para junto do leito quando ella reappareceu:

— Nhô Cesario... Ahi tem farinha de mostarda. E' para fazer sinapismos?

— Sim, Bá, mas avia-te. Estamos aqui a perder tempo com risco para a vida do pobre homem. A negra desappareceu e Cesario, sentando-se á beira da cama, tomou ao collo os pés de Jorge e começou a esfregal-os na palma com força: Que horror! Só a mim! Mas que diabo! eu não adivinho! Ora esta! Pobre rapaz! Isso, entre-

tanto, não é de hoje, sim, não é de hoje. Anda preoccupado com essa saudade voluptuosa, o systema nervoso agitado, predisposto e com esse choque... Isso sim. Que culpa tenho eu? Podia lá adivinhar. Que lhe disse eu, ha dias? sim, que lhe disse eu? E' molestia. Palavras taes passavam pelo espirito do «philosopho» que redobrava de esforço esfregando os pés gelados do amigo, mas sentindo-os sempre frios, correu a procurar lans, revolvendo todos os cantos, escancarando moveis: Nem um cobertor, nem uma manta. Achou por fim uma pesada capa hespanhola, correu com ella para o leito atirando-a sobre os pés do enfermo, embrulhando-os, aninhando-os; e foi de novo ao pulso. As pulsações enfraqueciam sensivelmente, o calor desapparecia do corpo, a vida mal se accusava e parecia ir aos poucos fugindo, sem que um ultimo lampejo accendesse as pupillas paradas do moribundo para um derradeiro olhar de despedida. Cesario, sem desesperar, temia entretanto e, ancioso pelo medico, sahiu á sala justamente na occasião em que a ama reapparecia com um prato:

— Está aqui, nhô Cesario. Elle não está melhor?

— Ainda não! Isso não vai assim. E pannos, Bá? Vai arranjar pannos, insistiu o «philosopho»

tomando o prato das mãos da ama. A negra correu á camara e, lançando um piedoso olhar ao leito onde o enfermo mantinha a mesma attitude rigida, passou ao gabinete de vestir, d'onde, sem grande demora, sahiu rasgando tiras:

— Vamos, Bá... Vamos.

Os dois, então, sobre a grande mesa de trabalho, começaram a arranjar os sinapismos; a ama sempre lastimando, Cesario a falar:

— Não é nada, Bá. Eu tenho visto horrores... isto não tem valor; maior é o susto. A menina ainda não desconfiou?

— Não, senhor.

— Nem é conveniente que saiba. Se ainda nos pudesse auxiliar de algum modo, bem; mas vem para aqui chorar e então é que não arranjamos nada. Assim é melhor. Levantou os olhos para a porta:

— Nada de medico. Com certeza o copeiro anda por ahi de pagode com outros. Isso é uma cafila!

Tomou as pastas do sinapismo:

— Vamos com isto; ha de melhorar por força. E emquanto espera-se o medico vamos tentando. Se não lhe fizer bem, mal tambem não lhe fará. Seguiram para a camara.

— Segura-lhe os pés que eu applico a mos-

tarda. A negra obedeceu e Cesario, applicando o revulsivo, passando as ligaduras, tremulo, quasi sem as poder atar, dizia:

— Palavra... mas com tal violencia nunca vi. Foi fulminado... Fulminado. Conversavamos e de repente... — e como tivesse as mãos occupadas sacudiu com a cabeça num movimento louco: Nunca vi assim.

— Quem sabe se não está morto?! suspirou a negra.

— Qual morto, Bá! Pois não vês que respira...? Mas como se lhe occorressem suspeitas pousou a mão sobre o peito de Jorge para sentir o coração e animado:

— Bem vivo! Isto é um instante. Agora com os sinapismos vais ver como tudo desapparece. E embrulhou-lhe os pés na pesada capa. O diabo é o medico; já podia estar aqui. Bem, agora vai para cima senão a menina desconfia e adeus! Vai. A negra, porém, negou-se garantindo que Sarita estava na sala jogando com *Mamoaselle*. Sim, mas póde chamar-te e se não te acha lá em cima desce. Não, Bá, acho melhor que vás; eu fico com elle; vai descançada. E continuava a arranjar a capa de modo a aquecer os pés gelados do enfermo. Mas a campainha do portão tiniu com força, os dois voltaram-se ao mesmo tempo:

— Está ahi o medico. Vai recebel-o, Bá; vai depressa que elle póde subir e se a menina o vê... Anda! E impellia a negra. Bá precipitou-se levando os pés de rasto numa corridinha cançada e chegava á porta justamente quando o medico apparecia seguido do copeiro.

— Faça o favor de entrar. Cesario adiantou-se:

— Entre, doutor.

Era um velho alto, robusto, de espessas barbas brancas. O «philosopho», tomando-lhe o chapéu, segredou para que a ama não ouvisse:

— E' um caso de apoplexia, creio eu. O medico mirou-o. Venha ver. Ha quasi meia hora que está desacordado. O medico desabotoava o sobretudo e Cesario, apressado, ancioso por ouvil-o, passou-lhe um braço pelos hombros: Venha, doutor. Parece um cadaver. E penetraram a camara. Bá, pé ante pé, contendo os soluços, foi encostar-se á porta para ouvir as palavras do medico, balbuciando baixinho, com enternecimento:

— Coitado de nhonhô! Meu pobre sinhô!

O medico, caminhando lentamente, relanceou um olhar curioso pela camara. Cesario precedia-o chamando-o com os olhos cheios de afflicção e, quando o viu parar diante do leito, numa attitude

grave e recolhida, começou a historiar precipitadamente, em sussurro, o accidente:

— Estavamos conversando ali na sala. Foi de repente: cahiu fulminado. Trouxemol-o para aqui, eu e a ama e, até agora, está como vê. E como o medico tomasse o pulso ao enfermo, o «philosopho» imitou-o: Está gelado... E explicou: Lembrei-me de applicar um sinapismo nos pés. Que acha o doutor? Em occasiões como esta lança-se mão de tudo...

O medico parecia surdo, mas como Cesario insistisse em querer saber se andara bem, meneou com a cabeça dizendo em tom benevolente:

— Não faz mal. Esfregou as mãos e, encarando-o, affirmou: Pois é justamente o que o senhor pensa.

— Apoplexia!?

— Pois não; claramente manifestada. Voltou-se para os pés do leito: Está ainda com os sinapismos?

— Ainda.

— E' conveniente deixar. Ergueu-se: Vamos fazer a receita. E foi sahindo. Atravessava a porta quando a negra, que se mantivera quasi collada á parede, ouvindo com uma attenção anciosa, perguntou timidamente, as mãos postas, em voz humilde e tremula:

— Elle está muito doente, nhonhô? não escapa?!

O medico, que não déra por ella, voltou-se e, olhando-a em face, carregou o sobr'olho:

— Está mal, está; e caminhava; mas a negra, quasi de rasto, seguia-o:

— Mas não escapa, nhonhô?

— Espera, Bá; tem paciencia. Ha de ficar bom; interveiu Cesario repellindo-a delicadamente e ali ficou estatelada olhando a camara, silenciosa e funebre como se a morte já a houvesse penetrado. O medico sentou-se á mesa e Cesario, abrindo a pasta atochada, rebuscava uma folha de papel quando o medico, puxando uma tira, declarou «que aquillo mesmo servia» e procurava com os dedos uma caneta. Mas Cesario, que percebera na tira linhas escriptas em letra miúda, a lapis, arrancou da pasta uma folha de almasso, estendeu-a diante do medico, salvando o rascunho. Afastou-se e, no meio da sala, com a tira muito chegada aos olhos, procurou decifrar o escripto. Eram notas sobre antigas éras, nomes de instrumentos, expressões exoticas e um começo de paizagem serena, fresca de orvalho, ao sol nascente que alourava outeiros. Dobrou a tira, metteu-a no bolso e caminhou para a mesa.

O medico meditava com a fronte na mão, a

penna parada sobre o papel. Cesario alisou as barbas, nervoso, deu uma volta, olhando em torno, apalpando-se como se procurasse alguma coisa; por fim dirigiu-se para a camara.

Bá ajoelhara-se junto da cama e chorava. Logo que sentiu o «philosopho» voltou-se augustiada, de mãos postas, numa attitude de desesperança e de supplica:

— Nhô Cesario, elle morre! não escapa! E' melhor chamar nhanhan.

— Ora, Bá! Que vem ella cá fazer? atrapalhar mais. Qual morre! Isso é um ataque; passa.

Foi até a porta, lançou um olhar ao salão e, vendo o medico na mesma attitude meditativa, coçou a cabeça, frenetico: E ainda por cima trazem um pedaço de zebra que nem formular sabe. Um homem a morrer e o estafermo a esperar a inspiração de Esculapio. Onde diabo terá o moleque afuroado essa alimaria?! Tornou á porta e, alongando o olhar, demorou-se á espreita, resmungando arreliado: Ora isto! E não lhe sahe uma droga. Atirou os braços num gesto de abandono desesperado: Isto nem alveitar é... Nem para burros! Ora vejam! E, cruzando os braços, caminhou para junto da cama e ficou contemplando o corpo inerte do amigo: Morre. Assim ha de morrer... Mas, assaltado pelo conselho que

ouvirá, falou á ama: Vê os sinapismos, Bá. E se essa veneranda cavalgadura continua empacada. vou eu mesmo buscar um medico. E, d'olhos no tecto: Uma hora para escrever tres linhas...! Passos soaram no salão e Cesario precipitou-se ao encontro do medico que experimentava na unha a lamina de uma lanceta.

— Vai sangral-o, doutor?

— Um golpe na mediana céphalica... Depois um drastico. A negra, descobrindo a lanceta, que reluzia, levou as mãos á cabeça. O medico abeirou-se do leito e Cesario descobriu o braço ao enfermo, sempre immovel. O medico alisou-o como em afago e, lentamente, premindo-o, engurgitando a veia, apontou a lanceta. Bá voltou o rosto aterrada e Cesario, d'olhos muito abertos, contendo a respiração, dominava-se, quando o sangue esguichou. O «philosopho» estremeceu e o medico, desviando-se, ficou algum tempo a olhar, retirando-se depois vagarosamente, limpando o ferro.

— Não estanca o sangue, doutor?

— Não é necessario. Agora o clyster, depois um drastico. Vamos vêr.

Cesario repousou no travesseiro o braço de Jorge. O sangue coagulava-se em placa na cisura e em reticulas pelo braço; a toalha estava

toda manchada. Quando Cesario sahiu á sala, o medico, de mãos para as costas, examinava attentamente o aposento, passeiando os olhos pelas paredes, pelos cantos, com uma curiosidade fria. Cesario abordou-o:

— Doutor, mas não lhe parece máu symptoma essa insensibilidade...?

— Não, é natural! disse, voltando-se lentamente.

O copeiro appareceu á porta e Cesario investiu com a receita:

— Vai depressa, a correr. E ao voltar, como visse o medico parado diante do cavallete onde repousava o retrato de Sarita, não se conteve: Um medico! com um doente grave... francamente! resmungou, e ia para falar quando ouviu chamarem Bá, aos gritos. Torceu as mãos e, quasi a correr, passando por diante do medico desatinadamente, entrou na camara:

— Olha, Bá, a menina chama-te. Vai! Mas vê lá, limpa os olhos. Não lhe appareças chorando. Vai depressa, anda.

A negra, porém, insistiu:

— Nhô Cesario, nhonhô está muito mal, tanto sangue! E' melhor dizer a nhanhan. E' melhor que ella saiba, nhô Cesario. E, fitando-o com os olhos molhados, esperava a resposta.

Cesario hesitou algum tempo; resignando-se, por fim, bradou com grandes gestos:

— Queres dizer, dize! Eu sempre quero ver o que ella vem aqui fazer. Queres dizer, dize de uma vez...! Pouco me importa! E sahiu acompanhando a negra que caminhava arrastando passos apressados como se, desesperada da salvação de Jorge, quizesse que Sarita ainda o encontrasse com vida para a despedida final.

O medico, ao ver Cesario, sorriu com bonhomia e, estendendo um braço para o cavallete, indagou:

— E' sua filha?

— Não senhor. Preoccupado com o doente coçava a cabeça frenetico, cruzava, descruzava os braços, sungava as calças aos repellões, medindo a sala a largas passadas. Subito, irritado com a impassibilidade do medico, plantou-se-lhe á frente, carrancudo: Mas afinal, doutor... é preciso ver. Elle está mal, quasi sem pulso, frio, inerte. O medico fez um gesto vago, despreoccupado e, sentando-se no *pliant,* accendeu tranquillamente um cigarro.

— Já mandou á pharmacia?

— Sim, senhor.

— Então esperemos. E não tenha receio, é assim mesmo.

— E' que... Eu sei lá...! Passos precipitaram-se á porta e Sarita entrou allucinadamente, seguida de Miss. Cesario precipitou-se-lhe ao encontro: Não é nada, menina. Está aqui o doutor. Foi uma cyncope, já está melhor. E o medico, que se levantara, confirmou:

— Não se assuste, minha senhora. Já o mediquei. Está bem. Não convém perturbal-o.

— Mas não posso vel-o, doutor?

— Por emquanto, não... Sarita abriu olhos enormes e, como se quizesse esvurmar o segredo em que se fechavam os dois homens, fitava-os percucientemente. Por fim irrompeu em decisão voluntariosa:

— Não, doutor, tenha paciencia: hei de vel-o. Cesario interveiu:

— Ora, menina... Logo, porém, abrandando-se: Póde vel-o... O Doutor fala porque entende que elle precisa de repouso. Póde vel-o... Disse e precipitou-se para a camara, atirou a toalha sobre o braço nú do enfermo, tomou-lhe o pulso, depois, mais animado, chamou-a: Póde entrar. Sarita avançou como impellida e, mal atravessou a porta, rompeu aos soluços.

Diante do corpo rigido do padrasto desfez-se-lhe toda a energia e as lagrimas rolaram-lhe dos olhos em grossos fios. Miss, que se adiantara em

pontas de pés, ficou diante do leito a olhar, tranquilla e, como visse a desolação de Sarita, acudiu para consolal-a, passando-lhe o braço pelos hombros, attrahindo-a com meiguice, animando-a, encorajando-a, a pedir o testemunho do medico. Mas foi Cesario quem a arredou de junto do leito e, como chegasse com ella á sala, deu de face com o copeiro que esperava, junto á mesa, com um embrulho nas mãos.

— Vai lá dentro, homem. Entra!

— Elle está morto, senhor Cesario! Diga a verdade, pelo amor de Deus! Para que ha de illudir-me!

— Qual morto! Não vê a menina que é um ataque? Então nunca viu um ataque? Deixe-se disso, não chore...

— Então deixe-me ficar junto delle. Que tem que eu fique lá?

— Não, agora não é conveniente; o medico precisa estar á vontade. Fique aqui, eu estou tambem aqui. Não ha perigo, descance; não ha perigo. Sabe que não costumo mentir.

— Mas o senhor não queria que me chamassem.

— Não queria, não queria... para não incommodal-a. Isto já podia estar acabado se aqui estivesse outro medico, mas com este animal que

descobriram não sei onde... Um homem que, em vez de ficar junto do enfermo, põe-se aqui na sala a olhar quadros e armas e a fumar!...

Vendo, porém, o medico á porta, de mangas arregaçadas, voltou-se:

— Quer alguma coisa, doutor?

— Sim, a ama? onde está a ama?... Cesario sahiu para o jardim a correr, bradando:

— Bá! Bá!

— Já vai! gritaram de fóra. Miss lembrou-se do tympano e o medico, imperturbavel, animou Sarita: «Que descançasse. Não havia risco.»

E, como desapparecesse, Sarita, sempre incredula, chamou a professora:

— Ah! Miss! pelo amor de Deus, pergunte a senhora. Eu sei que elles não me dizem a verdade. Pergunte a senhora, pergunte! Cesario reappareceu e, logo em seguida a ama, a correr, com um jarro, espantada, a voz tremula, consolando e chorando:

— Não chora, nhanhan. Deus é grande! Não chora! Quasi ajoelhou-se diante da menina, mas como Cesario a impellisse para a camara, partiu no seu passinho tremulo. Miss então, para tranquillisar Sarita, dirigiu-se a Cesario e afastaram-se.

O «philosopho», caminhando em direcção á

porta, gesticulava, parando de instante a instante a olhar com grandes olhos, os braços abertos em cruz.

A moça não perdia um só dos seus movimentos, procurando interpretal-os e, quando a escosseza serenamente caminhou para ella, intimou-a:

— Então, Miss! pelo amor de Deus! Eu sei que elle está perdido. E a Cesario: Porque não manda chamar outro medico? Esse parece que não entende nada; tão molle! Mande chamar outro. Mas Bá appareceu á porta, sorrindo, contente:

— Ah! nhanhan, graças a Deus!... Nhonhô está voltando a si. Ah! minha Nossa Senhora! Cesario atirou-se para a camara recommendando a Miss que ficasse junto de Sarita.

O enfermo reabria os olhos lentamente, movendo-se no leito manchado de sangue e, quando o medico, adiantando-se, dirigiu-lhe a palavra, tremeram-lhe os labios, os olhos rolaram com agonia dentro das orbitas e sons indistinctos, surdos, fugiram-lhe da boca flacida. Cesario lançou um olhar de intelligencia ao medico:

— E' natural. E' a aphasia que sobrevem á perturbação provocada pelo insulto.

— Então, doutor, acha que essa molestia terá ainda duração?

— Naturalmente. Elle está com a paralysia de todo o lado direito. E' facil de observar...

E, adiantando-se, tomou o braço direito de Jorge e estendeu-o perpendicularmente ao corpo, sobre o leito. Cesario esperava, com ancia, que o enfermo fizesse um movimento: o medico, porém, convencido, affirmava «que não retiraria o braço daquella posição» e foi elle mesmo quem o recolheu, estendendo-o de novo ao longo do corpo immovel do enfermo que olhava com uma infinita melancolia nos olhos.

Bá, encostada ao respaldo do leito, náo arredava os olhos do amo, e como o medico dissesse que Sarita podia entrar, sahiu suspirando para chamar a menina. Cesario abandonou a camara apprehensivo, condoído, e foi-se para o jardim. A noite ia muito alta, estrellada; o silencio era apenas interrompido, de longe em longe, pelo trillar dos grillos na herva.

O «philosopho» começou a passeiar por entre os canteiros em soliloquio desesperado:

— Ahi têm o final de uma vida: a imbecilidade. A imbecilidade e a prisão dentro do proprio corpo. Um homem algemado pelos proprios nervos. Ahi tem a vida. E tudo isso porque?... O medico appareceu á porta do salão e a sua silhueta destacava-se na claridade. Cesario adiantou-se apressado, quasi a correr.

O salão estava deserto: as senhoras haviam passado á camara para fazer companhia ao enfermo e o «philosopho», aproveitando o ensejo, quiz ouvir do medico a sentença terrivel que devia ferir para todo o sempre o pobre amigo.

— Doutor, com sinceridade, acha que o podemos salvar?

— Não garanto. As excepções são raras, rarissimas; em todo caso é possivel a victoria sobre a morte, mas os stygmas ficam.

— A imbecilidade, a hemiplegia?...

— Sim. Demais, creio que estamos diante de um caso de amollecimento cerebral. Todos esses colapsos de que me falou o senhor, essa inercia, essa vontade morta, essa memoria indecisa, são symptomas claros. A cura será, quando muito, do corpo, porque o espirito ha de ficar resentido do choque. Não viu a difficuldade de expressão com que lutava quando lhe dirigi a palavra? Parecia ter consciencia nitida de tudo, mas os termos fugiam-lhe, embaraçavam-se-lhe na lingua. Ainda assim, na minha clinica, tenho tido casos milagrosos de cura quasi completa. Vamos tratar de combater a molestia na sua séde e, mais tarde, lentamente, iremos restabelecendo as funcções, acordando cellulas entorpecidas. Por emquanto o que importa é a vida.

O «philosopho» ouvia sem ousar uma palavra, aterrado, succumbido. Tinha os olhos brilhantes e os dedos tremulos perdiam-se-lhe na grande barba que lhe cahia abundante sobre o peito. Por fim atreveu-se, quasi a chorar:

— Demais, doutor, a mãi desse pobre amigo acabou louca...

O medico levantou os olhos cheios de espanto e ia falar quando Sarita appareceu, os cabellos em desordem, a physionomia demudada:

— Doutor... doutor! Que tem paisinho? Não me reconhece, evita-me; não me responde. Que tem elle, doutor?...

— Nada, minha senhora; nada de perigo. Está num estado de inconsciencia, como um homem que rolasse de um andaime e batesse com o craneo na calçada. Commoção. E' mesmo conveniente que a não reconheça. Por emquanto não me assusta o seu estado, mas póde sobrevir algum accidente grave e, para o evitarmos, vamos andar com prudencia. Acho melhor que V. Ex.ª volte aos seus aposentos, mesmo porque carece de descanço e ámanhan verá que seu pai não a desconhece. E' prudente deixal-o agora em absoluta tranquillidade. A propria ama podia sahir do quarto.

— Pois não... concordou Cesario. Que faz

ella? Está ali a chorar e a lastimar-se. E' melhor que saia.

E caminhou para a camara. Jorge, com a entrada de Cesario, abriu de novo os olhos. O «philosopho» não se conteve: depois de o contemplar carinhosamente, aproximou-se do leito:

— Então, velho, que foi isso? O enfermo fez um leve movimento com o braço esquerdo, batendo com as palpebras e grugrulhos fugiram-lhe da boca: Bem, mas não fales. Nada de falar, descança. Vê se dormes, sim? Vê se dormes... E baixinho, á Bá e á Miss: Vamos agora despil-o... e... Mas não proseguiu, porque as duas mulheres, comprehendendo, sahiram em pontas de pés, deixando o «philosopho» na camara, em face do enfermo, os braços cruzados, contemplando-o.

A noite correu tranquilla. O medico estirou-se na chaise-longue, o collete aberto, as pernas estendidas e roncou, porque Cesario não o deixou sahir, esperando sempre um novo assalto da molestia e, de mãos para as costas, poz-se a passeiar ao longo dos aposentos, parando de vez em vez diante do leito para olhar o enfermo. Já não o affligia a idéa da morte.

Varrera-se-lhe do espirito o grande terror, mas as palavras do medico perseguiam-no: «...os stygmas ficam» e torturava-o a certeza de que

aquelle lucido espirito cahira em trévas mais densas do que as da ignorancia. Ia e vinha sem poder acceitar a sentença cruel, procurando sempre uma objecção; parecia-lhe impossivel que aquillo se désse, tão impossivel, tão absurdo como uma metamorphose como as de que falam os classicos, narrando os prodigios das feiticeiras antigas. Monologava, sacudia gestos. Passando diante do medico que dormia tranquillamente, tinha impetos de despertal-o para o interrogar de novo, mas agitava-se em ira, coçava a cabeça e proseguia, frenetico, desesperado, duvidando da sciencia e dos sabios.

Já começavam a apparecer nuvens côr de rosa; a noite morria e Cesario, sempre a ruminar a mesma idéa, caminhava. Mas a fadiga venceu-o. Parou junto á mesa e, remexendo em tiras esparsas, encontrou uma grande folha de papel, onde havia, em letras enormes, o titulo: *Historia da civilisação*. Fitou os olhos muito tempo nas duas palavras escriptas pelo seu punho, olhando-as sem vel-as. Por fim, repellindo o papel, exclamou desesperado:

— Antes a morte, palavra de honra! Antes a morte! E foi para a porta olhar a madrugada que ensanguentava o ceu.

TERCEIRA PARTE

I

As portas e as janellas do salão, abertas de par em par, deixavam entrar o sol de um dia magnifico, alegrando o interior no qual passara um longo mez taciturno. Em face de uma das janellas, estirado numa *chaise-longue,* um braço ao collo, os olhos tristemente esmaecidos, o rosto contrahido num ligeiro rictus, Jorge passava as horas mais quentes do dia entre Cesario e Sarita, que levara para o salão o seu bastidor e as suas talagarças.

Magro, cadaverico, os olhos fundos, cercados de olheiras denegridas, ficava como em lethargo, encolhido, a ouvir as conversas dos que o cercavam abrindo, de vez em quando, os olhos, onde parecia haver uma eterna visão macabra que os espantava. Andava com elles de um rosto para

outro, fixava-os em um ponto e, lentamente, de novo, as palpebras cahiam.

Quando falava, as palavras sahiam-lhe frouxas, molles, numa emissão balofa; ás vezes era o termo que lhe faltava, como se o tivesse perdido de memoria. Sarita e Cesario acudiam, lembrando coisas, dizendo nomes, mostrando objectos até que o enfermo acenava com a cabeça afflictamente, com um sorriso no rosto deformado. A's vezes, estendendo o braço para Sarita, procurava-a affectuosamente; a menina aproximava-se e Jorge, affagando-a, começava a grugrulhar, sorrindo para os seus lindos olhos azues, sorrindo para Cesario que o contemplava enternecidamente.

Como o medico insistisse na necessidade dos exercicios até que pudessem começar com as applicações de electricidade, pela manhan e á tarde, faziam-no sahir em curtos passeios pelo jardim, ás vezes até á orla do «bosque», onde elle parava, lançando ás arvores um grande olhar cheio de melancolia. Caminhava apoiado a Cesario, uma perna molle, bamba, quasi de rasto, um braço flaccido, bambeando ao flanco.

Era o «philosopho» quem lidava com elle para levantal-o da cama, para deital-o, para vestil-o. Jorge, assim que o perdia de vista, affligia-se e, nos primeiros dias, Cesario mal podia arredar-se

da alcova porque o enfermo entrava em agitação, ancioso, lançando olhares de odio a todos que o cercavam. Pouco a pouco, porém, melhorando, essa obstinação foi desapparecendo e parecia distrahir-se mais com a presença de Sarita do que com o amigo que o não deixava, ora propondo-lhe leituras, ora expandindo-se sobre o seu famoso livro sem que elle mostrasse interesse, porque, não raro, no correr dos discursos do «philosopho» adormecia e Cesario caminhava para a mesa abrindo grandes volumes, emquanto Sarita ia pela trama bordando.

Miss descia para indagar das melhoras do enfermo, olhava-o algum tempo e sentava-se com um livro, esquecendo-se na leitura longas horas. Emtanto as melhoras accusavam-se ainda que demoradamente. Uma manhan, ao deixar a cama, Cesario viu, com espanto, Jorge firmar-se sobre a perna direita e, como se faz ás crianças que ensaiam passos, começou a lidar com elle para que tentasse andar: «Vem d'ahi! um esforço; não tenhas medo. Caminha.» E estendia-lhe os braços, aos recuansos. Jorge, porém, não conseguiu levantar o pé do soalho, como se o tivesse pregado ás taboas e, redobrando de esforços, vacillou, teria cahido de encontro ao leito se Cesario não acudisse a tempo.

— Vai indo! Vai indo! Agora com um pouco de electricidade é um instante. E então? Dentro em breve estás andando como eu; a questão é não ter medo. Vamos.

A vida physica despertava, mas o cerebro permanecia em torpor.

A memoria estava obscura, negava-se a todo appello. Não raro pedia um objecto por outro; pronunciava termos estranhos que Cesario buscava decifrar, seguindo-lhe o olhar e scenas curiosas desenvolviam-se no salão entre os dois homens: o «philosopho» a mostrar objectos, o enfermo a resmonear agitando a cabeça negativamente. Pouco a pouco, porém, Cesario foi-se afazendo ás expressões, ás algaravias de Jorge, entendendo-o quasi sempre, com grande espanto de Sarita e de Miss.

Os passeios foram-se tornando mais longos, e, uma manhan, seguiram todos, acompanhando o enfermo, a caminho do bosque.

O solo, acamado de folhas, farfalhava; uma brisa suave e cheirosa passava por entre os ramos onde cantavam passaros, e a agua do corrego punha no silencio do arvoredo uma nota de melancolia.

Jorge aspirava a plenos pulmões o bom ar dos mattos, e, de quando em quando, como se can-

çasse, encostava-se aos grossos troncos, deixando os olhos errarem pela folhagem das copas altas. Sarita e Miss procuravam distrahil-o, apanhando flores nas moutas, parasitas nos galhos, e elle recebia-as, cheirava-as e agradecia sorrindo.

Cesario levava-o até o banco e, sentando-o, entrava a falar á escosseza da selva da primeira idade, donde haviam partido as grandes levas humanas carregadas de deuses, levando aos hombros os seus altares e estabelecendo bases de imperios e de reinos. Jorge distrahia-se com as arvores; apanhava folhas, apontava casaes de borboletas que passavam no ar, amorosamente e, como já lhe acudissem palavras, exprimia-se com lentidão, esforçando-se para pronunciar com clareza.

Ouviam-no mostrando interesse, cercavam-no e o «philosopho» interpretava-lhe o pensamento quando as senhoras custavam a penetral-o. «Está falando das mangueiras. Das mangueiras, Miss...» E Jorge acenava affirmativamente, satisfeito. Demoravam-se até que o copeiro, descobrindo-os, chamava-os para o almoço.

Uma manhan, como a ama penetrasse a camara de Sarita, achou-a de pé, caminhando de um para outro lado, d'olhos no chão, pensativa.

— Que é isso, nhanhan?! indagou a negra

com espanto; a menina, porém, em vez de responder á interrogação, perguntou pela professora.

— Está lá em baixo. Vosmecê tem alguma coisa?

— Nada, Bá. Vai chamal-a. Preciso conversar com ella.

A negra mirou-a surprendida e, com um momo, sahiu puxando a porta. Sarita passou ao gabinete de toilette e, diante do espelho, machinalmente, poz-se a alisar os cabellos, d'olhos perdidos.

— Póde-se entrar?

— Entre, Miss.

A escosseza entrou, sempre firme, a mão estendida, risonha.

— Que tem?

Sarita atirou-se para uma ottomana e, sem preoccupação da toilette matinal, a camisola com que se levantara, agarrou um dos joelhos e balançando-se:

— Ah! Miss... tenho uma confissão de certa gravidade a fazer-lhe... e quero a sua opinião sincera e franca, a sua opinião de amiga.

Miss sentou-se, deixando na pequena escrevaninha o livro que trazia.

— Então que é? Tão séria é assim a confissão? e mostrando todos os dentes: Trata-se de um casamento?

Sarita baixou os olhos sorrindo e disse:

— Quasi!

— Oh! fez a escosseza arregalando os olhos.

— E' exacto, Miss: trata-se do meu casamento. Escreveram-me hontem: um moço, nosso visinho, medico. E estendendo o braço: Mora aqui á direita.

A escosseza conservava o sorriso nos labios, os olhos fitos no rosto de Sarita. Por fim perguntou:

— Mas como foi isso?

— Não sei, Miss. E' sempre difficil dizer como essas coisas começam. Elle passa por aqui todas as tardes. Começou a cumprimentar-me e um dia falou-me. E Sarita sorriu corando. Miss olhava inquisidoramente. Hontem, continuou Sarita, enviou-me uma carta pelo Innocencio, consultando-me, e termina dizendo que espera a minha resposta para fazer o pedido a paisinho. Miss baixou, por sua vez, os olhos e Sarita, calada, mirava-a; por fim perguntou: Que acha?... Paisinho, no estado em que está, não póde responder, nem eu tenho coragem de tocar em tal assumpto, quando elle, coitado! está ainda tão mal. Que acha? Dê-me um conselho. Miss mordeu o beiço e respondeu timida:

— Francamente, não sei que lhe hei de res-

ponder. Por que não consulta o senhor Cesario? Eu acho que a senhora deve falar, porque está em idade de pensar no seu futuro, e, desde que o seu coração não é indifferente á proposta que lhe fazem, desprezal-a não me parece justo. Por outro lado ha a molestia do senhor e, como disse, não lhe fica bem fazer tal proposta agora; entretanto, sendo feita pelo senhor Cesario, é natural. Por que não conversa com elle? Sarita sorriu vexada:

— Tenho vergonha. Não sei que parece ir agora falar disso ao senhor Cesario. Não! Comprehende que não hei de dizer que recebi uma carta... Bem sei como elle é, começa logo a murmurar contra os namoros, a dizer que faço, que aconteço... Agitou a cabeça: Não! E levantou-se resoluta: Ora! tem muito tempo! Se quizer esperar que espere... Não hei de ficar solteira por isso. Falar ao senhor Cesario não, isso não!

Miss ria francamente, vendo o embaraço de Sarita:

— Mas, venha cá... por que não fala? Receia que elle lhe diga alguma coisa? Sarita teve um assomo de orgulho:

— Ah! não, por certo. Mas começa com aquelles risinhos... Não! Depois não me fica bem, com paisinho doente. Levantou-se e, diante do

espelho, a alisar de novo os cabellos, o ar amuado, cantarolava. Miss, porém, ergueu-se e tomando da escrevaninha o livro:

— Façamos de outro modo... Sarita voltou-se repentinamente:

— Como?

— Eu encarrego-me de falar ao senhor Cesario...

— Miss?

— Sim.

— Com uma condição: não lhe dirá que recebi a carta...

— Por que?

— Não quero!

— Pois sim: nada lhe direi sobre a carta. Deu uma volta pela camara e ia sahir quando Sarita chamou-a:

— Veja lá: nem uma palavra, senão zango-me

— Já prometti. Sabe que cumpro o que prometto.

— Então vá. Olhe, e póde dizer quem é: o Dr. Mendes, mora aqui ao lado, um moreno. Elle conhece. Mas, pelo amor de Deus, olhe lá, Miss...! Não é por nada, mas é que elle começa com aquellas coisas que me aborrecem; não gósto. Sou até capaz de tomar odio ao moço se começam com pilherias.

— Descance. E Miss, sorrindo, deixou a camara, mas Sarita sahiu ainda uma vez para recommendar-lhe o mais absoluto segredo sobre a carta.

A negra entrou para fazer a cama e, como a menina voltasse da porta, ella levantou a cabeça:

— Que é que vosmecê tem hoje, nhanhan? Não pára!

— Ah! Bá! queres que te diga uma coisa? A negra, que puxava o lençol, adiantou-se curiosa, tomando a frente á menina, os olhos brilhantes. Queres que te diga uma coisa?

— Que é, nhanhan? fala de uma vez... Está ahi só dizendo coisa á tôa... Que é?

— Vou casar. A negra estremeceu e avançou como impellida:

— Nhanhan! Vai casar? Com quem? Aqui não vem moço nenhum...

— Adivinha...!

— E' com aquelle lá do Cattete, aquelle da rabeca? Ah! nhanhan! um homem tão exquisito!

— O Cosme!? O' Bá! pensas então que eu seria capaz de gostar de um homem que nem falar sabe? Deus me livre! E enfunada: E' um rapagão! e tu o conheces!

— Eu?

— Tu, sim! mora aqui bem perto. Olha: E,

abrindo uma das janellas, estendeu o braço para o arvoredo que rebrilhava ao sol: Estás vendo aquella palmeira ali? A negra olhava piscando os olhos:

— Estou.

— Pois elle mora ali... A negra ficou ainda algum tempo á janella e disse por fim, triumphante:

— E' aquelle moço que passeia a cavallo... Filho da viuva?

— E então, Bá?

— Ah! esse sim, nhanhan... E elle já pediu vosmecê?...

— Não. Vem pedir-me. A negra desatou a rir e voltou de novo á janella para olhar a palmeira que se espanejava ao sol.

II

Quando Cesario appareceu na sala de jantar conduzindo Jorge, Sarita precipitou-se para beijar o enfermo, evitando pudicamente os olhos do «philosopho» que pareciam procural-a reprehensivos, fulminantes de colera. Miss saudou os dois homens respeitosamente e Sarita, pela maneira por que Cesario retribuiu o cumprimento, comprehendeu que a professora ainda não lhe havia falado. Readquirindo a calma sentou-se, sorrindo ao enfermo que acenava com a cabeça como em interrogativas. Cesario, diante dos pratos fumegantes, tornou-se expansivo, desenrugando a fronte:

— Vais deixando esse duro inverno, hein? Já te sentes outro, com franqueza. Jorge meneava com a cabeça e, como lhe servissem um prato,

tomou um garfo e, indeciso, ainda tremulo, poz-se a espetar a carne que se escapava, ás vezes saltando sobre a toalha.

— Em começando com a electricidade ficas prompto. E, com uma garfada erguida, quasi á altura da boca: Palavra de honra, meu amigo, estiveste com o pé no outro lado. Palavra de honra! E Miss, confirmando:

— E' exacto: o doctór parecia um cadaver. Quando entrei no quarto fiquei convencida de que não se levantava mais.

— Ah! exclamou o «philosopho». Quando a senhora lá esteve já havia passado o perigo. Pergunte á Bá, Miss. Pergunte á Bá. Jorge baixava a cabeça e comia em silencio levantando, de vez em vez, os olhos para Sarita, e, em uma das occasiões, ainda tartamudo, falou-lhe «lamentando a vida que ella levava, ali encerrada: que sahisse com a professora, que escrevesse ás amigas, que fosse passar um dia com ellas e, até se quizesse ir ao theatro com Miss, Cesario lhes faria companhia. Elle tinha Bá.» O «philosopho» com a boca cheia, approvou:

— Pois não. Quando quizerem. Mas Sarita, com um momo:

— Estou muito bem. Que prazer posso achar em theatros e em festas com você doente, paisi-

nho? Tem tempo. Havemos de ir todos juntos. O enfermo teve um sorriso triste.

— E' natural que se divirta, menina; a sua idade exige. Não é pela molestia que elle não vai, dantes mesmo, deve lembrar-se quanto era difficil arrastal-o d'aqui para um passeio, para um theatro. Tambem... que surpresas podemos nós achar no mundo? O homem só tem um tempo de impressões, é a mocidade; o mais é recapitulação — é o mesmo facto sempre, a vida não se modifica: é sempre a mesma; vista uma vez, está vista. A menina, não: precisa viver, precisa agitar-se, a vida mede-se pelas emoções. Nós já as experimentámos todas. Eu prefiro passar a noite na minha cama, com um bom livro, a passal-a na cellula de um camarote ou no pelourinho de uma cadeira a ouvir ganidos de tenores ou tiradas tragicas; entretanto fui apaixonado dessas coisas, paguei o meu tributo. Jorge acenava com a cabeça affirmando.

— Pois quando quizerem, estou prompto. E' só dizerem.

Levantaram-se. Cesario conduziu Jorge para a varanda, onde elle costumava passar meia hora sentado, ao mormaço tepido, ouvindo os canarios, olhando as roseiras em flôr. Miss rondava o «philosopho» e, como elle entrasse na sala para

tomar um palito, disse-lhe algumas palavras. Sarita disfarçou cantarolando e seguiu para a sala, vendo que o «philosopho» offerecia uma cadeira á professora. O seu pequenino coração batia com força e toda ella tremia, sentia-se quente. Refugiou-se na saleta do piano e começou uma gavotta dolente, emquanto tratavam do seu futuro e o enfermo cochilava á sésta na temperatura acalentadora de um meio dia de inverno, ao pleno ar. Passos soaram no corredor e Sarita teve impetos de fugir para esconder-se afim de evitar os olhos do «philosopho», mal, porém, ergueu-se no banco do piano, deu de face com Cesario e com a escoseza. Sentou-se, baixando os olhos sobre o teclado e muda, tremula, esperava que lhe falassem com o terror de quem vai ouvir uma sentença. Cesario tambem parecia hesitante, medroso, e foi a professora quem quebrou o silencio chamando Sarita:

— Que é, Miss?

— Venha cá... Ella, porém, não deixava o seu reducto e encolhia-se; mas Cesario adiantou-se:

— Então, menina, então? Receia dizer-me a verdade? E, sentando-se junto d'ella, as mãos espalmadas nos joelhos: Vamos lá, diga-me tudo. Conte-me.

— Contar o que? Eu nada tenho para contar. Pergunte a Miss; disse d'olhos baixos, passeiando os dedos pelo teclado.

— Está bem, vejo que não tem confiança em mim.

— Não, tenho... mas que hei de contar? Fechou o piano e, sorrindo, levantou os olhos para o «philosopho.»

— Mas, afinal, vamos á verdade. A menina não me quer dizer o seu segredo, pois vamos lá, eu farei de confessor. E, em tom sisudo, dedilhando no piano, começou: E' natural, minha filha; é natural e louvo-a muito pelos escrupulos que tem. Bem que isso seja a sua felicidade, sei que o pobre homem soffrerá no dia em que a vir sahir pelo braço do esposo... Mas, que se ha de fazer? Os tres olharam-se calados e o «philosopho» continuou: A menina sente-se attrahida por esse moço; eu conheço-o, parece-me um cavalheiro e só agora é que sei que é medico. Sarita affirmou:

— E'. Chegou da Europa, onde esteve praticando.

— Ah! então conhece-lhe a historia...! disse Cesario com malicia.

— Eu, não! Foi Innocencio que disse. Eu, não! E, como visse um sorriso nos labios de

Cesario, levantou-se dolhos humidos, muito vermelha, quasi a chorar: Está bom, já começam! Eu não quero nada. E desatou a chorar, indo esconder o rosto no collo da professora: Eu bem disse á senhora que não falasse.

— Mas venha cá, menina... Então que é isso? porque chora? Descance. Eu comprometto-me a falar, eu mesmo direi a Jorge o que ha, não se amofine por isso. Acho, entretanto, que o casamento não se deve effectuar já, é melhor esperarmos que elle melhore, mas descance, descance. Quanto ao moço, irei ter com elle. E a demora, em casos taes, é ainda um prazer, porque o melhor do casamento é o noivado. Hoje mesmo falo a Jorge e tenho certeza de que, apezar do sacrificio de perdel-a, não creará embaraços á sua felicidade. Vamos, e não chore mais. Descance e prepare-se para contar-me todo esse namoro mysterioso. Sarita balbuciou como uma criança amuada:

— Não houve namoro...

— Ah! bem sei, bem sei: não houve namoro... Pois sim, nem eu tenho que me intrometter em casos de coração. Mas não chore. Hoje mesmo decide-se o caso. E sahiu lentamente da sala, cofiando a barba densa.

III

Foi encontrar o amigo numa paz preguiçosa, digerindo á sombra, os olhos cerrados, as mãos cruzadas no ventre, a cabeça derreada sobre a parede. Aproximou-se em pontas de pés, julgando-o adormecido, mas o enfermo, sentindo-o, abriu os olhos e fitou-o risonho:

— Boa sésta, hein? Jorge meneou com a cabeça negativamente, e com a sua voz balofa e difficil entrou a falar: «Não dormia. Estava ali gozando o ar macio da varanda e aquella magnifica paizagem de montanhas, tão azues como o céu. Lindo dia!» O «philosopho» concordou, depois de lançar um olhar largo em torno:

— Admiravel!

Borboletas e lavandiscas cruzavam-se numa dança flabilia, umas buscando as rosas vermelhas,

indo outras roçar a superficie do pequenino lago, mirando-se no espelho d'agua. Um beija-flor, ruflando as azas, pairou no ar diante dos dois homens. Cesario mostrou-o a Jorge:

— Olha, se Bá estivesse aqui tinhamos já um augurio. A ave circulou rapidamente e partiu d'arremesso. O enfermo ficou a olhar as altas montanhas, e, de vez em vez, machinalmente, levantava um braço como para mostrar um ponto distante.

Cahia do céu, na calentura da hora, uma grande paz communicativa — era a sésta meridiana da natureza. O ar estava vazio; raro em raro um pombo passava em vôo tranquillo, e andorinhas, sahindo dentre as telhas, trissavam e recolhiamse. Longe, num campo fronteiro, um grande carro seguia por entre arvores, atulhado de capim, ao passo moroso de um touro e sons longinquos de piano, passavam de vez em vez atravéz da serenidade dormente.

Bá appareceu á porta da sala e, vendo os dois homens juntos, recuou antes que elles a vissem. Cesario caminhou ao longo da varanda, alisando a barba, sempre com os olhos no céu, de um brilho de porcellana antiga; por fim sentou-se ao lado de Jorge, espichando as pernas, as mãos espalmadas nas côxas magras:

— Pois é verdade, meu caro... e ficou a olhar os sapatos, num silencio pensativo, os olhos fixos, a fronte sulcada. Pois é verdade... O enfermo voltou o rosto de repente e curioso:

— Não tens trabalhado...

Sem comprehender, tão difficilmente se exprimira o enfermo, Cesario inclinou a cabeça, a fronte franzida:

— Hein? Jorge repetiu com esforço a pergunta: Ah! sim... no livro? quasi nada. Tenho o meu plano e entendo que ninguem deve abalançar-se á execução de um trabalho como esse, todo de sciencia, sem ter o subsidio completo. O armazenamento é que me está custando, porque já te disse que não pretendo vestir faustosamente os periodos, mesmo porque a obra moderna quer-se sobria e nobre: nada de ouropeis, nada de lambrequins — estylo formoso e simples como o dos antigos, não te parece? Afinal que diabo de figura faz uma das nossas complicadas construcções diante de uma simples columna jonica? Arte não é artificio... Penso assim, e os meus cabellos têm embranquecido nesta teimosa preoccupação: a fórma simples, severa e rija. Alguma coisa que tenha a magestosa impassibilidade de um marmore classico. Eu que consiga isto e então saberei procurar depois o ornato — um sim-

ples ramo de hera, um ramo verde de murta, um pouco de sol. A questão é o bloco. Escrever como Tacito: limpidamente. Nada de chirinolas, hein? não te parece? Estou lendo antigos para expurgar-me dos vicios da civilisação nos grandes monumentos da palavra escripta. E tu? porque não lês?

Jorge fez um momo de enjôo.

—Pois olha: deixa lá falar o medico, a leitura ha de fazer-te bem.

O enfermo, entediado, explicou: «Que não tinha memoria, não podia fixar a attenção num assumpto — distrahia-se. A's vezes, conversando, respondia uma coisa por outra. Não podia ler, qual!» E acenou num gesto lento, abanando com a mão para o longinquo: «Partir... viajar... Logo que pudesse caminhar não queria saber de outra coisa. Uma grande viagem.» Cesario concordou:

— Por certo. Has de lucrar muito... E cahiu de novo em meditação balançando as pernas; mas levantando a cabeça, meio a sorrir:

— O' Jorge... e se casasses a menina? Ficavas como um lindo amor. Podias entregar-te ao largo universo, ver terras e mares. Jorge olhou-o com espanto, os labios tremulos, como num grande accesso de ira:

— Casar Sarita... com dezoito annos? E' muito cedo.

— Não acho. Ella está justamente na idade. Apparecendo um bom partido... Jorge voltou-se todo para o amigo, carrancudo:

— Sarita?!

— Pois então?

— Pensa em casar?...

— Naturalmente! Em que pensam as donzellas?

Jorge baixou os olhos e, como se discutisse mentalmente, poz-se a balançar a cabeça, resmungando:

— Mas como? perguntou por fim encarando o «philosopho.»

— Não sei. A verdade é que ha qualquer coisa com um vizinho, um medico recentemente chegado da Europa, filho de uma viuva. Deves conhecel-o. Ha alguma coisa, isso ha e é melhor que esse rapaz entenda-se de uma vez comtigo. E' um homem de futuro, rico, de boa familia, Mendes Loureiro. Conheces...? O pai foi banqueiro no tempo do Souto. E a menina, pelo que me disse a *Cegonha*, não lhe é indifferente. Assim pois, em vez de estarem essas duas creaturas trocando olhares por entre os ramos, é melhor que se entendam de uma vez. Não te parece?

Jorge encolheu os hombros resignado. Esteve um momento pensativo; por fim perguntou:

— E elle que é?

— Medico; pois não te disse?

— E já se falaram? Subito, porém, levantando a voz, exclamou:

— Mas como foi, Cesario? Como foi isso?

— Não sei, meu velho. Ninguem sabe como os amores começam. Viram-se, ahi tens; elle moço e bonito; ella formosa, que mais queres? Eu, nos teus casos, tratava disso; mesmo por ella. Afinal, bem sei que te não é facil deixal-a, mas podes viver no casal. Que tem isso? Vives com elles, ajudando a fazer o ninho para os que hão de vir. Que tem isso? E' difficil, bem sei, deixar partir uma creatura que se criou; mas meu amigo, esta é a lei da vida. Ella, coitadinha, não queria que eu te falasse, insistiu commigo para que não te dissesse nada, mas isso era peior. Esse segredo não me pertence. Pensa e resolve. Jorge parecia acabrunhado; o braço doente agitava-se de quando em quando, em fremitos. Mudo, os olhos baixos, pensava, e Cesario receioso de que sobreviesse alguma crise, levantou-se: Está bem, não fiques agora ahi a cogitar o dia todo. Vamos dar uma volta ao sol. E offereceu-lhe o braço. O enfermo levantou-se difficilmente, ge-

mendo e, apoiado ao «philosopho» foi descendo a escada para o jardim. Em baixo, a caminho da álea central, parou e, com esforço, num suspiro, disse, sem tirar os olhos do chão:

— E' muito cedo. E' muito cedo... Noutro tom, porém: Demais, Cesario, eu não conheço esse moço.

— Sim... mas não penses nisso. Olha, vamos por aqui, vais ver que belleza de rosa! Não penses nisso... noivos não faltam. Achas que é cedo? pois não se fala mais em tal e a menina não faz senão a tua vontade. Bem sabes como é docil. Não falemos mais nisso. Vamos ás nossas flôres. Mas vê lá se pódes caminhar, porque o tal solzinho de inverno abraza devéras. Olha que já estou com a cabeça a arder. Vamos. E seguiram para um canto do jardim, um retiro ensombrado por uma moita de jasmineiros onde havia um banco.

Jorge ia sorumbatico, fechado. Como o «philosopho» baixasse a cabeça para penetrar esse recesso intimo, de muralhas frescas e verdes, de folhas e flores que exhalavam docemente, o enfermo resistiu a pretexto da humidade que devia haver ali. Tortulhos brotavam junto ao banco de pedra que tinha na base uma orla de limo verde; mas Cesario attrahia-o:

— Estavam ali como em um tabernaculo. Ninguem os descobriria; poderiam conspirar á vontade. Jorge cedeu e, lentamente, apoiando-se ao amigo, deixou-se cahir no banco frio. Não tarda muito a cigarra e vamos ter aqui um pouco de Theocrito. Olha que lindeza!... Lança os olhos por ahi fóra, hein? Maio, grande mez!

Jorge tinha no espirito as palavras de Cesario sobre o casamento de Sarita; parecia-lhe impossivel, não se conformava com a idéa de a deixar sahir pelo braço de outro homem. Sabel-a de alguem, só, numa alcova, desnudando-se vagarosamente diante de um homem... Sabel-a nos braços de outro, aos beijos, corpo contra corpo, em enlace de amor... Não! Não...!

— Mas, Cesario, disse como se acordasse, ouve: porque não posso ser eu o marido de Sarita? Ha tantos exemplos. Bem vês, estou uma ruina, preciso de alguem que vele junto a mim, que comprehenda e traduza o meu pensamento, que seja o meu arrimo, uma mulher que tenha amor e caridade, que seja amparo e meiguice, alguma coisa entre filha e esposa. Por que ha de ser d'outro e não minha, Sarita que eu criei desveladamente? Afinal, Cesario, esse escrupulo seria natural se houvesse uma só gotta de meu sangue nas suas veias, mas não temos outras affini-

dades senão as do coração — a mesma que eu tinha com Laura, minha mulher, nada mais. Então pelo facto de eu a ter visto criança, estou impossibilitado de desposal-a? E' um absurdo, não te parece?

— Para mim, disse o «philosopho», que o ouvira entre espantado e piedoso, o absurdo é que faz a maioria das leis dos homens; a propria civilisação é um absurdo, mas tu não sahes nú à rua, não te deitas na herva como fazem os bois, que respeitam os instinctos, e um homem que corresse com a sua sêde de amor para sacial-a na primeira praça, ao sol, diante do povo, como fazem impunemente os cães, seria corrido á pedra e a tiro. Emtanto, o natural é aquillo que se vê nas bestas simples; nós usamos das hypocrisias pudicas, reservamo-nos, quer para a crença, quer para o amor. Não te parece que deviamos adorar o Senhor como os antigos, ao clarão do sol, num grande campo, junto d'agua clara, mais agradavel e mais bella á vista do que essas pias sordidas? e ahi estão as igrejas e o culto é feito discretamente, quasi em segredo. Absurdo, civilisação.

O enfermo ouvia o «philosopho» com ar aparvalhado.

— Mas que é, Cesario, que é?

— E' a verdade. Acho que não deves pensar nisso. Que diabo! O que allegas não destroe o incesto, penso eu. A paternidade é um accidente, não importa. A verdadeira paternidade é a que vem do longo contacto; para uns o homem começa a ser pai junto do berço. E tu tomaste essa menina dos braços da mãi, ella mal falava. Foste o seu pai e ella assim considera-te. Que diabo! repugna! fez o «philosopho» com uma cara de nojo. Repugna! Ver a gente a seu lado a criança, porque essa é a verdade, has de ter sempre diante dos olhos a pequena que se te agarrava aos joelhos babujando-te o rosto com os beijos melosos. E' fatal... e repugna, francamente: repugna! Demais ha a grande desigualdade de annos — ella é uma criança cheia de vida, sangue forte e ardente a borbulhar nas veias, carne viçosa; tu vais para o declinio, enfermo... E involuntariamente, em um impeto, Cesario deixou escapar: E' ridiculo! Jorge olhou-o arvoado. E' como te digo, para usar de franqueza: é ridiculo. Vais fazer a infelicidade de uma creatura, digo-t'o eu, a infelicidade, porque essa moça... Homem, não sei. Não tenho nada com isso. Faze lá o que entenderes. Para mim é quasi um crime. Que diabo! Levantou-se, foi até á entrada do caramanchel, a fronte franzida, cofiando a barba: Trata de ti, trata de ti, disse voltando-se.

— Mas ridiculo por que? O «philosopho» encarou-o:

— Homem, é como se eu nada tivesse dito. Sim, porque em summa, és homem, não precisas de conselhos, nem os pediste. Eu acho ridiculo, mas isso que monta? Repentinamente, porém, cruzando os braços. Mas não vês que é comico! e riu ás gargalhdas. Jorge teve um sorriso diante da jucunda expansão do «philosopho» como se a alegria do amigo se lhe houvesse communicado á alma. Não vês que é comico?! Deixa-te dessas coisas. Trata da saude e põe-te a andar que já é tempo e a mocidade que busque a mocidade, os corações fortes que se juntem e olha lá a fabula das panellas. E riu estrondosamente da pilheria. No fundo eu sei que tudo isso é ainda resultado do teu grande amor. Queres prendel-a para o sempre e então lanças mão desse meio extravagante... Mas, filho, eu já te disse que tudo se póde conciliar: casam-se os pequenos e ficam aqui comtigo, debaixo do mesmo tecto, então? Mas Jorge, dolhos baixos, meneou com a cabeça negativamente:

— E por que? Palavra que não te comprehendo. O enfermo recahiu na tristeza; fez um esforço para levantar-se:

— Queres sahir?

— Não, deixa-me.

— Vamos ao nosso passeio. Jorge não respondia, os olhos sempre baixos. Cesario adiantou-se e percebeu soluços: Que! estás chorando? Ora!... E docemente, delicadamente, sentando-se no banco, tomou-lhe a fronte na mão, attrahiu-o amimando-o como se fôra uma criança: Então... então? Que é isso? E o enfermo, com voz surda, por entre lagrimas:

— Tens razão, tens razão, Cesario! E' mesmo um crime. Vamos, quero falar á Sarita, quero dar-lhe o meu consentimento. E' natural, é moça, formosa. E' natural. Vamos. Tens razão, Cesario; tens razão! E, soluçando, esforçava-se por levantar-se do banco.

— Espera, homem; deixa-te estar sentado. Onde queres ir? Essas coisas fazem-se com calma. Afinal, esse moço ainda não te falou; como é que vais consentir em um casamento quando nem mesmo conheces o noivo? Isso não. Vamos com calma. As lagrimas rolavam pela face do enfermo. Subito, porém, levantando a cabeça, cravou os olhos num ponto do jardim.

— Que é aquillo, Cesario? O «philosopho», seguindo-lhe o olhar e nada descobrindo, perguntou:

— Aquillo que?

— Nada! Não sei que tenho.

— Ora, que tens! ficaste nervoso com essa historia. Não te preoccupes mais. Vem d'ahi; vamos dar uma volta pelo jardim. E, offerecendo-lhe o braço, levantou-o e lentamente, sahiu com elle do caramanchel. O sol ia alto e quente; cigarras chiavam. Os dois homens seguiam em silencio. Como passassem diante da varanda, uma voz meiga chamou-os:

— E' por gosto que estão apanhando essa soalheira! Jorge levantou a cabeça e deu com os olhos em Sarita que se debruçara á balaustrada sorrindo. Mirou-a enternecido: Pois você, paisinho, com um sol assim?

— E' a vida, menina; deixe-o andar. O sol não lhe faz mal: é a vida... Jorge acenou chamando-a.

— Quer falar commigo?

— Sim...

— Que vais fazer, homem? Que vais fazer? sussurrou o «philosopho» apertando-lhe o braço.

— Que tem? E' melhor falar. Sarita desceu as escadas apressadamente, cantarolando, e diante de Jorge, sempre risonha, indagou de novo:

— Que quer, paisinho?

— Vamos conversar... E acenou como a pedir-lhe o braço. Sarita achegou-se e passou-lhe

um braço pela cinta lançando ao «philosopho» um rapido olhar reprehensivo. Cesario encolheu os hombros, amuado.

— Então? tem alguma coisa a dizer-me?

— Ha tanto tempo que não conversamos! Não é justo que eu tenha saudades de ti?

— Mas eu estou sempre em casa... Por que não me chama? Cesario olhava para os lados fingindo-se distrahido. E chegaram ao salão. Jorge estirou-se no *pliant* e o «philosopho», a pretexto de ver umas «exquisitices», sahiu para o jardim.

Sarita ficou algum tempo diante do proprio retrato, mirando-o attentamente, enlevada.

— Ah! se eu fosse assim?

— Senta-te aqui perto de mim, Sarita.

A menina arrastou uma cadeira para junto de Jorge e sentando-se:

— Então, que é que tem a dizer-me? E, tomando-lhe uma das mãos, começou a acaricial-a brandamente. O enfermo encarou-a.

— Tu é que tens novas a dar-me, não eu. Vamos, fala: que tens a dizer-me? Já sei que não mereço mais a tua confiança. Antigamente era eu o primeiro a saber os teus segredos... adoeci, já não valho nada para a filha ingrata. Sarita, que comprehendera tudo, baixou os olhos e balbuciou:

— Mas... eu não tenho segredo algum, paisinho.

— Sim, sim... pensas que, por não poder mover-me, ignoro o que se passa nesta casa? O coração está sempre vigilante.

— Mas que sabe você?

— Queres que te diga?

— Quero.

— Sei que estás apaixonada.

— Apaixonada! quem? eu! Ora! E desatou a rir.

— Não rias. Sei que estás apaixonada... e que ha alguem que pensa em pedir-me a tua mão.

— Foi o senhor Cesario quem lhe disse! exclamou Sarita.

— Não, não foi elle, respondeu Jorge com grande calma. Não foi Cesario.

— Foi, sim! você é que não quer dizer. Ah! tambem não guarda nada! disse com um amuo. E baixinho, em voz tremula: Eu não estou apaixonada. Que culpa tenho de que um moço goste de mim? Sim, que culpa tenho?! Se disse ao senhor Cesario foi para que elle me désse um conselho...

— Então preferes os conselhos de Cesario aos meus? Já não confias em mim?

— Não é não confiar, paisinho; mas eu sabia

que se dissesse alguma coisa sobre isso você ficava triste; não quiz...

— Triste?! por que? Triste com a tua felicidade? Isso não, minha filha.

— Não, mas... Já uma vez você disse-me que havia de sentir muito quando eu sahisse.

— E pensas em sahir? Sahir, porque? Não pódes continuar a viver commigo?

— Posso...

— Então? Houve uma grande pausa. Cesario appareceu á porta com uma rosa, vermelho do sol, o rosto reluzente de suor.

— Olhem esta maravilha! E mostrava a flor em triumpho. Mas Sarita recebeu-o hostil:

— Para que foi o senhor falar a paisinho? Eu não lhe pedi tanto...? Cesario ficou algum tempo embaraçado, a fronte franzida:

— Ora, Jorge....

— Que tem?

— Que tem... Mas se eu te disse que havia jurado á menina, mais do que isso: que lhe havia dado a minha palavra de honra...? Francamente...

— Mas eu pedi tanto, senhor Cesario! suspirou Sarita.

— Pois não, pois não, não nego. E eu disse que havia de guardar segredo absoluto por em-

quanto; pois não. Mas... homem, não sei, menina. Isso precisa ter uma solução e foi melhor assim; foi melhor assim. Mais hoje, mais ámanhan elle havia de saber — foi melhor assim. Jorge corroborou:

— Por certo... Demais uma filhinha meiga não deve ter segredos para seu pai quando sabe que elle a estima, não é verdade? Sarita balbuciou commovida:

— Isso é...

— Assim é melhor, insistiu Cesario, e agora é tratar disso para que esta casa tenha o que lhe falta — um petizote que ponha tudo isto em polvorosa.

Sarita ficou amuada com o gracejo do «philosopho» «Não gostava daquellas brincadeiras.» Mas Cesario insistiu.

— Pois, menina, é a verdade. O que falta a esta casa é justamente um petizote. A criança é um raio de sol junto da velhice. Casa sem crianças é lar sem lume. Nós já estamos tiritando, agachados na saudade, sem energia, sem esperança; precisamos aquecer a alma ao contacto de um pequenito. Ser avô é reviver. E' preciso que alguem nos anime. A velhice isolada é desesperadora. Olhe, até eu, que sou peior do que esse Timon misanthropo, offereço os braços para car-

regar o pequenote. Upa! Upa! Hein? que dizes? avô! ahn? que dizes? E quero ver a tua energia quando Attila infante invadir os dominios da sabedoria esfarrapando philosophos e juristas. Hein, avô?! Riram por fim.

Sarita achava graça, não podia guardar seriedade diante de Cesario que espernegava como um aranhiço, virando um diccionario, atirando-o ao ar como se brincasse com uma criança. Vendo que as suas palavras produziam effeito, tornou-se mais loquaz, descrevendo toda a infancia do pimpolho que havia de espancar as nuvens de tristeza que pesavam sobre aquella casa. Jorge parecia resignado; afagava a mão de Sarita, olhava-a enternecido e, como Cesario pousasse o diccionario, disse:

— Pois não ha duvida, minha filha. Não ha duvida. Queres, não é? Sarita baixou os olhos sem responder, martyrisando os dedos.

—Pois não ha de querer, homem? O enfermo insistiu:

— Queres, não? E ella, timida, com voz quasi imperceptivel:

— Quero...

— Pois sim, suspirou Jorge deixando-lhe a mão. A menina voltou-se subitamente, os olhos amedrontados:

— Está zangado commigo?

— Zangado! eu? porque?

— Não quero que se zangue, paisinho; isso não.

— Não estou zangado, filha. Zangar-me, por que? Vais para a felicidade, é o teu coração que te impelle, deves seguil-o e eu sempre estarei comtigo.

Houve uma grande pausa. Sarita levantou-se para que Jorge não lhe visse as lagrimas, foi até á porta e Cesario, com os olhos de um para outro, vendo-os commovidos, avançou de braços abertos:

— Antes assim, meu velho. Isto é que é! E apertou o enfermo nos braços. E agora, menina, o heroe que se apresente. Não deve mais esconder-se no «maquis,» venha francamente para que esta casa entre em nova phase. Um noivado é sempre alegre. Mas Sarita sahiu precipitada, soluçando, e os dois homens ficaram de novo sós: Jorge sempre pensativo, Cesario a passeiar ao longo do salão, ruminando palavras:

— Decididamente não dava para aquillo. Era melhor não o chamarem mais para conselhos porque, emfim, se dizia a verdade sempre achavam coisas para contrapor. Deixassem-no com os seus livros. Jorge chamou-o:

— Ouve, Cesario, não te zangues... Mas o «philosopho» irrompeu furioso:

— Pois não. Afinal, para que haviam de estar ali com historias? Pois não era melhor que se entendessem de uma vez? Tinha alguma coisa a dizer, não queriam o casamento por isso ou por aquillo falassem logo, mas estarem de caras amarradas, lacrimejando como duas crianças era até ridiculo. A culpa era delle, porque tinha a mania de metter-se em tudo; bem feito. Jorge procurava sorrir para attrahir o «philosopho» que caminhava para o jardim enfezado.

Só, o enfermo cruzou as mãos sobre as pernas. Apezar de procurar o amigo com os olhos sentia-se bem nesse abandono; podia pensar á vontade. Cesario pigarreava fóra e elle, num bem-estar preguiçoso, deixou-se ir pelo sonho, não como antigamente, a fantasia jocunda em que se via feliz, amado, em paços de fausto antigo, rodeado de mulheres que vestiam como as odaliscas turcas, musselinas e sedas mais excitantes que a propria nudez. *Via* o futuro, o futuro angustioso que ia atravessar, desde que Sarita apparecesse com o véu de noiva, prompta para acompanhar o homem que a devia possuir. E penetrava com o casal a alcova esponsalicia, vendo todos os enleios enternecidos, vendo as caricias que se fa-

ziam, ouvindo os beijos que trocavam... tudo, tudo, esse tremendo supplicio que lhe estava reservado e, como se fosse verdade quanto sonhava, teve um gesto violento como para repellir o pesadelo do coração.

— Apre! Mas por que não ha de ser? por que não? Em que se funda Cesario para dizer que é quasi um crime? Quem é capaz de amal-a como eu? Sim, por mais que esse moço a queira não ha de amal-a tanto como eu... Isso não! Mas cahiu numa prostração mental, ficou sem pensamento, o cerebro vasio, opaco. A carne vivia apenas incendida numa paixão erotica. O seu amor apresentava-se nitidamente, claramente, como um appetite bestial: sentia o cheiro da carne de Sarita, compunha-lhe todo o corpo num desnudamento vagaroso, da nuca aos artelhos; via-lhe a carne, de uma brancura de leite, a fórma impeccavel do collo turgido, os braços alvos, torneados como fustes de columnas, sentia-lhe o halito. De repente, num despertar doloroso, cravava os olhos num ponto da sala, pensando que todo aquelle conjunto de bellezas, toda aquella carne moça e virgem ia torcer-se em espasmos de amor nos braços de outro homem e o sangue parecia transbordar-lhe do coração, sentia a cabeça atordoada e gemia como numa tortura. «Que tenho eu com o

que se possa dizer? Sim, que tenho eu? Não é minha filha, é uma moça que criei. Porque tenho mais annos que ella, porque estou doente? Ora, outros com mais cabellos brancos e em peiores condições têm feito casamentos assim. Que tem? Ora essa! Criei-a, é com o que lhe dão... criei-a... Ora!»

Cesario entrou justamente quando o enfermo, nervoso, atirava um murro a uma das braçadeiras do *pliant*. Vendo-o carrancudo não lhe dirigiu a palavra, e, encaminhando-se para a mesa, começou a revolver papeis, accumulando-os; procurava, remexia, resmungando. Por fim, voltando-se inopinadamente para o amigo:

— Não viste aqui um volume do Taine? um que eu estava lendo, um meu...?

— Não.

— Deixei-o aqui. Não faz mal, irá depois com as outras coisas.

— Irá para onde?

— Para onde? para o hotel, commigo.

— Vais para o hotel? perguntou Jorge espantado.

— Hoje mesmo. Já! Tenho lá um commodo e... preciso trabalhar.

— Que vais fazer no hotel, Cesario? Tens alguma coisa...

— Se tenho alguma coisa... Achas pouco?... Quem é que póde viver aqui com tanto choro!? São lagrimas desde a manhan até á noite e caras amarradas, maus modos. Eu, afinal, estou velho, não dou para isso. Que diabo! não me consultem! E resoluto: Demais, eu não tenho nada com isto; que se estrangulem. Já não é pouco o que tenho a cuidar. E's tu para um lado, a menina para outro, e eu que viva como uma especie de caduceu. Afinal tens as tuas idéas e não quero que, mais cedo ou mais tarde, saias dizendo que aconteceu isso ou aquillo por minha causa, porque me metti com a tua vida. Nada! E, sempre arrumando, ajuntando as folhas de papel que andavam esparsas pela mesa: Sou só, em qualquer canto arranjo-me e, na minha idade, a paz de espirito é indispensavel. Se posso viver tranquillo, porque hei de procurar aborrecer-me? Estimo-te muito e justamente por isso não quero ficar aqui. Para que havemos de andar com discussões por futilidades? Nada! a paz antes de tudo, acima de tudo. E, sacudindo a cabeça, atirando uma castanhola: Piro-me! Volto ás minhas quatro paredes.

Jorge, com muita brandura, falou:

— Não tens razão. Que vais fazer? Então agora é que me queres deixar?

— Não te quero deixar! bramiu. Não te quero deixar, mas deves comprehender que tambem não posso estar aqui todos os dias a ouvir indirectas e a vêr carrancas. Enfeza! Não tenho sangue de barata. Não querem? pois não façam. A mim tanto se me dá que casem como não; pouco me importa. Eu nada sabia, para que me vieram pedir conselhos? Sim, para que me vieram pedir conselhos? agora é: porque o senhor Cesario é que tem culpa, porque se mette onde não é chamado... Eu bem ouço! bem ouço! Faço-me de tolo quando quero. E assomado: Até a *Cegonha!* Até a *Cegonha*, essa grandissima sonsa... estava, ainda ha pouco, ali na varanda, a fazer cara de desconsolo. Já não sou criança nem estou disposto a servir de joguete a governantes, esta é a verdade. Vou-me embora! Ou quem sabe se essa Miss pensa que estou aqui por não ter onde descançar a carcassa? Está muito enganada!

— Mas ninguem pensa isso, Cesario: todos conhecem-te, consideram-te...

Mas o «philosopho» arremetteu de novo:

— Está muito enganada! Não me faltam casas. Tenho ainda o necessario para um buraco onde possa repousar a cabeça. Que tal? Está muito enganada! Pensa que vivo escravisado á sopa da casa... Os teus proprios criádos fazem-

me caras. Esse moleque principalmente. Hontem disse-lhe que me passasse uma escova nas botinas e o mariola... nem caso! Pois agarro-o por uma orelha que o deixo a tinir. Não estou disposto!

— São desconfianças tuas, Cesario. Todos aqui querem-te muito. Estás em tua casa, bem sabes.

— Em minha casa, isso não! em minha casa, não; se assim fosse já esse moleque tinha voado pela porta com as costas amassadas. Admitto lá que um negrinho metta-se a engraçado commigo! Tinha voado!

— Mas não te zangues, despeço-o hoje mesmo. Não te zangues.

Cesario abrandava. Deixara os papeis sobre a mesa e passeiava de um lado para outro, alisando a barba, quando Bá appareceu com a bandeja do café; tomou uma das chicaras, emquanto a negra, carinhosamente, offerecia outra a Jorge.

— Innocencio está em cima, Bá?

— Está sim, senhor.

— Manda-o aqui.

— Que vais fazer? indagou Cesario.

— Despedil-o. A ama olhava espantada e ousou perguntar se o pequeno havia feito alguma coisa.

— E' um atrevidaço... rugiu o «philosopho». E' um atrevidaço! Mas não o despeças; deixa-o por minha conta. Eu mesmo hei de ensinal-o. Dou-lhe tamanho pescoção que elle não sabe onde vai parar. Deixa-o por minha conta.

A calma restabeleceu-se e nessa noite Cesario declamou o primeiro capitulo da *Historia,* esvasiando toda a sua erudição vasta para dar uma amostra do que havia de ser essa grande obra de sciencia e de estylo que elle meditava desde os vinte e cinco annos.

Era a sua esposa. Amava-a com estremecimento, dedicando-lhe toda a alma e toda a fidelidade do seu coração, virgem de outros amores. Os capitulos que ia concluindo mentalmente eram outros tantos filhos desse connubio do espirito com a sciencia, e elle costumava dizer, sempre que presumia ter completado as notas para um novo capitulo: «Tenho um novo rapaz!» E as bibliothecas eram as amas, onde os «petizes intellectuaes» iam beber a vida e a força.

IV

Inesperadamente, uma noite, tinindo a campainha, Innocencio interrompeu uma erudita declamação de Cesario apresentando a Jorge um cartão de Aurelio Barroso. O enfermo carregou o sobr'olho, meditando, com o cartão diante dos olhos. Lembrando-se, porém, ordenou ao criado que fizesse entrar para os seus aposentos a pessoa e, instantes depois, um homenzarrão grisalho, de oculos, fez estrugir no limiar uma saudação alegre. Jorge apresentou-o a Cesario:

— Dr. Aurelio Barroso, meu amigo e declarou o nome e os meritos do «philosopho».

Antigo condiscipulo de Jorge, deixara atirada a um canto, no canudo de lata, a carta de bacharel, preferindo negociar em café a tratar de causas nos tribunaes, lidando com a gente das fa-

zendas em vez de alistar-se no batalhão dos forenses. Era uma surpresa essa visita posto que, nos outros tempos, fosse um dos mais assiduos commensaes da casa. Gordo e rubicundo, mal lembrava o estudante lepido que vivia a rimar lyricas e a saltar muros, sempre compromettido em amores e em dividas. Foi toda uma noite de recapitulações alegres — as bambochatas nocturnas, a republica da Moóca, os versos de Tiberio Gama, os folhetins politicos do Salustio, as monas do Cavadinho e a formosa Beatriz, que fôra a musa de toda a geração do tempo, sabendo dispensar a todos o mesmo calor, o mesmo dengue, jurando fidelidade eterna em todos os travesseiros de estudantes.

Mas o motivo principal da visita de Aurelio Barroso era mais sério: ia tratar do casamento de Sarita. O Dr. Mendes Loureiro encarregara-o de falar sobre o assumpto, sabendo ser elle intimo de Jorge, por não ousar apresentar-se na casa sem ter o consentimento do pai. E Barroso fez a biographia do pretendente vindo dos grandes avós, homens de reputado nome, conquistado em campos de guerra, diante d'armas mouras, nas terras de Portugal e outros, mais pacificos, trabalhando honradamente a leira, accumulando fortunas. E por parte da mãi, os Menezes, estancieiros no sul,

de uma intrepida raça de revolucionarios. Mostrou, como num mapa, toda a riqueza do joven medico: as terras de cultura e as apolices que tinha; alludiu ás notas que alcançara na academia e á brilhante figura que fizera nos hospitaes de França e da Allemanha. Por fim descreveu o futuro da menina com aquelle moço de tantos dotes, tão docil, tão meigo que era como uma dama no trato intimo.

Jorge ouvia-o, approvando sempre e, como Barroso emmudecesse, espalmando as mãos nas coxas, encarado nelle á espera duma resposta, murmurou: «Que ia falar á Sarita. Não queria fazer um casamento contra a vontade della. Ia falar e mandaria a resposta ao escriptorio logo que ouvisse a opinião da menina.» Mas Barroso, que ia informado, sorriu maliciosamente:

— Então estava tudo decidido porque os dois amavam-se, sabia elle. Nem o rapaz o encarregaria de tal commissão se não contasse com a menina. Não era tolo e, certo da victoria, prometteu para o proximo sabbado a apresentação do noivo, para que aquillo ficasse decidido quanto antes, afim de que, em Setembro, pudesse partir para a Europa, deixando o afilhadinho em plena lua de mel. E entraram a falar dos annos que corriam. Estavam velhos, elle avô duas vezes. E, como

Cesario o achasse ainda forte e joven, com uma physionomia de rapaz, disse-lhe estendendo um grande beiço. Que já ia para os cincoenta e seis, e batendo de leve no hombro de Jorge. E tu? Deves andar por ahi ou estás mais longe?

— Cincoenta e sete.

Rejubilou.

E como ia alta a noite levantou-se, promettendo a visita para o proximo sabbado.

Jorge deixou-se levar pelo «philosopho» para a camara, mollemente, como uma criança vencida pelo somno. Do leito pediu ao amigo que désse toda luz ao gaz a pretexto de que não podia conciliar o somno sem ler uma pagina e tomou de cima do velador uma brochura, abrindo ao acaso emquanto Cesario despia-se resmungando contra os mosquitos que trombeteavam pelo aposento.

— Isto aqui parece um pequeno Josaphat cheio de demonios que sopram fanfarras. Não sei d'onde vêm tantos mosquitos. Tenho de cobrir a cabeça para dormir. E' um horror! Em robe de chambre deu as boas noites caminhando para o gabinete onde arranjara a «sua tenda».

O enfermo, só, ouvindo, de espaço a espaço, uma praga do «philosopho» que lutava com os mosquitos, deixou cahir o livro e, com os olhos no baldaquino, onde a figura da Noite tinha re-

brilhos e fulgurações tocadas pela luz do gaz, começou a recompor todo esse dia de luta para o seu coração.

Sentia-se abandonado, victima de todos e de tudo. Os amigos revoltavam-se, outros vinham-lhe pela casa dentro como meirinhos arrancar-lhe o bem precioso e ella, longe de protestar, deixava-se levar pelos usurpadores. Ingrata! Ingrata! Ingrata!

O silencio era completo; o «philosopho» adormecera. Jorge atirou para cima do velador o volume para entregar-se aos seus pensamentos. Tinha idéas desencontradas, reminiscencias vagas que lhe appareciam. Pensando em Sarita, no seu casamento proximo, via-se transportado á *Mesopotamia,* saltando muros ao appello da negra que o levava, atravéz da noite socegada, ás senzalas onde as mucamas esperavam-no palpitantes. Mas, subitamente, um grito agudo repercutia dentro delle; arregalava os olhos cheios de espanto, circulava o quarto com a vista assombrada e via passar, como uma furia arrancada ao passado triste, a mãi, louca, desalinhada, os olhos injectados, brandindo os braços em accessos furiosos. E vinha-lhe então uma calma dolorosa. E se elle acabasse como ella? Se aquelle mal se transmittisse ao seu espirito entenebrecendo-o, brutalisando-o?

A mãi começara junto de um cadaver e elle era junto da propria alma ferida que sentia a approximação da loucura. Aquellas indecisões, aquellas inercias, a memoria que lhe fugia como se lhe apagassem sempre os factos da vespera como, para uma nova operação, apagam-se numa pedra os numeros escriptos, as crises de tristeza, todo aquelle indefinivel estado d'alma não seria preparado para receber a loucura? Abriam-lhe um grande vacuo no cerebro como se lhe estivessem a fazer a cova para a alma. Era a loucura, a triste herança. Trouxera-a do ventre materno, sugara-a no leite vital, ganhara-a nos carinhos. O stygma vivia dentro delle adormecido, enroscado como uma vibora e agora distendia-se e ia aos poucos tomando conta do espirito, intoxicando-o com o seu veneno terrivel.

A que estava morta penetrava-o, elle sentia a obsessão da finada, tinha-a no corpo, era como um possesso tomado pela alma materna e, pensando, soffria dolorosamente prevendo o fim triste que lhe estava reservado — a jaula, a cellula e todo elle demudado, hirsuto, a bramir, confessando, na inconsciencia, a sua paixão criminosa, porque tinha certeza de que, ainda louco, não esqueceria essa dominante, absorvente idéa amorosa, que o mantinha ainda, como uma parasita forte mantém um tronco carcomido e pôdre.

Mas esmaecendo esse pensamento sinistro. Sarita voltou a occupar-lhe o espirito.

Entrou a compor o noivo, a imaginal-o: um lindo rapaz novo e forte, bello como Apollo, afagando-a com o seu braço possante de homem sadio, beijando-a e recebendo na boca o seu beijo, o seu primeiro beijo de virgem, timido, medroso e os dois unidos, num silencio infinito, indo pelo grande amor, esquecidos do mundo, esquecidos da vida, como levados pela derivação branda de um rio de leite, emquanto elle, agarrado ás grades da prisão de louco, bramia, vendo-os como dois anjos bemaventurados que ganhavam a Altura feliz, espalhando beijos.

E Barroso, a contemplal-os, gozando com a felicidade de ambos, aconselhando-os, felicitando-os. Essas estranhas idéas baralhavam-se — uma scena imaginada era subitamente interrompida por um episodio comico que apparecia sem razão e confundia tudo. Agitava-se como para afugentar a visão pertinaz, mas debalde, porque o seu espirito era prodigo e creava-as continuamente, incessantemente em grandes lampejos de miragens que appareciam e desappareciam.

Cerrou os olhos, mas a claridade atravessava-lhe as palpebras numa coloração vermelha como de sangue. Abria-os, fechava-os de novo, com

força. Vinha-lhe o somno. Ia dormindo quando de repente, viu o Dr. Loureiro de pé, junto ao leito, armado como um faccinora, ameaçando-o. Abriu d'impeto os olhos, espantado, prompto a gritar, mas a camara estava deserta. Cesario roncava tranquillamente no gabinete.

— Ah! meu Deus! suspirou passando a mão pelos olhos. Que horror! Isto é um supplicio... Que horror! Afinal preciso resolver de uma vez a minha vida, isto não póde continuar assim: é um soffrimento atroz que se vai prolongando. E' mesmo melhor que ella vá, é melhor. Longe, poderei esquecel-a facilmente. E' melhor! Viver com ella, sentindo-a feliz ao lado de outro homem... Mas Sarita appareceu-lhe de novo criança, meiga nos seus oito annos quando, aterrada, a chorar de medo, saltava da cama em camisa e ia procural-o, dormindo com elle, agarrada ao seu peito, a cabecinha enterrada nos travesseiros, confiada e tranquilla, certa de que ali não iriam perseguil-a as sombras más. Via-a nesse tempo e porque não havia de amal-a como a amava então, com o sentimento de pai, antevendo o seu futuro — ella casada, carinhosa e meiga, cercada de anjinhos que viriam para os seus braços, para o seu leito, dormir com elle como a maman outr'ora? Porque não havia de amal-a assim? com esse

amor sereno, todo espiritual em que entra apenas a alma? Cesario era um exquisito, mas tinha razão no que dizia. Era todo um passado de ternura que elle sonhava destruir num momento, atirando-se bestialmente áquelle corpo que havia visto crescer e que trouxera do berço, pequenino, innocente até áquella idade. Havia, por certo, algum espirito máu que lhe inspirava idéas taes — era a Loucura, era a alma tenebrosa da finada que o penetrava arrastando-o de allucinação em allucinação, de torpeza em torpeza, para a absoluta inconsciencia, para o desrespeito, para a falta de escrupulos, para o crime. Sentia-se dominado por uma força perversa que o impellia ás aberrações. Devia ser a alma da morta que tomava conta do seu espirito, e, num arrojo de crença infinita, como se, effectivamente, tivesse diante dos olhos a alma perseguidora, falou-lhe: «O' minha mãi! minha mãi! Que hei de fazer, minha mãi?!» Depois, calado, os olhos fitos, cheio de uma grande ternura de soffrimento, começou a chorar. E medroso, sentindo-se muito só na vastidão da camara, silenciosa como um sepulchro, bradou pelo «philosopho»: Cesario! Cesario!

— Que é! Que é?! acudiu o amigo, apparecendo, quasi no mesmo instante, á porta, o robe de-chambre aberto, os olhos esgazeados: Que é? Que é? Que tens?

Jorge anciava rolando os olhos, afflicto; por fim suspirou:

— Ah! Imagina... vi minha mãi ali na porta, de pé, olhos enormes, muito branca... Instinctivamente olhou para a porta onde o reposteiro cahia pesado e sombrio.

— Sonhos, sonhos! disse. Sonhaste. Vê se concilias o somno. Andas sempre a pensar em coisas extravagantes. Estou a ver que um dia appareces espirita. Tambem nada mais te falta. Dorme, deixa-te de visões. E bocejou com estrondo.

— Palavra de honra, Cesario; palavra de honra: vi.

— Pois sim, mas eu fico agora comtigo; sempre quero ver se apparece alguma alma. E sentou-se aos pés da cama. Jorge, animado com a presença do amigo, tornou-se loquaz, confessando o terror secreto que, de vez em quando, o accommettia: terror da loucura. Sentia que já não era o mesmo, tinha grandes lacunas, falhas sensiveis no cerebro, prostrações, idéas disparatadas. Quando pensava na mãi vinha-lhe a certeza tremenda de que havia de acabar como ella, nas mesmas contorsões, na mesma inconsciencia. Acreditava na hereditariedade e, consultando livros que tratavam conscienciosamente da loucura, achava to-

dos os phenomenos que sentia descriptos entre os primeiro symptomas da anarchia mental. Não tinha duvidas sobre o seu destino. Os cesares tinham, nas horas do triumpho, um homem que os seguia psalmodiando o memento: «Lembra-te que és mortal.» Elle tinha no coração uma voz que, a todo instante, lembrava-lhe a loucura. Tinha aquillo como um caso julgado. Esperava o momento com a calma com que um convicto espera a visita do carrasco. Que havia de fazer? Era um rebento de mandragora, fatalmente, mais dia, menos dia, havia de produzir o veneno. Preferia a morte. Antes tivesse succumbido á apoplexia — estaria em paz, na grande paz infindavel, porque a vida já lhe pesava, tanto lhe custava arrastar o proprio corpo, que parecia agrilhoado pela paralysia. Tinha algemas fortes que o prendiam — eram as suas idéas, eram os seus movimentos. Demais, no dia em que a loucura inundasse o seu espirito, antes que perecesse todo aquelle inferno que elle tinha no coração, muito havia de soffrer. E se lhe ficasse viva, dentro da noite da Loucura, uma só idéa? Que tormento! que supplicio... Antes a morte!

Cesario ouvia-o impassivel, e como elle suspirasse cheio de desanimo, interveiu:

— Tu o que tens é uma grande dóse de fan-

tasia. Fala, isso é bom. Mas que diabo tens a fazer nesses livros de medicina? Meu amigo, eu que aqui estou já soffri uma famosa hypertrophia do figado, porque, á falta de leitura, quando andei pelas serras mineiras, atirei-me a uma pathologia interna e descobri que tinha a tal molestia. E não foi só essa — tive todas, todas, identifiquei-me com o compendio. Pois, meu caro, se não fechasse o livro em tempo, teria morrido de todas as molestias e o meu certificado de obito seria um indice. Queres saber qual é o peior bacillo? é a imaginação. Um medico que estudasse Argan faria mais do que todos esses que vivem a procurar infinitamente pequenos. Descubram a circumvolução cerebral onde reside a doida que faz os poetas e os heróes, extirpem-na e o mundo ganhará uma calma imperturbavel. Convence-te disso — a imaginação é obra satanica. Deus não faria esse allucinante presente á sua creatura. A imaginação é que produz todas as miragens. Tenho idéa de consagrar no meu prologo uma pagina forte á Imaginação, porque, em verdade, foi ella que fez a civilisação dos mundos. A religião, Deus... Quem é Deus? a imaginação dos aterrados. Foi o pavor que creou a divindade. Assim tu... Estavas para ahi sem somno, pensando em tua mãi, tiveste medo — o medo é crea-

dor — e viste-a... Ali? ali na porta? não, viste-a na propria retina. Acompanha o desenvolvimento scientifico, o desenvolvimento artistico: o primeiro astronomo? um pastor da Chaldéa; o primeiro artista? um architecto de tumulos — os dois mysterios: a harmonia das espheras e o Além. E's cerebrino. O que predomina em ti é a imaginação com prejuizo das outras forças cerebraes. Eu bem vejo, eu bem vejo. E olha que pódes enlouquecer, não por antecedentes ou hereditariedade, mas por preoccupação. Isso sim. Manda á fava Lombroso se não queres perder o juizo. E dorme. Vai ao homem do campo e pergunta-lhe pelos ascendentes, elle dirá que veiu de uma mulher, sem entrar em analyses de psychologia: se a mãi era uma hysterica, se o pai era um matoide, e é feliz na ignorancia. Nós, não. Como se não bastasse o cuidado que devemos ter com a nossa alma, ainda vamos desenterrar psychoses de avitos: que manias tinha o tataravô, como pensava a avó, que idéas dominavam o espirito do nosso pai, em que consistia a molestia da maman e procuramos até nos padre-nossos que ella rezava junto do nosso berço a fórma mystica de uma degenerescencia. E' estopante, has de convir. Olha, meu pai foi um valente soldado, distribuiu golpes tremendos, teve cicatrizes glorio-

sas; e eu? vivo a pedir a paz e um livro; detesto as guerras, no emtanto devo ter nas veias o sangue desse soldado. Qual hereditariedade, não penses nessas coisas! A vida não é assim tão alegre para que procuremos constantemente entristecel-a com imaginações. Dorme, e deixa lá a alma de tua mãi em paz. Jorge ouvia attento e, quando Cesario, cançado da loquacidade, deixou a cama, chamou-o como se receiasse perdel-o.

— Não vou, descança. Fico aqui comtigo. Estás como uma criança. Vê lá se queres que te conte uma historia de fadas e de principes encantados. Dorme; não é cedo. Vai ganhando forças, porque o medico quer que comeces com a electricidade agora no principio do mez. E já é tempo para acabares de uma vez com essa historia.

— E' possivel que seja como dizes, é bem possivel que seja imaginação, mas a verdade é que muito me faz soffrer. Quando não é uma coisa é outra. Felizmente vamos decidir essa difficuldade...

— Que difficuldade?

— O casamento de Sarita.

— Ahn! fez «o philosopho».

— Ella quer, o rapaz está em condições de a fazer feliz, que se casem e eu vou por ahi correr

mundo em busca de saude e de tranquillidade. Estou envelhecendo, sinto. Já me faltam forças. Calou-se, concentrou-se, os olhos immoveis, fulgurantes. Cesario distrahira-se, balançando a perna, os olhos na tréva da sala, em frente. E o enfermo, extasiado, *revia* o seu sonho. Era Sarita. Agora, porém, não eram sómente os olhos que participavam da visão, era todo o seu corpo. Sentia um bem-estar voluptuoso como se fosse mergulhando num banho tepido; fremitos corriam-lhe a flor da pelle, o sangue affluia-lhe em jactos ao cerebro, o pulso precipitava-se como num accesso de febre. E a miragem venusta mollemente, ora nitida, quasi palpavel, ora fluida, ia e vinha etherisando-se como uma bruma que se dilue. Os olhos do enfermo dilatavam-se, tremiam-lhe os labios, por fim as palpebras cahiram e um suspiro fugiu-lhe da garganta. Cesario voltou-se e vendo-o de olhos fechados, os braços abertos sobre os travesseiros, disse baixinho:

— Está dormindo...

— Não! fez elle flebilmente, abrindo os olhos amortecidos. Não tenho somno. E, como receiando o olhar do amigo, num impeto de pudor, puxou os lençóes e voltou-se para a parede.

Cesario ergueu-se e caminhou para o salão, abriu uma das janellas. Uma luz baça penetrou.

As roseiras, vistas atravéz da bruma matutina, pareciam apenas esboçadas muito de leve numa tela de gaze. O céu brancacento, baixo, ameaçava chuva e, para o lado das montanhas, tudo era branco como se por ali houvesse rolado a lan tosquiada a um grande e claro rebanho de ovelhas. E fluia no ar em fumo a nevoa rala e transparente. Não havia horizontes — tudo guardava a côr da manhan fria e de chuva. Ouvia-se o farfalho das arvores distantes e o canto longinquo dos gallos. Passaros passavam como sombras atravéz do nevoeiro denso e sentia-se o cheiro das magnolias que se fechavam pudicamente Cesario aspirou com volupia o bom ar leve e fresco da manhan e deixou que penetrasse o salão para purifical-o. A' meia luz encaminhou-se para a mesa, revolveu papeis e, achando um livro, tomou-o e seguiu, em pontas de pés, até o quarto. A luz do gaz parecia amortecida, de um tom pallido; o ar era morno e denso.

Jorge dormia, a boca aberta, resomnando, mas subitamente estremeceu, abriu os olhos, espantado:

— Cesario!

— Então! Já me tomavas por uma alma, hein...! Sabes que horas são? Cinco. Olha! E, correndo o reposteiro, mostrou ao enfermo a luz

nevoenta da manhan que entrava no salão. Vê se dormes.

— E tu?

— Já tenho a minha conta: dormindo quatro horas estou satisfeito. Vê se dormes. E apagou o gaz seguindo para o salão com o volume entre os dedos.

V

Veiu, por fim, o sabbado; um dia livido e tristonho, de grande frio. Para a tarde uma chuva fina de inverno começou a cahir. As arvores, batidas pela ventania, ruflavam e as gotteiras marcavam monotonamente, num tic-tac de pendula, um longo crepusculo insipido e gelado. A casa, emtanto, resplandecia como para uma festa. Bá accendera todos os bicos de gaz e nas poças do jardim, na areia encharcada, a luz reflectia-se. Na varanda, diante da porta principal da sala, o grande globo fosco espalhava uma claridade doce, côr de leite, pelas paredes, pelo ladrilho.

O jantar correu triste apezar das grandes tiradas de Cesario, que estava em um dos seus dias de bom humor. Fez a apologia do casamento como principal factor da sociedade e ingerindo,

sempre a deduzir, entrou a atacar o celibato clerical, achando-o absurdo contra a hygiene e contra a moral. Os padres, como depositarios da doutrina, deviam ser os primeiros a dar o exemplo como faziam os patriarchas antigos. Abrahão, para seguir o preceito de Jehovah, vendo que Sara era uma esteril, queixou-se ao Senhor, que permittiu a polygamia consentindo-lhe que tomasse Agar. Moysés não vivia só. David, esse até abusou das concessões. Salomão... e pela Biblia adiante todos os grandes ungidos do Senhor não bramiam solitarios. Os levitas que levavam a arca eram chefes de familia e os sacerdotes de todas as religiões tinham as suas mulheres. Só os padres christãos vivem isolados, numa castidade impudica, peior do que as devassidões do turco, que mantem serralhos. Tolice! Afinal elles não seguem a imposição dura, até porque a carne é exigente — deixam-se arrebatar pelos impetos do sangue, amam, peccam. A igreja suffoca não só o instincto como o sentimento. Não é só o ardor que é atormentado, tambem a ternura, porque não permittem ao sacerdote o filho. Esterilisam a monja. Para mim todas essas nevroses que perseguem a humanidade vieram dos mosteiros. São as allucinações hystericas dos frades e das freiras que sopitavam os impulsos amoro-

sos por obediencia á santa Ordem. Se Deus disse: «Crescei e multiplicai-vos!» para que vem a Igreja esterilisar? Não comprehendo. Para mim a Mulher toma o seu lugar no mundo quando se torna Mãi. Então sim. Nella o que eu mais admiro e mais respeito é a Mãi. Bellezas... banalidades. Não admitto que um homem viva oscillando entre olhos azues e olhos negros... Só a Maternidade é grande.

Sarita, vergonhosa, evitava todos os olhares, Miss martyrisava o guardanapo. Jorge ouvia calado.

— Tenho as minhas doutrinas, mas não as quero exhibir aqui; mas, em summa: eu, que defendi o casamento, acho-o contrario á lei natural — o homem é polygamo. E o «philosopho» ia escandalisar o auditorio com a exposição da sua doutrina quando Miss pediu licença para levantar-se. Sarita acompanhou-a. A professora ia offendida com a dissertação, indigna de ser ouvida por uma senhora. Sarita, lindissima na sua toilette de *soirée,* sorria á ama, que não se fartava de gabal-a enternecida, mirando-a dos pés á cabeça, anciosa tambem, como ella, pela chegada do «moço». Sarita effectivamente estava desassocegada, mal disfarçava a impaciencia e, como Jorge voltasse os olhos para vêl-a, adian-

tou-se com um momo, queixosa e triste, attribuindo á ausencia das amigas, que convidara mas ouvindo acórdes de piano, disse baixinho:

— Vou para onde está Miss Kate. Cesario, inclinando a cadeira, disse para enfezal-a:

— Está afflicta, hein? confesse. Descance, elle não tarda. Nem que chova raios...

— Ah! fez Sarita, amuada, fugindo para a sala.

— Uma mocetona, realmente! exclamou o «philosopho». E ha de ser feliz: tem o genio docil, é intelligente. Vai dar uma esplendida esposa. Mas passando a mão pela fronte: Que diabo! Não é que estou atordoado...?! Pois olha, nem por isso bebi tanto. A velhice! a velhice... Vamos dar uma volta, apanhar um pouco de ar, que estou esbaforido. Jorge, sempre mudo, levantou-se e, pelo braço do «philosopho», caminhou lentamente para a sala, onde as duas senhoras haviam atacado os primeiros compassos da *Dança Macabra*. Passava insistentemente um lenço pela fronte como se limpasse o suor. No salão o «philosopho» deixou-o no grande sofá medieval e, abrindo uma das janellas, recebeu no rosto o ar frio da noite chuvosa, tamborilando na vidraça para acompanhar o poema musical que Sarita e a governante executavam. Subito, voltando-se, annunciou:

— Estão ahi os homens! Houve uma parada instantanea, logo, porém, continuaram. Cesario voltou-se então para Jorge: Elles ahi estão.

— Recebe-os... disse o enfermo do seu canto, e Cesario ia para a saleta quando viu Innocencio, em farpela nova, que chegava com uma grande rinchadeira de sapatos. A musica ia morrendo no piano. As duas senhoras, esquecendo o teclado, passavam em revista a toilette e, como não tinham espelho, arranjavam-se reciprocamente: Miss cravando um grampo que fugia dos cabellos louros da discipula; Sarita compondo o laço da gargantilha da professora. O proprio «philosopho», sempre indifferente ás roupas, dava puxões á lapella da sobrecasaca, punha-se á vontade no alto collarinho. Espiava, e vendo os dois homens despirem os pardessus e apparecerem correctamente encasacados, teve um sorriso desdenhoso, mas adiantou-se para recebel-os muito firme, num passo cerimonioso e grave.

Barroso relanceou os olhos pela sala e pareceu estranhar a ausencia de convidados, mas como Cesario fizesse uma grande mesura diante do companheiro, apresentou-o.

— Meu amigo, Dr. Loureiro. Dr. Cesario Alves.

Os dois homens trocaram um aperto de mão e

Barroso encaminhou-se para Jorge, e, como o visse esforçando-se para levantar-se, estendeu a mão:

— Deixa-te estar, deixa-te estar; e, sem grandes cerimonias, adiantando o protegido, apresentou-o. As senhoras, de pé, estenderam as mãos ao noivo, que sorria vexado, emquanto Barroso, antes de ferir o assumpto da visita, annunciava a proxima chegada da companhia lyrica.

Sarita, vermelha e tremula, balbuciou algumas palavras e levantou-se seguida de Miss. Cesario seguiu-as para dizer no corredor — que não deviam deixar a sala; mas a menina, sem responder, atravessou rapidamente a passagem e desappareceu na sala de jantar.

Jorge, pallido, fitava o Dr. Loureiro, bello typo de homem, em pleno viço, sadio e forte. Moreno, os cabellos encaracolavam-se graciosamente e um bucre cahia-lhe ao meio da fronte rebelde e muito negro, reluzindo. Os grandes olhos tinham altivez e doçura, vertiam meiguice, eram dominadores e terriveis, mas a voz era affavel, serena, de uma pausa preguiçosa e languida, e, sempre sorrindo, deixava entrever a linha certa dos dentes muito alvos sob a sombra dos bigodes negros.

Os tres homens pareciam vexados. Barroso

esfregava as mãos e o Dr. Loureiro passeiava os olhos pela sala, admirando, como se quizesse guardar de memoria minuciosamente todos os ornatos da casa em que *ella* vivia. Jorge, como para animar-se, chamou o «philosopho»:

— Porque não vens para cá? Estás ahi apanhando frio.

— Não; estou bem. Barroso, então, inclinando-se sussurrou:

— Meu caro Soares, já sabes o motivo da nossa visita... e gaguejando, os olhos de um para outro: Aqui está o Dr. Loureiro e... como o meu encargo está terminado, elle que fale comtigo... E para quebrar a austeridade, atirou a rir: Sim, elle é que é o candidato feliz. Jorge, sisudo, encarou o doutor e lentamente, difficilmente as palavras cahiram-lhe dos labios:

— Pois não, doutor. O meu amigo Barroso falou-me em seu nome. Não tenho objecção alguma... Não respondi immediatamente porque queria consultar a menina. Ella aceita-o e só desejo que sejam felizes, tanto quanto merecem. O doutor levantou-se, commovido, para beijar a mão do enfermo, mas, como o visse a chorar, recuou. Elle, emtanto, sorriu.

— Não se incommode, meu amigo: sou um fraco. E deve comprehender: essa menina tem

sido a minha companheira, tomei-a no berço, é como minha filha. E' o pranto da felicidade, disse atravéz de um sorriso, com duas grandes lagrimas descendo-lhe pelo rosto. Receio apenas ter de acabar em solidão, isso é que me faz chorar, mas não se incommode. Faça-a feliz e as minhas lagrimas far-se-ão bençãos. E estendeu a mão tremula que o doutor apertou commovido.

— Cesario!

— Hein!!? fez o «philosopho» da janella.

— Porque não vens para cá? Barroso adiantou:

— Estamos decididos, doutor. Cesario então, sahindo do seu canto, veiu magestosamente e estendeu a mão ao Dr. Loureiro:

— Parabens, doutor. Parou um instante contemplando Jorge, e com a voz presa falou: E tu, meu velho... dá cá um abraço! O enfermo teve forças para levantar-se e, agarrando-se ao «philosopho» soluçava emquanto elle lhe dizia meigamente, contendo a emoção: Ha de ser feliz, homem! Ha de ser muito feliz. Barroso e o doutor, impressionados pelo grupo dos dois velhos que pareciam não se querer deixar, levantaram-se mudos, enternecidos. Cesario, por fim, conseguindo desprender-se dos braços de Jorge, disse como em uma grande alegria:

— Bem, agora vou tambem abraçar a linda noiva, se me permittem... E quero para mim a honra de apresental-a ao seu futuro esposo. E foi-se pelo salão pigarreando, no seu grande passo bamboleado de pernalta.

Vieram licores á sala.

O dr. Loureiro falou então da molestia de Jorge, aconselhando a electricidade, e Barroso, sempre alegre, ajuntou que com o casamento entrava para a familia um portador de saude, e annunciou o restabelecimento completo do enfermo: «que ainda o havia de ver passeiando pela casa a ninar os netos.» Mas Cesario reappareceu triumphante, dando o braço a Sarita que sorria timida e já de longe, com os olhos no Dr. Loureiro, que se havia levantado para recebel-a.

O «philosopho» deixou-a diante de Jorge que a chamou enternecido, offerecendo-lhe um lugar no sofá, a seu lado. Barroso queria felicital-a e ella recebeu os cumprimentos correspondendo com um sorriso discreto. Jorge disse-lhe então que era noiva e, passando-lhe um braço pelo hombro, poz-se a afagal-a. Falava baixinho, amimando-a, e Sarita sentia a ancia do seu coração, todo o soffrimento que elle padecia em segredo; as suas mãos estavam frias, de gelo, e a sua voz

era tremula e commovida. Por fim, impellindo-a docemente, aconselhou-a:

— Bem, vai agora conversar com teu noivo. E, com uma alegria forçada: Trata de animar a noite, já que a chuva não permittiu que viessem as tuas amigas. Vai. Sarita obedeceu e o Dr. Loureiro, que a esperava, offereceu-lhe uma cadeira e os olhos de Jorge cravaram-se em ambos. E quando Sarita, para responder a uma pergunta do noivo, ergueu os lindos olhos, o enfermo teve um estremecimento forte, as suas pupillas chammejaram e, como para interromper aquelle colloquio idyllico, chamou-a:

— Minha filha, porque Miss não vem tocar um pouco? Cesario offereceu-se para ir buscar a professora e sahiu do salão. Barroso começou a falar de politica, lamentando a marcha que levavam os negocios publicos, augurando guerras, prevendo grandes desastres financeiros. Jorge mal respondia, os olhos sempre fitos nos dois jovens que pareciam extasiados um no outro, mudos de commoção feliz, falando apenas com os olhares que pareciam contar a historia amorosa das longas vigilias apaixonadas. Por fim o «philosopho» appareceu. Miss acompanhava-o e veiu direito ao sofá para cumprimentar o enfermo, dirigindo-se em seguida aos noivos, e, como Bar-

roso lhe pedisse um pouco de Chopin, a escosseza teve um sorriso de acquiescencia e encaminhou-se para o piano.

Cesario, a pretexto do vento gelado que entrava pela sala em grandes bufadas, fechou a janella, vindo sentar-se junto de Jorge, e á primeira lamentação de Barroso, que via um futuro de calamidades para o Brazil, irrompeu annunciando a grande revolução dos humildes.

— Não vinha longe o dia da desforra; a besta humana começava a rugir no eito, ameaçando com a sua força toda essa olygarchia rural, feita de carrascos e de sensuaes. O Brazil não podia progredir emquanto não deixasse de ser um grande carcere. Felizmente as represas estavam cedendo á força invasora; as grandes lévas ahi vinham transbordando das senzalas, com todos os seus soffrimentos accumulados, com todas as suas dores contidas para uma vindicta tremenda. Ai! daquelles que a onda encontrasse pelo caminho! A escravidão era humilhante para o Brazil. Não comprehendia que ainda houvesse um povo que permittisse esses supplicios barbaros que ensanguentavam as terras e contra os quaes as leis nada faziam. E lembrou miudamente todos os episodios que conhecia das suas viagens pelo interior. Mãis que eram despojadas dos filhos pe-

queninos, criancinhas abandonadas, núas, chorando ao sol, como ovelhas perdidas. Escravos enfermos que caminhavam para os eitos perseguidos pelos feitores, outros que morriam torturados nos troncos, a honra das virgens ultrajada, todo o horror das coisas do captiveiro e mais que tudo: a ingratidão dos senhores contra o velho escravo e, comparando-os com o carthaginez Hamilcar, lembrou um episodio da *Salammbô:* Peiores que Hamilcar, esses senhores pagam a divida das campanhas do escravo com o abandono e com o desprezo e os velhos exhauridos que já não têm braços para o serviço, esses seculos de carne e de cabellos brancos, são lançados ao abandono, a um valle de agonia entre a fome e o frio, como os barbaros defensores de Carthago.

São os valetudinarios da terra, deviam, ao menos por gratidão, ter piedade delles. Mas não vem longe o dia da reivindicação. Ahi estão os abolicionistas, como os prophetas antigos, annunciando a proxima chegada dos vingadores. Esperemos por elles. Barroso, entretanto, sorria; não acreditava nessa vingança. «O negro está brutalisado. A canga amansa o touro, o supplicio servilisa e enfraquece o homem. Demais, ainda dispondo da força, nada fariam á falta de um chefe que os dirigisse: se um homem se pu-

zesse á frente, sim, então era bem possivel que se operasse um movimento qualquer de represalia, mas o negro não tinha iniciativa, estava habituado á obediencia e contou que, estando em uma fazenda de S. Paulo, fôra uma noite acordado por um dos filhos do fazendeiro, que lhe annunciava um levante de escravos, no quadrado. Eram mais de 200 homens validos, pois o fazendeiro só, armado de um relho, saltou entre elles e com um brado desfez a revolta. E no dia seguinte, em vez do incendio e do saque, havia uns vinte negros no tronco, quatro dos quaes morreram. E concluiu com segurança: «o negro não se revolta.»

— No Egypto era assim, acudiu Cesario, o egypcio não tinha noção de autonomia — habituou-se a obedecer e não protestava contra o bastão do chefe; mas não foram poucas as revoluções, muito sangue correu para o Nilo. Espere por ella, espere por ella... Jorge ouvia a discussão dos dois homens, mas os seus olhos procuravam os noivos que arrulhavam. Sarita, mais intima, já sorria francamente, e o Dr. Loureiro, radiante, falava sem ouvir as tiradas indignadas do «philosopho», todo enlevado no seu amor.

Quando vieram chamar para o chá, Sarita quiz conduzir Jorge e Cesario propoz que elle fosse le-

vado pelos noivos. O enfermo não protestou e seguiu para a sala entre o Dr. Loureiro e a enteada. Bá esperava-os em caminho e, quando viu a moça, não poude conter as lagrimas:

— Coitada de minha filha!

— Coitada por que, Bá?! Então não queria que ella casasse, hein?

— Não, nhonhô, mas a gente não ha de sentir...? Então eu não criei ella? E sem saber definir o seu sentimento a ama seguiu pelo corredor enxugando lagrimas.

VI

Nessa linda manhan de domingo, cheia de sol e de aroma Cesario, a pretexto de passarem uma boa hora em plena natureza, propoz o almoço no «bosque», á sombra das velhas arvores, junto d'agua cantante. Seria uma surpreza alegre para o Dr. Loureiro e para a velha, a maman Loureiro que, aos domingos, deixava o seu canto de beatitude para vir acompanhar a futura nora contando-lhe, com grandes suspiros, os carinhos do finado e as gracinhas e agudezas de Sinhosinho, quando ainda caminhava agarrado aos moveis.

Sarita e Miss applaudiram enthusiasmadas e, juntando as suas palavras ás do «philosopho», trataram de convencer Jorge que se queixava das pernas, garantindo que não resistiria á caminhada.

Cesario offereceu-se para leval-o ao collo — e estendeu os largos braços magros. Mas quem o decidiu beijando-o, afagando-o, foi Sarita e, logo que o viu sorrindo, subiu a correr para prevenir a ama, afim de que fizesse transportar o necessario para o bosque, junto das mangueiras. Bá revoltou-se: «Que exquisitice! Podiam até apanhar um resfriado. E nhonhô, coitado!» Mas Sarita, sempre trefega, affirmou que aquillo até lhe faria bem. Loureiro já havia dito que elle devia andar, fazer exercicios.

A ama, sempre resmungando, foi, entretanto, despachando os criados, o jardineiro inclusive, que se prestou a levar no carrinho uma rima de coisas para a festa das senhoras.

O vinho seria conduzido pelos commensaes, propoz Cesario tomando duas garrafas, emquanto Sarita despojava as roseiras para cobrir de petalas a toalha que seria estendida sobre a gramma.

Quando o Dr. Loureiro appareceu, num terno de flanella, largo chapéu de palha á cabeça, vagaroso, offerecendo o braço á «bôa maman», gorda e placida, sempre exhausta, houve uma exclamação. Sarita e o «philosopho» disputavam a honra de annunciar o que Cesario chamava uma «garden-party» e, emquanto a menina beijava as

bochechas molles de maman Loureiro, elle declamou:

— Vamos hoje... Mas Sarita, com os braços passados pelos hombros da futura sogra, voltou rapidamente o rosto para concluir: ...almoçar no bosque! E, franzindo o nariz, fez uma careta ao «philosopho». A viuva Loureiro teve uma objecção: «Achava aquillo arriscado para o doente: a humidade, aquellas aguas que ficavam das chuvas encharcando a terra.» Mas o doutor desfez o receio:

— Que não! Era uma idéa magnifica. Os passeios só lhe podiam fazer bem. E, emquanto Sarita conduzia a mãi, poz-se a contar que na Europa os doentes procuram os jardins, os lugares de ar puro, ao contrario do que aqui se faz que, ao primeiro espirro, correm logo a fechar portas e janellas. Jorge sentia-se mal diante dos Loureiro. O medico enfadava-o com as suas constantes narrativas: descripções de hospitaes que percorrera, casos clinicos que observara nas enfermarias, como trabalhavam os grandes mestres e repetia phrases de Charcot, de Peter. A viuva, com as suas constantes lamurias, com os seus arrebatamentos, com o seu nojo ao negro era verdadeiramente odiosa. Cesario achava-a hispida. Sarita desculpava-a com a velhice e com a moles-

tia. Emtanto, nessa manhan, com a alegria communicativa do sol, com o doce perfume das rosas, Jorge sentia-se bem disposto, e teve um sorriso para os Loureiro apezar do medico ter achado a sua physionomia má. Desculpou-se com a noite mal dormida.

Cesario, antes da partida, fez circular o aperitivo, não tanto para acordar a fome como para evitar que a humidade fizesse mal aos doentes e o doutor fez uma prelecção sobre o alcool importado, sempre nocivo pelos preparados corantes de que se serviam os distiladores.

A's dez e meia já era quente o sol. Sarita deu o signal da partida tomando ao braço uma cestinha de vime onde iam duas garrafas, deitadas entre rosas. Cesario sobraçou a sua carga e, como o Dr. Loureiro fizesse questão de levar alguma coisa, Miss cedeu-lhe uma das cestinhas, onde Bá acondicionara um frasco de conservas e as uvas brancas.

Jorge, com um grande páu ferrado, á cabeça um chapéu de abas largas, abriu a marcha, acompanhado pela ama, que o não queria deixar, sempre receiosa de que lhe faltassem as pernas. Maman Loureiro, com um amor egoista, exigira um dos braços do filho como se o não quizesse ceder, senão em parte, á noiva, e a governante, isolada

entre os grupos, ia de olhos baixos, num passo lento, como uma prisioneira.

As cigarras estridulas cantavam e o ar era constantemente cruzado por passaros, que iam e vinham, ora muito alto, ora quasi roçando a terra.

A alegria era grande e completa. O céu, todo azul, reluzia como setim; as montanhas, sem nevoas, pareciam polvilhadas de ouro. Dobres alegres de sinos passavam como um appello meigo da religião para que as almas contentes corressem aos templos agradecer ao Senhor aquella luz bemdita que se espalhava pela terra generosamente.

Cesario, no seu pantheismo primitivo, saudava a natureza, a grande Mãi, forte e fecunda. Ao avistar as arvores levantou no ar as duas garrafas:

— A floresta! Eil-a! A grande floresta primitiva, a selva maternal! E como o Dr. Loureiro sorrisse, o «philosopho» quiz explicar: Pois não... A tal historia da achada de Pamir é uma lenda, está provado. Homens que por lá andaram garantem que as primeiras migrações humanas não podiam ter partido d'ali, simplesmente porque tal platô, que passou durante muito tempo por ter sido o berço da humanidade, nunca foi habitavel. Os homens vieram do Balkach, da grande selva do Balkach... E isto mesmo pre-

tendo sustentar na minha obra. E seccamente: O doutor não foi á Asia?

— Não. A minha viagem foi toda pratica, Sr. Cesario. Mais tarde é possivel que faça um passeio. E voltou os olhos para Sarita.

— Não deixe de ir á Asia. Vá admirar esse Ganges amigo, e ao Egypto, pois não, ao Egypto. E' uma obrigação de todo homem civilisado visitar o oriente. O oriente!... E como se quizesse mostrar ao sol as garrafas que levava, ergueu-as para o astro que subia rutilo. Haviam chegado á cerca e o jardineiro ainda passava o ancinho á entrada para afastar as folhas seccas e os gravetos. As arvores, ramalhando, pareciam festejal-os e Cesario saudou-as de novo: — Salve, selva maternal! E, para alegrarem o «philosopho», todos repetiram: Salve!

Havia ainda orvalho nas folhas. O solo humido e macio afundava debaixo dos pés — eram poças que a velha folhagem acamada escondia insidiosamente. O cheiro acre do capim-gordura impregnava o bosque, mas sentia-se o halito forte e sadio de todas aquellas arvores, de todas as pequenas plantas humildes que viviam de rasto, florescendo em tapete, forrando os trilhos com um estofo avelludado e fresco, onde a vida alegre e cantante dos insectos palpitava. As grandes ar-

vores graves, de uma sobranceria austera, protegiam com as sombras immensas dos seus galhos os arbustos que cresciam em torno do tronco pujante como uma caravana abrigada sob um tendal.

O caminho era estreito, sinuoso, todo orlado de sensitivas que murchavam mal se lhes tocava; sobre elle derramavam-se os galhos faceiros das samambaias e os ramos flexiveis dos heliotropos pontilhados de florinhas miudas que rescendiam.

Grande extensão de planicie inculta estava estrellada de boninas douradas e, de quando em quando, uma mouta de joá bravo com os seus lindos frutos de coral e de ouro. De algumas arvores cahia em filamentos o cipó-chumbo ou era a barba de velho emmaranhada, que se enroscava nos galhos, formando grandes ninhos ou pendendo em filandras balançando-se mollemente á brisa. Borboletas appareciam confiadas, voando de um canto para outro, com fulgurações de azas de saphyra ou de prata ou tremulas, pairando acima de uma vergontea onde pousavam unindo as azas, aquecendo-se a um raio de sol, e o trilar dos grillos ia num crescendo á proporção que o grupo penetrava devassando o interior tranquillo do bosque.

Já começavam a chegar o doce murmurio da agua e o rumorejo dos bambús que faziam uma

abobada verde sobre a agua serena. Em certos pontos a penumbra era densa, a passagem difficil — cipós cruzavam-se de uma arvore a outra e havia pelo chão cordoveias que embaraçavam os passos. Era necessario que o jardineiro avançasse com uma fouce e cortasse, a grandes golpes, as enrediças silvestres. Maman Loureiro, com o vestido molhado de orvalho, ia de olhos no chão temendo as cobras «porque tinham deixado o matto crescer tanto que, de certo, por ali andavam bichos.» Ia cautelosamente pedindo aos noivos que a segurassem bem, tinha medo de escorregar, já estava com os pés encharcados. E lastimava não ter trazido as galochas: «aquillo era o mesmo que patinhar numa lagôa.»

Bá levava Jorge, escolhendo lugares para seus passos, recommendando que não se encostasse no matto por causa da humidade e o enfermo distrahia-se com a preoccupação de procurar caminho, ria dos sustos da ama que descobria tremedaes em toda parte, sempre indignada com aquella idéa de almoçarem na humidade.

Miss, silenciosa, ia encantada com a partida. Para ella aquillo tomava proporções perigosas de uma excursão atrevida por selvas bravas e perfidas dos sertões: eram pantanaes vastissimos, florestas intrincadas, de muitos seculos, á cuja som-

bra haviam dormido tribus guerreiras e o rumor constante da agua longinqua suggeria-lhe a idéa de uma extensa paizagem nova, nunca vista, á beira de um grande rio profundo e largo como esses de que lhe falava Cesario nas descripções pittorescas da natureza opulenta do Brazil.

O «philosopho» seguia á frente, com o jardineiro. As solas dos seus sapatos carregavam grossas pastas de lama; tinha os hombros molhados, mas, entretido com o trabalho de decepar os ramos, não sentia os passos pesados; levantava as pernas difficilmente como se levasse cnemidas e apontava: «Olhe ali! Corte aquelle galho que é uma cilada! Olhe acolá, sôr Januario.» E as folhas farfalhavam quando o jardineiro brandia a fouce.

Mas um embaraço surgiu: era uma grande poça d'agua esverdeada, coberta de lodo, em meio do caminho. Dum lado e doutro, viçoso e verde, o capim crescia escondendo, sem duvida, atoleiros. Cesario, que ia á frente, foi o primeiro a annunciar a «Lagôa Meotida», ajuntando para animar «que haviam atirado sobre ella um tronco e a passagem ali estava e, para animar as senhoras, ia e vinha, equilibrando-se, os braços escancarados, as duas garrafas nas mãos. Miss, sempre amante de aventuras, rejeitou a

mão que o «philosopho» lhe offerecia e atravessou serenamente, «como a Spelterini sobre o Niagara», disse elle batendo as palmas, com as garrafas debaixo do braço. Mas Jorge hesitou e o «philosopho» teve de abandonar a carga para ir buscal-o á outra margem com a mão estendida e o enfermo, apoiando-se ao varapáu, passou lentamente, os olhos sempre no tronco que oscillava. Maman Loureiro, olhando demoradamente, declarou que não queria cahir naquelle lameiro podre e amuou abandonando os braços dos noivos que instavam com ella, mostrando os que já haviam atravessado e que estavam na outra margem esperando.

— Venha, menina! bradou Cesario estendendo o braço á Sarita. Venha para que a senhora veja que não ha perigo! E Sarita passou, rindo, com gritinhos, num passo miudo e trefego. Venha, doutor. Mas o Dr. Loureiro não quiz deixar sósinha a boa maman que enfezava, ameaçando voltar. «Que aquillo até fazia febre! Que idéa! almoçarem na lama. Não passava!» Foi preciso que o jardineiro arregaçasse as calças e entrasse nagua atolando-se para que a viuva, sempre a resmungar, ousasse a travessia. E passou tremula, aterrada, jurando nunca mais acompanhar aquellas extravagancias de malucos. Bá affligia-

se querendo prestar auxilio á velha senhora, mas a «maman» repelliu-a com mau modo, dando-lhe com o lenço quando a negra, agachando-se, quiz tirar-lhe da barra do vestido um graveto que ia de rasto seguro por um espinho: «Deixasse! Não gostava de incommodos com ella!» A ama levantou-se e lançou-lhe um olhar cheio de odio, mas Sarita fez-lhe um signal para que se contivesse e, querendo evitar uma discussão, acudiu risonha:

— Então? não passou? E' facil... A questão é não ter medo. Cesario poz-se a caminho e, já longe, annunciando bellezas, chamava:

— Venham! Venham! Isto aqui está agora como o caminho de Brocelande. Entraram por uma estreitissima passagem onde havia uma grande rocha toda forrada de musgo e, atravéz da folhagem, viram o sol, que enchia de claridade um canto do bosque, onde grandes tayobas verdes derreavam languidamente as largas folhas. Já havia soqueiras de bambús murmurando e via-se, ao longe, o circulo das mangueiras numa grande luz quente e vivida. Cantavam. O «philosopho», junto á rocha, alongava os olhos de um lado para outro, num extase:

— Ora, francamente! digam que não tive uma grande idéa! Ha lá salão que se compare a isto...

E o bom perfume das selvas, o cheiro do matto, hein? Então?

Maman Loureiro quiz saber se era ali que iam almoçar, naquelle buraco...

— Não, minha senhora: o salão é um pouco adiante. Mas já estamos na cópa e temos aqui um pequeno lavabo para as senhoras que não quizerem descer a rampa até o riosinho amigo que lá vai em baixo, disse o «philosopho» e, dando volta, mostrou, entre fetos verdes, uma bacia cavada na pedra onde cahia uma lagrima fina.

— Aqui têm: é uma linda fonte protegida por algum deus amavel. E refrescando as mãos na agua crystallina: Tambem é o que me falta descobrir neste bosque: a nympha; o mais conheço tudo.

Jorge sentia-se cançado, tremiam-lhe as pernas e maman Loureiro achou natural:

— Pois um homem fraco, doente, a fazer aquella caminhada e com tamanha humidade! Até se espantava de que não tivesse tido alguma coisa. Aquillo era bom para quem tinha saude, esses mesmos não resistiam. E, sempre de mau humor, esquivava-se ás instancias do «philosopho» que procurava mostrar os encantos do sitio, a belleza grandiosa daquelle recesso tranquillo, onde os insectos tinham o seu mundo.

Miss, sempre recatada em silencio, andava em explorações pelas moutas proximas, procurando ninhos, perseguindo borboletas, emquanto Bá, agachada junto á fonte murmurosa, as mãos aconcheadas, aparava a agua fresca da rocha. Cesario tomou o braço do amigo e, sempre animando-o, a sorver com ruido o bom ar frio das sombrias devezas, gabava a idéa da sortida:

— Anda lá que isto empresta vigor á alma. Os olhos carecem d'expansões como esta para que a retina não fique em dieta de visão. Estar sempre a olhar as paredes, os lombos dos livros, é fastidioso. Deixa a velha bramir. Chegou ao periodo de ruminar, não póde estar calada. E' famosa, palavra de honra! Iam devagar, sobre o tapete macio da herva molhada, donde saltavam grilos espavoridos. Jorge carregava o rosto, sorria, sem uma palavra, deixando-se levar pelo amigo, mas a referencia ao mau humor de maman Loureiro arrancou-o ao silencio obstinado.

— E' impossivel! Não posso estar perto della, sinto-me mal, tenho impetos de a repellir com uma grosseria. Depois aquelle apêgo ao filho.

— Ella é que parece a noiva... disse Cesario.

— Realmente. Palavra, vejo muito mal esse casamento, Cesario. O tal doutor é um effeminado, sem energia: treme diante das sobrancelhas

maternas e Sarita, com o genio que tem, não fará boa liga com essa mulher.

— Ora, depois de casados hão de tomar rumo. Estou certo de que o homemsinho não ha de ficar agarrado ás saias da velha a ninar o gato venerando. Demais, quando ha amor, meu amigo, tudo se sacrifica. Deixa lá... Iam por uma ladeirinha. Jorge fincava o varapáu no sólo, arquejando e, quando chegaram ao alto o «philosopho» propoz uma pausa para descanço; e, como havia uma grande raiz á flor da terra, sentaramse ouvindo os chilros alegres do passaredo e o chiar das cigarras que festejavam o sol entre a folhagem.

— Estás com outra côr, Jorge. Então? Já te sentes melhor, hein?

— De corpo. E' uma resurreição da carne; o espirito vai de mal a peior. Não durmo e de uns tempos a esta parte tenho sentido phenomenos estranhos que me preoccupam. A's vezes, é uma sensação de vacuo no cerebro, outras vezes a agglomeração, um grande corpo opaco que enche a minha pobre cabeça. Mas o que mais me impressiona é uma singular allucinação agora frequente.

A' noite, quando me deito, o quarto enche-se de rumores fantasticos. A principio o ruido tem

a sonoridade, o rythmo natural, pouco a pouco, porém, atrôa, precipita-se vertiginosamente; tudo augmenta, redobra-se: as pancadas do meu coração multiplicam-se, as minhas palpebras batem como azas de colibri em adejo, o som mais leve fragóra espantosamente.

Sinto-me crescer. Se toco as minhas carnes retiro os dedos aterrado e fico vivendo dentro de um ambiente de vertigem, num meio de pavor que não te posso descrever. A's vezes levanto-me e os meus passos aterram-me, são os de um louco que fugisse em desabalada corrida sem destino, através da tréva. Esbarro em um movel e é como se toda a casa estalasse aluindo, um grande echo rebôa enchendo o silencio e parece-me, ás vezes, ouvir o galope do meu sangue nas veias. Essa allucinação não é longa, mas no curto tempo que me domina não imaginas quanto soffro. Sobre a visão de corpos luminosos já falei ao medico, levou isso á conta do meu enfraquecimento. Não me preoccupa tambem. Já estou, por assim dizer, habituado ao diorama.

A's vezes vou caminhando e de repente estaco diante de um globo de fogo. A primeira impressão é de surpreza, mas vem tão promptamente a calma que ninguem deu ainda pelas minhas paradas subitas. Tenho um mundo fantas-

tico que me diverte os olhos, mas essa outra allucinação aterra-me. Parece um desequilibrio de todo o meu sêr, a desorientação absoluta dos meus sentidos. E os medicos attribuem tudo á nevrose, deixam-me nesse estado de duvida, que é o inicio de uma mania. Porque, afinal, eu estudo-me, analyso-me, e essa analyse constante já se vai tornando preoccupação. Procuro explicar todos os ruidos e, para alguns, busco uma origem no sobrenatural: o resultado é que estou ficando de uma covardia infantil e de uma crendice de fetichista.

Infelizmente tenho uma triste convicção, estou descendo a aba da montanha que leva ao abysmo da loucura.

— Ora, homem! Isso é que é mania. Então por que tens visões conclues que has de acabar louco?! Se assim fosse, meu amigo, o mundo seria um manicomio. Pensas que não tenho dessas coisas? Tenho-as, e constantemente. Eu sou o mais completo visionario. Vejo, como tu, os taes corpos luminosos: são os fogos fatuos da retina, vêm das visões mortas. Podes achar blague no que digo, mas eu cá penso assim. Não vou pedir explicações a doutores. Vejo vultos, ouço falas; já uma vez senti junto de mim, agarrado ao meu corpo, um outro corpo — era uma

succuba, diria um mago, qual succuba! não havia corpo, havia apenas delirio. Deixa-te de idéas funebres. Sabes de onde vem tudo isso? do teu isolamento, do teu silencio. Vives concentrado, e como todas as forças geradoras carecem de expensão tens dessas coisas. Apertas o espirito e os abortos rebentam. A hypocondria é um terrivel demonio! Deixa-te de pensamentos. Encara a vida como ella é, aceita-a sem discussões intimas. Isto é assim porque é, ahi tens. A voz de maman Loureiro interrompeu o colloquio.

— Ahi vem a velha; vamos andando. Tambem agora é só descer um pouco. Mas a viuva, sempre enfezada, praguejava, porque os espinheiros, derreados sobre o caminho, haviam-lhe arranhado a mão. «Que ao menos deviam ter arranjado aquillo.» A ama appareceu amuada, um grande beiço espichado, resmungando.

— Então, que é lá isso, Bá? A negra, sem responder a Cesario, dirigiu-se a Jorge.

— Eu venho pedir licença a nhonhô para voltar para casa. O enfermo mirou-a:

— Que tens, Bá? Estás cançada?

— Não, senhor, mas não posso mais acompanhar essa mulher. Não estou acostumada com desaforos. Ella entende que ha de me dizer tudo e eu já estou aqui que não posso de raiva. Não

quero que nhanhan depois fique zangada commigo.

— E quem ha de servir-me, Bá? Deixa lá a velha; não estás aqui por ella; vem comnosco. A negra, que levava a saia arregaçada mostrando as pernas magras, deixou-a cahir e, como os dois homens continuassem o caminho, seguiu-os, mas a alguns passos, sempre amazorrada, disse: «que Sarita mandára pedir para esperarem, porque a senhora já tinha falado, elles haviam-na deixado em baixo.» Cesario, então, revoltou-se:

— Hein! pois ande?! Quer, talvez, que façamos uma cadeirinha para carregal-a? Que ande! Aqui vai um que precisa de cuidados e não se queixa. Não faltava mais nada. Vamos embora! Não se espera mais. Jorge, porém, que havia parado, interveiu delicadamente:

— Não, esperemos, é uma senhora. Não quero que Sarita tenha razões de queixa. Não custa. Bá accrescentou:

— E' mesmo, nhonhô. Eu tambem tenho aturado muita coisa por causa de nhanhan, que não tem culpa, coitada! nem o moço: elle é bom. A velha é que é um diabo! Os dois homens riram da colera da ama, que continuou: Um diabo! Nunca está contente, por um nada está ahi botando a boca no mundo. Nunca vi! E concluiu:

Qual! Nhanhan mesmo não vive muito tempo com essa bruxa. Um grito repercutiu no bosque: Cesario, juntando as mãos na boca, correspondeu.

— E' a menina. Nuvens zoantes de mosquitos voavam em torno das cabeças dos tres, que os sacudiam desesperadamente.

— Ainda mais! escolhemos o peior ponto de espera. Vamos descer. Estão ali em baixo as mangueiras, é um instante. Isto aqui está horrivel com os mosquitos. Mas aproximavam-se vozes:

— Paisinho! gritou Sarita d'entre as arvores e Jorge, sorrindo, respondeu:

— Sobe! E maman Loureiro corada, as saias muito levantadas, deixando ver os pés inchados, foi a primeira a apparecer carrancuda, offegando: em seguida Sarita, vermelha, com duas lindas rosas nas faces, rindo, e o doutor abarcando flores silvestres. O jardineiro era o ultimo, fouce ao hombro, calmo, forte, como um senhor dos bosques, familiar com todos aquelles desvãos, intimo daquelles meandros, habituado a atravessar os caminhos rudes, cantando folgadamente, sem fadiga, sem surpreza, como um deus selvatico amado das arvores, querido dos ninhos, para o qual os ramos tinham sempre um fruto, as ver-

gonteas tinham sempre uma flor e as aguas guardavam a frescura suave e reparadora.

Cesario, vendo apparecer a viuva, annunciou baixinho ao enfermo «uma tremenda explosão de colera»; a velha, porém, pallida, contendo a ira, não descerrou os labios e passou, fechada num mutismo de odio, a cabeça baixa, offegando. Sarita, bambaleando o corpo, extenuada, sorria, e o doutor, carregado de flores, já sem folego, affirmou que «a ascensão ao Monte Branco era mais suave do que a subida áquella altura, sobre o caminho lamacento como estava.» Mas Cesario, sempre jocundo, riu da fraqueza daquelles moços e, descendo, animou-os mostrando-lhes em baixo o «salão florestal».

— Estamos em casa. Lá estão as mangueiras veneraveis.

Orlando o caminho estreito e sinuoso os bambús inclinavam-se formando uma abobada verde e murmura; borboletas voavam de um para outro lado e havia um sussurro perenne como d'agua a correr atravéz da sombra. O «philosopho», sempre apaixonado da natureza, rompeu em exclamações:

— Que olhassem! aquillo era lindo! sumptuoso! Miss ia sosinha á frente, abrindo a marcha; Bá em seguida, amuada, a resmungar contra ma-

man Loureiro. Innocencio appareceu cantarolando e logo sumiu-se, a correr, mettendo-se pelos mattos.

Entre as altas mangueiras a mesa tosca resplandecia forrada pela toalha branca. O chão em torno, juncado de flores, era macio e crepitava sob os passos. Havia palha e papeis esparsos e sobre os bancos garrafas, latas, flores e frutas, todo o necessario para esse almoço de festa, ao ar livre, na communhão das arvores. A um canto, em pittoresco meandro, o cozinheiro improvisava os fogões, reunindo pedras sobre as quaes descançavam panellas e caçarolas lambidas pela chamma alegre e estalidante da lenha verde. Sentaram-se. Os criados correram a limpar os bancos e Cesario, satisfeito, expansivo e garrulo, propoz uma taça de champagne levantando uma das garrafas, mas todos oppuzeram-se, queriam repousar, estavam estafados.

O «philosopho» teve um olhar de piedade e de ironia para «aquelles tristes» e, voltando-se para Innocencio:

— Vem d'ahi commigo, rapaz. Apanha essas garrafas num cesto e vem commigo. Jorge acompanhava-o com os olhos e quando o perdeu de vista acenou á Sarita que passeiava abanando-se com o lenço. A moça adiantou-se e, sentando-se

junto delle, no banco, tomou-lhe uma das mãos. Maman Loureiro, desesperada, dava expansão á colera frenetica, discutindo com o filho que a ouvia murcho, de olhos baixos, quebrando renovos dos arbustos. Jorge, como se o effluvio das selvas penetrasse-o beneficentemente, sentia um bem-estar tranquillo, uma grande paz de coração. A luz dourava os ramos espalhando nimbos de claridade no solo como se uma arvore de ouro, num outono fantastico, fosse despindo-se da folhagem preciosa; e passaros cantavam em festa. Sarita sentia a pressão delicada dos dedos do padrasto e lia-lhe nos olhos a melancolia; emtanto o seu coração, irritado de amor, batia sofrego, os olhos inquietos procuravam o Dr. Loureiro que se perdia entre as arvores acompanhando a viuva. Passaros desciam dos ramos e vinham mariscar na terra; alguns mais ousados passeiavam em cima da mesa gazillando entre os pratos. O cozinheiro cantava uma modinha nortista, emquanto Bá e o copeiro, agachados, iam tirando dos cestos garrafas e frutas. O bosque conservava a sua serenidade, parecia um santuario invadido onde os deuses impassiveis olhavam calmos o acampar de uma horda. O enfermo levantou os olhos para Sarita, attrahiu-a docemente e beijou-a na fronte entre os cachos de cabellos que voavam:

— Então vais deixar-me, hein?

— Deixar? porque, paisinho?... Eu não.

— Não has de ir com o teu marido?

— Sim, mas elle concordou commigo. Passaremos os primeiros tempos com você... mais tarde então...

— Mais tarde?...

— Se elle quizer, aventurou Sarita... E sorrindo:

— Não foi você mesmo que disse que eu devia fazer tudo quanto elle quizesse? que devia obedecer sem discutir?

— Sim...

— Então? Eu com a mãi delle não moro; os nossos genios não se combinam: é muito impertinente, exquisita, cheia de manias e para que hei de procurar o mal quando posso evital-o? Morar com ella, não; isso já disse a Loureiro e depois, ainda que nos separemos, você sabe que hei de sempre estar a seu lado. Não sou ingrata!

— Não, não és... Emtanto, Sarita, o meu desejo era outro bem differente: eu não queria apartar-me de ti, nunca! Queria que vivesses sempre commigo. E's o meu unico consolo, quem mais tenho eu no mundo? Cesario... Cesario é um nomade; amanhan, a pretexto de qualquer coisa, sahe e deixa-me só e eu estou como as crianças

ás quaes é indispensavel o carinho da mulher. E partes justamente quando vem chegando o crepusculo. Como vai ser triste a minha noite! Pensei muito, aguilhoado pelo meu egoismo, pensei muito, mas tive quem discutisse e combatesse os meus pensamentos. Sempre que expunha uma idéa tinha certeza de a ver contrariada. Cesario não me permitte mais a vida — acha-me inutilisado e, como querendo precipitar a quéda da ruina, concorre para esse desastre arrancando o que ainda a sustentava. Se elle não se tivesse mettido insidiosamente no meu segredo, mostrando-me o horror que viu no fundo, eu iria com elle, confiado e tranquillo, até o teu coração e talvez não tivesse agora a alma tão triste como tenho. Mas Cesario veiu com os seus argumentos, disse-me coisas tães que tive receio de falar a verdade, de dizer o meu sentimento, de contar a minha agonia e hoje, arrependido, vejo que só consegui augmentar o soffrimento porque, cada dia que passa aproximando-te daquelle homem, distancia-te, afasta-te de mim e, isolado, sentindo-me em abandono, começo a ter a impressão estranha de um banido, entregue á solidão e ao desespero, sem uma alma piedosa para fraternisar com a sua e abrandar-lhe o tormento.

Sarita quiz interrompel-o; elle, porém, deteve-a;

— Espera. O que te vou dizer agora é uma historia que a mim mesmo repito constantemente nas minhas vigilias tormentosas. Talvez te revoltes como Cesario, mas não quero nem posso guardar, por mais tempo, esse segredo torturante e, se parecer-te estranho, perdoa-me, não me queiras mal nem abuses da minha indiscrição tornando-me ridiculo aos olhos de outrem. Escuta. Desde que começaste a tua vida de moça, deixando esquecida a criança, desde que passaste da infantilidade á juventude, teu rosto começou a reflectir o meu passado. Comecei a olhar-te como a sombra de um tumulo, vendo nas tuas feições todas as linhas, todos os traços de alguem que fôra, para mim, um soffrimento feliz: tua mãi. A morta revivia e o meu amor por ti soffreu, resentindo-se dessa transição da belleza — a criança ia morrendo vencida pela mulher até que de todo a menina desappareceu, ficando em seu lugar o espectro, que eras tu. Não sei como explicar-te o que sentia sempre que me apparecias como a visão de um tempo longinquo e de dores. A's vezes ficava demoradas horas contemplando-te e não eras tu quem eu via, era *ella,* tua mãi: quando falavas, quando sorrias, quando repousavas a cabeça sobre o meu hombro adormecendo. Meus beijos tambem perderam a castidade, mas

não te maculavam — era como se eu beijasse uma imagem da morta. Desappareceste inteiramente cedendo o lugar á tua mãi. Bem sei que tudo isso póde ser levado á conta de um desequilibrio mental, de uma grande molestia d'alma, mas ouve, ouve sempre.

A principio resisti empregando todas as forças da minha razão, toda a energia da minha vontade; mas a obsessão nasceu. Já não era sómente em tua presença que eu sentia a tentação tremenda do teu rosto, longe de ti, diante do teu retrato, quando te ouvia os passos, quando te ouvia a voz. Foste, desde então, a preoccupação unica do meu espirito e essa molestia, essa estranha molestia, degenerou em amor, Sarita...

A moça empallidecia guardando uma imperturbavel immobilidade, os olhos baixos, mas á confissão de Jorge estremeceu toda e, num movimento vivo, ergueu a cabeça e encarou-o. O enfermo, porém, como se não tivesse percebido o impeto da pupilla, continuou no mesmo tom de narrativa, expondo a sua tortura.

— Amei-te... e não me vexo de o dizer a ti mesma, não me vexo porque não era a menina criada em meus braços, a minha filha que eu amava, era a outra, a que fôra, a morta. E, se eu te dissesse, Sarita, todos os meus penares, as

ancias das minhas noites não dormidas, as angustias das minhas evocações, talvez me lastimasses. Cesario, que me tem acompanhado com tanta solicitude e com tão desvelado carinho, póde contar-te o que tenho soffrido. Mas, pensando, imaginei tudo quanto se vai realisando á medida que os dias correm: o teu casamento, o meu abandono. Foi então que imaginei guardar-te commigo para sempre, prendendo-te á minha vida para que me acompanhasses como uma illusão acompanha um espirito doente. E quiz casar-me comtigo.

Novo estremecimento agitou a moça e seus olhos, cheios de assombro, faiscaram. A confissão surprendia-a, suffocando-se no coração o pudor. O que a dominava era o medo: sentia-se como empolgada por uma mão forte e refugia ao homem, aterrada, com a respiração curta como se lhe faltasse o ar. Jorge, de uma lividez cadaverica, proseguia, falando como se lesse num livro.

— Não era um novo amor que me impellia, mas a idéa de uma nova existencia ao lado de quem vivi friamente, mais como amigo do que como esposo; era uma reintegração no passado, uma extravagante volta ao tempo extincto. Possuir-te não me preoccupava, eu queria a outra, de que te não lembras. Só então levantou os olhos

para a enteada e as suas pupillas fulguravam, um sorriso franzia-lhe todo o rosto: Não te lembras. Era linda, tua mãi! E eu não a amava. Foi necessario que o tumulo tomasse-a para que eu sentisse que no meu coração vivia o amor por ella, mas tão occulto que até então eu não dera por elle. Cesario, á força de interrogar-me, conseguiu saber o motivo dos meus desesperos e das minhas vigilias: disse-lhe tudo e elle, longe de procurar alliviar-me, veiu com umas longas palavras mostrar a hediondez do meu pensamento. Hediondez, vê bem... mas em que? Pois não fui eu o marido de Laura, não foi ella minha mulher? Que culpa tenho eu do seu regresso ao mundo? Que mal havia em casares commigo?

— Eu, paisinho? exclamou Sarita em voz tremula, já agitada pelo choro. Pois não sou sua filha, paisinho? Ah! isso nem se pensa...

E desatou em pranto, abafando o rosto com as mãos. Jorge, agitado, como se tivesse reconhecido a sua falta e temesse tornal-a publica, quiz consolar Sarita attrahindo-a; a moça, porém, repellia-o docemente, fugindo com o rosto quando sentia nas faces o calor do seu halito.

— Mas ouve, minha filha. Não chores. Eu quiz dizer-te a verdade, a verdade sómente. Não queres que eu tenha franqueza comtigo?

Sou eu o primeiro a confessar que isso não passa de uma loucura, sim, de uma loucura, porque ninguem quer ver que estou perdendo a razão, ninguem! Não chores, tem piedade do meu soffrimento, nem tomes a sério as minhas palavras, não sei mais que digo. Só Cesario póde falar-te a verdade, elle que te conte as allucinações que tenho, as noites que passo. Que queres, minha filha? E' a loucura. Nunca viste um louco? De vez em quando um relampago fulmina-me e fico assim, estonteado, incerto: é a tempestade sinistra que se annuncia. Não chores. E procurava attrahil-a; as suas mãos tremulas tacteavam incertas o corpo virgem e Sarita encolhia-se, evitava-as, repellia-as com um mal contido nojo, até que se poz de pé, os olhos vermelhos, o rosto macerado, e soluçando. Jorge, tremulo, attonito, levantou-se tambem.

— Perdôa! Eu não sou mais do que um louco... Não sei que digo. As palavras sahem-me involuntariamente. Achas possivel que eu que te trouxe ao collo...? Não, minha filha, não: palavras vans, palavras vans. Vozes aproximavam-se. Jorge travou das mãos de Sarita e sussurrou: E' Cesario; senta-te aqui, senta-te... e attrahiu-a para o banco. A moça deixou-se levar sem resistencia. Sentaram-se justamente quando o

«philosopho», purpureo e suado, appareceu no caminho, arremangado, radiante:

— Decididamente vocês não têm gosto. O corrego está admiravel com as aguas novas que lhe deram as ultimas chuvas, ronca e vem quasi até á borda da barranca. E' um rio, póde-se ali navegar. Lá deixei as garrafas num poço, a refrescarem. Mas vendo lagrimas nos olhos de Sarita, exclamou indignado: Que é isso? chorando? Pois vieram de casa para isto? Ora, pelo amor de Deus! Jorge fazia-lhe signaes para que se calasse, mas Cesario, irritado, accusou-o:

— Que diabo! Tens a mania da tristeza. Não póde haver alegria junto de ti. O enfermo sorria afagando a enteada:

— Não, estavamos falando do casamento, só por que lhe disse que nos iamos apartar...

— Qual apartar! Apartar porque? vamos, menina; deixemo-nos de choro. Olhe, a sua professora lá está á beira d'agua colhendo lirios; por que não vai ter com ella? Se começa a chorar vem por ahi a viuva e desfaz-se em caudaes lembrando o defunto. Nada de tristezas; e Bá, que chegava, vendo-a ainda a limpar os olhos, perguntou enternecida:

— Que é que tem, nhanhan?

— Nada, Bá; tambem tudo você quer saber...

— De certo, pois vosmecê está chorando á tôa. Olha, o almoço já está prompto.

— Pois serve-o. E encaminhou-se vagarosamente para o lado do rio, brincando com um ramo de herva de S. João.

— Ah! meu amigo, aquillo está lindo! exclamou o «philosopho» e descendo as mangas, a cabeça levantada, a olhar as frondes douradas pelo sol: E que dia soberbo, hein?

— Maravilhoso! Innocencio ia e vinha servindo a mesa e, quando Bá appareceu com uma terrina fumegante, Cesario esfregou as mãos:

— Já não é sem tempo. E sahiu para chamar os Loureiro emquanto Innocencio, a correr, entrava pelo caminho que levava ao corrego.

Ao almoço Cesario encarregou-se da palestra, notando uma grande frieza em todos, até nos noivos, que nem sequer sorriam. As arvores espalhavam folhas sobre a mesa e passaros cantavam nos ramos, quasi por cima da cabeça dos commensaes. O «philosopho» chamava a attenção de todos para aquella alegria que os cercava, o bom humor da natureza amiga, e insistia em affirmar que «aquillo era bem melhor do que as taes salas abafadas.» Estava ali a grande verdura — não eram palmeirinhas enfezadas, araucarias rachiticas, apertadas em vasos japonezes, eram

os grandes troncos, as copadas ramas e o passaredo cantava livre; ouvia-se o ruflo das azas dos que passavam de um para outro lado e as borboletas que voavam ao sol; tudo aquillo era de um encanto communicativo. Maman Loureiro fazia momos, achava melhor a sua sala de jantar; ao menos ali estava livre da humidade, «porque já começava a sentir os pés frios e uma pontinha de enxaqueca.» Jorge, de uma loquacidade estranha, deu para recordar os dias da sua infancia na liberdade dos campos, no pendor das collinas. O Dr. Loureiro descreveu a sua fazenda, na serra, lastimando não poder passar os dias na simplicidade rustica, acompanhando a faina alegre das colheitas, vendo o gado partir nas manhans de nevoa, chegar á tarde, em morosa fila, mugindo. Maman Loureiro achava insipida a vida rustica, entre negros brutos, sempre a mesma coisa, num silencio aborrecido. Quando ia á roça passava os dias a dormir ou na capella a ver uma coisa e outra. O filho, porém, como para lembrar-lhe, falou sorrindo dos differentes encantos da vida de fazendeiro — o tempo da apanhação, a chegada dos negros da roça, dois a dois, a formatura no terreiro para salvarem, as ladainhas cantadas em côro, ao ar livre, o caxambú nas vesperas de festas, os sambas nas senzalas. Miss punha os

olhos em alvo, ia affirmando com a cabeça, e, quando o doutor levou a garfada á boca, ella repetiu as descripções por elle feitas, dizendo, com saudade, que passara uns tempos em uma fazenda e vira tudo aquillo juntamente. Tinha até pequenas *esquisses* no seu album. Cesario, para contrariar maman Loureiro, affirmou que não gostava de ir a fazendas porque não tinha coração para assistir ás torturas a que submettiam os escravos.

— Se maltratassem um negro perto delle era capaz de perder a cabeça. Emtanto a vida do interior seduzia-o. Havia ainda de ter um sitiosinho, porque o seu ideal era acabar descançadamente num canto ignorado, entre arvores. Havia de ter o seu gado, flores, uma horta para viver á maneira dos patriarchas. Maman Loureiro fez-se carrancuda ao ouvir as palavras de piedade do «philosopho» que combatia, enternecido, a furia dos homens brancos contra esses miseros africanos e, como a viuva resmungasse que os taes abolicionistas não passavam de uns especuladores, de uns ladrões, elle abriu os braços e, curvando a cabeça, confessou que pertencia a essa quadrilha nefanda, accrescentando que já havia acoutado em sua casa negros que se lhe tinham atirado aos pés, implorando misericordia. E ou-

tros havia, disse. Infelizmente o numero dos abolicionistas era maior do que o dos escravocratas, e rindo, com o copo em punho: «E havemos de vencer, minha senhora, ou não ha Deus lá em cima! nem juizes cá em baixo!» A velha quiz saber se elle possuira escravos.

— Não, minha senhora. Meus pais deixaram-me um peculio pobre: alguns predios e uma nesga de terra onde jamais cahiu semente. Deixo-a ao sol e á chuva. E maman Loureiro affirmou convicta:

— E' por isso que o senhor toma o partido delles. O «philosopho» empallideceu e ia fulminar a velha com uma réplica tremenda, quando Sarita pediu que deixassem a discussão para o fim do almoço, porque a comida estava esfriando. Jorge, porém, com uma calma melancolica, entrou a contar uma scena de escravidão de que fôra testemunha, pernoitando em uma fazenda paulista. «Uma mulatinha, suspeita de ser amante do senhor, fôra submettida a um supplicio barbaro: nua, atada a um moirão, retalharam-lhe os peitos a navalha, lanharam-lhe as faces, as coxas, e, assim sangrando, passara a noite, uma noite gelada de junho, a gemer, cercada de cães que uivavam a ponto de o não deixarem dormir. Ao amanhecer, abrindo as janellas do seu quarto, que

dava para o terreiro, vira a desgraçada — a cabeça tombada sobre o peito, hirta, molhada de orvalho. Estava morta.» Cesario, com esse documento, arremetteu de novo:

— E então, minha senhora? E' essa a caridade dos senhores de escravos que têm capellas, que rezam todas as noites á Virgem. E' assim que elles comprehendem a caridade!

— Mas se não tiverem energia que ha de ser delles? diga.

— Perdão, mas eu não sei de outro nome que melhor caiba a esses energicos senão o de assassinos. A velha encarou Cesario, livida, mas, baixando a cabeça, teve um sorriso sardonico e perverso, esfolando a costeleta nervosamente, a bufar. O Dr. Loureiro, alheiando-se dos mais, voltou-se para Sarita e baixinho, o sorriso nos labios, indagava dos motivos da tristeza subita que a accommettera. Jorge mirava-os e a moça timida, cabisbaixa, ia distrahidamente com o garfo do prato á boca, sem ousar levantar os olhos para o noivo.

O sol subia e a folhagem estremecia balouçada pela aragem cheirosa do bosque. Fartos, recostaram-se ás cadeiras, emquanto os criados iam retirando os pratos, substituindo-os para a sobremesa. Veiu, então, á palestra o casamento

e foi maman Loureiro quem lembrou aos noivos o dia desejado, que vinha perto, fazendo-lhes as observações da sua longa experiencia.

— Agora é que vocês vão vêr, dizia com familiaridade. Pensam que hão de estar sempre assim, como dois pombinhos? Pois sim; quando vierem os filhos é que eu hei de ver. Aproveitem, aproveitem, porque o melhor tempo é esse. Mais felizes do que eu que não tive noivado! suspirou. E desafogando-se do guardanapo, contou que sahira do collegio para a igreja: era uma criança. Vira o marido umas duas vezes e respeitava-o, beijava-lhe a mão e, muito tempo ainda depois de casada, guardou por elle o respeito de sobrinha. «Ah! no seu tempo... não vê que os noivos tinham direito de conversar assim... Não vê». E arrancou do grande peito um suspiro cavernoso.

Ia alto o sol no céu, cahira a aragem fresca da manhan e as arvores pareciam adormecidas á sésta. De quando em quando uma folha secca, desprendida do talo, vinha remoinhando e cahia. Cigarras chiavam ao longe e na herva rasteira que alfombrava os recessos do bosque insectos trilavam. Uma camaxirra galreava indo e vindo; ás vezes pousava na terra, ao sol, e trefega, aos saltinhos, bicava mariscando, fugindo para os ga-

lhos altos. O torpor apoderava-se de todos; maman Loureiro bocejava e Cesario ousou dizer «que era capaz de dormir uma boa hora estirado na herva, á sombra daquellas arvores.»

Jorge parecia distrahido, o olhar fito num ponto escuro do bosque, quando o doutor lembrou a retirada, por prudencia. «Ê̂lle, de certo, lucraria descançando um pouco» e, como se quizesse dar o exemplo, levantou-se. Mas Cesario protestou: «que não tinham vindo para comer sómente; havia ali tantas maravilhas: o corrego que lá em baixo corria...» E Miss lembrou uma especie de gruta de verdura que era uma belleza, onde havia sempre frescura e arôma. Maman Loureiro obstinava-se em ficar, «estava farta de caminhadas»; Jorge, igualmente; deixando-se estar sentado, approvou as palavras do «philosopho»: que deviam dar uma volta. Sarita, então, propoz uma pequena exploração ás moutas proximas e convidou a governante e como o Dr. Loureiro se offerecesse para acompanhal-as, seguiram os tres pelo estreito caminho que levava ao corrego.

Cesario lentamente metteu-se por uma deveza e, resfolegando, estirou-se na herva, debaixo de uma alta mangueira, acompanhando a faina activa de uma aranha dourada que ia e vinha, fiando

a teia brilhante, e adormeceu, resomnando sonoramente. Maman Loureiro e Jorge, emquanto os criados acondicionavam pratos e talheres nos cestos, entraram a falar do proximo casamento. Maman Loureiro augurando uma sorte invejavel á Sarita, porque *elle* era um coração de pomba, muito meigo, e ella havia de querer tanto á menina como a seu proprio filho. Haviam de viver como em um paraiso.

Jorge mal ouvia as palavras enternecidas da velha, olhava-a sem vel-a, o espirito muito longe, acompanhando esse par amoroso que ia por entre as arvores, protegido pela sombra discreta dos ramos. *Viu-os* parados como duas figuras marmoreas, embevecidos num extase de amor: elle a sentir de encontro ao peito o collo virgem da noiva, arfando, cheio de paixão, numa grande ancia de desejos; ella com as faces aquecidas pelo halito ardente do moço que a cingia amorosamente, atirando-lhe beijos desvairados á boca, aos olhos, aos cabellos... E a velha falava. Ia contando a vida submissa e meiga desse filho amado desde os tempos em que, pequenino, repousava a cabecinha loura no seu collo para dormir o primeiro somno até que se fizera homem, sempre a seu lado, obediente, sem jámais contrarial-a, fosse no que fosse. Mas Jorge sentia-se

a mais e mais perseguido pela visão terrivel. As arvores farfalhavam e elle logo voltava os olhos como para surprender, em flagrante realidade, o que o seu espirito creava, mas nada mais via senão as ramadas que se moviam lentamente, com languor voluptuoso.

Em torno era grande o silencio, apenas cortado, de vez em vez, pelo tinir da louça que os criados arrumavam ou por alguma phrase de maman Loureiro relativa ao filho, e como Innocencio passasse com um grande cesto á cabeça o enfermo perguntou pelo «philosopho.» «Que não vira,» respondeu o moleque; elle então levantou-se e, a pretexto de desentorpecer as pernas, propoz uma volta vagarosa e curta. A viuva negou-se, «que não devia abusar.» Jorge, porém, pondo-se de pé apoiado ao varapáu, sorriu, garantindo que um passeio breve só lhe podia fazer bem; o proprio medico recommendara e, sem mais dizer, deixando a velha repoltreada, foi lentamente seguindo o caminho que haviam tomado os noivos. Maman Loureiro, vendo-se só, ergueu-se tambem, sacudindo as saias e poz-se a passeiar majestosamente ao longo da clareira, emquanto Bá ia ordenando a arrumação dos pratos e dos talheres. A negra, de cocoras, fazia-se surda ás palavras da velha, levantando a voz quando fa-

lava ao copeiro, como para demonstrar que ali ella era senhora absoluta, que só ella ordenava; e, como a velha avançasse para dizer que não deviam ir os talheres no mesmo cesto em que iam os crystaes, a ama resmungou:

— Que sabia muito bem o que estava fazendo. Tinham vindo assim, assim haviam de ir.

E atafulhava palhas, pedaços de jornaes, guardanapos protegendo as taças e os calices frageis. Jorge, emtanto, ia seguindo, d'olhos no chão, procurando ver nas pegádas que haviam ficado pelo caminho o indicio de que elles haviam seguido juntos... mas eram tantas, confundiam-se. A's vezes a trilha alargava-se, descobria-se toda ao sol e a luz dourava-a por inteiro numa inundação offuscante. Era a herva rasa, entanguida, murchando ao calor, sem a protecção de uma arvore; emtanto pequeninas borboletas brancas, como se preferissem aos meandros sombrios aquella pequena clareira toda exposta á luz, cruzavam-se alegremente; havia florinhas miudas, azues, amarellas, e um bom cheiro de herva de S. João impregnava o ar.

O enfermo parecia buscar alguma coisa no proprio ar, um indicio vago do que a sua imaginação creava. Em certos pontos o capim tenro estava amassado, curvado, como se alguem ali se

houvesse deitado, e effectivamente as pegádas desviavam-se para aquelle lado e desappareciam porque a herva occultava-as; mas não, continuavam adiante, lá iam, e elle seguia-as.

Emtanto já lhe chegava aos ouvidos o sussurro dagua, estava perto do corrego e elles então? onde estariam? Parou um momento circulando com os olhos toda a redondeza, já sentia fadiga; mas poz-se de novo a caminho. Impellia-o um mixto de odio e de curiosidade, queria surprendel-os e já não os imaginava abraçados, os labios nos labios, *via-os* em amor, entregues á furia brutal da paixão, rolando na terra como os animaes, frementes de gozo, num abandono cynico. O sangue affluia-lhe ao rosto, tremiam-lhe os labios.

Tinha impetos de correr todos os cantos, examinando cuidadosamente, a ver se os descobria. Deviam estar ali, occultos, escabujando em espasmos; mas onde? onde? Ia sempre a olhar, transfigurado, sem sentir o cançaço, arrastando as pernas, sem mesmo procurar firmar-se ao varapáu que levava. Havia gorgeios, chilros nas arvores, uma surdina de beijos, estalidos seccos como de gravetos quebrados sob o peso de corpos e o murmurio do corrego perenne. E elles? onde estariam? O caminho bifurcava-se — hesitou, e como

em ambos houvesse trilha de passos, escolheu o que levava a um canto de sombras e, tomando-o, pareceu-lhe ouvir um segredar timido, amoroso, á maneira de arrulho.

Prestou o ouvido, como quem procura distinguir, na tréva da noite, o passo vago de um espectro. Os olhos, immensamente dilatados e fitos, espreitavam como se quizessem ver, em desalinho criminoso, ainda exhaustos, afogueados, os dois amorosos. Mas uma grande borboleta appareceu voando lentamente, ora baixo, rente com os arbustos, afflorando as espiguilhas, ora alto, por entre os ramos. Foi seguindo, vagaroso, cheio de cuidados, para que não estalassem sob os seus pés os galhos resequidos que havia pelo chão. Fincava o varapáu firmando-se para mudar os passos e assim, evitando tocar nas ramarias para que não farfalhassem, com medo mesmo de que os insectos, que trilavam, se calassem accusando a sua presença, ia por diante procurando não interromper a vida dos pequenos sêres nem quebrar o silencio mysterioso do recanto discreto. E assim chegou ao termo do caminho, defronte do corrego, entre cajueiros, e viu os tres, sentados sobre pedras, na barranca, calados, olhando a agua correr.

Sentiu como uma decepção, como se preferis-

se encontral-os de rojo na terra bestialmente enlaçados, num delirio carnal como o dos negros que amam ferozmente, entre os cafezaes dos eitos, ao sol. Via-os tranquillos e calados e entre elles Miss... Pensou em tornar pelo mesmo caminho, mas quasi involuntariamente, um grito fugiu-lhe da garganta: «Oôh!» Os tres voltaram-se surprendidos e maior foi a surpreza quando o reconheceram. Sarita ergueu-se muito corada, mas foi o Dr. Loureiro quem avançou para buscal-o, pasmando de o ver só.

— Oh! doutor! podia ter alguma coisa...

— Não, não... até me fez bem. Mas eu volto. Deixem-se estar. E, nervoso, estendia a mão para repellir o doutor que procurava auxilial-o. Sarita, porém, como o visse partir, gritou de longe, arrependida, comprehendendo que elle se havia resentido da sua frieza:

— Espera, paisinho. Vamos todos. E deitou a correr conseguindo alcançal-o.

— Então...? quer ir sósinho?

— Vou só... Vou só. E repellia o braço que a moça lhe offerecia, mas de repente, voltando-se: Olha, vem com elle. Dá-lhe o braço. E seguiu cravando com força o varapáu na terra.

Quando chegaram ás mangueiras Cesario ainda dormia, e Bá, sentada no banco, as mãos nas

coxas, a cabeça encostada a um tronco, a boca aberta, cochilava. Maman Loureiro partira guiada pelo copeiro e foi necessario que a ama fosse despertar o «philosopho» para que elle viesse offerecer o braço a Jorge que, banhado em suor, obstinava-se em querer ir sósinho, rejeitando o auxilio que lhe offereciam o doutor, a enteada e a propria ama, o que fez com que a negra dissesse baixinho á Sarita:

— Isto foi alguma que vosmecê fez a nhonhô.

— Que foi que eu fiz, Bá!? Já vem você! Que foi que eu fiz?!

VII

Jorge, desde essa manhan do almoço no bosque, entrou a manifestar estranhos desequilibrios mentaes. Cahia, ás vezes, em prostração, a cabeça pendida sobre o peito, babando, e, se lhe acudiam, repellia frenetico, agitando os braços. Se falava era um araviado. Comia e bebia machinalmente e, as mais das vezes, era Cesario quem lhe levava á boca a garfada ou o copo, sustendo-lhe a cabeça que abatia avidamente como a de uma criança gulosa.

O doutor Loureiro, sem ousar uma affirmativa, arriscava emtanto «possibilidades de um novo insulto» contra a opinião do «philosopho» que via, infelizmente, que o «pobre amigo ia rolando para a imbecilidade.» Um grande odio era, ainda assim, a derradeira fagulha de memoria que res-

tava naquelle espirito quasi todo em sombra. Jorge reconhecia á distancia os passos do doutor Loureiro e, desde logo, entrava em agitação, grugrulhando irritado, e, se o medico apparecia-lhe, baixava a cabeça e ficava assim emquanto o sentia perto, resmungando, torcendo as mãos.

A viuva evitava visital-o a pretexto de não ter coragem para ver tamanha desgraça e Sarita, que passava os dias a chorar, só á noite descia para espiar o enfermo. Pedia informações a Cesario:

— Como vai elle?

— Acabando, filha; acabando. Isso agora vai assim até á morte.

Havia receio de que elle fizesse um desatino. As armas seduziam-no, as laminas fascinavam-no. Uma manhan, como Cesario sahisse um instante ao jardim, foi surprendido pelo fragor de um movel que cahira. Correu e encontrou Jorge ajoelhado diante do retrato de Sarita que rolara por terra, desprendido do cavallete, a raspal-o furiosamente com o yatagan de bronze de cortar papel. Foi necessario grande esforço para arrancal-o d'ali: rugia, ameaçava com os punhos fechados, a physionomia decomposta.

Bá passava as noites em vigilia, sentada ao

lado do leito, o rosto nas mãos, arrancando profundos suspiros e, ao minimo movimento do enfermo, levantava-se indo, ás vezes, despertar Cesario e os dois, calados, acompanhavam as noites insomnes de Jorge, procurando interpretar as suas palavras difficeis. Constantemente chamando Cesario ou a ama, mostrava a figura da Noite no baldaquino e sorria extasiado; subito, demudado, frenetico, sentava-se na cama arrepellando os cabellos, sacudindo para longe as cobertas e Bá voltava o rosto, sahia, se estava só, para chamar Cesario ou entregava o enfermo ao «philosopho» e condoida, a chorar, deixava o quarto, lastimando o amo, sem comprehender os gritos de incubo que elle soltava trazendo, de vez em vez, o nome de Sarita. A paralysia ia cedendo; os movimentos tornavam-se-lhe mais livres á proporção que a loucura accentuava-se.

O gaz ardia noite e dia. Raro em raro um raio de sol insinuava-se por uma aberta da porta. Cesario receiava qualquer movimento rebelde do enfermo e vigiava-o prestando attenção á mimica que fazia e aos termos vagos que tartareava. A's vezes, porém, como se o delirio se desvanecesse, acenava pedindo que lhe abrissem as janellas, num desejo de luz e ar e recebia o sol contente como uma criança a quem offerecessem um brinquedo,

estirava as mãos como um transido que se achegasse ao lume. Pedia que o levassem ao jardim, sahiam com elle. Parava de espaço a espaço porque, como se tudo fosse novidade, tinha surpresas a todos os momentos — diante de um botão, á sombra de um ramo, ouvindo o sussurro dagua, vendo uma borboleta e, envelhecido, magro, curvado, estendia os compridos braços, com as mãos ossudas, espalmadas, num gesto molle como se apalpasse o ar.

Nesses dias Sarita descia e passava horas com elle. A' noite reuniam-se no salão de trabalho e maman Loureiro achava sempre ensejo de lembrar o passeio ao bosque, attribuindo a recahida de Jorge áquella caminhada. Mas essas pausas eram curtas. A's vezes mesmo, em meio da conversa Cesario, notando nos olhos do enfermo a inquietação e o desvairamento, fazia signal para que as visitas se retirassem e, um a um, sahiam todos. Jorge chamava-os a rir, tentava levantar-se para seguil-os, mas Cesario continha-o com meiguice. O frenesi aggravava-se: rugia, ameaçador e terrivel, e semanas passavam-se de supplicio e de angustia para os enfermeiros.

Entrava o verão: dias e noites de fogo e maman Loureiro gemia contrariada com aquella demora do casamento.

— Não podia mais com o calor; passava as noites em claro, sentada em uma cadeira diante da janella do seu quarto, a abanar-se. Queria ir para a fazenda tomar um pouco de ar. Não achava rasoavel o adiamento; se houvesse probabilidade de cura ainda bem, mas estava que nem falar podia... e com aquellas furias que eram até perigosas para quem vivia com elle. Podia, quando menos se esperasse, fazer alguma. Era até uma obra de caridade mandarem-no para o Hospicio. Effectivamente os accessos tornavam-se mais frequentes — Jorge evitava o philosopho, com olhares desconfiados, rosnando. Uma manhan Cesario appareceu na varanda com uma echymose denegrida no rosto e queixando-se com pena do estado do pobre amigo:

— Não ha remedio senão retirarmol-o daqui. Deu agora para desconfiar de mim, repelle-me, assanha-se todo quando me vê. Não podemos perdel-o de vista um segundo. Sarita aventurou:

— Quem sabe se não é um bom signal!?

— Bom signal?! Pois sim... A minha opinião é que elle deve ir para o Hospicio. Menina, aquillo é uma casa de caridade.

— Eu sei, senhor Cesario, mas a gente...

— A gente... a gente... E' a minha opinião.

Quando descançava, cahindo em calma, longe de o abandonarem, os enfermeiros redobravam os cuidados porque, uma noite, como o vissem adormecido, Cesario e a ama repousaram e, se não fosse a queda de uma cadeira no salão, talvez não restasse da casa mais que um monte de cinzas, porque o louco, conseguindo levantar-se sem bulha, fôra á sala, pé ante pé e, amontoando jornaes, lançara fogo e já as chammas subiam pelas franjas dos reposteiros quando, a fugir, Jorge derrubou a cadeira. Foi a ama a primeira a acordar e, ao clarão que vinha da sala, vendo o leito deserto, gritou por Cesario. O «philosopho» saltou da maca e, sahindo á sala, acharam-se os dois diante do louco que arrancava paginas de livros, atirando-as ás chammas. Foi uma luta tremenda — elle resistia com ferocidade de animal, ameaçando morder e difficilmente, emquanto a ama apagava as labaredas, Cesario conseguiu subjugal-o levando-o quasi ao collo para o quarto. Não era possivel conservarem-no por mais tempo em casa. Sarita pediu ainda: «Tentassem...! Tinha tanta pena delle, coitado!» Mas o «philosopho» foi energico:

— Tambem tinha pena e muita... Era amigo de velhos tempos, mas que fazer? Lá, ao menos, havia o recurso da sciencia e ali? sómente o risco

e o doloroso espectaculo permanente. Não admittia que houvesse melhor coração que o seu, mas a razão apontava-lhe aquelle caminho... O Dr. Loureiro concordou fazendo uma pequena prelecção sobre o caso, descrevendo a marcha da molestia, dando como termo a demencia. Estava no periodo exaltado da perseguição que ia degenerando em novo delirio.

— E depois...?

— Um novo Nabuchodonosor, concluiu. Cesario abriu os olhos com espanto; duas lagrimas rolaram, e «o philosopho», atirando os braços, sahiu a grandes pernadas para a varanda bradando:

— Que estupidez! Porque diabo não vem a morte? Isto é uma estupidez! Já viram?! E de braços cruzados, sacudindo a cabeça, cravou os olhos no céu fulgurante.

— Pobre paisinho! suspirou Sarita.

Dias depois a viuva, sempre azeda, insistiu no casamento.

Sarita horrorisava-se áquella idéa de casar sabendo que Jorge soffria; recusou e foi necessario que o «philosopho» interviesse: «Que não havia mais nada a esperar do infeliz.» Com franqueza, nada de illusões: era um caso perdido e se ella havia de ficar sósinha, era melhor que casasse.

E o casamento foi marcado para o meiado do mez; fariam tudo em casa, sem festa. Bá, quando teve noticia da resolução que haviam tomado relativamente ao enfermo, soluçando, agarrou-se a Cesario para perguntar:

— Se não podia acompanhar nhonhô? Quem havia de cuidar delle! Essa gente não tem paciencia... concluiu lavada em lagrimas.

— Não, Bá; não podes ir com elle, mas descança: nada lhe ha de faltar. Quando quizeres visital-o iremos juntos.

— E elle não fica bom, nhô Cesario?

— Sim, com o tempo; isso vai devagar.

— Coitado de nhonhô!... E a velha negra, á noite, depois do serviço, sentada a um canto, soluçava, a pensar nos dias que vinham, no apartamento de todos: Miss Kate que se despedira apezar das instancias de Sarita e do Dr. Loureiro; Sarita que ia para o todo sempre e elle, Jorge, que trazia Cesario azafamado pondo em ordem papeis, consultando medicos, preparando a entrada nessa casa lugubre, cujo nome bastava para arrancar suspiros do mais intimo do seu coração dolorido.

Ia deixar a familia para recomeçar, na velhice, uma vida nova de trabalhos e de miseria. Sahia sem nada, apenas com a sua carta, sem ter,

no dia seguinte, um canto para descançar o pobre corpo, vergado pelos annos e pelos grandes soffrimentos; mas, apezar de tudo, preferia a incerteza do ámanhan a ter de viver sob as ordens da velha.

— E para onde vais, Bá? perguntava Sarita.

— Por ahi, nhanhan; Deus é grande! Ainda tenho forças. Não vê que estou para ouvir desaforos dessa mulher?! Vosmecê bem sahe como eu sempre fui tratada. Não quero, nhanhan. Vosmecê tem obrigação, vai acompanhar seu marido. Deus ha de ter pena de mim. Nunca fiz mal a ninguem! E desatava a chorar, limpando as lagrimas com o avental. E sem poder explicar a sua ternura que se dividia entre o enfermo e a menina, como se antevisse o mesmo futuro infeliz para ambos, suspirava:

— Coitada de minha filha!...

A' noite descia para «fazer quarto», sentava-se no tapete junto ao leito do enfermo e ficava recapitulando todo o passado feliz que escoara tão rapido.

As lagrimas escorriam-lhe por entre os dedos, pelos pulsos, constantes e grossas. Cesario, quando via o enfermo descançado, ia ao salão arranjar «as suas coisas» e, de cocoras diante das es-

tantes, folheava livros vindo, de quando em quando, á porta do quarto espiar.

Na manhan em que Jorge devia ser transferido para o Hospicio, linda manhan de sol, todos acordaram cêdo. Sarita, apesar da opposição de Cesario, pedia para ficar na varanda para o ver passar. O «philosopho» coçou a cabeça frenetico:

— Não acho conveniente, menina; tenha paciencia. Para que havemos de provocar uma crise perigosa? Não acho conveniente.

— Que mal faz?

— Eu é que sei; deixe-me cá.

A's onze horas, quando chegaram os dois enfermeiros do Hospicio, Cesario levou-os aos aposentos do amigo, onde a ama e o copeiro faziam guarda. Jorge ia e vinha pela camara mollemente, de olhos baixos, puxando da barba longos e imaginarios fios que enrolava entre os dedos magros. Por vezes levantava a cabeça e fitava os olhos no baldaquino. Cesario dirigiu-lhe a palavra com naturalidade, como nos velhos tempos felizes:

— Vamos dar uma volta, meu velho? Os enfermeiros esperavam á porta. Que é da roupa, Bá?

— Não é a preta, nhonhô?

— Qualquer...

— Está tudo em cima da cama.

— Bom. E dirigindo-se aos enfermeiros: Vamos? Os homens adiantaram-se e Jorge, sempre passivo, deixou-se vestir, sacudindo, ás vezes, coisas que lhe passavam ante os olhos vagos. O casaco fazia grandes dobras no seu corpo emmagrecido e os cabellos compridos, quasi totalmente brancos, rolavam-lhe pelos hombros escondendo a gola. A ama não tirava os olhos delle e, quando os enfermeiros travaram do braço do enfermo para conduzil-o, a negra, com um grande soluço, atirou-se de rojo procurando beijar-lhe a mão pallida e fria:

— Ah! nhonhô!... Meu senhor! Coitado de meu senhor!...

Cesario afastou-a com desusada energia. A negra lançou-lhe um olhar angustioso, juntou as mãos, inclinou a cabeça grisalha, pediu surdamente, anciando.

— Não, Bá... O «philosopho» mal poude pronunciar taes palavras, levava os olhos rasos dagua e a sua grande barba tremia sacudida pelo anciado offêgo.

Aberta a porta o sol entrou em jacto pela sala illuminando o grupo dos homens e a negra que os seguia soluçando. Jorge levava os olhos en-

levados e sorria ao seu sonho, indifferente aos que o cercavam, embebido na visão estranha que o precedia distanciando-se pelo além, invisivel para os demais, só attingida pela sua pupilla. Ia quasi suspenso nos braços fortes dos homens que o levavam, os pés mal tocando o solo, descahido, molle, a cabeça enterrada nos hombros. Os cabellos longos, emmaranhados, a barba immensa, davam-lhe uma expressão selvagem; as pomas de rosto salientes tinham um leve rosado que contrastava com a pallidez marmorea da fronte alta e sulcada de rugas.

Quando sahiram ao jardim, como se um lampejo de reminiscencia tivesse passado, em relampago, pelo seu espirito entenebrecido, teve um hiato de espanto, vagando com os olhos rapidamente de um lado para outro; agitou-se e um rouquejo fugiu-lhe do peito. Os rosaes estavam carregados e na lisura dos canteiros grammados borboletas espaireciam ao sol. Margaridas pintalgavam a folhagem verdoenga e havia um renque de amores perfeitos variegados orlando um dos canteiros. A areia crepitava sob os passos demorados dos homens e, como o sol cahisse de chapa, Bá precipitou-se, abrindo um guarda-sol para proteger a cabeça núa do louco que sorria extasiado, acenando como se se despedisse. Quando passa-

ram diante da varanda deserta um grito agudo partiu; voltaram-se todos, menos o louco, e a ama tremula avançou para Cesario:

— E' nhanhan, coitada...

— Vai! Vai ter com ella.

— A velha está lá em cima.

A negra não se queria apartar do «senhor»; havia de acompanhal-o até o carro. O jardineiro, como diante de um morto, descobriu-se respeitosamente á aproximação do grupo e Innocencio, á sombra de um flamboyant, olhava espantado e medroso. Quando chegaram á porta Cesario, que não se lembrara de mandar abrir a portinhola do carro por um dos criados, precipitou-se. O louco teve então um accesso como se comprehendesse o horror do seu destino. Firmou-se nos pés e, aos safanões, rugindo, procurava libertar-se dos homens que o levavam. Capineiros que passavam detiveramse olhando compadecidos. Jorge fez-se molle, deixou-se cahir, mas os dois homens sustentaram-no e, como o impellissem para o carro, a ama avançou implorando:

— Ah! gente! tem pena delle, coitado! Cesario interveiu:

— Devagar, elle vai bem... Mas o louco, num movimento rapido, safando-se, ficou de

pé, com os olhos immensamente abertos, fitos extaticamente na verde e luminosa paizagem. Os enfermeiros tomaram-no delicadamente e Cesario, muito brando, falando-lhe ao ouvido, animava-o.

— Então? vamos! vamos! Sou eu... Elle encarou o «philosopho»; depois, lançando de novo os olhos ao campo, estendeu o braço:

— Olha lá!... e foi descrevendo um meio arco de circulo, mostrando a viçosa planicie e as montanhas, sorrindo; e com a mão espalmada bateu no peito magro.

— Sim, sim... dizia o «philosopho» e o louco, absorvido, deixava-se levar até que os enfermeiros, levantando-o sem difficuldade, metteram-no no carro.

Cesario, sem chapéu, atarantado, correu para o lado opposto e entrou. As portinholas bateram e o carro partiu. A negra ficou ainda algum tempo ao portão a olhar, e, como perdesse de vista o carro, voltou pela álea central que refulgia ao sol.

Sarita repousava em um *pliant*, a cabeça sobre o collo de maman Loureiro que lhe falava meigamente emquanto o doutor, passeiando ao longo da sala, trincava o charuto. Mal deu com os olhos na ama desatou em soluços:

— Ah! Bá! coitado de paisinho! Como elle está! A negra ajoelhou-se junto da menina e rompeu num grande choro, pedindo a morte. Maman Loureiro procurava acalmal-as e o doutor garantiu que «não era um caso perdido. Podia ficar bom em pouco tempo, tivessem paciencia.» Mas a negra redobrava o pranto. «Sabia que nunca mais havia de vel-o, o seu coração dizia-lhe.» E todo o dia correu em lagrimas, e á noite, com a volta de Cesario, quizeram todos saber «como chegara Jorge, se não lutara muito, se ganhara calma, se o haviam recebido bem?»

E o «philosopho», para consolar, dava esperanças.

— Aquillo podia ser uma crise; tivessem calma. Chegara bem e estava perfeitamente alojado. E como Bá apparecesse, recommendou-lhe as suas canastras. Ia para Minas, fazer vida de asceta numa cidadesinha pacata. Mas Sarita pediu que ficasse até a chegada de sua tia que fôra chamada por telegramma; mesmo porque já o havia escolhido para padrinho, nem elle podia deixal-a só naquella casa triste. Cesario accedeu. Bá, á hora de recolher, quando Sarita, do leito, relembrando a desgraça, disse que não podia mais com aquella casa, que immediatamente depois do

casamento partiam todos para a fazenda, resmungou:

— Todos, não: Nhanhan e seu marido...

— E tu?

— Eu me arranjo. Não pense em mim; cuide de vosmecê; eu me arranjo. Sarita encarou-a.

— Então não vais commigo? A negra abanou com a cabeça:

— Não, senhora.

— Com quem ficas então?

— Fico aqui mesmo na cidade, perto de nhonhô. Vosmecê vai com seu marido, vai ser feliz e eu não quero que, mais dia, menos dia, saia alguma coisa por minha causa. Não, senhora. Eu aturo tudo, nhanhan, mas não aturo pouco caso nem affronta; isso não. Sou negra, sim, mas vosmecê me conhece. Não posso com essa mulher. Já tive o meu tempo de captiveiro. Um dia vosmecê ha de ter noticia de Bá. Tenho muita casa para onde ir. Nhanhan não precisa de mim, mesmo eu já não me sinto com vida para muito tempo. Deus é grande! suspirou com os olhos enlevados.

— Olha lá, Bá! se não vieres commigo eu nunca mais quero saber de ti...

— Não precisa dizer, nhanhan... Eu sei que ha de ser assim mesmo. A sorte da gente está

lá em cima. Havia de ser assim. Paciencia...

— Vê lá, Bá!

— E' assim mesmo, nhanhan...

VIII

Bá, de pé desde as cinco horas, arranjava a casa em companhia de Innocencio que cantarolava, sentindo-se em liberdade, sem a presença dos amos. Sarita, para espairecer, fôra passar o dia com a viuva, o «philosopho» descera para a cidade á cata dum livro, o molecote estava apenas com a negra paciente e carinhosa, que o tratava com meiguice de mãi, posto que, ás vezes, o ameaçasse investindo com elle. A ama, porém, os olhos pisados de chorar, varria a casa, parando, ás vezes, firmada á vassoura, meditativa e triste, os olhos ao longe, seguindo a visão do passado. No quarto de Sarita, impregnado das essencias capitosas da sua toilette, demorou-se e, a cada objecto que encontrava, apanhando as roupas que a moça despira diante do leito desfeito,

os soluços atropellavam-na angustiadamente: «Coitada de nhanhan! Coitada de nhanhan!» Varrendo pedaços de papel encontrou uma madeixa loura voando como uma pluma na poeira do soalho; apanhou-a, beijou-a muito, guardando-a preciosamente como uma reliquia.

A casa deserta reboava; mas a agonia foi grande quando a negra desceu aos antigos aposentos de Jorge. A balburdia em que estavam os moveis: livros esparsos, folhas de papel pelos cantos, destroços do cavallete, armas cahidas e o grande relogio parado, como se tambem por elle houvesse passado o mesmo vento de desgraça que aluira toda a vida daquella casa, dantes tão festiva. Tudo recordava á ama um episodio do velho tempo — a cadeira em que o senhor costumava repousar, a sua grande mesa de trabalho, os seus quadros, os seus bibelots, e na camara o leito amplo e vasio, com o enxergão de arame rebrilhando. A vassoura ia levando a poeira, onde as suas lagrimas cahiam continuamente, mas num canto, uma larga folha de papel resistia á vassoura como se estivesse collada ao soalho.

A negra, abaixando-se, apanhou-a; estava escripta: em grandes letras de um talho nobre havia um titulo magestoso: — *Historia da Civilisação.*

Habituada ao respeito pelos escriptos levou para a mesa a larga folha de papel e lá a deixou debaixo de uma pesada cabeça de numida, de bronze.

— E' de nhônhô, com certeza, coitado! Póde ser que elle ainda queira. E lembrando-se delle, ainda preoccupada com o trabalho do enfermo, pensou que melhor seria guardar a preciosa folha de papel em uma das gavetas, mas todas estavam fechadas; deixou-a na pasta entre outros papeis. Passou a arranjar os livros e, fazendo lugar em uma das estantes para um pesado volume de Ferrario, sentiu por traz alguma coisa macia e molle como algodão; puxou: era uma camisa de mulher, fina e rendada. A poeira dera-lhe uma côr encardida, ainda assim a negra reconheceu-a: «E' de nhanhan!» e, mirando-a, ficou-se a pensar: «como teria ido parar ali aquella peça de roupa?»

Outras preoccupações, porém, outros cuidados desviaram-lhe a attenção. «Coitado de nhônhô!» E, de novo, as lagrimas saltaram-lhe dos olhos. Sentou-se á porta, ao sol, olhando as montanhas azues.

O jardim viçoso repontava em flôres e o jardineiro, já esquecido das scenas que presenciara, passava o alfange pela gramma cantarolando. Pas-

sarinhos mariscavam no saibro e a ama poz-se a pensar nos dias que vinham.

Estava ali como uma abandonada — ia ficar só, esquecida e velha. Via a noite proxima, sem poder, entretanto, traçar o roteiro do seu destino. Era a miseria, a triste miseria que a esperava. Já lhe não sobravam forças para o trabalho e, mais do que tudo: como poderia resistir o seu pobre coração amoroso e fiel a tantos golpes successivos da fatalidade? A cabeça foi aos poucos descahindo e pendeu sobre o peito.

Fôra sempre martyrisada no coração: esteril, adoptára na alma os pequenitos dos senhores e a fibra materna desenvolvera-se-lhe nas longas vigilias junto aos berços, nos transes agoniados das molestias das crianças quando, mais que as proprias mãis, redobrando os cuidados, agarrava-se com o seu Deus misericordioso pedindo a salvação dos innocentes.

Mãi pelo amor, via-se então, na velhice, isolada, vindo do captiveiro sem nunca ter tido um carinho, com as carnes maceradas pelo trabalho e pela tortura. Nada, porém, a preoccupava tanto como a idéa de que nunca mais o havia de ver: «Coitado de nhônhô!...» Suspirou e, estendendo os braços, voltando-os, esteve a miral-os perdidamente e, como se ainda os sentisse fortes para o

trabalho, levantou os olhos rasos d'agua para o céu deixando escapar um suspiro:

— Deus é grande! E, cabisbaixa, arrastando os passos, entrou vagarosamente na casa silenciosa e deserta.

FIM